



**HARRY HOLE**  
**# 2**

**BARATAS**

**JO NESBO**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Jo Nesbø**

**Baratas**

**RANDOM HOUSE  
2013**

Jo Nesbø



Harvill Secker  
LONDON

**Cockroaches – Jo Nesbø**

**Translated from the Norwegian by Don Bartlett**

Este e-book é material com direitos autorais e não pode ser copiado, reproduzido, transferido, distribuído, alugado, licenciado, executado ou usado de qualquer maneira em público, exceto se expressamente permitido escrito pelos editores, conforme permitido nos termos e condições em que comprado ou que seja estritamente permitido pela lei de direitos autorais aplicáveis. Qualquer distribuição ou uso não autorizado deste texto pode ser uma violação direta dos direitos do autor e do editor e os responsáveis podem ser processados.

**Este Livro não foi publicado no Brasil**

# **SOBRE O LIVRO**

## **HARRY ESTÁ NUMA MISSÃO ESPECIAL**

Quando o embaixador da Noruega na Tailândia é encontrado morto em um bordel de Bangkok, o detetive Harry Hole é enviado para ajudar a abafar o caso.

Mas chegando lá Harry descobre que este caso é muito mais do que um assassinato aleatório. Há algo mais, algo mais abrangente, oculto por trás dos bastidores. Ou, dito de outra forma, para cada barata que você vê no seu quarto de hotel, há uma centena atrás das paredes. Com o relógio correndo, o ruído do tráfego, e o calor infernal, Harry vagueia pelas ruas de Bangkok cheio de Go-Go bares, templos, casas de ópio e armadilhas para turistas, tentando desvendar a história da morte do embaixador.

## **ELE PRECISA RESOLVER O CRIME E EVITAR UM ESCANDALO**

O embaixador era muito amigo do primeiro ministro então o escândalo deveria ser evitado a todo o custo. Mas parece que a família do morto tem segredos que deseja manter. Quando Harry descobre algumas imagens de circuito interno incriminadoras, as coisas só ficam mais complicadas. O homem que lhe deu a fita vai morrer, e Harry percebe que não conseguir resolver um caso de assassinato não é o único perigo que os incautos enfrentam.

## **MAS NUMA CIDADE EXTRANHA EM QUEM VOCE PODE CONFIAR?**

Em 'O Morcego' Jo Nesbø evidenciava o choque cultural com o norueguês Harry se sentindo um peixe fora d'água na Austrália, e agora neste segundo livro, 'Baratas', emprega tática semelhante com uma atenção muito mais rigorosa na trama do que no livro anterior. A narrativa complexa e o grande personae dramatis são tratados com frieza de aço, mas o que realmente faz a novela ser ótimo trabalho é o fato de que o submundo pitoresco de Bangkok ser elemento natural para a autodestruição de Harry Hole, e Nesbø não priva seu herói das tragédias.

Entre os noruegueses que vivem na Tailândia circula um rumor de que um de seus embaixadores, que morreu em decorrência de um acidente de carro em Bangkok, foi na realidade assassinado em circunstâncias extremamente misteriosas. Não há nenhuma evidência para apoiar isso, mas serve de ponto de partida para uma boa história. Nenhuma das pessoas ou eventos mencionados neste livro deve ser confundida com pessoas ou eventos reais. A realidade é muito mais estranha que isto.

Bangkok, 23 de fevereiro de 1998

# PARTE UM

# 1

## Terça-Feira 7 de Janeiro

O semáforo mudou para verde, e o barulho dos caminhões, carros, motos e tuk-tuks <sup>(1)</sup> subiram mais e mais até que Dim pode ver o vidro da loja de departamento Robinson's vibrando. Em seguida, as filas de veículos começaram a se mover e a vitrine exibindo o vestido de seda longo e vermelho ficou perdida atrás deles na escuridão.

Ela estava num táxi. Não era um ônibus lotado ou um tuk-tuk cheio de ferrugem, mas um táxi com ar condicionado e um motorista que mantinha a boca fechada. Ela se inclinou para trás contra o encosto de cabeça e tentou aproveitar o passeio. Sem problemas. Um ciclomotor passou por eles como um tiro com uma garota na garupa agarrada a uma camiseta vermelha com capacete e lhes deu um olhar vago. Segure-se firme, foi o pensamento de Dim.

Na Rama IV Road o motorista seguia atrás de um caminhão expelindo gases de escape tão grosso e preto que ela não podia ver o número na placa. Depois de passar através do sistema de ar condicionado os gases de escape ficaram refrigerados e quase inodoros. Quase. Ela abanava a mão na frente do nariz discretamente para mostrar o mal estar que sentia, e o motorista olhou no espelho e mudou para a pista ao lado. Sem problemas.

Foi assim que a sua vida sempre tinha sido. Na fazenda onde ela cresceu, ela foi uma das seis meninas. Seis era demais, de acordo com o pai dela. Ela tinha sete anos de idade, quando eles ficaram tossindo devido ao pó amarelo e acenando enquanto uma carroça levava sua irmã mais velha, chacoalhando pela estradinha ao longo do canal de água marrom. Sua irmã tinha ganhado roupas limpas, uma passagem de trem para Bangkok e um endereço em Patpong escrito no verso de um cartão de visita, e ela chorou como uma cachoeira, embora Dim houvesse acenado com tanta força que sentiu como se sua mão fosse cair. Sua mãe deu-lhe um tapinha na cabeça e disse que não era fácil, mas também não era tão ruim assim. Pelo menos sua irmã não teria que vagar de fazenda em fazenda, como *Kwai*, como sua mãe havia feito antes de se casar. Além disso, a senhorita Wong tinha prometido que iria cuidar bem dela. O pai dela concordou, cuspiu saliva de betel <sup>(2)</sup> com os dentes pretos e acrescentou que os *farangs* <sup>(3)</sup> nos bares pagavam bem pelas meninas novinhas.

Dim não tinha entendido o que a mãe queria dizer com *Kwai*, mas ela não ia perguntar. Ela sabia, é claro, que um *Kwai* era um búfalo. Como a maioria das pessoas nas fazendas ao redor deles, eles também não podiam pagar por um búfalo, de modo que eles alugavam de um dos poucos proprietários de búfalos da vila quando a plantação de arroz tinha que ser arada. Foi somente mais tarde que ela descobriu que a menina que acompanhava o búfalo também era chamada de *Kwai* porque seus serviços faziam parte do acordo. Essa era a tradição. Ela esperava que fosse encontrar um fazendeiro antes que ficasse muito velha.

Um dia, quando Dim tinha quinze anos seu pai chamou seu nome quando ele retornou para casa, após um dia inteiro vadeando pelo campo de arroz, com o sol por trás dele e seu chapéu na mão. Ela não respondeu imediatamente; ela endireitou-se e olhou fixamente para os cumes verdes ao redor da pequena fazenda, fechou os olhos e ouviu o som dos pássaros nas árvores e inalou o cheiro dos eucaliptos e seringueiras. Ela sabia que era a vez dela.

Durante o primeiro ano ela viveu com quatro meninas num quarto e banheiro compartilhando tudo: cama, comida e roupas. O último item era especialmente importante, pois sem roupas boas você não iria ser notada pelos melhores clientes. Ela se ensinou a dançar, ensinou-se a sorrir, aprendeu sozinha a perceber quais os homens que só queriam beber e quais queriam comprar sexo. Seu pai já havia combinado com a senhorita Wong que o dinheiro era para ser enviado para casa, por isso ela não viu muito dele durante os primeiros anos, mas a senhorita Wong estava satisfeita e, com o passar do tempo ela passou a dividir mais com Dim.

A senhorita Wong tinha motivos para estar contente. Dim trabalhava duro, e os clientes compravam bebidas. A senhorita Wong devia estar satisfeita por ela ainda estar lá, pois por duas vezes ela quase tinha ido embora. Um japonês queria casar com Dim, mas retirou a oferta quando ela exigiu dinheiro para a passagem de avião. Um americano adiou sua viagem para casa e levou Dim junto com ele para Phuket<sup>(4)</sup>, e comprou-lhe um anel de diamante. Ela penhorou o anel um dia depois que ele partiu.

Alguns clientes pagavam pouco e diziam que ela sofreria consequências desagradáveis, se ela se queixasse; outros diziam que iriam reclamar dela para a senhorita Wong se ela não aceitasse fazer tudo o que eles queriam que ela fizesse. Eles não entendiam que no momento que compravam o seu tempo no bar, a senhorita Wong recebia seu dinheiro, e

então Dim se tornava seu próprio patrão. Seu próprio patrão. Ela pensou naquele vestido vermelho na vitrine. Sua mãe tinha razão: não era fácil, mas também não era tão ruim assim.

E ela conseguiu manter seu sorriso inocente e sua gargalhada feliz. Eles gostavam disso. Talvez fosse por isso que ela tinha ganhado o trabalho que Wang Lee tinha anunciado no *'Thai Rath'* sob o título de GRH ou Gerente de Relações com Hóspedes. Wang Lee era um chinês de pele escura, que dirigia um motel numa das saídas da Sukhumvit Road, e os clientes eram principalmente estrangeiros com pedidos especiais, mas nada tão especial que ela não pudesse satisfazê-los. Para dizer a verdade, ela gostava mais daqueles encontros do que ficar dançando por horas no bar. Além disso, Wang Lee pagava bem. A única desvantagem era que demorava muito tempo para chegar lá a partir de seu apartamento em Banglamphu.

O maldito tráfego! Tinham chegado a um impasse novamente, e ela disse ao motorista que iria descer ali mesmo, mesmo que isso significasse cruzar seis pistas de carros para chegar ao motel do outro lado da estrada. O ar envolveu-se em torno dela como uma toalha molhada e quente quando ela saiu do táxi. Ela procurou uma brecha no tráfego, segurando a mão na frente de sua boca, ciente de que não fazia diferença, que não havia outro ar para respirar em Bangkok, mas pelo menos ela foi poupada do cheiro.

Ela deslizou entre os veículos, teve que contornar uma picape com a carroceria cheia de garotos assobiando para ela, e quase teve as tiras da sandália arrancadas por um Toyota camicase, com o pé junto. E então, ela estava do outro lado.

Wang Lee olhou para cima quando ela entrou na área de recepção deserta.

“Noite tranquila?”, disse ela.

Ele acenou com desagrado. Houve algumas delas ao longo do último ano.

“Você já comeu?”

“Sim”, ela mentiu. Ele tinha boas intenções, mas ela não estava animada para encarar o macarrão agüado que ele cozinhava na sala dos fundos.

“Você vai ter que esperar”, disse ele. “O *farang* queria dormir primeiro. Ele vai ligar quando estiver pronto.”

Ela gemeu. “Você sabe que eu tenho que voltar para o bar antes da meia-noite, Lee”.

Ele olhou para o relógio. “Dê-lhe uma hora”.

Ela deu de ombros e se sentou. Se tivesse sido há um ano, ele provavelmente a teria jogado para fora por falar assim, mas agora ele precisava de toda a renda que pudesse receber. Claro, ela poderia ir embora, mas depois da longa viagem teria sido um desperdício. Além disso, ela devia a Lee um favor; ela tinha trabalhado para cafetões bem piores.

Após apagar o terceiro cigarro ela enxaguou a boca com o chá chinês amargo de Lee e levantou-se para uma verificação final na sua maquiagem no espelho do balcão.

“Eu vou acordá-lo”, disse ela.

“Mmm, você está com pressa”?

Ela pegou sua bolsa.

Seus saltos rangiam sobre o cascalho do caminho vazio entre as construções baixas do motel. O quarto 120 ficava bem no fundo, ela não via nenhum carro do lado de fora, mas havia uma luz na janela. Então, talvez ele já tivesse acordado. Uma brisa suave levantou sua saia curta, mas não conseguiu refresca-la. Ela ansiava por uma monção, pela chuva. Assim como, certamente, depois de algumas semanas de inundações, ruas enlameadas e mofo na sua lavanderia, ela ansiaria pelo tempo dos meses secos, sem vento.

Ela bateu na porta de leve com os nós dos dedos e colocou o seu sorriso tímido com a pergunta “*Qual o seu nome*”? pronta em seus lábios. Ninguém respondeu. Ela bateu de novo e olhou para o relógio. Ela provavelmente poderia regatear algumas centenas de baht <sup>(5)</sup> de desconto no preço do vestido, mesmo na Robinson’s. Ela virou a maçaneta da porta e descobriu, para sua surpresa, que a porta estava destrancada.

Ele estava deitado de bruços na cama, e sua primeira impressão foi de que ele estava dormindo. Então ela viu o brilho do cabo de vidro azul da faca saindo do paletó amarelo-ovo. É difícil dizer qual de todos os pensamentos que percorreram seu cérebro foi o primeiro, mas um deles foi que, definitivamente, a viagem tinha sido desperdiçada de qualquer maneira. Em seguida, ela finalmente ganhou o controle de suas cordas vocais. O grito, no entanto, foi abafado por uma explosão retumbante da buzina de um caminhão para acordar um tuk-tuk desatento na Sukhumvit Road.



## Quarta-Feira 8 de Janeiro

“Teatro Nacional”, a voz sonolenta, anasalada, anunciou nos altofalantes antes das portas do bonde se abrirem e Dagfinn Torhus saiu para a escuridão fria e úmida. O ar aguilhoava seu rosto barbeado, e no brilho da frugal iluminação neon de Oslo podia ver o vapor congelado da respiração saindo pela sua boca.

Era o início de janeiro, e ele sabia que o inverno ficaria melhor mais tarde, quando o fiorde se congelasse e o ar se tornasse mais seco. Ele começou a andar pela Drammensveien em direção ao Ministério das Relações Exteriores. Um par de táxis solitários passou por ele; exceto por eles, as ruas estavam totalmente desertas. O relógio Gjensidig brilhava vermelho contra o escuro céu de inverno acima do edifício em frente, informando-lhe que eram apenas seis horas.

Do lado de fora da porta, ele tirou seu cartão de entrada. *'Cargo: Diretor'* estava escrito acima de uma foto de um Dagfinn Torhus dez anos mais novo olhando para a câmera, queixo saliente, o olhar determinado, por trás de óculos de aros de aço. Ele passou o cartão, digitou o código e empurrou a pesada porta de vidro da Victoria Terrasse.

Nem todas as portas se abriram com a mesma facilidade desde que chegou aqui com vinte e cinco anos de idade, há quase trinta anos. Na Escola Diplomática, no curso de Relações Exteriores para aspirantes à carreira diplomática, ele não tinha exatamente se enturmado com os colegas devido seu rústico sotaque de Østerdal e seu jeito interiorano, como os meninos chiques de Bærum no início do curso havia apontado. Os outros candidatos tinham sido estudantes de política, economia e direito e seus pais eram acadêmicos, políticos ou membros da aristocracia, a qual todos almejavam ser admitidos. Ele era filho de um fazendeiro e com formação na Escola Agrícola em Ås. Não que isso o incomodasse muito, mas ele sabia que amigos de verdade eram importantes para o futuro da sua carreira. Como Dagfinn estava tentando aprender os códigos sociais, ele compensava se esforçando muito mais. Quaisquer que fossem as diferenças sociais, todos eles compartilhavam o fato de que tinham apenas noções vagas dos seus objetivos na vida e o conhecimento de que só havia uma direção: para cima.

Torhus suspirou e acenou para o guarda de segurança, que empurrou os seus jornais e um envelope pela abertura na janela de vidro.

“Mais alguma...”?

O guarda balançou a cabeça.

“Primeiro a chegar, como sempre, Torhus. O envelope do Departamento de Comunicações. Ele foi entregue ontem à noite”.

Torhus observava os números dos pisos piscando enquanto o elevador o levava para cima no edifício. Ele formara essa ideia de que cada andar representava certo período de sua carreira, e por isso era objeto de retrospecto a cada manhã.

O primeiro andar foi os dois primeiros anos do curso diplomático, as longas discussões sem compromisso sobre política e história e as aulas de francês nas quais ele teve que se esforçar em dobro.

O segundo andar foi o estágio. Ele foi designado para Canberra por dois anos, depois na Cidade do México por três. Cidades maravilhosas, neste quesito, ele não poderia reclamar. Na verdade, ele havia postulado Londres e Nova York como suas duas primeiras opções, mas estes eram postos de prestígio e, portanto, todos os outros também tinham feito esta escolha, então ele tinha preparado a sua mente para não considerar como uma derrota o fato de não ter sido designado para aquelas cidades.

No terceiro andar ele estava de volta na Noruega sem os benefícios generosos dos postos no exterior e sem os adicionais de habitação que tinham lhe permitido viver uma vida de indiferença e abundância. Conhecera Berit, ela ficou grávida, e quando já era tempo de solicitar um novo posto no exterior o número dois já estava a caminho. Berit era da mesma região que ele e conversava por telefone com a mãe todos os dias. Ele decidiu esperar um pouco e optou por trabalhar com muito afinco, elaborando relatórios quilométricos sobre o comércio bilateral com os países em desenvolvimento, redigindo discursos para o Ministro das Relações Exteriores e colhendo reconhecimento enquanto ele preparava o seu caminho para os andares superiores no edifício. Em nenhum outro lugar na burocracia governamental a concorrência é tão feroz como no Ministério das Relações Exteriores, onde a hierarquia é muito óbvia. Dagfinn Torhus tinha ido para o edifício como um soldado ia para a frente de batalha, mantinha a cabeça baixa, a retaguarda protegida e disparava sempre que tinha alguém em sua mira. Alguns tapinhas no ombro apareceram pelo caminho, ele sabia que tinha sido 'notado' e tentou explicar para Berit que

provavelmente ele poderia ser designado para Paris ou Londres, mas, pela primeira vez em seu casamento até então monótono ela bateu o pé. Ele se rendeu.

Sua tendência de ascensão desapareceu quase sem deixar vestígios, e de repente, numa manhã no espelho do banheiro, viu um diretor desviado para o acostamento, um burocrata moderadamente influente que nunca iria ter coragem de dar o salto para o quinto andar, não com ele estando a dez anos, mais ou menos, da idade da aposentadoria. A não ser que ele desse um golpe sensacional, é claro. Mas, enquanto esse tipo de manobra podia levar a promoção, também poderia, facilmente, levar a um chute no traseiro.

Portanto, ele continuou como antes, tentando manter o nariz na frente dos outros. Ele era o primeiro a chegar ao escritório todas as manhãs para que pudesse ler os jornais e faxes em paz e sossego, e já tinha suas conclusões para entregar nas reuniões matinais, enquanto os outros se sentavam esfregando o sono de seus olhos. Era como se o *esforço* tivesse se entranhado em sua corrente sanguínea.

Ele destrancou a porta do escritório e hesitou por um momento antes de ligar a luz. Isto, também, tinha uma história. Infelizmente, ela tinha vazado, e ele soube que ela tinha alcançado status de lenda nos círculos do Ministério. Muitos anos atrás, o então embaixador americano em Oslo tinha ligado para Torhus bem cedo numa manhã e perguntou o que ele achava sobre as declarações do presidente Carter na noite anterior. Torhus tinha acabado de chegar à porta do escritório; ele não tinha lido os jornais ou os faxes e estava sem resposta. Escusado será dizer, que havia arruinado seu dia. E ficou pior. Na manhã seguinte, o embaixador tinha ligado quando ele abria o jornal e perguntou como os acontecimentos da noite afetariam a situação no Oriente Médio. Na manhã seguinte, a mesma coisa aconteceu. Torhus, minado por dúvidas e falta de informação, tinha gaguejado uma resposta incoerente.

Ele tinha começado a chegar ao escritório ainda mais cedo, mas o embaixador parecia ter um sexto sentido, a cada manhã o telefone tocava assim que ele se sentava na cadeira.

Foi só quando ele descobriu que o embaixador estava hospedado no pequeno Hotel Aker, em frente ao Ministério das Relações Exteriores, que a conexão ficou clara. O embaixador, que todo mundo sabia que gostava de acordar cedo, tinha, naturalmente, percebido que a luz no escritório de Torhus acendia antes dos outros e quis provocar o diplomata zeloso. Então

Torhus decidiu ir a forra e comprou uma lanterna, e na manhã seguinte, ele já tinha lido todos os jornais e faxes antes de acender a luz do escritório. Ele fez isso por quase três semanas antes do embaixador desistir.

Neste momento, no entanto, Dagfinn Torhus não dava a mínima para o embaixador brincalhão. Ele abriu o envelope de Comunicações e na cópia em papel decodificado do cryptofax, carimbado TOP SECRET, havia uma mensagem que o fez derramar o café sobre as anotações espalhadas em cima da sua mesa. O texto curto dava margem a interpretações, mas a essência era basicamente isto: o embaixador da Noruega na Tailândia, Atle Molnes, havia sido encontrado com uma faca espetada nas costas em um bordel de Bangkok.

Torhus leu o fax mais uma vez antes de colocá-lo na mesa.

Atle Molnes, ex-político democrata-cristão, ex-presidente do Comitê de Finanças, era agora um ex-tudo também. Era tão incrível que ele foi forçado a olhar para o Aker Hotel para ver se alguém estava por trás das cortinas. Obviamente, o remetente era a Embaixada da Noruega em Bangkok. Torhus praguejou. Por que isso tinha que acontecer justo agora, e justamente em Bangkok entre todos os lugares? Ele devia informar o secretário de Estado Askildsen primeiro? Não, ele iria tomar conhecimento em breve. Torhus olhou para o relógio e levantou o telefone para ligar para o Ministro das Relações Exteriores.

Bjarne Møller bateu suavemente na porta e abriu-a. As vozes na sala de reuniões ficaram em silêncio, e os rostos se voltaram para ele.

“Este é Bjarne Møller, Chefe da Brigada Criminal”, disse a Comissária de Polícia, acenando-lhe para se sentar. “Møller, este é o secretário de Estado Bjørn Askildsen do gabinete do Primeiro-Ministro e este é o Diretor de RH Dagfinn Torhus do Ministério das Relações Exteriores”.

Møller balançou a cabeça, puxou uma cadeira e tentou encaixar suas pernas incrivelmente longas sob a enorme mesa de carvalho oval. Ele já tinha visto o rosto jovem e elegante de Askildsen na TV. Do gabinete do primeiro-ministro? Tinha que ser um problema muito sério.

“Ótimo você poder chegar tão rápido”, o secretário de Estado disse, revirando os rrrs e batucando na mesa nervosamente com os dedos. “Comissária, você poderia fazer um breve resumo do que estivemos discutindo”.

Møller tinha recebido um telefonema da Comissária de Polícia vinte minutos antes. Sem qualquer explicação, ela havia lhe dado 15 minutos para ir até o Ministério das Relações Exteriores.

“Atle Molnes foi encontrado morto, provavelmente assassinado, em Bangkok”, a Comissária de Polícia começou.

Møller viu o Diretor Torhus revirar os olhos por trás dos óculos de aros de aço, e só depois de ter tomado conhecimento do resto da história foi que ele entendeu a reação dele. Você definitivamente tinha que ser um policial para afirmar que um homem que havia sido encontrado com uma faca enfiada ao lado da coluna vertebral, que atravessou um pulmão e o coração, tinha ‘*provavelmente*’ sido assassinado.

“Ele foi encontrado por uma mulher em um quarto de hotel...”

“Em um bordel”, o homem com os óculos de aço interrompeu. “Por uma prostituta”.

“Eu tive uma conversa com o meu colega em Bangkok”, disse a Comissária de Polícia. “Um homem muito compreensivo e imparcial. Ele prometeu manter uma tampa sobre o assunto por um tempo”.

O primeiro instinto de Møller foi perguntar por que eles deviam esperar antes de ir a público e relatar o assassinato. Cobertura da imprensa imediata muitas vezes produzia denúncias para a polícia, quando a memória das pessoas estava clara e as provas ainda estavam frescas. Mas algo lhe dizia que esta pergunta seria considerada muito ingênua. Em vez disso, ele perguntou por quanto tempo eles contavam com a possibilidade de manter uma tampa sobre esse tipo de assunto.

“Tempo suficiente para que possamos estabelecer uma versão palatável sobre os acontecimentos, eu espero”, disse o secretário de Estado. “A presente não é adequada, como você pode ver”.

A presente? Então, a versão real tinha sido avaliada e rejeitada. Como relativamente novo no cargo de Chefe da Brigada Criminal Møller até agora tinha sido poupado de qualquer negociação com os políticos, mas sabia que quanto mais alto você subia na carreira, mais difícil era mantê-los à distância.

“Entendo que a versão atual é desconfortável, mas o que você quer dizer com ‘*não é adequada*’?”

A Comissária de Polícia dirigiu um olhar repreensivo para Møller.

O Secretário de Estado não pareceu impressionado. “Nós não temos muito tempo, Møller, mas deixe-me dar-lhe um curso rápido de prática

política. Tudo o que eu disser agora é, naturalmente, estritamente confidencial”.

Askildsen instintivamente ajustou o nó da gravata, um movimento que Møller reconheceu das entrevistas na televisão. “Bem, pela primeira vez na história do pós-guerra, temos um partido de centro com uma chance razoável de sobrevivência. Não porque haja alguma base parlamentar para isso, mas porque o primeiro-ministro está a caminho de se tornar um dos políticos menos impopulares do país”.

A Comissária de Polícia e o Diretor do Ministério das Relações Exteriores sorriram.

“No entanto, sua popularidade se baseia na mesma base frágil que é o ponto crucial para todos os políticos: a confiança. A coisa mais importante não é ser simpático ou carismático, é desfrutar de confiança. Você sabe por que Gro Harlem Brundtland foi uma primeira-ministra tão popular, Møller”?

Møller não tinha ideia.

“Não porque ela era uma sedutora, mas porque as pessoas acreditavam que ela era a pessoa que dizia ser. Confiança, essa é a palavra chave”.

Os outros ao redor da mesa assentiram. Isto era claramente parte do currículo básico.

“Ora, o embaixador Molnes e o nosso atual primeiro-ministro foram intimamente ligados, através da amizade, bem como por suas carreiras políticas. Eles estudaram juntos, galgaram postos no partido juntos, lutaram pela modernização do movimento juvenil e até dividiram um apartamento quando ambos foram eleitos para o Parlamento quando ainda eram muito jovens. Molnes voluntariamente saiu dos holofotes quando os dois se tornaram os prováveis herdeiros da presidência do partido. Ele deu ao primeiro-ministro apoio total e irrestrito e, portanto, fomos poupados de um duelo agonizante dentro do partido. Tudo isso, obviamente, significa que o primeiro-ministro tem uma enorme dívida de gratidão com Molnes”.

Askildsen umedeceu os lábios e olhou para fora da janela.

“Em outras palavras, o embaixador Molnes não tinha qualquer formação diplomática e não teria chegado a Bangkok se o primeiro-ministro não tivesse manipulado as cordas. Talvez isso soe como nepotismo, mas é uma forma aceitável de agir, introduzida e determinada como moeda corrente pelo Partido Socialista. Reiulf Steen não tinha nenhuma

experiência de Relações Exteriores quando foi nomeado embaixador no Chile”.

Os olhos se focaram novamente em Møller, um brilho brincalhão dançando lá dentro em algum lugar.

“Tenho certeza de que não é necessário enfatizar como a confiança no primeiro-ministro pode ser danificada se surgir uma informação de que um amigo e camarada do partido, a quem ele mesmo nomeou, foi pego em flagrante em um bordel. E ainda por cima assassinado”.

O Secretário de Estado fez sinal para a Comissária de Polícia continuar, mas Møller não se conteve.

“Quem não tem um amigo que foi a um bordel”?

O sorriso de Askildsen se encrespou nos cantos.

O Diretor do Ministério das Relações Exteriores com os óculos de aço tossiu. “Você foi informado sobre o que precisa saber, Møller. Por favor, deixe os julgamentos para nós. O que precisamos é de alguém para garantir que a investigação desta matéria não tome ... um rumo lamentável. Naturalmente, todos nós queremos que o assassino, ou assassinos, sejam presos, mas as circunstâncias do assassinato devem permanecer em segredo até novo aviso. Para o bem do país. Você entende”?

Møller olhou para suas mãos. Para o bem do país. Maldição. Na sua família eles nunca tinham sido muito bons em fazer o que *eles* pediam. Seu pai nunca subiu na hierarquia da polícia.

“A experiência nos diz que a verdade tende a ser difícil de esconder, herr Torhus”.

“De fato. Eu assumo a responsabilidade por esta operação em nome do Ministério das Relações Exteriores. Como você sabe, este é um assunto um pouco delicado que exigirá uma cooperação estreita com a polícia tailandesa. Como a embaixada está envolvida temos alguma margem de manobra - imunidade diplomática e tudo o mais - mas estamos andando numa corda bamba. Portanto, gostaríamos de enviar alguém com habilidades de investigação afinadas e experiência de trabalho com a polícia internacional e que possa produzir resultados”.

Ele parou e olhou para Møller, que estava se perguntando por que sentia uma instintiva falta de boa vontade para com o diplomata com o queixo agressivo.

“Poderíamos montar uma equipe com...”.

“Nenhuma equipe, Møller. Muito visível. Além disso, a Comissária acha que uma divisão inteira dificilmente seria propícia para as boas relações com a polícia local. Um homem”.

“Um homem”?

“A Comissária já sugeriu um nome, e consideramos que é uma boa sugestão. Agora nós gostaríamos de ouvir a sua opinião sobre ele. De acordo com as conversas que a Comissária de Polícia teve com seu colega em Sydney, ele fez um trabalho notável no inverno passado em relação ao assassinato de Inger Holter”.

“Eu li a história nos jornais”, disse Askildsen. “Coisas impressionantes. Certamente, ele tem que ser o nosso homem”?

Bjarne Møller engoliu em seco. Portanto, a Comissária de Polícia havia sugerido que deviam enviar Harry Hole para Bangkok. E ele havia sido convocado para assegurar-lhes que Hole era o melhor que a força tinha para oferecer, o homem perfeito para o trabalho.

Ele olhou em volta da mesa. Política, poder e influência. Este era um jogo que ele não estava pronto para começar a entender, mas percebeu que, de alguma forma ou de outra o jogo iria trabalhar em seu favor, ou não, o que ele dissesse agora teria consequências na sua carreira. A Comissária de Polícia tinha posto o pescoço em risco, sugerindo um nome. Provavelmente um dos outros tinham então pedido para ter as qualificações de Hole endossadas pelo seu superior imediato. Ele olhou para a chefe e tentou interpretar sua expressão. Claro, tudo podia dar certo com Hole. E se ele aconselhasse a não enviá-lo, isso não iria lançar a Comissária numa fria? Então ele seria convidado a sugerir uma alternativa e, em seguida, a *sua* cabeça seria a *única* no cepo se o funcionário em causa pusesse tudo a perder.

Møller olhou para a pintura acima da Comissária de Polícia: Trygve Lie, o Secretário Geral da ONU, olhava para ele imperiosamente. Um político também. Através das janelas, viu os telhados dos prédios de apartamentos na fraca luz de inverno, a Fortaleza de Akershus e um cata-vento, tremendo com as rajadas geladas, no topo do Hotel Continental.

Bjarne Møller sabia que era um oficial competente, mas este era um jogo diferente, e ele não conhecia as regras. O que seu pai já o aconselhara a fazer? Bem, o policial Møller nunca teve que lidar com a política, mas ele sabia o quanto era importante se levar tudo a sério e tinha proibido o filho de entrar na Academia de Polícia antes que ele tivesse completado a

primeira parte de um curso de direito. Ele havia feito o que seu pai disse, e após a cerimônia de formatura, seu pai tinha pigarreado, tomado pela emoção, enquanto batia nas costas do seu filho até ser preciso pedir para ele parar.

“Uma grande sugestão”, Bjarne Møller ouviu-se dizer em voz alta e clara.

“Ótimo”, disse Torhus. “A razão de querermos uma opinião tão rapidamente é porque, é claro, tudo isso é urgente. Ele vai ter que largar tudo que está fazendo; ele deve viajar amanhã”.

Bem, talvez seja apenas o tipo de trabalho que Harry precisa agora, Møller pensou.

“Desculpe, mas temos que privá-lo de um homem tão importante”, disse Askildsen.

O Chefe da Brigada Criminal Bjarne Møller teve que se segurar para não cair na gargalhada.

### 3

## Quarta-Feira 8 de Janeiro

Encontraram-no sentado no Schröder's na Waldemar Thranes Gate <sup>(6)</sup>, um boteco velho e venerável localizado no cruzamento onde Oslo Oriente encontra Oslo Ocidente. Era mais velho do que venerável, para ser honesto. A parte venerável, em grande parte, se devia a uma decisão das autoridades em promulgar uma Ordem de Preservação para o prédio e as salas, de cor castanha, cheias de fumaça. Mas a ordem não incluiu a clientela: velhos bêbados, um bando perseguido e ameaçado de extinção; estudantes eternos; e galãs charmosos, cansados, com o prazo de validade vencido, muito tempo após a sua data limite.

Os dois oficiais avistaram seu homem sentado debaixo de uma pintura da Igreja Aker quando a corrente de ar, que entrou ao abrirem a porta, permitiu um breve vislumbre através da cortina de fumaça. Seu cabelo loiro estava cortado tão curto que as cerdas estavam espetadas e a barba de três dias sobre a face magra tinha um leve traço de cinza, embora ele não aparentasse ter mais de trinta e poucos anos. Ele estava sentado sozinho, com as costas eretas, vestindo uma jaqueta de frente trespassada estilo marinheiro, como se estivesse prestes a sair a qualquer minuto. Como se a cerveja na frente dele sobre a mesa não fosse uma fonte de prazer, mas um trabalho que tinha que ser feito.

“Eles disseram que iríamos encontrá-lo aqui”, disse o mais velho dos dois e se sentou em frente a ele. “Sou Waaler”.

“Está vendo aquele cara sentado no canto”? Hole perguntou sem olhar para cima.

Waaler se virou e viu um homem velho e magro olhando para o seu copo de vinho tinto, enquanto se balançava para trás e para frente. Ele parecia estar com frio.

“Chamam-lhe o último moicano”.

Hole levantou a cabeça e sorriu. Seus olhos eram como bolas de gude azul-e-branco por trás de uma rede de veias vermelhas, e eles se concentraram na camisa de Waaler.

“Marinheiro mercante”, ele disse, com uma dicção meticulosa. “Costumava haver muitos deles aqui há alguns anos atrás, aparentemente, mas agora quase não restou algum. Ele foi torpedeado por duas vezes durante a guerra. Ele acha que é imortal. Na semana passada, depois de

fechar o tempo, encontrei-o dormindo em um monte de neve na Glückstadsgata. As ruas estavam vazias, estava escuro como breu e fazia menos de dezoito graus. Quando eu o sacudi um pouco, para ver se ainda estava vivo, ele apenas olhou para mim e disse-me para ir para o inferno”. Ele riu.

“Ouça, Hole...”

“Eu fui até sua mesa ontem à noite e perguntei se ele se lembrava do que tinha acontecido - quer dizer, que eu evitei que ele se congelasse até a morte. Sabe o que ele disse”?

“Møller quer vê-lo, Hole”.

“Ele disse que era imortal. ‘Eu posso aguentar ser um marinheiro mercante indesejado neste país de merda’, disse ele. ‘Mas é um negócio triste quando até mesmo São Pedro não quer ter nada a ver comigo’. Você ouviu? ‘Até São Pedro’...”

“Temos ordens para levá-lo para a Delegacia”.

Outra cerveja pousou sobre a mesa na frente de Hole com um baque.

“Vamos acertar já, Rita”, disse ele.

“Duzentos e oitenta”, ela respondeu, sem precisar verificar as papeletas dos pedidos.

“Jesus Cristo”, resmungou o oficial mais jovem.

“Fique com o troco, Rita”.

“Oh, obrigada”. Ela se foi.

“Melhor atendimento da cidade”, explicou Harry. “Às vezes, ela pode vê-lo, mesmo quando você não está agitando os braços no ar”.

A pele na testa de Waaler enrugou-se e um vaso sanguíneo apareceu, como um verme, azul e encaroçado.

“Nós não temos tempo para sentar aqui e ficar ouvindo suas divagações bêbadas, Hole. Eu sugiro que você dê um último gole na sua cerve...”

Hole já tinha colocado o copo com cuidado nos lábios e começou a beber.

Waalder se inclinou para frente e tentou manter a voz baixa. “Eu sei tudo sobre você, Hole. E eu não gosto de você. Eu acho que você deveria ter sido expulso da força policial anos atrás. Caras como você fazem as pessoas perderem o respeito pela polícia. Mas não é por isso que estamos aqui agora. Nós viemos para levá-lo conosco. O Chefe é um bom homem. Talvez ele vá te dar outra chance”.

Hole arrotou e Waaler se inclinou para trás.

“Outra chance para fazer o quê”?

“Para mostrar do que você é capaz”, disse o oficial mais jovem, com um sorriso de menino.

“Eu vou te mostrar do que sou capaz”. Hole sorriu, levou o copo à boca e inclinou a cabeça para trás.

“Pare com isso, Hole!” as bochechas de Waaler ficaram vermelhas enquanto observava o pomo de Adão do Hole subir e descer sob o queixo com barba por fazer.

“Satisfeito?” perguntou Hole, colocando o copo vazio à sua frente.

“Nosso trabalho...”.

“Eu não dou a mínima para o seu trabalho”. Hole abotoou a jaqueta. “Se Møller quer algo de mim ele pode me ligar ou esperar até que eu esteja no trabalho amanhã cedo. Agora eu vou para casa e espero não ver os seus rostos nas próximas 12 horas. Senhores...” Harry levantou seus 1,92 metros e deu uma guinada para o lado.

“Você é um idiota arrogante”, disse Waaler, inclinando sua cadeira para trás. “Maldito perdedor. Se aqueles jornalistas que escreveram sobre você depois da Austrália soubessem que você não tem coragem...”

“Coragem de fazer o que, Waaler”? Hole era ainda estava sorrindo. “Prender jovens de dezesseis anos bêbados, porque eles têm cabelos de moicano”?

O oficial mais jovem olhou para Waaler. Havia aparecido rumores no Colégio da Polícia no ano passado que alguns jovens punks tinham sido detidos por beber cerveja em lugares públicos e que tinham sido espancados nas celas com laranjas envoltas em toalhas molhadas.

“Você nunca entendeu o *esprit de corps*, Hole”, disse Waaler. “Você só pensa em si mesmo. Todo mundo sabe quem estava dirigindo o carro em Vinderen e como um bom oficial esmagou o crânio contra uma cerca. Porque você é um bêbado, Hole, e você dirigia bêbado. Você deve estar muito contente porque os chefes varreram os fatos para debaixo do tapete. Se eles não tivessem se preocupado com a família e a reputação da força poli...”.

O oficial mais jovem que acompanha Waaler estava aprendendo algo novo a cada dia. Esta tarde, por exemplo, ele aprendeu que era muito estúpido inclinar a cadeira para trás enquanto insultava alguém, porque você fica totalmente indefeso se a parte insultada, que está em pé, envia um direto de direita entre os seus olhos. Como era comum clientes caírem no

Schröder's, não houve mais do que alguns segundos de silêncio antes do zumbido de conversa retornar.

O oficial mais jovem ajudou Waaler a ficar em pé enquanto vislumbrava as costas da jaqueta de Hole desaparecendo através da porta. “Uau, nada mau, depois de oito cervejas, hein”? Disse ele, mas calou a boca imediatamente quando encontrou o olhar de Waaler.

Harry caminhou casualmente ao longo da calçada gelada da Dovregata. Seus dedos não doíam; só amanhã de manhã cedo é que alguma dor ou arrependimento viria bater na sua porta.

Ele não bebia durante o expediente. Embora já tivesse feito isso antes, e o Dr. Aune argumentava que cada nova recaída começava onde a antiga terminara.

O clone, rechonchudo e com cabelos brancos, de Peter Ustinov, tinha rido tanto que seu duplo queixo chacoalhou quando Harry explicou-lhe que estava se mantendo longe do seu velho inimigo Jim Beam, o Bourbon Whiskey, e limitando-se a cerveja. Porque ele não gostava muito de cerveja.

“Você já esteve numa confusão, e no momento em que você abre a garrafa você está lá novamente. Não há nenhuma casa de recuperação, Harry”.

Bem. Ele estava se esforçando para chegar em casa com suas pernas, geralmente conseguia despir-se e ia trabalhar no dia seguinte. Nem sempre foi assim. Harry chamava isto de casa de recuperação. Ele só precisava cair na cama como se fosse nocauteado e dormir, isso era tudo.

Uma mulher disse um ‘olá’ debaixo de um chapéu de pele negra quando passou por ele. Era alguém que conhecia? Ultimamente muita gente dizia ‘olá’, particularmente após a entrevista na TV quando Anne Gros vold lhe perguntou como se sentira ao atirar num serial killer.

“Bem, muito melhor do que sentar aqui e responder a perguntas como essa”, ele tinha dito com um sorriso torto, e esta frase tinha sido o hit da primavera, a citação mais repetida junto com a frase de um político para defender uma política agrícola: ‘Ovelhas são animais simpáticos’.

Harry inseriu a chave na fechadura de seu apartamento na Sofies Gate. Por que havia se mudado para Bislett ele já não se lembrava mais. Talvez tivesse sido porque seus vizinhos em Tøyen tinham começado a olhar para ele de forma estranha e a manter distância, o que no início ele tinha interpretado como demonstração de respeito.

Tudo bem, os vizinhos aqui o deixavam em paz, embora eles aparecessem no corredor para verificar se tudo estava bem se, muito ocasionalmente, ele escorregasse num degrau e rolasse de volta para um patamar abaixo.

As quedas para trás não tinham começado até outubro, foi só depois do caso de Sis tê-lo atingido como uma parede de tijolos. Em seguida, ele se sentiu vazio e começou a sonhar novamente. E ele conhecia apenas uma maneira de manter os sonhos à distância.

Ele tentou se recompor e readquirir o autocontrole, levar Sis para a cabana em Rauland com o pai, mas ela havia se tornado muito retraída desde o estupro, e já não ria tão facilmente como antes. Então, ele tinha ligado para seu pai algumas vezes, embora as conversas não tivessem sido muito longas, apenas o tempo suficiente para indicar que seu pai queria ser deixado em paz.

Harry fechou a porta de seu apartamento, gritou que estava em casa e acenou com satisfação quando não houve resposta. Monstros aparecem em todas as formas e tamanhos, mas uma vez que, quando chegou em casa, eles não estavam esperando por ele na cozinha, havia uma chance de que teria uma noite tranquila de sono.

## 4

### Quinta-Feira 9 de Janeiro

A onda de frio veio tão de repente que, quando Harry saiu pela porta afora, involuntariamente ofegou para poder respirar. Ele olhou para o céu avermelhado entre as casas e abriu a boca para liberar o sabor de fel e Colgate.

Em Holbergs Plass ele pegou o bonde chocalhante - e chacoalhante - Welhavensgate adiante. Ele encontrou um assento livre e abriu o *Aftenposten*. Outro caso de pedofilia. Houve três deles nos últimos meses, todos eles de noruegueses pegos em flagrante, na Tailândia.

O editorial lembrava os leitores da promessa do primeiro-ministro durante a campanha eleitoral de que iria intensificar a investigação sobre os crimes sexuais, incluindo as que envolvessem os noruegueses no estrangeiro, e exigiu saber quando o público veria esses resultados.

O Secretário de Estado Bjørn Askildsen, do escritório do primeiro-ministro, comentou que eles estavam trabalhando em conjunto com o governo tailandês para aumentar a capacidade de investigação.

‘Isso é urgente!’ O editor do *Aftenposten* escreveu. ‘As pessoas esperam por alguma ação. Não é certo que um ministro cristão possa permitir que este ultraje continue.’

“Entre”!

Harry abriu a porta e olhou diretamente para a boca bocejando de Bjarne Møller. Ele estava recostado na cadeira com as pernas compridas saindo debaixo da mesa.

“Aí está você. Eu estava esperando que você ontem, Harry.”

“Fui informado”. Harry sentou-se. “Eu não trabalho quando estou bêbado. Ou vice-versa. É uma espécie de princípio que eu tenho.” Ele tinha a intenção de parecer irônico.

“Um policial é policial 24 horas por dia, Harry, sóbrio ou não. Eu tive que convencer Waaler para não denunciá-lo, você sabia?”

Harry encolheu os ombros, indicando que ele tinha dito tudo o que tinha a dizer sobre o assunto.

“OK, Harry, não vamos discutir isso agora. Eu tenho um trabalho para você. Um trabalho que, na minha opinião, você não merece, mas que eu vou

dar-lhe de qualquer maneira.”

“Será que faz você ficar feliz se eu disser que não quero isso?”

“Corta essa de bancar o Philip Marlowe, Harry. Isso não combina com você,” Møller respondeu bruscamente. Harry sorriu. Ele sabia que o Chefe gostava dele. “Eu nem sequer lhe disse o que é.”

“Eu imagino, a partir do fato de que você enviou um carro para me pegar no meu tempo livre, que não é para colocar-me para policiar o Trânsito.”

“Exatamente. Então, por que você não me deixar terminar?”

Harry deu uma breve e seca risada e se inclinou para frente na cadeira. “Podemos falar o que eu penso, Chefe?”

Você pensa? Møller quase perguntou, mas limitou-se a um aceno de cabeça.

“Eu não sou o homem indicado para tarefas importantes agora, chefe. Eu suponho que você já viu como as coisas estão indo no momento. Ou como as coisas não estão indo. Ou quase indo. Eu faço o meu trabalho, o material de rotina, tento não ficar no caminho de ninguém e começo o dia e termino numa condição sóbria. Eu daria o trabalho para um dos outros rapazes, se eu fosse você”.

Møller suspirou, puxou as pernas laboriosamente e ficou de pé.

“Posso dizer o que *eu* penso, Harry? Por mim, outra pessoa seria designada para este trabalho. Mas eles querem você. Portanto, seria um grande favor para mim, Harry...”

Harry olhou com cautela. Bjarne Møller o havia ajudado em situações difíceis durante o ano passado, suficientes para que ele soubesse que era apenas uma questão de tempo até que tivesse que começar a pagar a dívida.

“Espere! Quem são *eles*?”

“Pessoas em posições elevadas. As pessoas que podem fazer da minha vida um inferno se eles não conseguirem o que querem.”!

“E o que eu vou ganhar assumindo este trabalho?”

Møller franziu as sobrancelhas tão ferozmente quanto podia, mas ele sempre teve dificuldades em assumir uma expressão severa em seu aberto rosto de menino.

“O que você ganha? Você recebe o seu salário. Enquanto merecer. Pelo amor de Deus, o que você tem!”

“Ah, eu estou *por cima* agora, chefe. Algumas dessas pessoas de lá de cima acham que o detetive que esclareceu o caso em Sydney no ano

passado deve ser um detetive espetacular, e é seu trabalho fazê-lo andar na linha. Estou errado”?

“Harry, por favor, não force a situação demais”.

“Eu não estou errado. Eu não estava errado ontem, quando vi o rosto de Waaler, também. É por isso que eu fui dormir pensando nisto e esta é a minha sugestão: Eu vou ser um bom menino, eu volto para o trabalho, e quando eu terminar, você me dá dois detetives em tempo integral por dois meses e acesso completo a todos os nossos arquivos.”

“O que você está falando?”

“Você sabe do que eu estou falando.”

“Se isso for sobre o caso de estupro da sua irmã, eu receio que tenha que dizer não, Harry. O caso foi encerrado, de uma vez por todas, se lembra?”

“Lembro-me, chefe. Lembro-me do relatório no qual se afirmava que ela tinha síndrome de Down e que, portanto, não era inconcebível que ela tivesse inventado o estupro para esconder o fato de que ela iria ficar grávida por uma relação casual. Sim, é verdade, eu me lembro.”

“Não houve nada de concreto”.

“Ela não estava escondendo nada. Jesus Cristo, homem, eu fui ao seu apartamento em Sogn e no banheiro vi o sutiã no cesto de roupa suja, encharcado de sangue. Ele ameaçou cortar seus mamilos. Ela estava apavorada. Ela acha que todo mundo é como ela, e quando esse cara, vestido com um terno, pagou-lhe um almoço e perguntou se ela gostaria de ver um filme no seu quarto de hotel, ela só pensava que ele estava sendo gentil. E mesmo que ela se lembrasse do número do quarto, ele já teria sido aspirado, limpo, desinfetado e a cama trocada mais de vinte vezes desde que ela foi estuprada. Não haveria muitas provas concretas”.

“Ninguém se lembrava de lençóis manchados de sangue”.

“Eu já investiguei em hotéis, Møller”. Você ficaria surpreso de saber quantos lençóis manchados de sangue são trocados ao longo de um par de semanas. “Pessoas sangram o tempo todo, porra”!

Møller balançou a cabeça vigorosamente. “Desculpe. Você já teve sua chance de provar isso, Harry”.

“Não foi o suficiente, chefe. Não foi o suficiente”.

“Nunca é o suficiente. Mas você tem que encerrar um caso em algum momento. Com nossos recursos...”.

“Bem, me dê carta branca. Durante um mês”.

Møller de repente levantou a cabeça com um olho fechado. Harry percebeu que tinha atingido o alvo.

“Você é um bastardo astucioso. Você desejava este trabalho o tempo todo, não é? Você só pretendia fazer um pouco de barganha antes”.

Harry esticou o lábio inferior e balançou a cabeça de um lado para o outro. Møller olhou para fora da janela. Então suspirou.

“OK, Harry. Vou ver o que posso fazer. Mas se você fracassar eu vou ter que tomar algumas decisões que eu sei que algumas pessoas aqui na delegacia acham que eu já deveria ter tomado há muito tempo. E você sabe o que isso significa, não é?”

“Chutar meu rabo, chefe,” Harry sorriu. “Qual é o trabalho?”

“Espero que o seu traje de verão esteja lavado a seco e que você se lembre de onde você colocou o seu passaporte. Seu avião decolará em 12 horas para um destino distante”.

“Quanto mais longe, melhor, Chefe”.

Harry estava sentado numa cadeira ao lado da porta no apartamento apertado em Sogn. Sua irmã estava sentada perto da janela olhando os flocos de neve que caíam, iluminados pela luz da lâmpada da rua. Ela fungou algumas vezes. Como ela estava de costas para ele Harry não conseguia ver se era por causa de um resfriado ou devido sua partida iminente. Ela tinha morado numa casa de repouso por dois anos e agora estava administrando sua vida razoavelmente bem, dadas às circunstâncias. Após o estupro e o aborto Harry tinha colocado algumas roupas e artigos de higiene numa mala e se mudou para lá, mas não demorou muito para que ela dissesse que já era o suficiente. Ela já era uma menina grande agora.

“Eu estarei de volta em breve, Sis”.

“Quando”?

Ela estava sentada tão perto do vidro da janela que a condensação formava uma rosa sempre que ela falava.

Harry sentou-se atrás dela e colocou a mão em suas costas. Ele podia sentir pelo tremor suave que ela estava prestes a chorar.

“Quando eu pegar os bandidos Eu volto direto para casa”.

“É o...?”

“Não, não é ele. Eu vou pegá-lo depois. Você já falou com papai hoje”?

Ela balançou a cabeça. Ele suspirou.

“Se ele não ligar, eu quero que você ligue para ele. Pode fazer isso por mim, Sis”?

“Papai nunca diz nada”, ela sussurrou.

“Papai está triste porque Mamma morreu, Sis”.

“Mas foi há muito tempo”.

“É por isso que já é hora dele voltar a falar novamente, Sis, e você vai ter que me ajudar. Você vai fazer isso? Você vai fazer isso, Sis”?

Ela virou-se sem dizer uma palavra, colocou os braços ao redor dele e enterrou a cabeça no seu pescoço.

Ele acariciou lhe o cabelo e sentiu sua camisa ficar molhada.

A mala estava lotada. Harry tinha ligado para Ståle Aune e lhe disse que estava voando para Bangkok a negócios. Ele não tinha muito a dizer e Harry não sabia bem por que havia ligado. Talvez porque era bom avisar uma pessoa que poderia ficar se perguntando por onde ele estaria? Harry não achou que foi uma ótima ideia ligar para o gerente do Schrøder’s.

“Tome as injeções de vitamina B que lhe dei”, disse Aune.

“Para que serve”?

“Torna a vida mais fácil, se você quer ficar sóbrio. Novo ambiente, Harry. Poderia ser um bom começo, você sabe”.

“Vou pensar sobre isso”.

“Pensar não é o suficiente, Harry”.

“Eu sei. É por isso que eu não preciso tomar as injeções”.

Um dos meninos do albergue que ficava mais acima na rua estava encostado na parede e tremendo numa jaqueta jeans justa enquanto dava baforadas num cigarro quando Harry colocou sua mala no porta-malas do táxi.

“Indo embora”?

“Sim”.

“Sul”?

“Bangkok”.

“Sozinho”?

“Sim”.

“Não precisa dizer mais nada”.

Ele mostrou o polegar para cima para Harry e piscou.

Harry pegou o bilhete da atendente atrás do balcão de check-in e se virou.

“Harry Hole”? O homem com óculos de aros de aço olhava para ele com um sorriso triste.

“E você é...”?

“Dagfinn Torhus do Ministério das Relações Exteriores. Nós gostaríamos de desejar boa sorte. E nos assegurar de que você entendeu a... delicadeza desta tarefa. Afinal, tudo aconteceu tão repentinamente”.

“Obrigado. Entendi que meu trabalho é encontrar um assassino sem fazer muito alarde. Møller me deu instruções”.

“Ótimo. Discrição é vital. Não confie em ninguém. Nem mesmo nos funcionários que afirmam estar trabalhando para o Ministério. Eles podem vir a ser do, bem, por exemplo, *Dagbladet*”.

Torhus abriu a boca como se estivesse rindo, mas Harry podia ver que ele estava falando sério.

“Os jornalistas do *Dagbladet* não usam o crachá do Ministério na lapela, herr Torhus. Ou um paletó em janeiro. Aproveitando o encontro, eu vi nos relatórios que você é meu contato no Ministério”.

Torhus balançou a cabeça, principalmente para si mesmo. Então ele projetou o queixo e baixou a voz em meio tom.

“Seu avião parte em breve, por isso não vou segurá-lo por muito mais tempo. Basta ouvir o que eu tenho a dizer”.

Ele tirou as mãos dos bolsos do paletó e dobrou-as na frente dele.

“Quantos anos você tem, Hole? Trinta e três? Trinta e quatro? Você ainda tem uma carreira pela frente. Eu investiguei um pouco, conforme você pode ver. Você é talentoso e é óbvio que há pessoas lá em cima que gostam de você. E te protegem. Isso pode continuar enquanto as coisas forem bem. Mas não demora muito para você cair de bunda no chão e arrastar facilmente seus amigos junto com você. E então você verá que seus supostos amigos lá de cima de repente estarão muito além das colinas. Então, tente ficar firme sobre seus pés, Hole. Para o bem de todos. Este é um conselho bem-intencionado de um velho patinador no gelo”. Ele sorriu com a boca, mas seus olhos estavam estudando Harry atentamente. “Você sabe de uma coisa, Hole. Eu sempre tenho uma sensação tão deprimente de algo se acabando quando eu chego ao Aeroporto Fornebu. Algo acabando e algo de novo começando”.

“Sério”? Harry disse, se perguntando se dava tempo para tomar uma cerveja no bar antes do portão fechar. “Bem, de vez em quando, pode ser bom. A renovação, quero dizer”.

“Esperamos que sim”, disse Torhus. “Esperamos ansiosamente que assim seja”.

# **PARTE DOIS**

## Sexta-Feira 10 de Janeiro

Harry Hole ajustou os óculos escuros e olhou para a fila de táxis em frente ao Aeroporto Internacional Don Mueang. Ele se sentia como se tivesse entrado no banheiro e alguém acabara de ligar um chuveiro quente-escaldante. Ele sabia que o segredo para eliminar a elevada umidade era ignorá-la. Deixe o suor escorrer por você e pense em outra coisa. A luz era pior. Ela perfurava os óculos escuros de plástico barato, e penetrava nos seus alcoólicos olhos brilhantes, acionando a dor de cabeça que até então só tinha sido um leve rumor nas têmporas.

“Taxímetro ou 250 baht, senhor”?

Harry tentou se concentrar no que o taxista estava dizendo. A viagem tinha sido um inferno. A livraria no aeroporto de Zurique vendia apenas livros alemães, e eles tinham passado *Free Willy 2* durante o voo.

“Taxímetro está bem”, disse Harry.

Um dinamarquês tagarela sentado ao lado dele decidiu não perceber que ele estava bêbado e lhe encheu com conselhos sobre como evitar ser enganado na Tailândia, obviamente um assunto de conversa inesgotável. Ele devia acreditar que os noruegueses eram pessoas encantadoramente ingênuas e que era dever de cada dinamarquês salva-los dos trapaceiros e seus truques.

“Você tem que regatear tudo”, ele disse. “Essa é a ideia, você entende”?

“E se eu não regatear”?

“Você vai estragar tudo para nós”.

“Perdão”?

“Você estará ajudando a aumentar os preços, e fazer a Tailândia ficar mais cara para todos os outros turistas”.

Harry tinha estudado o homem, que estava vestindo uma camisa bege com logotipo da Marlboro e sandálias de couro novas, e decidiu beber um pouco mais.

“Surasak Road 111”, Harry disse e o motorista sorriu, colocou a mala no porta-malas e segurou a porta aberta para Harry, que se arrastou para dentro e notou que o volante estava no lado direito.

“Na Noruega, nos queixamos dos Ingleses insistirem em dirigir do lado esquerdo das vias”, disse ele enquanto se dirigiam para a autoestrada. “Mas,

recentemente, ouvi que mais pessoas no mundo dirigem do lado direito. Você sabe por que”?

O motorista olhou para o espelho com um sorriso ainda mais largo.

“Surasak Road, sim”?

“Porque eles dirigem do lado direito na China”, Harry murmurou e se alegrou porque a autoestrada cortava a paisagem nebulosa de arranha-céus como uma seta cinza em linha reta. Ele sentia que algumas curvas bruscas seriam suficientes para fazê-lo liberar a omelete da Swissair no assento traseiro.

“Por que o medidor não está ligado”?

“Surasak Road, quinhentos baht, sim”?

Harry se recostou na cadeira e olhou para o céu. Bem, ele olhou para cima, pois não havia céu para ser visto, apenas um cofre nebuloso iluminado por um sol que não se podia ver, também. Bangkok, a Cidade dos Anjos. Os anjos usavam máscaras, cortavam o ar com uma faca e tentavam se lembrar de qual cor era o céu em épocas anteriores.

Ele deve ter adormecido, porque quando abriu os olhos o carro não estava se movendo. Ele se endireitou sobre o banco e viu que estavam cercados por veículos. Pequenas lojinhas e oficinas estavam instaladas lado a lado ao longo da calçada, esmagada por pessoas que pareciam saber para onde estavam indo. E elas estavam com pressa de chegar lá. O motorista tinha aberto uma janela e uma cacofonia de sons urbanos se fundia com o rádio. Havia um cheiro de escapamento e suor dentro do carro extremamente quente.

“Engarrafamento”?

O motorista balançou a cabeça com um sorriso.

Os dentes de Harry rangeram. O que foi que ele havia lido em algum lugar: que todo o chumbo que você inala, mais cedo ou mais tarde acaba no cérebro? E isso faz você perder a memória. Ou será que te faz psicótico?

Como que por um milagre o tráfego de repente começou a se mover novamente, e motos e ciclomotores se juntaram ao redor deles como insetos furiosos e lançaram-se no cruzamento com total desprezo pela vida e pela integridade física. Harry contou quatro quase acidentes.

“Incrível, não há acidentes”, Harry disse para preencher o silêncio.

O motorista olhou no espelho e sorriu. “Há acidentes. Muitos”.

No momento em que, finalmente, chegou à delegacia em Surasak Road, Harry já tinha uma certeza: ele não gostava desta cidade. Ele queria prender

a respiração, fazer o trabalho e pegar o primeiro, e não necessariamente o melhor, avião de volta para Oslo.

Na delegacia Harry foi recebido por um jovem oficial que se apresentou como Nho. Ele tinha um corpo magro, cabelo curto e um rosto amigável e aberto. Harry sabia que em poucos anos a expressão mudaria.

O elevador estava cheio e fedia; era como ser empurrado para dentro de uma sacola de roupas esportivas suadas. Harry se erguia duas cabeças acima dos outros. Um sujeito olhou para o alto norueguês e riu, impressionado. Outro fez uma pergunta para Nho e, em seguida, disse para Harry:

“Ah, Noruega. Qual é... qual é... qual é o nome dele? ... por favor me ajude”.

Harry sorriu e tentou abrir as mãos se desculpando, mas não havia espaço.

“Sim, sim, muito famoso”! O homem insistiu.

“Ibsen”? Harry ensaiou. “Nansen”?

“Não, não, mais famoso”!

“Hamsun? Grieg”?

“Não, não”.

O homem deu-lhe um olhar severo enquanto descia no quarto andar.

“Bem-vindo a Bangkok, Harry”.

O Chefe de Polícia era pequeno e moreno e tinha claramente decidido demonstrar que as pessoas sabiam como cumprimentar do modo ocidental na Tailândia. Ele apertou a mão de Harry e balançou-a com entusiasmo, com um sorriso radiante.

“Desculpe, não pudemos pegá-lo no aeroporto, o tráfego em Bangkok...” Ele indicou a janela atrás dele. “No mapa não é muito longe, mas...”.

“Eu sei o que quer dizer, senhor”, disse Harry. “A embaixada disse a mesma coisa”.

Eles se encararam no silêncio que se seguiu. O chefe sorriu. Houve uma batida na porta.

“Entre”!

Uma cabeça raspada apontou pela fresta da porta.

“Entre, Crumley. O detetive norueguês chegou”.

“Ah, o detetive”.

A cabeça adquiriu um corpo, e Harry teve que piscar duas vezes para assegurar-se de que não estava vendo coisas. Crumley tinha ombros largos e era quase da altura de Harry; o crânio careca tinha uma mandíbula musculosa e pronunciada e dois olhos intensamente azuis sobre uma boca de lábios finos. O uniforme era uma camisa azul claro, um grande par de tênis Nike e uma saia.

“Liz Crumley, uma inspetora aqui na Homicídios”, disse o chefe.

“Dizem que você é um detetive de homicídios espetacular, Harry”, disse ela num indiscutível sotaque americano. Ela ficou de frente para ele, com as mãos nos quadris.

“Bem, eu não posso afirmar isso exatamente...”.

“Não? Você deve ser muito bom já que eles te mandaram através de meio caminho ao redor do globo, você não acha?”

“Suponho que sim”.

Harry entrecerrou os olhos. O que ele menos precisava agora era de uma mulher excessivamente assertiva.

“Estou aqui para ajudar. *Se* eu puder ajudar”. Ele forçou um sorriso.

“Então talvez seja hora de ficar sóbrio, hein, Harry?”

O Chefe explodiu numa risada alta e esganiçada, detrás dela.

“Eles são assim”, disse ela, em voz alta e clara, como se o chefe não estivesse presente. “Eles vão fazer tudo o que puderem para garantir que ninguém perca a dignidade. Agora ele está tentando salvar a sua, Harry. Fingindo que eu estou brincando. Mas eu não estou brincando. Eu sou responsável pela Homicídios neste caso, e se eu não gosto de algo eu digo. É considerado falta de educação neste país, mas eu venho fazendo isso há dez anos”.

Harry fechou os olhos completamente.

“Eu posso ver pela cor do seu rosto que você acha que isto é embaraçoso, Harry, mas eu não tenho nenhuma utilidade para detetives bêbados, como eu tenho certeza que você sabe. Volte amanhã. Eu vou encontrar alguém para levá-lo para o seu apartamento”.

Harry balançou a cabeça e limpou a garganta. “Medo de voar”.

“Perdoe-me?”

“Tenho medo de voar. Gim Tônica ajuda. E o meu rosto está vermelho porque o álcool está começando a se evaporar pelos poros da minha pele”.

Liz Crumley olhou-o longamente. Em seguida, ela coçou a cabeça brilhante.

“Sinto muito, detetive. Como está o jet lag”?

“Totalmente acordado”.

“Ótimo. Você está pronto para uma rápida atualização sobre a perícia, e depois vamos parar no seu apartamento a caminho da cena do crime”.

“Este é o seu escritório”, Crumley apontou enquanto caminhavam.

“Alguém está sentado lá”, disse Harry.

“Não lá. Lá”.

“Lá”?

Ele identificou a cadeira imprensada numa longa mesa com pessoas sentadas lado a lado. Em cima da mesa, na frente da cadeira, só havia espaço suficiente para um bloco de notas e um telefone.

“Vou ver se consigo algo melhor se a sua estadia se tornar mais longa do que o previsto”.

“Eu realmente espero que isso não aconteça”, Harry murmurou.

A inspetora havia convocado suas tropas para a sala de reuniões. As *tropas* eram para ser mais preciso: Nho; Sunthorn, um jovem de aparência séria com cara de bebê; e Rangsan, o detetive mais antigo do departamento.

Rangsan sentou-se aparentemente imerso em seu jornal, mas interrompeu com comentários ocasionais em tailandês, que Crumley anotou cuidadosamente em seu pequeno livro preto.

“OK”, disse Crumley, fechando o livro. “Nós cinco vamos tentar resolver este caso. Uma vez que temos um colega norueguês entre nós, a partir de agora a comunicação será realizada em Inglês. Rangsan é o nosso contato com a Polícia Científica. Vá em frente”.

Rangsan dobrou o jornal cuidadosamente e pigarreou. Ele tinha cabelos ralos, um par de óculos empoleirado na ponta do nariz, presos numa cordinha para pendurar no pescoço, e ele fazia Harry se lembrar de um professor cansado dos seus alunos com um olhar sarcástico ligeiramente condescendente.

“Falei com Supawadee da Polícia Científica. Como era de se esperar, eles encontraram um caminhão de impressões digitais no quarto do hotel, mas nenhuma que pertencesse ao homem morto”.

Nenhuma das impressões foi identificada.

“E isso não vai ser fácil”, Rangsan acrescentou. “Mesmo que o motel não tenha uma grande clientela deve haver impressões de pelo menos uma centena de pessoas lá”.

“Eles encontraram impressões na maçaneta da porta”? Harry perguntou.

“Demais, na minha opinião. E nenhuma completa”.

Crumley colocou seus Nike sobre a mesa.

“Molnes provavelmente foi direto para a cama; não havia razão para ele valsar ao redor deixando marcas em todos os lugares. Há pelo menos duas pessoas que tocaram a maçaneta da porta após o assassino: Dim, a prostituta, e Wang, o proprietário do motel”.

Ela acenou para Rangsan, que pegou o jornal novamente.

“A autópsia revela o que assumimos inicialmente, que o embaixador foi morto pela faca. Ela perfurou o pulmão esquerdo antes de perfurar o coração e encher o pericárdio com sangue”.

“O tamponamento cardíaco”, disse Harry.

“Perdão”.

“É assim que se chama. É como colocar algodão num sino. O coração não pode bater e sufoca em seu próprio sangue”.

Crumley fez uma careta.

“OK, vamos deixar o relatório forense de lado por enquanto e ir ver a coisa real. Harry, nós vamos deixar você se instalar e, em seguida, vamos pegá-lo para irmos ao motel”.

No elevador lotado, Harry ouviu uma voz que reconheceu de imediato.

“Eu lembrei, eu lembrei! Solskjær! Solskjær!”

Harry esticou o pescoço e sorriu em afirmação.

Então, aquele era o norueguês mais famoso do mundo. Um jogador de futebol, um atacante reserva num time Inglês de uma cidade industrial, batia todos os exploradores, pintores e escritores. Refletindo, Harry concluiu que o homem provavelmente estava certo.

O apartamento fornecido pela embaixada ficava num complexo moderno em frente ao Shangri-La Hotel. Ele era pequeno e espartano, mas tinha um banheiro, um ventilador ao lado da cama e vista para o rio Chao Phraya, que fluía largo e marrom. Harry olhou pela janela. Longos e estreitos barcos de madeira atravessavam o rio chicoteando na água suja por trás das hélices montadas em hastes compridas. Na margem oposta, novos hotéis e lojas de departamento se elevavam sobre uma massa indefinível de casas de tijolo branco. Era difícil obter qualquer impressão sobre o tamanho da cidade, porque ele desaparecia numa névoa marrom-dourada quando você tentava mergulhar para além de alguns quarteirões, mas Harry

presumiu que era grande. Muito grande. Ele abriu uma janela e um rugido subiu ao encontro dele. Ele havia perdido os tampões de ouvido da Swissair no elevador, e só agora ele ouviu o barulho ensurdecido desta cidade exatamente como era. Ele podia ver o carro de patrulha de Crumley como uma pequena caixa de fósforos de brinquedo ao lado da calçada lá embaixo. Ele abriu uma lata de cerveja quente que tinha trazido do avião e confirmou, com prazer, que a cerveja tailandesa Singha não era tão ruim quanto a cerveja norueguesa. Agora parecia que o resto do dia iria ser mais suportável.

## 6

### Sexta-Feira 10 de Janeiro

A inspetora inclinou-se sobre a buzina. Literalmente. Ela apertou o peito contra o volante do grande Jeep Toyota e a buzina soou.

“Esta não é a maneira tailandesa de agir”, ela riu. “De qualquer forma, não funciona. Se você buzinar eles não vão deixá-lo ultrapassar. Tem algo a ver com o budismo. Mas eu não posso resistir. Que diabo, eu sou dos Estados Unidos”.

Ela se encostou no volante de novo enquanto os motoristas ao redor deles mantinham o olhar para frente.

“Então, ele ainda está no quarto do hotel”? Harry perguntou, abafando um bocejo.

“Ordens lá de cima. Como regra geral nós devemos fazer uma autópsia o mais rápido possível e crema-los no dia seguinte. Mas queriam que você o visse antes. Não me pergunte por que”.

“Eu sou um detetive espetacular, ou você já se esqueceu de tudo isso”?

Ela olhou para ele com o canto do olho, em seguida, aproveitou uma brecha e desviou para a outra pista e pisou fundo.

“Não fique muito metido. Não é como você pensa, que todo mundo aqui vai achar que você é um cara espetacular só porque é um *farang*, é mais o contrário”.

“*Farang*”?

“Branco. Gringo. Meio depreciativo, meio neutro, tudo dependendo de como você fala. Apenas lembre-se, não há nada de errado com a autoestima dos tailandeses, mesmo que tratem você com educação. Felizmente para você, Sunthorn e Nho estão de plantão hoje, e eu tenho certeza que você vai conseguir impressioná-los. Espero que sim por sua causa. Se você fizer um tolo de si mesmo, você pode ter grandes problemas trabalhando com o Departamento”.

“Eu tinha a impressão de que você estava encarregada pelo Departamento”.

“Isso é o que eu penso”.

Eles entraram na autoestrada e, ignorando os protestos do motor, ela apertou o acelerador até o chão. Já tinha começado a ficar escuro, e no oeste um sol vermelho-cereja estava se pondo entre os arranha-céus.

“Pelo menos a poluição cria um belo pôr do sol”, disse Crumley em resposta a seus pensamentos.

“Conte-me sobre a prostituição aqui”, disse Harry.

“É quase tão ruim quanto o tráfego”.

“Posso imaginar. Mas o que conta aqui, como é que funciona? A prostituição é de rua e tradicional com cafetões, ou bordéis comuns com uma madame, ou as prostitutas são freelancers? Será que elas vão aos bares, fazem strip tease, anunciam no jornal, ou elas pegam clientes nos shoppings”?

“Tudo isso e mais um pouco. Se não foi experimentado em Bangkok, nunca foi experimentado. Mas a maioria delas trabalha em Go-Go bares, onde dançam e tentam persuadir os clientes a comprar bebidas. E, claro, elas recebem uma porcentagem. O dono do bar não tem qualquer responsabilidade para com as meninas além de dar-lhes um lugar para se mostrarem e, em troca as meninas concordam em ficar no bar até fechar. Se um cliente quer levar uma das meninas, ele tem que comprar sua liberdade pelo resto da noite. O dono do bar fica com o dinheiro, mas a maioria das vezes a menina fica feliz por não ter que passar a noite toda se contorcendo no palco”.

“Parece ser um grande negócio para o dono do bar”.

“O que quer que a menina ganhe depois que seu tempo foi comprado vai direto para o bolso delas”.

“Será que a garota que encontrou o embaixador trabalha num bar como esses”?

“Sim. Ela trabalha num dos bares da King Crown em Patpong. Sabemos também que o proprietário do motel gerencia uma espécie de Agência de garotas de programa para estrangeiros com inclinações especiais. Mas fazê-la falar é muito difícil porque na Tailândia a prostituição é, na realidade, ilegal. Até agora, tudo o que ela disse é que estava hospedada no motel e entrou na porta errada”.

Liz explicou que Atle Molnes provavelmente tinha ligado para a garota quando chegou no motel, mas a recepcionista, provavelmente instruída pelo proprietário, negou à queima-roupa ter algo a ver com o assunto, apenas alugou um quarto.

“Aqui estamos”.

Ela parou em frente a um prédio baixo de tijolos brancos.

“Os melhores bordéis em Bangkok parecem ter um fraco por nomes gregos”, ela comentou acidamente e desceu. Harry olhou para um grande luminoso de néon proclamando que o motel se chamava *Olympussy* <sup>(7)</sup>. O 'm' piscava esporadicamente, enquanto o 'l' tinha desistido totalmente e emprestava ao lugar uma melancolia que lembrou a Harry os suburbanos Grill Bar noruegueses.

O motel era idêntico ao da variedade americana com uma série de quartos duplos em torno de um pátio e um espaço de estacionamento na frente de cada quarto. Havia uma varanda ao longo da parede onde os hóspedes podiam sentar-se em cadeiras cinza de vime, danificadas pela água.

“Lugar simpático”.

“Você pode não acreditar, mas quando surgiram durante a Guerra do Vietnã era um dos locais mais animados da cidade. Construído para os soldados americanos cheios de excitação em D & R”.

“D & R”?

“Descanso e Recuperação. Popularmente conhecido como S & D: Sexo e Drogas. Traziam-nos de avião de Saigon para uma licença de dois dias. A indústria do sexo no país não seria o que é hoje sem os militares dos EUA. Uma das ruas aqui é ainda oficialmente chamada Soi Cowboy”.

“Por que não ficar por lá mesmo? Isto é quase tão rural quanto lá”.

“Os soldados que estavam com saudades de casa preferiam foder do jeito americano - ou seja, num automóvel ou num quarto de motel. É por isso que eles construíram isto. Eles podiam alugar carros americanos no estacionamento. Eles ainda tinham cerveja americana nos frigobares”.

“Uau, como você sabe tudo isso”?

“Minha mãe me disse”.

Harry virou-se para ela, mas mesmo com as letras que funcionavam do *Olympussy* lançando uma luz neon azulada sobre sua cabeça estava escuro demais para discernir sua expressão. Ela colocou um boné sobre a cabeça antes de ir para a área de recepção.

O quarto de hotel era decorado de forma simples, mas o tapete cinza sujo insinuava dias melhores. Harry estremeceu. Não por causa do tapete amarelo que fazia qualquer outra posterior identificação do cadáver ser supérflua - apenas os membros do Partido Democrata-Cristão e do Partido do Progresso voluntariamente usariam tais tapetes. Nem por causa da faca

com ornamentação oriental que havia prendido o paletó nas costas do embaixador e causava a protuberância pouco lisonjeira nos ombros do casaco. A razão era simplesmente que o quarto estava frio. Crumley havia explicado que, como a vida útil dos corpos neste clima era muito curta e como haviam sido informados de que teriam que esperar pelo menos 48 horas pelo detetive norueguês, decidiram ajustar o ar condicionado no máximo, dez graus, e ajustaram o ventilador também na máxima velocidade.

No entanto, as moscas eram persistentes, e um enxame delas voou quando Nho e Sunthorn cuidadosamente rolaram o corpo para ficar de costas. Os olhos vidrados de Atle Molnes olhavam para o nariz como se estivessem tentando ver as pontas de seus sapatos. A franja de menino fazia o embaixador parecer mais jovem do que seus 52 anos. Ela estava caída na testa, bronzeada pelo sol, como se ainda houvesse vida nele.

“Esposa e filha adolescente”, disse Harry. “Alguma delas esteve aqui para vê-lo”?

“Não. Informamos a Embaixada da Noruega, e disseram que iriam avisar a família. Até agora só recebi ordens para não deixar ninguém entrar”.

“Alguém da embaixada”?

“A encarregada de negócios. Não me lembro do nome dela”.

“Tonje Wiig”?

“É isso aí. Ela encarou a situação friamente até o momento em que viramos o corpo para a identificação”.

Harry estudou o embaixador. Teria ele sido um homem de boa aparência? Um homem que, apesar do paletó terrível e de algumas dobras de gordura em torno do estômago, poderia fazer o coração de uma jovem mulher, encarregada de negócios, bater mais rápido? A pele bronzeada tinha tomado uma tonalidade amarelada e a língua azul parecia estar tentando forçar seu caminho entre os dentes.

Harry se sentou numa cadeira e olhou ao redor. Quando uma pessoa morre sua aparência muda rapidamente, e ele já tinha visto cadáveres demais para saber que não conseguiria descobrir alguma coisa somente olhando para eles. Atle Molnes tinha levado com ele algum segredo que a sua personalidade podia ter revelado e tudo o que restava agora era uma casca vazia e abandonada.

Harry empurrou a cadeira para perto da cama. Os dois jovens oficiais se inclinaram sobre ele.

“O que você pode ver”? Crumley perguntou.

“Eu vejo um norueguês devasso que se tornou embaixador e, portanto, tem que ter a sua reputação protegida pelo seu rei e pelo seu país”.

Ela olhou para cima, surpresa, e examinou Harry mais de perto.

“Não importa quão bom é o ar condicionado você não pode cobrir o fedor”, disse ele. “Mas isto é problema meu. Quanto a esse cara aqui...” Harry agarrou a mandíbula do embaixador. “Rigor mortis. Ele está rígido, mas a rigidez está começando, e é normal ao fim de três dias. Sua língua está azul, mas a faca sugere que não é de asfixia. Tem que ser verificado”.

“Foi”, disse Crumley. “O embaixador esteve bebendo vinho tinto”.

Harry murmurou algo.

“Molnes deixou seu escritório na hora do almoço”, ela continuou, “e quando a mulher encontrou-o era quase 23 horas. Nosso médico diz que ele morreu em algum momento entre 16 e 22 horas”.

“Entre quatro e dez? São seis horas”.

“Correto, detetive”. Crumley cruzou os braços.

“Bem”. Harry olhou para ela. “Em Oslo geralmente determinamos o momento da morte com uma margem de 20 minutos nos casos em que os corpos são encontrados depois de algumas horas”.

“Isso é porque você vive no Polo Norte. Aqui, a trinta e cinco graus, a temperatura de um corpo não cai muito. O tempo é calculado de acordo com o rigor mortis, e por isso é bastante aproximado”.

“E quanto ao livor mortis? Deve ocorrer descoloração após cerca de três horas”.

“Desculpe. Como você pode ver, o embaixador gostava de banhos de sol, por isso não podemos afirmar com precisão”.

Harry passou o dedo indicador pelo tecido do paletó onde a faca havia entrado. Um resíduo cinza parecido com vaselina se juntou na sua unha.

“O que é isso”?

“A faca estava, obviamente, engraxada. As amostras foram enviadas para análise”.

Harry vasculhou os bolsos e tirou uma carteira marrom gasta. Ela continha uma nota de 500 baht, um cartão de identificação do Ministério e uma foto de uma menina sorridente no que parecia ser uma cama de hospital.

“Você encontrou mais alguma coisa com ele”?

“Nadinha”. Crumley havia tirado o boné para afastar as moscas para longe. “Nós verificamos o que ele tinha e o deixamos sozinho”.

Harry soltou o cinto, puxou as calças para baixo e virou-o de barriga para baixo novamente. Então ele puxou o paletó e a camisa. “Olha. Algum sangue correu pelas costas”. Ele levantou o elástico das cuecas Dovre. “E para baixo entre suas nádegas. O que significa que ele não foi esfaqueado enquanto estava deitado na cama. Ele estava de pé. Ao medir o quanto a lâmina penetrou e determinando o ângulo podemos calcular a altura do assassino”.

“Supondo que o assassino estava no mesmo nível que a vítima, quando ele ou ela a atingiu”, Crumley acrescentou. “A vítima também poderia ter sido esfaqueada enquanto estava no chão e o sangue escorreu para baixo quando ele foi transferido para a cama”.

“Então, teria havido sangue sobre o tapete”, Harry disse, puxando para cima as calças, e fixando o cinto, voltando-se e olhando Liz nos olhos. “E você não teria necessidade de especular, você saberia com certeza. Seu pessoal da perícia teria encontrado fibras do tapete em toda a sua roupa, não teriam”?

Seu olhar não se desviou, mas Harry sabia que ele tinha vencido o pequeno desafio que ela fez. Ela assentiu com a cabeça, e ele virou-se para o cadáver.

“Um detalhe vitimológico pode confirmar que ele estava esperando uma visitante”.

“Sim”?

“Vê o cinto? Foi fechado dois furos acima da marca desgastada antes de eu solta-lo. Homens de meia idade com cinturas crescentes muitas vezes encolhem seus estômagos quando se encontram com mulheres mais jovens”.

Era difícil dizer se eles ficaram impressionados. Os oficiais mudaram o peso do corpo de um pé para o outro e os seus jovens rostos de pedra não traíam nada. Crumley mordeu um pedaço de unha e cuspiu através dos lábios franzidos.

“Então aqui está o frigobar”. Harry abriu a porta da pequena geladeira. Singha, miniaturas de Johnnie Walker e de Canadian Club, uma garrafa de vinho branco. Nada parecia ter sido tocado.

“O que mais temos para ver”? Harry virou-se para os dois jovens oficiais.

Eles trocaram olhares e, em seguida, um deles apontou o carro estacionado.

“O carro”.

Eles foram lá fora, onde havia um Mercedes azul escuro, novo, com placas diplomáticas. Um dos policiais abriu a porta do motorista.

“A chave”? Harry perguntou.

“Ela estava no bolso do paletó do...” O oficial apontou para o quarto do motel.

“Impressões digitais”?

O jovem olhou para a inspetora com um olhar resignado. Ela tossiu.

“Obviamente nós verificamos a chave procurando impressões, Hole”.

“Eu não estava perguntando se você colheu as impressões, mas o que você encontrou”.

“As dele. Caso contrário teríamos lhe informado desde o início”.

Harry mordeu a língua.

Os bancos e assoalho da Mercedes estavam repletos de lixo. Harry notou algumas revistas, cassetes, maços de cigarros vazios, uma lata de Coca-Cola e um par de sandálias.

“O que mais você descobriu”?

Nho pegou uma lista e leu para Harry.

“Pare”, disse Harry. “Você poderia repetir o último item”?

“Cupons de apostas em corridas de cavalos, senhor”.

“O embaixador obviamente gostava de apostar de vez em quando”, disse Crumley. “Esporte muito popular na Tailândia”.

“E o que é isto”?

Harry inclinou-se sobre o lado do motorista e pegou uma pequena cápsula parcialmente enterrada debaixo do tapete entre o regulador do assento e o tapete.

O oficial olhou para sua lista, mas teve que desistir.

“Ecstasy líquido vem em cápsulas como essa”, disse Crumley, que se aproximou para ver mais de perto.

“Ecstasy”? Harry balançou a cabeça. “Democratas-cristãos de meia-idade podem transar por aí, mas eles *não* consomem E”.

“Nós vamos ter que conferir isso”, disse Crumley. Harry podia ver em seu rosto que ela não estava muito contente por não ter visto a cápsula.

“Vamos dar uma olhada na parte de trás”, disse ele.

O porta malas era tão limpo e arrumado como o interior era bagunçado.

“Um homem de hábitos ordeiros”, disse Harry. “As mulheres da família tem o reinado supremo dentro do carro, mas ele não as deixa tocar no porta malas”.

Uma caixa de ferramentas bem equipada brilhava na luz da lanterna de Crumley. Ela estava impecável; só gesso na ponta de uma chave de fenda revelava que tinha sido usada.

“Um pouco mais de vitimologia, pessoal. Meu palpite é que Molnes não era um homem prático. Esta caixa de ferramentas nunca chegou perto do motor de um carro. No máximo, a chave de fenda foi usada para pendurar uma foto de família”.

Um mosquito aplaudiu na sua orelha. Harry afastou-o e sentiu que sua pele molhada estava fria ao toque. O calor não tinha diminuído, mesmo que o sol já tivesse baixado. Agora o vento soprava e parecia como se a umidade estivesse subindo do chão sob seus pés e se condensando no ar, de modo que era quase bebível.

Ao lado do pneu sobressalente estava o macaco, aparentemente, também nunca utilizado, e uma pasta de couro fino, marrom, do tipo que você espera encontrar no carro de um diplomata.

“O que tem na pasta”? Harry perguntou.

“Está trancada”, disse Crumley. “O carro é, oficialmente falando, território da embaixada, portanto, não está sob nossa jurisdição. Então não tentamos abri-la. Mas agora que a Noruega está representada talvez nós possamos...”

“Desculpe, eu não tenho status diplomático”, Harry disse, tirando a pasta fora do porta malas e colocando-a no chão. “Mas posso afirmar que a pasta não está mais em território norueguês, então eu sugiro que você abra, enquanto eu vou à recepção e falo com o proprietário do motel”.

Harry passeou por toda a área de estacionamento. Seus pés estavam inchados depois do voo, uma gota de suor escorria pelo lado de dentro de sua camisa, fazendo cócegas, e ele estava desesperado por uma bebida. Além disso, este caso não parecia ser tão ruim para se tornar muito grave. Já se havia passado um longo tempo desde seu último trabalho *grave*. Ele percebeu que o 'm' tinha se apagado.

*‘Wang Lee, gerente’* informava o cartão de visita que o homem atrás do balcão passou para Harry, presumivelmente um toque sutil para ele voltar

noutro dia. O homem magro com camisa florida tinha sono nos cantos dos olhos e olhou como se ele definitivamente não quisesse ter nenhuma conversa com Harry agora. Ele começou a folhear uma pilha de papéis e grunhiu quando olhou para cima e viu Harry ainda parado lá.

“Estou vendo que você é um homem muito ocupado”, disse Harry. “Por isso, sugiro que façamos isto o mais rápido possível. Eu sei que sou um estrangeiro e não sou do seu país...”.

“Não tailandês. Chinês”, ele ouviu, acompanhado por outro grunhido.

“Bem, então, você também é um estrangeiro. O ponto é...”.

De trás do balcão veio um par de suspiros que poderia ter sido um riso de escárnio. O proprietário do motel tinha de qualquer modo aberto a boca.

“Não estrangeiro. Chinês. Nós fazemos a Tailândia funcionar. Sem chineses, nenhum negócio”.

“Tudo bem. Você é um homem de negócios, Wang. Então me deixe fazer-lhe uma proposta. Você gerencia um bordel aqui e você pode folhear papéis, o tanto quanto quiser, mas é assim que é”.

Wang balançou a cabeça com firmeza. “Não prostitutas. Motel. Alugar quartos”.

“Relaxa, eu só estou interessado no assassinato, meu trabalho não é o prender cafetões. A não ser que eu queira fazer por minha conta. Vamos a proposta. Aqui na Tailândia ninguém se preocupa com pessoas como você, simplesmente existem muitos de vocês. Denuncia-lo para a polícia não é o suficiente, também. Eu estou supondo que você pode colocar alguns baht dentro de um envelope pardo para evitar ser incomodado por esse tipo de coisa. É por isso que você não está particularmente com medo de nós”.

O proprietário do motel repetiu o balançar de cabeça.

“Não dinheiro. Ilegal”.

Harry sorriu. “A última vez que pesquisei, a Tailândia era o terceiro país na tabela de corrupção mundial. Por favor, seja gentil e não me trate como um idiota”.

Harry assegurou que sua voz estivesse baixa. Ameaças geralmente funcionam melhor quando feitas em um tom neutro.

“O seu problema, e o meu, no entanto, é que o cara que foi encontrado no quarto do motel é um diplomata do meu país. Se eu tiver que informar que nós suspeitamos que ele morreu em um bordel, de repente torna-se uma questão política e seus amigos na polícia não poderão ajudá-lo. As autoridades vão se sentir obrigadas a fechar este lugar e leva-lo para a

prisão. Para mostrar boa vontade, para mostrar que eles estão mantendo a lei e a ordem, certo”?

Era impossível ver no rosto inexpressivo se ele tinha ficado assustado.

“Por outro lado, se eu informar que a mulher tinha combinado se encontrar com o homem, e o motel foi uma escolha aleatória...”.

O homem olhou para Harry. Ele piscou, apertando os olhos, como se tivesse um grão de poeira neles. Então ele se virou, puxou uma cortina que escondia a abertura da porta e acenou para Harry segui-lo. Atrás da cortina havia uma pequena sala com uma mesa e duas cadeiras, e o homem fez sinal para Harry se sentar. Ele pôs um copo na frente de Harry e serviu chá de um bule. Havia um forte aroma de hortelã-pimenta que fez seus olhos ficarem espertos.

“Nenhuma das meninas quer trabalhar, porque o corpo ainda está lá”, disse Wang. “Com que rapidez você pode removê-lo”?

Empresários são empresários em todo o mundo, pensou Harry, acendendo um cigarro.

“Depende de quão rapidamente podemos chegar ao fundo do que se passou aqui”.

“O homem chegou aqui em torno das nove da noite e disse que queria um quarto. Ele folheou o catálogo e disse que queria Dim, ele só precisava descansar um pouco antes. Disse-me para avisar quando ela chegasse. Eu disse que ele tinha que pagar a taxa por hora de qualquer maneira. Ele disse que tudo bem e levou a chave”.

“O catálogo”?

O homem passou-lhe algo que, de fato, se assemelhava a um catálogo. Harry folheou. Havia fotos de jovens tailandesas em uniformes de enfermeira, em meias arrastão, em espartilhos de couro apertados, com um chicote, com uniformes colegiais e tranças, e até mesmo com uniformes da polícia. Abaixo das fotos, sob o título DADOS PESSOAIS tinha a idade de cada menina, os preços e a experiência. Harry notou que todas elas alegavam que tinham entre dezoito e vinte e dois. Os preços variavam entre 1000 e 3000 baht e quase todas as meninas tinham aparentemente concluído um curso de línguas e trabalhavam como enfermeiras.

“Ele estava sozinho”? Harry perguntou.

“Sim”.

“Ninguém mais no carro”?

Wang sacudiu a cabeça.

“Como você pode ter tanta certeza disso? A Mercedes tem vidros escuros e você estava sentado aqui”.

“Eu costumo sair e verificar. Talvez eles tenham amigos com eles. Então eles têm que pagar por quarto duplo”.

“Eu entendo. Quarto duplo, preço duplo”?

“Não dobrar de preço”. Wang mostrou os dentes novamente. “Mais barato para compartilhar”.

“O que aconteceu então”?

“Não sei. Homem dirigiu o carro até número 120, onde ele está agora. É na parte de trás, então eu não posso vê-lo na escuridão. Liguei Dim e ela veio e esperou. Depois de um tempo eu mandei ela para ele”.

“E como Dim estava vestida? Como um condutor de bonde”?

“Não, não, não”. Wang folheou até a última página do catálogo e orgulhosamente mostrou a foto de uma jovem tailandesa com um vestido curto coberto de lantejoulas prateadas, patins brancos e um grande sorriso. Ela estava fazendo uma reverência com os tornozelos cruzados e os braços para os lados, como se tivesse acabado de realizar uma performance sensacional. Seu rosto estava salpicado de sardas vermelhas.

“E esta, supostamente, deve ser...”? Harry disse em dúvida, lendo o nome sob a foto.

“Sim, sim, claro. Tonya Harding. [\(8\)](#) Aquela que matou outra garota americana, uma bonita”.

“Eu não acho que ela realmente tenha...”.

“Dim pode ser ela mesma também, se você quiser...”.

“Não, obrigado”, disse Harry.

“É muito popular. Especialmente com os americanos. Ela pode chorar, se quiser”. Wang correu os dedos pelo rosto.

“Ela o encontrou no quarto com uma faca enfiada nas costas. O que aconteceu depois disso”?

“Dim correu aqui gritando”.

“Usando patins”?

Wang deu a Harry um olhar de reprovação. “Patins vem depois que calcinha cair”.

Harry podia visualizar o lado prático do arranjo e acenou-lhe para seguir em frente.

“Nada mais a dizer, detetive. Fomos para o quarto e olhamos de novo, então eu tranquei a porta e liguei para polícia”.

“Então, de acordo com Dim a porta não estava trancada, quando ela chegou lá. Ela disse alguma coisa sobre ela estar aberta ou estava apenas destrancada”?

Wang encolheu os ombros. “Porta estava fechada, mas não trancada. Isso é importante”?

“Nunca se sabe. Você viu mais alguém perto do quarto naquela noite”?

Wang sacudiu a cabeça.

“E onde está o livro de registros”? perguntou Harry. Ele estava ficando cansado agora.

A cabeça do proprietário do motel disparou. “Não livro de registros”.

Harry observou-o em silêncio.

“Não livro de registros”, Wang repetiu. “Por que eu preciso de um? Ninguém vai vir se tiver que registrar seus nomes e endereços”.

“Eu não sou estúpido, Wang. Ninguém pensa que eles estão sendo registrados, mas você mantém uma lista. Apenas para o caso... VIP’s vem e vão e poderia ser bom ter um livro de registros para por na mesa, se você tiver algum problema, um dia, né”?

O proprietário do motel piscou como um sapo.

“Não se faça de difícil agora, Wang. As pessoas que não têm nada a ver com o assassinato não têm nada a temer. Especialmente figuras públicas. Palavra de honra. Agora. Livro, por favor”.

Era um caderninho, e Harry examinou as páginas cobertas em caracteres tailandeses.

“Um dos outros virão e vão fazer uma copia”, disse ele.

Os três oficiais estavam esperando junto da Mercedes. Os faróis estavam acesos e iluminavam a pasta, que estava aberta no chão do pátio.

“Será que você encontrou alguma coisa”?

“Parece que o embaixador tinha predileções sexuais incomuns”.

“Eu sei. Tonya Harding. Eu chamo *aquilo* de perversão”.

“Quando é que poderemos falar com Dim”?

“Nós vamos convoca-la amanhã. Ela está trabalhando hoje à noite”.

Harry parou em frente da pasta. Os detalhes das fotografias em preto-e-branco vieram à tona na luz amarela dos faróis. Ele congelou. Claro que ele tinha ouvido falar sobre isso, ele tinha até mesmo lido os relatórios e conversado com os colegas do Departamento de Vícios sobre isso, mas foi a primeira vez que Harry tinha *visto* uma criança sendo fodida por um adulto.



## Sexta-Feira 10 de Janeiro

Eles dirigiam pela Sukhumvit Road, onde hotéis de três estrelas, moradias de luxo e barracos de madeira e telhado de zinco ficavam lado a lado. Harry não via nada disso; seu olhar parecia estar fixo em um ponto em linha reta na frente dele.

“O tráfego está melhor agora”, disse Crumley.

“Sim”.

Ela sorriu sem mostrar os dentes. “Desculpe, mas em Bangkok falamos sobre o tráfego enquanto em outros lugares falam sobre o tempo. Você não precisa viver aqui por muito tempo para descobrir o porquê. O clima é o mesmo de agora até maio. Dependendo da monção começa a chover em algum momento no final do verão. E então a chuva se derrama por três meses. Tudo o que há para dizer sobre o tempo é que está quente. Nós nos dizemos isso um ao outro o ano todo, mas esse não é o tema mais interessante para uma conversa”.

“Mm”.

“O trânsito, por outro lado, determina nossas vidas diárias em Bangkok mais do que quaisquer malditos tufões. Eu nunca sei quanto tempo vou demorar para chegar no trabalho. Pode levar 40 minutos, pode demorar quatro horas. Há dez anos demorava 25 minutos”.

“Então o que aconteceu”?

“Crescimento. Os últimos 20 anos têm sido um longo boom econômico. Este é o lugar onde estão os empregos, e a população rural vêm para cá como uma enchente. Mais pessoas que viajam para trabalhar todas as manhãs, mais bocas para alimentar e mais demanda por transporte. Os políticos nos prometem novas estradas e depois é só esfregar as mãos de contentamento com a forma como as coisas estão indo bem”.

“Nada de errado com os novos tempos então”?

“Não que eu inveje as pessoas com TVs em suas cabanas de bambu, mas o maldito crescimento aconteceu rápido demais. E se você quer minha opinião, o crescimento pelo crescimento é a lógica de uma célula cancerosa. Às vezes eu fico quase feliz porque atingimos o limite no ano passado. Você pode sentir o seu efeito sobre o tráfego”.

“Você quer dizer que já foi pior do que isto”?

“Claro. Olhe lá...”.

Crumley apontou para uma área de estacionamento gigantesca, onde centenas de betoneiras estavam estacionadas em linhas.

“Há um ano este estacionamento estava quase vazio, mas agora ninguém está construindo mais, então a frota foi desativada, como você pode ver. E as pessoas só vão aos shoppings porque lá têm ar condicionado, elas realmente não frequentam as lojas”.

Seguiram em silêncio por um tempo.

“Quem você acha que está por trás dessa merda”? Harry perguntou.

“Especuladores”.

Ele olhou para ela, sem entender. “Eu estou falando sobre as fotos”.

“Oh”. Ela olhou para ele. “Você não gostou daquilo, não é”.

Ele deu de ombros. “Eu sou uma pessoa intolerante. Eu não consigo deixar de pensar na pena de morte”.

A inspetora olhou para o relógio. “Passaremos por um restaurante no caminho para o seu apartamento. O que você diria de um curso intensivo de comida tailandesa tradicional”?

“Está bem. Mas você não respondeu minha pergunta”.

“Quem está por trás das fotos? Harry, há provavelmente mais pervertidos na Tailândia por centímetro quadrado do que em todo o mundo, pessoas viajam para cá porque temos uma indústria do sexo que atende a todas as necessidades. E eu quero dizer *todas* as necessidades. Como diabos eu deveria saber quem está por trás de algumas fotos”?

Harry fez uma careta e balançou a cabeça de lado a lado. “Eu só estava perguntando. Não houve, alguns anos atrás, um caso sobre um embaixador que era pedófilo”?

“Sim, nós flagramos um caso de abuso sexual infantil envolvendo uma série de pessoas de embaixadas, entre elas o embaixador australiano. Muito constrangedor”.

“Mas não para a polícia, não foi”?

“Você está louco? Para nós foi como ganhar a Copa do Mundo e um Oscar, ao mesmo tempo. O primeiro-ministro enviou seus parabéns, o Ministro do Turismo ficou em êxtase e medalhas choveram sobre nós. Isso tem um grande impacto sobre a credibilidade da força, você sabe”.

“Então que tal começarmos lá”?

“Eu não sei. Primeiro, todo mundo que estava envolvido naquele caso ou está atrás das grades ou foi deportado. Segundo, eu não estou convencida de que as fotos têm algo a ver com o assassinato”.

Crumley entrou em um estacionamento onde um atendente apontou para uma vaga impossível entre dois carros. Ela apertou um botão e os componentes eletrônicos zumbiram enquanto as grandes janelas de ambos os lados do veículo abaixaram. Então ela colocou o carro em marcha a ré e colocou o pé no acelerador.

“Eu não acho...” Harry começou a dizer, mas a inspetora já havia estacionado. Os retrovisores laterais chacoalharam.

“Como é que vamos sair”? Perguntou.

“Não é bom se preocupar demais, detetive”.

Usando os dois braços ela enfiou-se através da janela, colocou um pé no para-brisa e pulou na frente do jipe. Com muita dificuldade Harry conseguiu realizar o mesmo feito.

“Você vai aprender”, disse ela e começou a andar. “Bangkok é apertada”.

“E o rádio”? Harry olhou para as janelas convidativamente abertas. “Você acha que ainda vai estar lá quando voltarmos”?

Ela mostrou seu distintivo da polícia para o atendente, que se endireitou com um solavanco.

“Claro”.

“Não há impressões digitais na faca”, disse Crumley com um estalo de satisfação com os seus lábios. A *Sôm-tam*, uma espécie de salada de mamão verde, não tinha um gosto tão estranho quanto Harry tinha imaginado. Na verdade, era gostosa. É picante.

Ela chupou a espuma da cerveja com um som alto. Ele olhou em volta para os outros clientes, mas ninguém pareceu notar, provavelmente porque foi abafado pela música da orquestra de cordas que tocava no palco nos fundos do restaurante, que por sua vez era abafada pelo tráfego. Harry decidiu que iria beber duas cervejas. Então parar. Ele poderia comprar uma embalagem de seis no caminho para o apartamento.

“A ornamentação do punho. Qualquer informação sobre ela e sua origem”?

“Nho pensa que a faca pode ser do norte, das tribos das montanhas da província de Chiang Rai ou ao redor. Algo a ver com as peças embutidas no vidro colorido. Ele não tem certeza, mas em qualquer caso, não é o tipo padrão de faca que você pode comprar em lojas por aqui, por isso vamos

envia-la para um professor de história da arte do Museu Benchamabophit amanhã. Ele sabe tudo o que há para saber sobre facas antigas”.

Liz acenou, e o garçom veio e serviu uma fumegante espécie de sopa de coco de uma terrina.

“Cuidado com as coisinhas brancas. E as vermelhas. Eles vão te queimar”, ela disse, apontando com uma colher. “Ah, e as verdes, também”.

Harry olhou com ceticismo para as diferentes substâncias flutuando e girando na sua tigela de sopa.

“Há alguma coisa aqui que eu *posso* comer”?

“As raízes de *galanga*, o gengibre tailandês, são legais”.

“Você tem alguma teoria”? Harry perguntou em voz alta para abafar o ruído que ela fazia ao sugar a sopa.

“Sobre quem poderia ser o assassino? Sim, é claro. Muitas. Em primeiro lugar, pode ser a prostituta. Ou o proprietário do motel. Ou as duas coisas”.

“E qual seria o motivo”?

“Dinheiro”.

“Havia quinhentos baht na carteira de Molnes”.

“Se ele tirou a carteira na recepção e Wang viu que ele tinha um pouco de dinheiro, o que é bastante provável, a tentação pode ter sido demais para ele. Wang não teria sabido que o homem era um diplomata e que a coisa iria feder tanto”.

Crumley segurava o garfo no ar e se inclinou para frente com entusiasmo.

“Eles esperaram até que o embaixador foi para o quarto, bateram na porta e esfaquearam-no quando ele virou as costas. Ele caiu para frente na cama, eles esvaziaram a carteira, mas deixaram quinhentos para que tudo não se parecesse com um roubo. Em seguida, eles esperaram três horas e chamaram a polícia. E Wang deve ter um amigo na polícia que vai se dedicar para que tudo corra bem. Nenhum motivo, nenhum suspeito, todos ansiosos para varrer um incidente envolvendo prostituição para debaixo do tapete. Próximo caso”.

Os olhos de Harry se arregalaram de repente. Ele pegou o copo de cerveja e levou-o à boca.

Crumley sorriu. “Uma das vermelhas”?

Ele recuperou o fôlego.

“Não é uma má teoria, inspetora, mas há uma falha”, ele sussurrou, engasgado, com uma voz gutural.

Ela franziu a testa. “Explique-me então”?

“Wang mantém um livro de registros particular, provavelmente repleto de nomes de políticos e funcionários públicos. Cada hóspede é registrado, juntamente com a data e hora. Para ter alguma defesa, se alguém resolver fazer um alarido sobre seu estabelecimento. Mas dificilmente ele pedirá a identidade quando aparece um hóspede cujo rosto ele não reconhece. Então, o que ele faz é acompanha-lo lá fora, sob o pretexto de ter certeza de que não há mais ninguém no carro, certo? para descobrir quem ele é”.

“Agora eu não entendi”.

“Ele anota a placa do carro, OK? Para depois consultar no Registro de Veículos. Quando ele viu as placas azuis na Mercedes ele soube imediatamente que Molnes era um diplomata”.

Crumley estudou-o cuidadosamente. Então ela virou-se para a mesa ao lado, com os olhos bem abertos. O casal estremeceu em suas cadeiras e ativamente concentrou-se em sua comida.

Ela coçou a perna com um garfo.

“Não choveu durante três meses”, disse ela.

“Desculpe”?

Ela acenou com a mão pedindo a conta.

“O que isso tem a ver com o caso”? Harry perguntou.

“Não muito”, disse ela.

Eram quase três da manhã. O barulho da cidade era abafado pelo zumbido sistemático do ventilador na mesa de cabeceira. No entanto, Harry podia ouvir o caminhão pesado passando sobre a Ponte Taksin e o rugido de um barco solitário partindo de um dos atracadouros do Chao Phraya.

Quando ele destrancou a porta do apartamento tinha visto uma luz vermelha piscando no telefone e depois de apertar alguns botões escutou duas mensagens. A primeira era da Embaixada da Noruega. Tonje Wiig, Encarregada de Negócios, tinha uma voz anasalada e soava como se ela fosse da Oslo mais sofisticada e rica - Oslo Oeste - ou tinha um forte desejo de morar lá, mas provavelmente era do interior. Ela disse para Harry se apresentar na embaixada no dia seguinte, as dez, mas depois mudou para as doze quando descobriu que teria uma reunião as dez e quinze.

A outra mensagem era de Bjarne Møller. Ele desejou sorte para Harry, não mais do que isso. Parecia que ele não gostava de falar com secretárias eletrônicas.

Harry estava deitado na cama piscando na escuridão. Ele não tinha comprado a embalagem de cerveja afinal. E as injeções de B12 ainda estavam na mala. Uma vez, depois de se embriagar em Sydney ele tinha sido levado para a cama desacordado sem conseguir mexer suas pernas, mas depois de uma injeção da vitamina ele se levantou como Lázaro. Ele suspirou. Quando foi que tinha realmente se decidido? Quando foi designado para o trabalho em Bangkok? Não, foi antes disso. Várias semanas atrás, ele havia estabelecido um prazo: o aniversário de Sis. Deus sabe por que ele tinha tomado aquela decisão. Talvez ele estivesse cansado de não estar presente. Os dias chegavam e passavam sem que ele percebesse. Algo assim. Ele estava cansado da discussão sobre o porquê do velho Bardolph <sup>(9)</sup> não querer beber agora. Quando Harry tomava uma decisão era inabalável; era inexorável e fim. Sem concessões, sem subterfúgios. ‘Eu posso parar em qualquer dia que eu quiser’. Quantas vezes tinha ouvido homens no Schröder tentando convencer a si mesmos de que eles não eram velhos bêbados cheios de álcool no sangue? Ele tinha seu sangue tão cheio quanto qualquer um deles, mas ele era o único que sabia que podia realmente parar quando quisesse. O aniversário seria somente daqui a algumas semanas, mas como Aune estava certo sobre essa viagem ser um bom ponto de partida Harry tinha decidido antecipar. Harry gemeu e rolou para o outro lado.

Ele se perguntou o que Sis estaria fazendo, se ela se atreveu a aventurar-se nas noites. Se ela tinha ligado para o pai como havia prometido. E se tivesse, se ele conseguira conversar com ela, além de responder somente com um sim ou um não.

Passava das três da madrugada, e apesar de ser apenas nove na Noruega ele não tinha dormido muito nas últimas 36 horas e deveria ter adormecido sem nenhum problema. No entanto, cada vez que fechava os olhos, ele via a imagem de um menino tailandês nu, iluminado por faróis, em sua retina, então ele preferiu mantê-los abertos por mais algum tempo. Talvez ele devesse ter comprado a embalagem, afinal. Quando ele finalmente dormiu, o rush matutino sobre a Ponte Taksin já havia começado.

## 8

### Sábado 11 de Janeiro

No décimo sétimo andar, atrás de uma porta de carvalho e de dois postos de controle de segurança, Harry encontrou uma placa de metal com o leão norueguês. A recepcionista, uma tailandesa jovem, graciosa, com uma boca pequena, o nariz ainda menor e dois olhos castanhos aveludados num rosto redondo, estudou sua carteira de identidade com um olhar severo. Então ela levantou o telefone, sussurrou três sílabas e desligou-o.

“O escritório da senhorita Wiig é o segundo da direita, senhor”, disse ela com um sorriso tão radiante que Harry considerou a hipótese de se apaixonar de imediato.

“Entre”, Harry ouviu, depois de bater na porta. No interior, Tonje Wiig estava inclinada sobre uma grande mesa de teca, obviamente atarefada, fazendo anotações. Ela olhou para cima, colocou um leve sorriso no rosto, levantou um corpo magro, vestido num terno de seda branca, de sua cadeira e caminhou em direção a ele com uma mão estendida.

Tonje Wiig era o oposto da recepcionista. O nariz, a boca e os olhos disputavam por espaço num rosto alongado e o nariz parecia levar vantagem. Parecia um grande tubérculo, mas pelo menos garantia que havia um pouco de espaço entre seus grandes olhos fortemente maquiados. Não que a senhorita Wiig fosse feia, não, alguns homens podiam até declarar que aquele rosto tinha certa beleza clássica.

“Tão bom que você finalmente já está aqui, detetive. Lamentável ser nestas circunstâncias tristes”.

Harry mal tinha tocado nos dedos ossudos antes deles serem retirados.

“Nós gostaríamos muito de ter este caso encerrado o mais rápido possível”, disse ela, esfregando uma narina com cuidado para não borrar a maquiagem.

“Também anseio por isso”.

“Estes dias têm sido difíceis para nós, e pode parecer cruel, mas o mundo continua e nós também. Algumas pessoas acreditam que tudo o que diplomatas fazem é frequentar festas e se divertirem, mas nada poderia estar mais longe da verdade, posso afirmar. Neste exato momento eu tenho oito noruegueses no hospital e seis na prisão, quatro deles por posse de narcóticos. Você já viu as prisões daqui? Terríveis. O *Verdens Gang* <sup>(10)</sup> liga todos os dias. Acontece que ainda por cima uma delas está grávida. E no

mês passado, em Pattaya, um norueguês morreu depois de ser atirado de uma janela. É a segunda vez em um ano. Um estardalhaço terrível”.

Ela balançou a cabeça em desespero.

“E, se alguém perde seu passaporte ou o ticket de viagem você acha que eles têm Seguro de Viagem ou dinheiro para um novo bilhete? Não, nós temos que cuidar de tudo. Então, como você pode ver, é importante que as coisas se mantenham em movimento aqui”.

“Entendo que você está no comando agora que o embaixador está morto”.

“Eu sou a Encarregada de Negócios, sim”.

“Quanto tempo levará até que um novo embaixador seja nomeado”?

“Não muito tempo, eu espero. Normalmente demora um mês ou dois”.

“Eles não estão preocupados em deixar você assumindo toda a responsabilidade”?

Tonje Wiig deu um sorriso irônico. “Não foi isso que eu quis dizer. Na verdade eu trabalhei aqui como Encarregada de Negócios por seis meses antes deles enviarem Molnes. Eu só estou dizendo que espero que haja uma solução permanente o mais rápido possível”.

“Então você está contando com a possibilidade de se tornar a nova embaixadora”.

“Bem”. Ela sorriu melancolicamente. “Isso não seria antinatural. Mas nunca se sabe como o Ministério dos Negócios Exteriores vai agir”. Uma sombra surgiu e um copo apareceu na frente de Harry.

“Você bebe Chaa Ráwn”? Tonje Wiig perguntou.

“Eu não sei”.

“Oh, minhas desculpas”, ela riu. “Eu esqueço tão depressa que os outros são novos aqui. Chá preto Tailandês. Eu tomo o chá da tarde aqui na Tailândia, sabe? Mesmo que, a rigor, deveria ser depois das duas horas, segundo a tradição Inglesa”.

Harry disse que sim, e da próxima vez que olhou para baixo alguém já enchera seu copo.

“Eu pensava que esse tipo de tradição tivesse morrido com os colonialistas”.

“A Tailândia nunca foi uma colônia”, ela sorriu. “Nem da Inglaterra, nem da França, como seus vizinhos. Os tailandeses são muito orgulhosos disso. Um pouco orgulhosos demais, se você me perguntar. Um pouco de influência Inglesa nunca fez mal a ninguém”.

Harry pegou um bloco de notas e perguntou se era concebível que o embaixador pudesse ter se envolvido em qualquer coisa duvidosa.

“Duvidosa, Hole”?

Ele explicou, de forma concisa o que ele quis dizer com ‘duvidosa’: que em setenta por cento dos homicídios a vítima estava envolvida em algo ilegal.

“Ilegal? Molnes”? Ela balançou a cabeça energicamente. “Ele não é... não era do tipo”.

“Você sabe se ele poderia ter tido algum inimigo”?

“Não é possível imaginar que ele tivesse. Ele era muito querido. Por que você pergunta? Certamente este não pode ser um assassinato político”.

“Sabemos muito pouco no momento, por isso estamos mantendo todas as linhas de investigação em aberto”.

Tonje Wiig explicou que Molnes tinha ido direto para uma reunião depois do almoço na terça-feira em que ele morreu. Ele não disse onde, mas isso não era incomum.

“Ele sempre estava com o seu telefone celular, para que pudéssemos entrar em contato se fosse necessário”.

Harry pediu para ver seu escritório. Tonje Wiig teve de destrancar mais duas portas, instaladas ‘por razões de segurança’. A sala estava intacta, como Harry tinha pedido antes que deixasse Oslo, e havia uma confusão de papéis, pastas e souvenirs que ainda não tinham sido colocados em prateleiras ou pendurados nas paredes.

O casal real norueguês olhava para eles majestosamente, sobre as pilhas de papel e para fora da janela com vista para um espaço verde que Wiig disse ser o Queen Sirikit Park.

Harry encontrou uma agenda, mas não havia muitas anotações nela. Ele verificou o dia do assassinato. *Man U* - Manchester United, a menos que ele estivesse muito enganado. Talvez um jogo de futebol que ele queria ver, Harry pensou, abrindo respeitosamente algumas gavetas, mas logo percebeu que fazer uma busca no escritório do embaixador, sem saber o que estava procurando, era uma tarefa inútil.

“Eu não vejo o telefone celular”, disse Harry.

“Como eu já disse - ele sempre carregava com ele”.

“Nós não encontramos um celular na cena do crime. E eu não acho que o assassino era um ladrão”.

Tonje Wiig encolheu os ombros. “Talvez alguns dos seus colegas tailandeses ‘confiscaram-no’ ”?

Harry preferiu não responder e, em vez disso, perguntou se alguém tinha ligado para ele na embaixada no dia em questão. Ela estava em dúvida, mas prometeu investigar. Harry deu uma última olhada ao redor da sala.

“Quem foi a última pessoa a ver Molnes na embaixada”?

Tentou recordar. “Deve ter sido Sanphet, o motorista. Ele e o embaixador eram muito bons amigos. Ele se sentiu muito mal ao saber do ocorrido, então eu dei-lhe alguns dias de folga”.

“Por que ele não estava dirigindo no dia do crime, já que é o motorista”?

Ela deu de ombros novamente. “Eu me perguntei o mesmo. O embaixador não gostava de dirigir em Bangkok por conta própria”.

“Mmm. O que você pode dizer sobre o motorista”?

“Sanphet? Ele trabalha aqui há tanto tempo que ninguém se lembra. Ele nunca esteve na Noruega, mas ele pode falar de memória todas as cidades. E os reis. Sim, e ele adora Grieg. Eu não sei se ele tem toca-discos em casa, mas eu acho que ele tem todos os discos. Ele é um senhor de idade tão doce”.

Ela inclinou a cabeça e revelou suas gengivas.

Harry perguntou se ela sabia onde poderia encontrar Hilde Molnes.

“Ela está em casa. Terrivelmente abalada emocionalmente, eu receio. Eu o aconselharia a esperar um pouco mais antes de falar com ela”.

“Obrigado por sua assessoria, Fröken Wiig, <sup>(11)</sup> mas espera é um luxo que não podemos pagar. Poderia fazer a gentileza de telefonar-lhe e dizer-lhe que eu estou indo visita-la”?

“Entendo. Sinto muito”.

“De qual cidade você é, Fröken Wiig”?

Tonje Wiig olhou para ele com surpresa. Então ela deu uma risada forçada. “Isto é supostamente um interrogatório, Hole”?

Harry não respondeu.

“Se você tem que saber realmente, eu nasci em Fredrikstad”.

“Isso é o que eu pensei que iria ouvir”, ele disse com uma piscadela.

A jovem simpática da recepção estava recostada na cadeira e segurava um vidro de perfume no nariz. Quando Harry discretamente pigarreou ela

teve um sobressalto e riu encabulada, com os olhos cheios de água.

“Desculpe, o ar em Bangkok é muito ruim”, explicou.

“Já notei. Você poderia me dar o número do telefone do motorista”?

Ela balançou a cabeça e respondeu rispidamente. “Ele não tem telefone”.

“Está bem. Ele tem um lugar onde morar”?

Era para ser uma brincadeira, mas ele via em seu rosto que ela não apreciou. Ela anotou o endereço e deu-lhe um pequeno sorriso de despedida.

## Sábado 11 de Janeiro

Um criado estava de pé na porta enquanto Harry se aproximava pelo caminho entre o gramado que levava até a entrada da residência do embaixador. Ele conduziu Harry através de duas grandes salas, agradavelmente decoradas em ratan e teca, até a porta do terraço que dava para o jardim atrás da casa. As orquídeas brilhavam em amarelo e azul, e as borboletas se agitavam em volta, como papel colorido, sob as grandes árvores de salgueiro que ofereciam sombra. Eles encontraram a esposa do embaixador, Hilde Molnes, na piscina em forma de ampulheta. Ela estava sentada numa cadeira de vime vestida com uma túnica cor de rosa, uma bebida sobre a mesa à sua frente, e óculos escuros que cobriam metade do rosto.

“Você deve ser o detetive Hole”, ela disse com sotaque de Sunnmøre. “Tonje disse que estava a caminho. Uma bebida, detetive”?

“Não, obrigado”.

“Oh, você devia. É importante beber neste calor, você sabe. Pense nos seus níveis de líquidos, mesmo que você não esteja com sede. Aqui você pode se desidratar antes que seu corpo possa informar”.

Ela tirou os óculos de sol, e Harry viu, como já havia adivinhado pelo seu cabelo negro-corvo e pele morena, que ela tinha olhos castanhos. Eles eram joviais, mas avermelhados. Tristeza ou a bebida antes do jantar, Harry pensou. Ou os dois.

Ele estimou sua idade em quarenta e poucos anos, mas ela era bem conservada. Uma beleza um pouco desbotada de mulheres de meia-idade da classe média-alta. Ele já as tinha visto antes.

Ele se sentou na outra cadeira de vime, que se envolveu em torno de seu corpo como se soubesse que ele estava chegando.

“Nesse caso, eu vou tomar um copo de água, fru Molnes”.

Ela informou o criado e dispensou-o.

“Já lhe disseram que agora você já pode ir ver o seu marido”?

“Sim. Obrigado”, disse ela. Harry notou um tom seco. “Agora eles me deixam vê-lo. Um homem com quem eu fui casada por 20 anos”.

Os olhos castanhos se tornaram pretos, e Harry refletiu que provavelmente era verdade que muitos dos marinheiros portugueses e

espanhóis que naufragaram tinham flutuado à deriva até as praias da costa de Sunnmøre.

“Eu sou obrigado a fazer algumas perguntas”, disse ele.

“Então é melhor fazê-lo agora, enquanto o gin ainda está trabalhando”.

Ela balançou uma perna bronzeada e magra sobre o joelho.

Harry pegou um bloco de notas. Não que precisasse fazer anotações, mas isso significava que ele não teria que olha-la enquanto ela respondia. Como regra geral isso tornava a conversa com os parentes mais fácil.

Ela disse que seu marido tinha saído de casa de manhã e não havia mencionado nada sobre voltar para casa tarde, mas não era incomum que isso acontecesse. Quando já eram dez da noite e ainda não tinha recebido nenhum telefonema dele ela tentou ligar, mas não obteve uma resposta tanto do escritório como do celular. No entanto, ela não ficou preocupada. Logo após a meia-noite Tonje Wiig tinha ligado e disse que seu marido fora encontrado morto em um quarto de motel.

Harry estudou o rosto de Hilde Molnes. Ela falava com uma voz firme e sem gestos dramáticos.

Tonje Wiig tinha dado a Hilde Molnes a impressão de que eles não sabiam qual era a causa da morte ainda. No dia seguinte, a embaixada informou-lhe que ele tinha sido assassinado, mas no que diz respeito à causa da morte, as instruções de Oslo eram para manter o sigilo absoluto. Isso incluía Hilde Molnes, mesmo que ela não fosse funcionária da embaixada, porque todos os cidadãos noruegueses podiam não ser informados de fatos se as considerações de segurança do Estado o exigissem. Ela disse a última frase com profundo sarcasmo e levantou a taça para um brinde.

Harry apenas balançou a cabeça e tomou notas. Ele perguntou se ela tinha certeza que ele não havia deixado seu celular em casa, ao que ela respondeu que tinha. Num impulso, ele perguntou que tipo de telefone celular era o dele e ela respondeu que não tinha certeza, mas achava que era finlandês.

Ela não podia ajudá-lo com o nome de qualquer pessoa que pudesse ter tido um motivo para desejar a morte do embaixador.

Ele batucou com o lápis sobre o bloco.

“O seu marido gostava de crianças”?

“Oh, sim, muito”! Hilde Molnes explodiu, e pela primeira vez ele pode ouvir um tremor em sua voz. “Você sabe, Atle era o pai mais bondoso do

mundo”.

Harry teve que olhar para o bloco novamente. Havia algo em seus olhos que revelava que ela tinha sacado a natureza de duplo sentido da sua pergunta. Ele estava quase certo de que ela não sabia de nada, mas ele também sabia que era sua tarefa lamentável ter que dar o próximo passo e perguntar-lhe diretamente se ela sabia se o embaixador tinha pornografia infantil em seu poder.

Ele passou a mão pelo rosto. Sentia-se como um cirurgião com o bisturi na mão, incapaz de realizar a primeira incisão. Ele nunca conseguiu superar sua sensibilidade quando se tratava de assuntos desagradáveis, quando pessoas inocentes tinham que enfrentar a situação de ter a reputação dos seus entes mais próximos e queridos posta em dúvida, com detalhes, que não queriam saber, sendo atirados em seus rostos.

Hilde Molnes falou primeiro.

“Ele amava as crianças tanto que pensou em adotar uma menina”. Ela tinha lágrimas em seus olhos agora. “Uma pequena e pobre refugiada da Birmânia. Bem, na embaixada eles são muito cuidadosos, e dizem Myanmar para não ofender ninguém, mas eu sou tão velha que ainda digo Birmânia”.

Ela forçou uma risada seca através das lágrimas e se recompôs. Harry desviou o olhar. Um beija-flor vermelho pairava silenciosamente na frente das orquídeas, como um pequeno helicóptero de brinquedo.

Era isso, ele decidiu. Ela não sabe de nada. Se tivesse qualquer relevância para o caso, ele iria informá-la mais tarde. E se não tivesse, ele iria poupá-la.

Harry perguntou há quanto tempo eles se conheciam, e ela lhe contou como eles se conheceram quando Atle Molnes era um recém-formado em ciência política, um solteirão passando o Natal com a família em Ørsta. A família Molnes era muito rica, possuía duas fábricas de móveis, e o jovem herdeiro seria um bom partido para qualquer garota da região, de modo que não houve falta de concorrência.

“Eu era apenas Hilde Melle da Fazenda Melle, mas eu era a mais atraente”, disse ela com a mesma risada seca. A expressão de dor atravessou seu rosto e ela levou o copo aos lábios.

Harry não teve nenhum problema visualizando a viúva como uma beleza pura e jovem.

Especialmente quando aquela imagem tinha acabado de se materializar na porta aberta do pátio.

“Runa, meu amor, ai está você! Este jovem é Harry Hole. Ele é um oficial de polícia da Noruega e vai nos ajudar a descobrir o que aconteceu com papai”.

A filha mal se dignou a dar um olhar para eles e se dirigiu para o lado oposto da piscina, sem responder. Ela tinha a pele e o cabelo escuros de sua mãe, e Harry estimou que a garota de pernas compridas, corpo magro, em traje de banho tinha em torno de 17 anos. Ele deveria saber a sua idade, pois estava registrado no relatório que recebeu antes de sair.

Ela teria sido uma beleza perfeita, como sua mãe, se não fosse por um detalhe que não tinha sido incluído no relatório. Naquele momento ela tinha alcançado a piscina e subido os degraus e caminhado lenta e elegantemente sobre a prancha de saltos, mantendo as pernas juntas e saltou para o ar, Harry já tinha um nó no estômago. De seu ombro esquerdo se projetava um toco fino de um braço que emprestava ao seu corpo uma forma estranhamente assimétrica, como um avião com uma asa mais curta, então ela deu um giro com uma cambalhota e uma torção. Um splash foi tudo o que se ouviu quando ela quebrou a superfície verde e se perdeu de vista.

“Runa pratica saltos ornamentais”, disse Hilde Molnes desnecessariamente.

Ele ainda tinha o olhar fixo no lugar onde ela tinha desaparecido quando uma figura apareceu pela escada da piscina do outro lado. Subiu os degraus e ele viu suas costas ondulantes, o sol cintilando nas gotas sobre a pele e fazendo o seu cabelo preto brilhar. O braço atrofiado pendia como uma asa de frango. Sua saída foi tão silenciosa quanto sua entrada na água; ela desapareceu pela porta do pátio, sem uma palavra.

“Ela provavelmente não sabia que você estava aqui”, disse Hilde Molnes se desculpando. “Ela não gosta de ser vista por estranhos sem a prótese, você entende?”.

“Entendo. Como é que ela recebeu a notícia?”

“Quem sabe”. Hilde Molnes olhou pensativa para onde Runa tinha saído. “Ela está naquela idade em que não me diz nada. Nem a qualquer outra pessoa sobre esse assunto”. Ela levantou a taça. “Eu tenho medo porque Runa é uma menina um pouco especial”.

Harry se levantou, agradeceu a informação e disse que ela teria notícias dele. Hilde Molnes apontou que ele não tinha bebido a água; ele se curvou e

perguntou-lhe se podia guarda-la para ele até a próxima vez. Pareceu-lhe que isto fosse talvez um pouco inapropriado, mas ela riu de qualquer maneira e esvaziou seu copo enquanto ele saia.

Enquanto caminhava em direção ao portão, um Porsche vermelho conversível rodava pelo caminho até a garagem. Ele só vislumbrou uma franja loira sobre um par de óculos Ray-Ban e um terno Armani cinza antes do carro passar por ele e estacionar na sombra ao lado da casa.

## 10

### Sábado 11 de Janeiro

A Inspetora Crumley estava fora quando Harry voltou para a delegacia, mas Nho mostrou-lhe um polegar para cima e disse ‘positivo’ quando Harry educadamente pediu-lhe para entrar em contato com a Empresa de Telecomunicações e conferir todas as ligações do e para o telefone celular do embaixador no dia do assassinato.

Eram quase cinco horas quando Harry finalmente encontrou a inspetora. Como era tarde, ela sugeriu que tomassem um barco para ver os canais, ‘para fazer um pouco de turismo’.

No caís lhes foi oferecido um dos barcos compridos por seiscentos baht, mas o preço caiu para trezentos depois que Crumley falou rispidamente com o barqueiro em tailandês.

Eles desceram pelo Chao Phraya abaixo antes de entrar num dos canais estreitos. Barracos de madeira que pareciam que podiam desabar a qualquer momento se sustentavam sobre estacas no rio, e o cheiro de comida, esgoto e gasolina flutuava no ar em ondas. Harry teve uma sensação que eles estavam passando pelas salas de estar das pessoas que lá viviam. Somente os vasos de plantas verdes alinhados impediam o olhar diretamente para dentro, mas ninguém parecia particularmente incomodado; pelo contrário, eles acenavam e sorriam.

Três garotos sentados num caís, de calções molhados depois de sair da água marrom, gritaram para eles. Crumley balançou um bem-humorado punho para eles e o barqueiro riu.

“O que eles gritaram”? Harry perguntou.

Ela apontou para a cabeça. “*Mâe chii*. Isso significa mãe, padre ou freira. Freiras na Tailândia raspam a cabeça. Se eu usasse um vestido branco provavelmente seria tratada com mais respeito”, disse ela.

“Ah, sim? Parece que você tem respeito suficiente. Seu pessoal...”.

“Isso é porque eu os respeito”, ela interrompeu. “E porque eu sou boa no meu trabalho”. Ela limpou a garganta e cuspiu na água. “Mas talvez isso te surpreenda, só porque eu sou uma mulher”?

“Eu não disse isso”.

“Os estrangeiros muitas vezes ficam surpreendidos quando percebem que as mulheres podem se sobressair neste país. Não é uma impressão tão machista como parece. Na verdade, é mais porque eu sou uma estrangeira”.

Uma leve brisa criou uma sensação de resfriamento no ar úmido; vindo de um grupo de árvores a canção chilreante de gafanhotos enchia o ar e eles olharam para o mesmo sol vermelho-sangue, como no dia anterior.

“O que fez você mudar para cá”?

Harry teve uma sensação de que tinha atravessado uma linha vermelha invisível, mas ele ignorou.

“Minha mãe é tailandesa”, disse ela, depois de uma pausa. “Meu pai estava servindo em Saigon durante a Guerra do Vietnã e conheceu-a aqui em Bangkok em 1967”. Ela riu e colocou uma almofada atrás das costas. “Mamãe jura que engravidou na primeira noite que eles estiveram juntos”.

“De você”?

Ela assentiu com a cabeça. “Depois da derrota ele nos levou para os Estados Unidos, para Fort Lauderdale, onde servia como tenente-coronel. Quando voltamos para cá minha mãe descobriu que ele era casado quando se conheceram. Ele havia escrito para casa e pedido o divórcio quando descobriu que mamãe estava grávida”. Ela balançou a cabeça. “Ele teve todas as oportunidades para fugir e deixar-nos em Bangkok, se quisesse. Talvez ele quisesse, no fundo. Quem sabe”.

“Você nunca perguntou a ele”?

“Não é o tipo de pergunta da qual você necessariamente obtém uma resposta honesta. Eu nunca obtive uma resposta autêntica dele de qualquer maneira. Ele era assim mesmo”.

“Era”?

“Sim, ele está morto”. Ela virou-se para ele. “Isso te incomoda, eu falando sobre a minha família”?

Harry mordeu o filtro do cigarro. “De modo nenhum”.

“Fugir nunca foi realmente uma opção para o meu pai. Ele tinha uma fixação sobre responsabilidade. Quando eu tinha onze anos eu recebi permissão para levar um gatinho que ganhei de uns vizinhos em Fort Lauderdale. Depois de muito espalhafato papai dissera que sim com a condição de que eu cuidaria dele. Duas semanas depois, eu tinha perdido o interesse e perguntei se eu poderia devolvê-lo. Então meu pai me levou junto com o gatinho até a garagem. ‘Você não pode fugir da responsabilidade’, disse ele. ‘É assim que as civilizações se desintegram’. Então pegou o seu rifle de serviço e disparou uma bala na cabeça do gatinho. Depois eu tive que pegar água e sabão e esfregar o chão da garagem. Era assim que ele era. Foi por isso...” Ela tirou os óculos de sol,

pegou uma ponta da sua camisa, enxugou-os e olhou para o sol poente. “Foi por isso que ele nunca pode aceitar a retirada dos EUA do Vietnã. Mamãe e eu mudamos para cá quando eu tinha dezoito anos”.

Harry acenou com a cabeça. “Posso imaginar que não foi tão fácil para sua mãe ir para uma base militar americana depois da guerra”.

“A base não foi tão ruim. Outros americanos, no entanto, aqueles que não estiveram lá, mas haviam perdido um filho ou um namorado no Vietnã, esses nos odiavam. Para eles, qualquer pessoa com olhos puxados era Charlie”. [\(12\)](#)

Um homem, de terno, estava sentado fumando um charuto defronte um barraco devastado pelo fogo.

“E então você foi para a Academia de Polícia, tornou-se uma detetive e raspou seu cabelo”?

“Não nessa ordem. E eu não quis raspar o meu cabelo. Ele caiu numa semana quando eu tinha dezessete anos. Uma forma rara de alopecia. Mas é prático neste clima”.

Ela acariciou sua cabeça com uma mão e deu um sorriso cansado. Ela não tinha sobrancelhas nem cílios, nada.

Outro barco surgiu ao lado deles. Ele estava carregado com um arsenal de chapéus de palha, e uma velha apontou para a cabeça deles e depois para os chapéus. Crumley sorriu educadamente e disse algumas palavras. Antes da mulher se afastar ela inclinou-se para Harry e lhe deu uma flor branca. Ela indicou Crumley e riu.

“Como se diz obrigado em tailandês”?

“*Khop Khun khráp*”, disse Crumley.

“Certo. Diga *isso* a ela”.

Eles deslizaram passando por um templo, um *wat*, junto do canal, e podiam ouvir o murmúrio dos monges vindos da porta aberta. Pessoas estavam sentadas nos degraus do lado de fora rezando com as mãos postas.

“Pelo que eles estão orando”?, perguntou.

“Eu não sei. Paz. Amor. Uma vida melhor, aqui ou no doce além. As mesmas coisas que as pessoas almejam em todos os lugares”.

“Eu não acho que Atle Molnes estava esperando por uma prostituta. Eu acho que ele estava esperando por outra pessoa”.

Eles continuaram deslizando, e o resmungo dos monges desapareceu atrás deles.

“Quem”?

“Não faço ideia”.

“Por que você acha isso”?

“Ele só tinha dinheiro suficiente para alugar o quarto, então eu não me preocuparia de apostar que ele não tinha intenção de pagar pelos serviços de uma prostituta. Mas então ele não tinha motivos para estar no motel, a menos que fosse se encontrar com alguém, certo? A porta não estava trancada quando o encontraram, de acordo com Wang. Isso não é um pouco estranho? Se você fecha a porta de um hotel ela trava automaticamente. Molnes deve ter conscientemente apertado o botão para que ela permanecesse destravada. Não havia motivo para o assassino trava-la. Eu suponho que ele ou ela não sabia que estava deixando a porta destrancada. Então, por que Molnes faria isso? A maioria das pessoas que frequentam esses estabelecimentos prefere travar a porta antes de dormir, você não acha”?

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro. “Talvez ele estivesse com medo de não ouvir a pessoa que ele estava esperando”.

“Exatamente. E não havia nenhuma razão para deixar a porta aberta para Tonya Harding, porque o acordo com o recepcionista era que ele iria ligar primeiro. Certo”?

Em sua excitação Harry tinha mudado para um lado e o barqueiro gritou-lhe para sentar-se no meio, para que eles não virassem.

“Eu acho que ele queria manter o nome da pessoa com quem estava se encontrando em segredo. Por isso, provavelmente, eles estavam se reunindo em um motel fora da cidade. Um lugar adequado para uma reunião secreta, um lugar onde não haveria nenhum registro oficial de hóspedes”.

“Hm. Você está pensando nas fotos”.

“É impossível não pensar, não é”?

“Você pode comprar esse tipo de coisa em qualquer lugar em Bangkok”.

“Ele poderia estar um passo a frente. Poderíamos estar falando de prostituição infantil”.

“Talvez. Mas, além dessas fotos, que realmente estão por toda parte na cidade, não temos pistas”.

Eles haviam percorrido um longo caminho pelo rio. A inspetora apontou para uma casa, no final de um grande jardim.

“Um cara norueguês mora lá”, disse ela.

“Como você sabe”?

“Houve um verdadeiro escândalo nos jornais quando ele construiu a casa. Como você pode ver, ela se assemelha a um templo. Os budistas estavam indignados porque um ‘pagão’ viveria lá, disseram que era uma blasfêmia. Para piorar a situação, descobriu-se que ele construiu usando materiais de um templo birmanês que ficava no território da disputada fronteira. A situação ficou um pouco tensa naquela área; houve vários tiroteios, até que as pessoas se mudaram. O norueguês comprou o templo por quase nada e já que tudo nos templos birmaneses do norte é construído com teca ele desmontou a coisa toda e trouxe para Bangkok”.

“Estranho”, disse Harry. “Qual o nome dele”?

“Ove Klipra. Ele é dono de uma das maiores empresas de construção em Bangkok. Eu acho que você vai ouvir mais sobre ele, se você ficar aqui por algum tempo”.

Ela ordenou ao barqueiro para voltar.

“Você gosta de comida para viagem”?

Harry olhou para a sopa de macarrão na tigela de plástico. As tiras brancas eram como versões pálidas, magras de spaghetti e ele ficou nervoso porque a sopa se mudava para lugares inesperados quando ele atacava o macarrão com os pauzinhos.

Rangsan entrou para anunciar que Tonya Harding havia sido chamada para tirar as impressões digitais.

“Você pode falar com ela agora, se quiser. E mais uma coisa: Supawadee disse que está verificando a cápsula encontrada no carro agora. O resultado deve sair amanhã. Eles nos deram prioridade”.

“Diga Olá e *cop con crap*”, Harry respondeu.

“Dizer o que”?

“Dizer obrigado”.

Harry sorriu timidamente e Liz riu tanto que espalhou arroz voando por todos os lados.

## 11

### Sábado 11 de Janeiro

Harry não podia calcular com certeza o número de prostitutas que tinha interrogado numa sala como esta, mas não foram poucas. Elas pareciam ser atraídas para casos de assassinatos como moscas em volta de bosta de vaca. Não porque elas estivessem necessariamente envolvidas, mas porque, invariavelmente, tinham uma história para contar.

Ele as tinha ouvido falar rindo, xingando e chorando, ele se tornara amigo delas, ele tinha discutido com elas, havia fechado acordos com elas, quebrado promessas, foi cuspidor e esbofeteado. No entanto, havia algo sobre o destino dessas mulheres, as circunstâncias que as havia transformado, que ele pensava reconhecer e poder entender. O que ele não conseguia entender era o otimismo irreprimível delas: apesar de ter visto os recessos mais profundos da alma humana elas nunca pareciam perder sua fé na bondade em volta delas. Ele conhecia uma boa quantidade de policiais que eram incapazes do mesmo.

Foi por isso que Harry deu um tapinha no ombro de Dim e deu-lhe um cigarro antes de começarem. Não porque ele pensava que iria conseguir alguma coisa, mas porque ela olhou como se precisasse de um.

Ela tinha um olhar fixo e duro e uma mandíbula determinada que indicava que ela não era facilmente assustável, mas neste momento estava sentada junto a uma mesa de plástico, se remexendo nervosamente e olhando como se fosse explodir em lágrimas a qualquer minuto.

“*Pen yangai*”? Perguntou. Como você está? Liz havia lhe ensinado estas duas palavras em tailandês antes dele entrar na sala de entrevista.

Nho traduziu a resposta. Ela dormira mal à noite e não queria trabalhar naquele motel nunca mais.

Harry sentou-se à sua frente, apoiou os braços sobre a mesa e tentou olhar nos seus olhos. Seus ombros baixaram um pouquinho, mas ela ainda se mantinha olhando de lado com os braços cruzados.

Repassaram o que tinha acontecido, ponto por ponto, mas ela não tinha nada de novo a acrescentar. Ela confirmou que a porta do quarto do motel estava fechada, mas não trancada. Ela não tinha visto algum telefone celular. E não tinha visto ninguém que não trabalhava no motel quando chegou ou quando saiu.

Quando Harry mencionou a Mercedes e se ela tinha notado as placas diplomáticas ela balançou a cabeça. Ela não tinha visto nenhum carro. Eles não estavam chegando a lugar algum, e no final Harry acendeu um cigarro e perguntou, quase casualmente, quem ela pensava que poderia ter feito aquilo. Nho traduziu e Harry viu no rosto dela que ele tinha acertado no alvo.

“O que ela disse”?

“Ela diz que a faca é da Khun Sa”.

“O que isso significa”?

“Você não ouviu sobre Khun Sa”? Nho lançou lhe um olhar cético.

Harry balançou a cabeça.

“Khun Sa é o traficante de heroína mais poderoso na história. Junto com os governos na Indochina e da CIA ele controla o tráfico de ópio no Triângulo Dourado desde os anos cinquenta. Foi assim que os americanos obtiveram o dinheiro para suas operações na região. O cara tinha seu próprio exército na selva lá em cima”.

Harry lentamente se deu conta de que já tinha ouvido falar sobre o Escobar da Ásia.

“Khun Sa entregou-se às autoridades birmanesas há dois anos e foi colocado em prisão domiciliar, se bem que numa das casas mais luxuosas do país. Dizem que ele financia os novos hotéis na Birmânia, e algumas pessoas acham que ele ainda é o líder da máfia do ópio no norte. Khun Sa significa que ela pensa que é a máfia. É por isso que ela está com medo”.

Harry estudou-a cuidadosamente antes de acenar para Nho.

“Deixe-a ir”, disse ele.

Nho traduziu e Dim pareceu surpresa. Ela se virou e encontrou o olhar de Harry antes de colocar as palmas das mãos juntas na altura do rosto e se curvar. Harry percebeu que ela pensou que iria prendê-la por prostituição.

Harry sorriu de volta. Ela se inclinou sobre a mesa.

“Você gosta de patinação no gelo, senhor”?

“Khun Sa? CIA”?

A linha telefônica de Oslo estava, e o eco fazia com que Harry ouvisse sua voz retornando como se ele estivesse na sala de Torhus no Ministério das Relações Exteriores.

“Desculpe-me, Hole, mas você está sofrendo de insolação? Um homem foi encontrado com uma faca nas costas, uma faca que poderia ter sido

comprada em qualquer lugar no norte da Tailândia. Nós pedimos para vocês pisarem com cuidado e você está me dizendo que está pensando em tentar dismantelar o crime organizado no Sudeste da Ásia”?

“Não”. Harry colocou os pés sobre a mesa. “Eu não estou pensando em fazer alguma coisa sobre isso, Torhus. Só estou dizendo que um especialista de algum museu diz que é uma faca rara e que é muito difícil de encontrar. A polícia daqui diz que ela pode ser um aviso de uma máfia de ópio, do tipo ‘Mantenha Distância’, mas eu não penso assim. Se a máfia queria nos dizer algo, existem métodos mais diretos do que sacrificar uma faca antiga”.

“Então o que você está querendo dizer”?

“Eu estou dizendo que é desta forma que as pistas estão apontando agora. Mas o chefe de polícia daqui ficou totalmente apavorado quando eu mencionei o ópio. O ópio transformou esta área num caos absoluto. O chefe não tem intenção de mexer neste vespeiro, digamos assim. Então eu pensei que, para começar, deveria descartar algumas teorias possíveis. Tal como o embaixador estar envolvido em criminalidade. Na pornografia infantil, por exemplo”.

A linha ficou silenciosa do outro lado.

“Não há nenhuma razão para acreditar...” Torhus começou, mas o resto foi afogado pela interferência.

“Repita isso por favor”.

“Não há nenhuma razão para acreditar que Molnes fosse um pedófilo, se é sobre isso que você está se referindo”.

“Ahn? Não há nenhuma razão para acreditar? Você não está falando com a imprensa agora, Torhus. Eu tenho que saber estas coisas, a fim de fazer qualquer progresso”.

Houve outra pausa, e por um momento Harry pensou que a ligação tinha caído. Então a voz de Torhus voltou, e mesmo através de uma linha telefônica ruim do outro lado do globo, Harry podia sentir o gelo nela.

“Eu vou dizer-lhe tudo que você precisa saber, Hole. Tudo o que você precisa saber, Hole, é que você tem que amarrar as coisas. Eu não dou a mínima sobre no que o embaixador estava envolvido – para mim tanto faz se ele era um traficante de heroína ou um pederasta, desde que nem a imprensa, nem ninguém, tenham uma leve suspeita sequer sobre essa questão. Se houver qualquer outro escândalo, independentemente de que tipo, você vai ser responsabilizado pessoalmente. Fui claro, Hole, ou você precisa saber de mais alguma coisa”?

Torhus nem sequer fez uma pausa para tomar fôlego.

Harry chutou a mesa, fazendo com que o telefone e os colegas ao lado dele pulassem.

“Ouço você alto e claro”, disse Harry entre dentes cerrados. “Mas você vai me ouvir agora”. Harry fez uma pausa para respirar fundo. Uma cerveja, apenas *uma* cerveja. Ele colocou um cigarro entre os lábios e tentou afastar o pensamento. “Se Molnes está envolvido em qualquer coisa é pouco provável que ele seja o único norueguês que tenha problemas. Duvido muito que ele teria tido contatos-chave no submundo Tailandês no curto espaço de tempo em que esteve aqui. Você leu sobre o norueguês que foi pego com os meninos em um quarto de hotel em Pattaya? A polícia aqui gosta desse tipo de coisa. Eles recebem uma boa cobertura e pedófilos são mais fáceis de apanhar do que as gangues de heroína. Suponha que a polícia tailandesa já esteja sentindo o cheiro de uma presa fácil, mas vai esperar até que este caso seja formalmente encerrado e eu tenha voltado para casa. Jornais noruegueses irão enviar um pacote de repórteres e, antes que você perceba, o nome do embaixador volta à tona. Se pudermos pegar esses homens agora, enquanto temos um acordo com a polícia tailandesa para manter isto tudo em segredo, talvez possamos evitar um escândalo dessa natureza”.

Harry podia ouvir o diretor pensando na hipótese.

“O que você quer”?

“Eu já estou aqui há pouco mais de 24 horas e posso dizer este caso não vai a lugar nenhum, e isso é porque há coisas em segredo. Eu quero saber o que você não está me dizendo. O que você sabe sobre Molnes e no que ele estava envolvido”.

“Você já sabe o que precisa saber. Não há mais nada. É tão difícil de entender”? Torhus gemeu. “O que você está realmente querendo, Hole? Eu pensei que você estaria tão ansioso quanto nós para encerrar este caso rapidamente”.

“Eu sou um policial, e eu estou tentando fazer o meu trabalho, Torhus”.

Torhus riu. “Muito comovente, Hole. Mas lembre-se que eu sei algumas coisas sobre você, então eu não compro a sua lengalenga eu-sou-apanas-um-honesto-policial”.

Harry tossiu junto ao telefone e ouviu os ecos retornarem como tiros abafados. Ele murmurou alguma coisa.

“O quê”?

“Eu disse que a ligação está ruim. Pense bastante sobre o que eu disse, Torhus, e ligue-me quando você tiver algo para me dizer”.

Harry acordou com um susto, pulou da cama e chegou ao banheiro justamente antes de vomitar. Ele se sentou no vaso sanitário; a coisa estava saindo de ambos os lados agora. O suor escorria-lhe, mesmo ele sentindo frio.

A desintoxicação foi pior da última vez, ele disse a si mesmo. Vai ficar melhor. Muito melhor, ele esperava.

Ele tinha se injetado na nádega com vitamina B antes de ir para a cama, e tinha doído pra caramba. Ele lembrou-se de Vera, uma prostituta em Oslo, que tinha sido usuária de heroína por 15 anos. Uma vez ela lhe havia dito que ainda desmaiava quando inseria a agulha.

Ele viu algo se mover na escuridão, sobre a pia, um par de antenas balançando para lá e para cá. Uma barata. Tinha o tamanho de um dedo polegar e tinha uma faixa laranja em sua volta. Ele nunca tinha visto uma como esta antes, mas talvez não fosse tão esquisito - ele tinha lido que havia mais de três mil tipos diferentes de barata. Ele também tinha lido que elas se escondem quando ouvem as vibrações de alguém se aproximando e que para cada barata que você pode ver, existem pelo menos dez escondidas. Isso significava que elas estavam por toda parte. Quanto pesa uma barata? Dez gramas? Se houvesse mais de uma centena delas nas fendas das paredes e atrás de móveis, isso significava que havia pelo menos um quilo de baratas no quarto. Ele estremeceu. Era um frio consolo saber que elas estavam com mais medo do que ele. Às vezes ele tinha a sensação de que o álcool havia feito mais *bem* do que mal. Ele fechou os olhos e tentou não pensar.

## 12

### Domingo 12 de Janeiro

Finalmente, eles haviam estacionado e começaram a procurar o endereço a pé. Nho tentou explicar o engenhoso sistema de endereços em Bangkok, com ruas principais e ruas laterais numeradas conhecidas como *soi*. O problema era que as casas não eram numeradas em sequencia, novas casas recebiam o próximo número livre seja onde for que estivessem localizadas na rua.

Eles caminharam pelas ruelas estreitas onde as calçadas eram usadas como extensão das salas de estar com as pessoas lendo jornais, costurando em máquinas a pedal, cozinhando ou dando um cochilo à tarde. Algumas meninas em uniformes escolares gritavam atrás deles e davam uma risadinha, e Nho apontou para Harry e respondeu uma coisa ou outra. As meninas uivavam de tanto rir e punham as mãos na boca.

Nho conversou com uma mulher sentada atrás de uma máquina de costura e ela apontou para uma porta. Eles bateram na porta e depois de um tempo ela foi aberta por um homem vestindo shorts cáqui e uma camisa aberta. Harry calculou sua idade em cerca de sessenta anos, mas apenas os olhos e rugas revelavam sua idade. Havia tufos de cinza em seu cabelo liso e preto penteado para trás e o corpo magro e musculoso poderia pertencer a alguém com trinta anos de idade.

Nho disse algumas palavras, e o homem acenou com a cabeça enquanto olhava para Harry. Em seguida, o homem pediu desculpas e foi embora de novo. Depois de um minuto ele voltou, agora vestindo uma camisa de manga curta branca bem passada e calças compridas.

Ele tinha trazido duas cadeiras com ele e as colocou na calçada. Em um surpreendentemente bom Inglês, ofereceu uma para Harry enquanto se sentava na outra. Nho permaneceu de pé ao lado deles e rejeitou o sinal de Harry para sentar-se no degrau com um leve aceno de cabeça.

“Harry Hole, Mr Sanphet. Eu sou da polícia norueguesa. Eu gostaria de fazer-lhe algumas perguntas sobre Molnes”.

“Você quer dizer *Embaixador* Molnes”.

Harry olhou para o homem. Ele estava sentado reto como uma estaca com suas mãos castanhas e sardentas no colo.

“Claro. Embaixador Molnes. Fiquei sabendo que você é motorista na Embaixada da Noruega por quase trinta anos”.

Sanphet fechou os olhos em sinal de confirmação.

“E você respeitava o embaixador”?

“Embaixador Molnes era um grande homem. Um grande homem com um grande coração. E cérebro”.

Ele bateu na testa com um dedo e deu a Harry um olhar repreensivo.

Harry estremeceu quando uma gota de suor rolou por sua coluna para dentro de suas calças. Ele olhou ao redor procurando alguma sombra para onde pudessem mover suas cadeiras, mas o sol estava a pino e as casas nesta rua eram baixas.

“Nós viemos até você, porque você conhecia os hábitos do embaixador muito bem, você sabia para onde ele ia e com quem ele se encontrava. E também porque você claramente se dava bem com ele em um nível pessoal. O que aconteceu no dia em que ele morreu”?

Sentado calmamente, Sanphet contou-lhes como o embaixador tinha saído sem dizer para onde estava indo, apenas que ele queria dirigir, o que era muito incomum durante as horas de trabalho uma vez que o motorista não tinha outras funções. Tinha esperado na embaixada até as cinco e, então, tinha ido para casa.

“Você mora sozinho”?

“Minha mulher morreu num acidente de trânsito há catorze anos”.

Algo disse a Harry que ele poderia lhe dar o número exato de meses e dias também. Eles não tiveram filhos.

“Para onde é que você levava o embaixador”?

“Para outras embaixadas. Para reuniões. Para casas de noruegueses”.

“Quais noruegueses”?

“Todos os tipos. Pessoas da Statoil, Hidro, Jotun e Statskonsult”.

Ele pronunciou os nomes noruegueses perfeitamente.

“Você conhece algum deles”? Harry perguntou, passando-lhe uma lista. “Estas são as pessoas com quem o embaixador entrou em contato pelo seu celular no dia em que morreu. Recebemos a lista da companhia telefônica”.

Sanphet tirou um par de óculos, mas ainda teve que segurar o pedaço de papel no comprimento do braço enquanto lia em voz alta: “11h10min. Serviço de Apostas de Bangkok”.

Ele olhou por cima dos óculos.

“O embaixador gostava da vibração das corridas”. E acrescentou com um sorriso: “Às vezes, ele ganhava”.

Nho trocou o pé de apoio.

“O que é Worachak Road”?

“Uma chamada de um telefone público. Por favor, continue”.

“11h55min. Embaixada da Noruega”.

“O curioso é que ele ligou para a embaixada naquela manhã e ninguém pode se lembrar de ter falado com ele ao telefone naquele dia, nem mesmo a recepcionista”.

Sanphet encolheu os ombros, e Harry acenou para ele continuar.

“12h50min. Ove Klipra. Você já ouviu falar dele, não é”?

“Pode ser”.

“Ele é um dos homens mais ricos de Bangkok. Eu li no jornal que ele acabou de vender uma usina hidrelétrica no Laos. Ele vive em um templo”, Sanphet murmurou. “Ele e o embaixador se conheciam de muito antes. Eles eram da mesma região do país. Você já ouviu falar de Ålesund? O embaixador convidou...”.

Ele levantou os braços em resignação. Não valia a pena falar deste assunto agora. Ele voltou para a lista.

“13h15min. Jens Brekke”.

“Quem é ele”?

“Corretor de câmbio. Ele veio para o Barclays Tailândia alguns anos atrás quando saiu do Den Norske Bank”.

“Certo”.

“17h55min. Mangkon Road”?

“Outra chamada de um telefone público”.

Não havia mais nomes na lista. Harry amaldiçoou a si mesmo. Ele não sabia bem o que esperava, mas o motorista não tinha contado nada que ele já não soubesse após falar com Tonje Wiig pelo telefone uma hora antes.

“Você sofre de asma, Sr. Sanphet”?

“Asma? Não, por que”?

“Encontramos uma cápsula no carro. Pedimos ao laboratório para checar. Não se assuste, Sr. Sanphet. É simplesmente rotina. A cápsula era de um remédio para asma. Mas ninguém na família Molnes sofre de asma. Você sabe a quem poderia pertencer”?

Sanphet balançou a cabeça.

Harry puxou a cadeira para mais perto do motorista. Ele não estava acostumado a fazer entrevistas na rua, e ele tinha uma sensação de que todo mundo sentado ali no beco estreito estava escutando. Ele baixou a voz.

“Com todo o respeito, você está mentindo. Eu vi a recepcionista da embaixada tomando medicação para a asma com meus próprios olhos, Sr. Sanphet. Você fica sentado na embaixada metade do dia, você está lá há trinta anos e eu imagino que ninguém pode trocar um rolo de papel higiênico sem que você tome conhecimento. Você está dizendo que não sabia que ela tinha asma”?

Sanphet olhou para ele com olhos frios e calmos.

“Eu estou dizendo que eu não sei quem poderia ter deixado a medicação para asma no carro, senhor. Muitas pessoas em Bangkok tem asma, e algumas delas podem ter estado no carro do embaixador. A senhorita Ao não é, tanto quanto sei, uma delas”.

Harry observou-o. Como ele poderia sentar-se lá sem uma gota de suor na testa, enquanto o sol brilhava no céu como um címbalo de bronze? Harry olhou para o bloco de notas, como se a pergunta seguinte estivesse escrita lá.

“Alguma vez ele levou crianças no carro”?

“Desculpe-me”.

“Você pegou crianças, às vezes, para levá-las para escolas, creches ou algo semelhante? Você entende”?

Sanphet não pestanejou, mas suas costas se endireitaram.

“Eu entendo. O embaixador não era um *deles*”, disse ele.

“Como você sabe”?

Um homem levantou os olhos do jornal, e Harry percebeu que ele tinha levantado a sua voz. Sanphet fez uma reverência.

Harry sentiu-se estúpido. Estúpido, miserável e suado. Nessa ordem.

“Sinto muito”, disse ele. “Eu não tive a intenção de ofendê-lo”.

O velho motorista olhou para além dele, fingindo que não tinha ouvido.

“Nós temos que ir agora”. Harry levantou-se. “Ouvi dizer que você aprecia Grieg, então eu trouxe isto”. Ele mostrou uma fita cassete. “É a sinfonia de Grieg em C menor. Foi realizada pela primeira vez em 1981, então eu pensei que você podia não tê-la. Todo mundo que ama Grieg devia tê-la. Por favor, aceite”.

Sanphet levantou-se, aceitou com surpresa e ficou olhando para a fita.

“Adeus”, Harry disse, fazendo uma desajeitada, mas bem-intencionada saudação *wai* [\(13\)](#) e sinalizando para Nho que eles estavam de partida.

“Espere”, disse o motorista. Seus olhos ainda estavam fixos no cassete.

“O embaixador era um homem bom. Mas ele não era um homem feliz. Ele

tinha um ponto fraco. Eu não quero manchar a sua memória, mas perdeu mais do que ganhou nos cavalos”.

“A maioria perde”, disse Harry.

“Não cinco milhões de baht”.

Harry tentou calcular em sua cabeça. Nho veio em seu socorro.

“Cem mil dólares”.

Harry assobiou. “Bem, bem, se ele podia pagar então...”.

“Ele não podia pagar”, disse Sanphet. “Ele pediu dinheiro emprestado de alguns agiotas em Bangkok. Ligaram para ele várias vezes ao longo das últimas semanas”. Ele olhou para Harry. Foi difícil interpretar sua expressão. “Pessoalmente, eu acredito que um homem tem de liquidar as dívidas de jogo, mas se alguém o matou por dinheiro eu acho que deveriam ser punidos”.

“Então o embaixador não era um homem feliz”?

“Ele não teve uma vida fácil”.

Harry se lembrou de algo. “Man U significa alguma coisa para você”?

A expressão do motorista anuviou.

“Estava na agenda do embaixador para o dia do assassinato. Eu chequei a programação da TV e nenhuma emissora estava mostrando o Manchester United jogando naquele dia”.

“Oh, Manchester United”, Sanphet sorriu. “Klipra. O embaixador chamava-o Mr Man U. Ele voa para a Inglaterra para ver os jogos e comprou um monte de ações do clube. Uma pessoa muito peculiar”.

“Vamos ver. Eu vou ter uma conversa com ele mais tarde”.

“Se você puder entrar em contato com ele”.

“O que você quer dizer”?

“Você não se encontra com Klipra. Ele se encontra com você”.

Isso é tudo o que precisamos, Harry pensou. Uma caricatura.

“As dívidas de jogo mudam radicalmente a situação”, disse Nho, de volta ao carro.

“Talvez”, disse Harry. “Cem mil dólares é muito dinheiro, mas isso é suficiente”?

“Pessoas são assassinadas em Bangkok por menos do que isso”, disse Nho. “Muito menos. Acredite em mim”.

“Não é nos agiotas que eu estou pensando, é em Atle Molnes. O cara vem de uma família muito rica. Ele devia ser capaz de pagar, pelo menos se

fosse uma questão de vida ou morte. Tem algo errado aqui. O que você pensa sobre o Sr. Sanphet”?

“Ele estava mentindo quando falou sobre a senhorita Ao”.

“Ah, é? O que te faz dizer isso”?

Nho não respondeu, apenas sorriu secretamente e bateu na têmpora.

“O que você está tentando me dizer, Nho? Que você sabe quando as pessoas estão mentindo”?

“Aprendi com a minha mãe. Durante a Guerra do Vietnã ela sobreviveu como jogadora de pôquer na Soi Cowboy”.

“Bobagem. Eu conheço policiais que interrogaram pessoas durante toda a vida, e todos dizem a mesma coisa: você não pode aprender a ver através de um bom mentiroso”.

“É uma questão de ter os olhos em sua cabeça. Você pode ver nas pequenas coisas. Tal como quando você não abriu a boca corretamente quando disse que todos que amam Grieg deviam ter uma cópia da fita”.

Harry podia sentir o calor subindo em suas bochechas. “Por acaso a fita estava no meu Walkman. Um policial australiano me contou sobre a sinfonia de Grieg em C menor. Eu comprei a fita em memória dele”.

“De qualquer maneira, funcionou”.

Nho desviou de um caminhão que vinha na direção deles.

“Maldição”! Harry nem sequer teve tempo para ter medo. “Ele estava na pista errada”!

Nho encolheu os ombros. “Ele era maior do que eu”.

Harry olhou para o relógio. “Temos que passar na delegacia, e eu tenho um funeral para ir”. Ele pensou com pavor no paletó quente que estava pendurado no armário sendo usado do lado de fora do ‘escritório’.

“Eu espero que haja ar condicionado na igreja. Por falar nisso, por que a gente tinha que se sentar na rua, no sol escaldante? Por que o velho não nos convidou para a sombra”?

“Orgulho” Nho disse.

“Orgulho”?

“Ele vive num pequeno quarto que tem muito pouco a ver com o carro que ele dirige e com o lugar onde ele trabalha. Ele não queria nos convidar a entrar porque teria sido desagradável, não apenas para ele, mas também para nós”.

“Homem estranho”.

“Esta é a Tailândia”, disse Nho. “Eu não gostaria de convidar você para a minha casa, também. Eu iria lhe servir o chá nos degraus”.

Ele fez uma curva à direita subitamente e um par de tuk-tuks desviou com horror. Harry instintivamente estendeu as mãos na frente dele.

“Sou...”

“... maior do que eles. Obrigado, Nho, eu acho que já entendi a regra”.

## 13

### Domingo 12 de Janeiro

“Agora ele irá se tornar fumaça”, disse o homem ao lado de Harry, benzendo-se. Era um homem de aspecto vigoroso, muito bronzeado e com olhos azuis claros, fazendo Harry recordar de madeira manchada e brim desbotado. Sua camisa de seda estava aberta no pescoço opaco e grosso, ao redor do qual pendia uma grossa corrente de ouro que brilhava ao sol. Seu nariz era coberto com uma fina rede de vasos sanguíneos, e seu crânio marrom brilhava como uma bola de bilhar debaixo dos cabelos finos e ralos. Roald Bork tinha olhos vivos que de perto o faziam parecer mais jovem do que seus 70 anos.

Ele falou. Em voz alta e claramente desinibida apesar deles estarem em um funeral. Seu dialeto Nordland cantou sob o teto abobadado, mas ninguém se virou com um olhar de reprovação.

Quando eles já estavam do lado de fora do crematório, Harry se apresentou.

“Ora, ora, então eu tinha um policial de pé ao meu lado o tempo todo sem saber. Ainda bem que eu não disse nada. Poderia ter me saído caro”.

Ele deu uma risada reverberante e estendeu a mão de homem idoso, seca parecendo couro velho. “Bork, completamente aposentado”. A ironia não atingiu seus olhos.

“Tonje Wiig disse que você era uma espécie de líder espiritual para a comunidade norueguesa daqui”.

“Então eu vou ter que desapontá-lo. Como você vê, eu sou um velho decrépito, não um pastor. Além disso, eu me mudei para a periferia, em um sentido literal e metafórico”.

“Ah, sim”?

“Para o antro de iniquidade, a Sodoma da Tailândia”.

“Pattaya”?

“Correto. Lá residem alguns outros noruegueses que eu tento manter na linha”.

“Deixe-me ir direto ao ponto, Bork. Estamos tentando entrar em contato com Ove Klipra, mas tudo o que conseguimos foi um porteiro que diz que não sabe onde Klipra está ou quando ele vai voltar”.

Bork riu. “Isso é bem típico de Klipra, exatamente”.

“Me disseram que ele mesmo prefere fazer seus contatos, mas estamos no meio de uma investigação de assassinato e eu não tenho muito tempo. Soube que você é um amigo próximo de Klipra, uma espécie de elo de ligação com o mundo exterior”.

Bork inclinou a cabeça. “Eu não sou nenhum ajudante de ordens, se é isso que você quer dizer. Mas você tem razão, de alguma maneira eu intermedeio os contatos. Não, Klipra não gosta de falar com pessoas que ele não conhece”.

“Foi você quem arranhou o contato entre Klipra e o embaixador”?

“Inicialmente foi. Mas Klipra gostou do embaixador, então eles se encontravam com muita frequência. O embaixador também era de Sunnmøre, embora fosse do interior e não um cara de Ålesund <sup>(14)</sup>, como Klipra”.

“Estranho ele não estar aqui hoje, não”?

“Klipra viaja o tempo todo. Ele não atende seu telefone há alguns dias, então eu acho que ele está fiscalizando seus negócios no Vietnã ou no Laos e nem sabe que o embaixador está morto. Na realidade este caso não foi alvo das manchetes”.

“Geralmente não quando um homem morre de insuficiência cardíaca”, disse Harry.

“É por isso que a polícia norueguesa está aqui, não é”? Bork perguntou, secando o suor do pescoço com um grande lenço branco.

“Rotina quando um embaixador morre no exterior”, Harry disse, anotando o número do telefone da delegacia de polícia na parte de trás de um cartão de visita.

“Aqui está o telefone onde você pode me encontrar se Klipra retornar”.

Bork estudou o cartão, parecia estar a ponto de dizer alguma coisa, mas mudou de ideia, colocou o cartão no bolso e acenou com a cabeça.

“Eu tenho seu número, então”, disse ele, apertou a mão de Harry e se dirigiu para um velho Land Rover. Atrás dele, metade sobre a calçada, havia um brilho de pintura vermelha recentemente lavada. Era o mesmo Porsche que Harry tinha visto entrando na casa dos Molnes.

Tonje Wiig caminhou até ele. “Bork foi capaz de ajudá-lo”?

“Não desta vez”.

“O que ele disse sobre Klipra? Ele sabia onde encontra-lo”?

“Ele não sabia de nada”.

Ela não fez nenhum movimento para ir, e Harry tinha uma vaga sensação de que ela estava esperando por mais. Em um momento de paranoia, viu o clarão frio do diplomata no aeroporto Fornebu – “Sem escândalos, OK”. Será que ordenaram para ela ficar de olho em Harry e informar o Diretor Torhus se ele estava indo longe demais? Ele olhou para ela e imediatamente rejeitou a ideia.

“Quem é o dono do Porsche vermelho”? Perguntou.

“Porsche”?

“Lá. Pensei que as meninas de Østfold conheciam todas as marcas de carro antes de completarem dezesseis”.

Tonje Wiig ignorou o comentário e colocou seus óculos de sol. “É o carro de Jens”.

“Jens Brekke”?

“Sim. Ele está ali”.

Harry se virou. Nos degraus estava Hilde Molnes, vestida com dramáticas roupas de seda preta junto a um Sanphet de aparência séria num terno escuro. Atrás deles estava um homem loiro mais jovem. Harry já o tinha notado dentro da igreja. Ele usava um colete sob seu terno, apesar do termômetro que mostrava trinta e cinco graus. Seus olhos estavam escondidos atrás de um par de óculos de aparência cara, e ele estava falando em voz baixa com uma mulher, também vestida de preto. Harry olhou para ela, e como se sentisse seus olhos, ela se virou para ele. Ele não tinha reconhecido Runa Molnes inicialmente, e agora ele podia ver por que. A singular assimetria tinha sumido. Ela era mais alta do que os outros nos degraus. Seu olhar foi breve e não traiu nenhum sentimento, além de tédio.

Harry se desculpou, subiu os degraus e ofereceu suas condolências a Hilde. A mão dela estava mole e passiva na sua. Ela olhou para ele com os olhos vidrados, e o cheiro de perfume forte camuflava o do gin.

Então ele se virou para Runa. Ela protegeu os olhos do sol e olhou para cima, como se apenas agora houvesse notado Harry.

“Oi”, disse ela. “Até que enfim alguém mais alto que eu, neste país de pigmeus. Você não é o detetive que esteve na nossa casa”?

Havia um tom agressivo na sua voz, uma autoconfiança forçada de adolescente. Seu aperto de mão era firme e forte. Os olhos de Harry procuraram automaticamente o outro lado. Uma prótese de cera se projetava da manga preta.

“Detetive”?

Jens Brekke estava falando.

Ele retirara os óculos escuros e estava apertando os olhos. Uma franja loira desarrumada caía na frente das íris azuis quase transparentes. Seu rosto redondo ainda tinha a fofura de um menino, mas as rugas ao redor dos olhos sugeria que ele havia passado dos trinta, pelo menos. O terno Armani tinha sido trocado por um clássico Del Georgio e os sapatos Bally, costurados à mão, eram como espelhos negros, mas havia algo na sua aparência que lembrava a Harry um insolente rapaz de doze anos, vestido como um adulto. Harry se apresentou.

“Estou aqui em nome da polícia norueguesa para fazer algumas perguntas de rotina”.

“Estou vendo. Isso é normal”?

“Você falou com o embaixador no dia em que ele morreu, não é”?

Brekke olhou para Harry com surpresa. “Está certo. Como você sabia”?

“Encontramos seu celular. Seu número era um dos últimos cinco para quem ele ligou. Ele ligou às 13h15min”.

Harry estudou Brekke com cuidado, mas seu rosto não registrava nenhuma incerteza ou confusão.

“Podemos ter uma conversa”?

“Passe por lá”, disse Brekke, oferecendo um cartão de visita entre os dedos indicador e médio.

“Em casa ou no trabalho”?

“Em casa eu durmo”.

Era impossível ver o pequeno sorriso brincando nos cantos de sua boca, mas, no entanto, Harry sabia que estava lá. Como se estar conversando com um detetive fosse apenas algo emocionante, algo um pouco fora do comum.

“Se você me dá licença”?

Brekke sussurrou algumas palavras no ouvido de Runa, acenou para Hilde e correu até seu Porsche. O local foi se esvaziando; Sanphet acompanhou Hilde Molnes até o carro da embaixada e Harry ficou em pé ao lado de Runa.

“Haverá uma reunião na embaixada”, disse ele.

“Eu sei. Parece que mamãe não está com vontade de ir”.

“Certo. Você provavelmente vai representar a família”.

“Não”, disse ela.

Harry observou Sanphet fechar a porta depois de Hilde Molnes se sentar e dar a volta no carro.

“Bem, você pode tomar um táxi comigo, se quiser”.

Harry podia sentir suas orelhas esquentarem quando ouviu como isso soou. Ele tinha a intenção de dizer ‘se você quiser ir’.

Ela olhou para ele. Seus olhos eram negros e ele não sabia o que eles estavam dizendo.

“Eu não quero”. Ela começou a caminhar em direção ao carro da embaixada.

Os ânimos estavam em baixa e ninguém falava muito. Tonje Wiig convidara Harry para a reunião, e eles estavam num canto matando o tempo, entediados. Tonje já estava no seu segundo Martini. Harry havia pedido água, mas ao invés disso lhe deram um suco de laranja doce e viscoso.

“Então, você tem família lá em casa, Harry”?

“Alguma”, Harry disse, sem saber o que significava a mudança repentina de assunto.

“Eu também”, disse ela. “Pais, irmão e irmã. Alguns tios e tias, sem avós. É isso aí. E você”?

“Algo semelhante”.

A senhorita Ao serpenteava entre as pessoas com uma bandeja de bebidas. Ela estava usando um vestido Thai simples e tradicional, com uma fenda longa no lado. Ele a seguiu com os olhos. Não era difícil imaginar porque o embaixador poderia ter caído na tentação.

No outro extremo da sala, na frente de um grande mapa do mundo, estava um homem se balançando sobre os calcanhares, com as pernas afastadas. Ele tinha as costas eretas, ombros largos e cabelos cinza-prata cortados como os de Harry. Seus olhos estavam cobertos, sua mandíbula era definida e suas mãos estavam cruzadas nas costas. Havia um cheiro de militar naquela postura.

“Quem é aquele”?

“Ivar Løken. O embaixador chamava-o simplesmente de LM”.

“Løken? Engraçado. Ele não consta na lista de funcionários que me foi dada por Oslo. O que ele faz”?

“Boa pergunta”. Ela riu e tomou um gole de sua bebida. “Desculpe, Harry - tudo bem se eu te chamar de Harry? - eu devo estar um pouco tonta. Eu tive tanto trabalho e tão pouco sono nos últimos dias. Ele chegou aqui

no ano passado, logo após Molnes. Para ser franca, ele pertence à parte do Ministério que não vai a lugar nenhum”.

“O que isso significa”?

“Sua carreira acabou em um beco. Ele veio de algum trabalho na Defesa, mas em algum momento havia muitos ‘mas’ em torno do seu nome”.

“Mas”?

“Você não ouviu a maneira como as pessoas no Ministério falam sobre o outro? ‘Ele é um bom diplomata, *mas* ele bebe, *mas* ele gosta de mulheres demais’ e assim por diante. O que vem depois do ‘mas’ é muito mais importante do que o que vem antes; ele determina o quão longe você pode chegar no Departamento. É por isso que há tantas mediocridades hipócritas no topo”.

“Então, qual é o seu ‘mas’ e por que ele está aqui”?

“Para ser honesta, eu não sei. Ele tem reuniões e escreve relatórios estranhos para Oslo, mas nós não o vemos muito. Eu acho que ele gosta de ser deixado sozinho. De vez em quando ele sai em viagens para o Vietnã, Laos ou Camboja com uma barraca, remédios contra a malária e uma mochila cheia de equipamentos fotográficos. Você conhece o tipo, não é”?

“Talvez. Que tipo de relatórios que ele escreve”?

“Não sei. O embaixador é quem lida com tudo isso”.

“Não sei? Não deve haver muitos deles na embaixada. É da Inteligência”?

“Para quê”?

“Bem, Bangkok é o centro do sudeste da Ásia”.

Ela olhou para ele e sorriu melancolicamente. “Eu gostaria que fizéssemos essas coisas interessantes. Mas acho que o Ministério está deixando ele ficar aqui pelo longo tempo de serviço prestado com lealdade ao rei e ao país. Além disso, estou presa a um juramento de sigilo”.

Ela riu de novo e pôs a mão no braço de Harry. “Vamos falar de outra coisa”?

Harry falou sobre outra coisa e depois foi buscar outra bebida. O corpo humano é composto por sessenta por cento de água e ele tinha a sensação de que durante o dia a maior parte da que ele tinha evaporou-se para o céu azul-acinzentado.

Ele encontrou a senhorita Ao de pé com Sanphet na parte de trás da sala. Sanphet deu-lhe um aceno comedido.

“Você tem água”? Harry perguntou.

A senhorita Ao passou-lhe um copo.

“Qual a função de LM aqui”?

Sanphet levantou uma sobrancelha. “Você está falando de Mr Løken”?

“Estou”.

“Por que você não pergunta para ele”?

“Neste caso, é melhor perguntar pelas costas”.

Sanphet sorriu. “L significa ‘living’ e M ‘morphine’. É um apelido antigo que ele recebeu trabalhando para a ONU no Vietnã, no final da guerra”.

“Vietnam”?

Sanphet acenou discretamente e a senhorita Ao se foi.

“Løken estava com uma unidade vietnamita numa zona de aterrissagem à espera de ser recolhido por um helicóptero quando foram atacados por uma patrulha Vietcongue. Foi um banho de sangue e Løken foi um dos atingidos. Ele levou uma bala através de um músculo do pescoço. Os norte-americanos já tinham retirado seus soldados do Vietnã, mas ainda tinham deixado atendentes médicos lá. Eles correram ao redor do capim-elefante de soldado para soldado prestando os primeiros socorros. Eles escreviam sobre os capacetes dos homens feridos, com giz, uma espécie de prontuário médico improvisado. Se escreviam D (dead) isso significava que a pessoa estava morta, de modo que aqueles que vinham em seguida não perdiam tempo examinando-os. L (living) significava que o paciente estava vivo, e se escreviam M significava que tinham aplicado morfina neles. Eles faziam isso para impedir que alguém recebesse doses a mais e morresse de overdose”.

Sanphet acenou para Løken.

“Quando eles o encontraram ele já tinha perdido a consciência, de modo que não lhe deram morfina, apenas escreveram um L em seu capacete e carregaram-no para o helicóptero com os outros. Quando ele foi acordado pelos seus próprios gritos de dor ele não entendeu onde estava logo de início. Mas quando virou o cadáver deitado em cima dele e viu um homem com uma braçadeira branca injetar morfina nos outros, ele entendeu e gritou por morfina. Um enfermeiro bateu no capacete e disse: ‘Desculpe, amigo, você já está bombeado até os olhos’. Løken não podia acreditar e arrancou o capacete, onde, com certeza, havia um L e um M. No entanto, a situação era a seguinte, aquele não era o seu capacete. Ele olhou para o soldado que

tinha acabado de ser injetado no braço. Ele viu o capacete com um L, reconheceu o pacote de cigarros preso sob a alça e o emblema da ONU e percebeu o que tinha acontecido. O cara trocara seus capacetes para receber outra dose de morfina. Ele gritou, mas seus gritos de agonia foram abafados pelo barulho do motor quando decolaram. Løken ficou deitado e gritando por meia hora antes de chegarem ao campo de golfe”.

“Campo de golfe”?

“O acampamento. Era como nós o chamávamos”.

“Então você estava lá, também”?

Sanphet assentiu.

“É por isso que você conhece a história tão bem”?

“Eu era um trabalhador médico voluntário”.

“O que aconteceu”?

“Løken ficou deitado lá. O outro cara nunca acordou de novo”.

“Overdose”?

“Bem, ele não morreu do tiro no estômago”.

Harry balançou a cabeça. “E agora você e Løken estão trabalhando no mesmo lugar”.

“Por coincidência”.

“Quais são as chances de isso acontecer”?

“O mundo é pequeno”, disse Sanphet.

“LM”, Harry disse, em seguida, bebeu, murmurou que precisava de mais água e foi à procura da senhorita Ao.

“Você sente falta do embaixador”? Perguntou quando a encontrou na cozinha. Ela estava dobrando guardanapos em torno dos copos e prendendo-os com tiras elásticas.

Ela olhou para ele com surpresa e assentiu.

Harry segurou o copo vazio entre as mãos.

“Há quanto tempo vocês eram amantes”?

Ele viu sua boquinha delicada se abrir, formar uma resposta, que seu cérebro ainda não tinha preparado, e fechar e abrir de novo, como um peixinho dourado. Quando a raiva atingiu seus olhos e ele meio que esperava que ela desse um tapa nele, a raiva sumiu. Em vez disso, seus olhos se encheram de lágrimas.

“Sinto muito”, Harry disse, sem sentir muito.

“Você...”

“Eu sinto muito, mas temos que fazer essas perguntas”.

“Mas eu...” Ela limpou a garganta, levantou e baixou os ombros, como que afastando um mau pensamento. “O embaixador era casado. E eu...”.

“Você também é casada”?

“Não, mas...”

Harry tomou seu braço levemente e levou-a para longe da porta da cozinha. Ela se virou para ele, a raiva nos olhos dela voltou.

“Escute, senhorita Ao, o embaixador foi encontrado em um motel. Você sabe o que isso significa. Isso significa que você não era a única com quem ele estava transando”.

Ele olhou para ela para ver o efeito das palavras.

“Estamos investigando um assassinato. Você não tem nenhuma razão para sentir qualquer lealdade com este homem, você entende”?

Ela estava chorando e ele se tornou consciente de que estava apertando o braço dela. Ele soltou. Ela olhou para ele. Suas pupilas eram grandes e negras.

“Você está com medo? É isso”?

Seu peito subia e descia.

“Ajudaria se eu prometer que nada disso precisa vazar a não ser que você esteja envolvida no assassinato”?

“Nós não éramos amantes”!

Harry olhou para ela, mas tudo o que ele podia ver eram duas pupilas negras.

“Está bem. O que uma jovem como você estava fazendo no carro de um embaixador casado? Além de tomar sua medicação para a asma”?

Harry colocou o copo vazio sobre a bandeja e saiu. Foi uma coisa idiota para dizer, mas Harry estava disposto a fazer coisas idiotas para que algo acontecesse. Qualquer coisa.

## Domingo 12 de Janeiro

Elizabeth Dorothea Crumley estava de mau humor.

“Merda! Já se passaram cinco dias. Um estrangeiro foi esfaqueado nas costas num motel, e não temos impressões digitais, não há suspeitos, nem uma maldita pista. Apenas recepcionistas, Tonya Harding, proprietários de motel e agora a máfia. Será que eu me esqueci de alguma coisa”?

“Agiotas”, disse Rangsán de trás do *Bangkok Post*.

“Os agiotas são a máfia”, disse a inspetora.

“Não é o tipo de agiota que Molnes recorreu”, disse Rangsán.

“O que você quer dizer”?

Rangsán largou o jornal. “Harry, você disse que o motorista pensou que o embaixador devia dinheiro a alguns agiotas. O que um agiota faz quando o devedor está morto? Ele tenta cobrar as dívidas da família, não é”?

Liz parecia cética.

“Algumas pessoas ainda tem o sentimento arraigado da noção de honra familiar, e os agiotas são empresários. É claro que eles vão tentar reaver o dinheiro onde for possível”.

“Isso soa muito rebuscado”, disse Liz, franzindo o nariz.

Rangsán pegou o jornal novamente. “No entanto, eu encontrei o número do Thai Indo Travellers três vezes na lista das chamadas recebidas pela família Molnes nos últimos três dias”.

Liz assobiou baixinho, e houve acenos ao redor da mesa.

“O que”? Disse Harry, percebendo que havia algo que ele não tinha entendido.

“Thai Indo Travellers é uma agência de viagens de fachada”, explicou Liz. “Mas é no primeiro andar que eles têm seu verdadeiro negócio - emprestar dinheiro para as pessoas que não podem obter empréstimos em qualquer outro lugar. Suas taxas de juros são altas e eles têm uma maneira muito eficaz de fazer as pessoas pagar. Estamos de olho neles há algum tempo”.

“E não fizeram nada para acabar com eles”?

“Poderíamos, se tivéssemos tentado o suficiente. Mas achamos que seus concorrentes são piores. Thai Indo Travellers conseguiu operar paralelamente a máfia e, tanto quanto nós sabemos, eles não pagam nem

proteção. Se mataram o embaixador seria a primeira vez que mataram alguém, pelo que sabemos”.

“Talvez fosse hora de dar o exemplo”, disse Nho.

“Matar um homem primeiro e depois ligar para a família para receber o dinheiro. Isso não soa um pouco de trás para frente”? Disse Harry.

“Por quê? Aqueles que precisaram de um aviso sobre o que acontece com maus pagadores foram avisados”, Rangsan disse, virando lentamente a página. “Se eles conseguirem receber o dinheiro também, isso será um bônus”.

“Tudo bem”, disse Liz. “Nho e Harry, vocês vão fazer uma visita de cortesia aos agiotas. Só mais uma coisa, eu estive conversando com o pessoal da perícia. Eles estão totalmente perplexos com a graxa que encontramos ao redor do ferimento a faca no paletó do Molnes. Eles afirmam que é orgânico e que tem que ser de algum animal. OK, eu acho que isso é tudo. Boa sorte”.

Rangsan alertou Harry e Nho enquanto se dirigiam para o elevador.

“Sejam cuidadosos. Estes caras são durões. Ouvi dizer que eles usam hélices nos maus pagadores”.

“Hélices”?

“Eles os levam em um barco, amarram-nos num poste no rio, colocam o motor em sentido inverso e levantam o eixo da hélice para fora da água enquanto deslizam lentamente em torno da vítima. Você pode visualizar isso”?

Harry visualizou.

“Há poucos anos atrás, encontrei um cara que tinha morrido de ataque cardíaco. A pele do seu rosto tinha sido arrancada, literalmente. A ideia era que ele andaria pela cidade como um aviso e serviria para dissuadir os outros devedores. Mas deve ter sido uma pressão muito grande sobre o seu coração quando ouviu o motor ser ligado e viu a hélice se aproximando”.

Nho assentiu. “Nada bom. Melhor pagar”.

TAILÂNDIA SURPREENDENTE estava escrito em letras grandes sobre a imagem multicolorida de dançarinas tailandesas. O cartaz estava pendurado na parede da pequena agência de viagens na Sampeng Lane, em Chinatown. Além de Harry, Nho, e um homem e uma mulher atrás de

mesas, a sala espartana estava vazia. O homem usava óculos com lentes tão grossas que parecia estar olhando para eles de dentro de um aquário.

Nho tinha acabado de mostrar-lhe a sua Identidade de policial.

“O que ele disse”?

“A polícia é sempre bem-vinda. Podemos fazer preços especiais para suas viagens”.

“Peça uma viagem gratuita até o andar de cima”.

Nho disse algumas palavras e o homem ergueu um receptor de telefone.

“Sr. Sorensen só precisa terminar de beber seu chá”, disse ele em Inglês.

Harry estava prestes a dizer algo, mas um olhar reprovador de Nho o fez mudar de ideia. Os dois sentaram-se para esperar. Depois de alguns minutos, Harry apontou para o ventilador inativo no teto. Cara de Aquário sorriu e balançou a cabeça.

“Já era”.

Harry podia sentir seu couro cabeludo coçando. Depois de mais alguns minutos o telefone tocou e o homem pediu-lhes para segui-lo. No começo da escada, fez sinal de que eles deviam tirar os sapatos. Harry pensou em suas meias de tênis suadas com buracos e considerou que era melhor para todos se ele mantivesse seus sapatos, mas Nho balançou a cabeça lentamente. Xingando, Harry tirou os sapatos e se arrastou para cima.

Cara de Aquário bateu numa porta, ela se abriu e Harry recuou dois passos. Uma montanha de carne e músculos enchia a porta. A montanha tinha duas pequenas fendas como olhos, um bigode preto curvado em torno da boca e sua cabeça era raspada, com um rabicho ensebado. Sua cabeça parecia uma bola de boliche descolorida; o tronco não tinha pescoço e ombros, apenas uma massa protuberante que começava em seus ouvidos e descia até um par de braços que eram tão gordos que pareciam como se tivessem sido aparafusados. Harry nunca tinha visto um ser humano grande como aquele em toda a sua vida.

O homem virou-se e rebolou na frente deles pela sala.

“O nome dele é Woo” Nho sussurrou. “Valentão mercenário. Muito má reputação”.

“Meu Deus. Ele parece uma terrível imitação de um bad boy de Hollywood”.

“Chinês da Manchúria. Eles são famosos por serem muito...”.

As persianas em frente às janelas estavam fechadas, e na sala escura Harry podia discernir o contorno de um homem sentado atrás de uma mesa.

Um ventilador zumbia no teto e uma cabeça de tigre empalhada rosnavava para eles da parede. A porta da varanda aberta dava a impressão que o tráfego estava passando pela sala, e uma terceira pessoa estava sentada perto da porta. Woo apertou-se na última cadeira restante. Harry e Nho ficaram de pé no meio da sala.

“Como posso ajudá-lo, senhores”?

A voz de trás da mesa era profunda, a pronúncia britânica, os timbres quase Oxford. Ele ergueu a mão e um anel brilhava. Nho olhou para Harry.

“Bem, nós somos da polícia, Sr. Sorensen...”.

“Eu sei”.

“Você emprestou dinheiro para Atle Molnes, o embaixador da Noruega. Você ligou para a esposa depois de sua morte. Por quê? Para tentar forçá-la a pagar as dívidas”?

“Não temos dívidas a liquidar com qualquer embaixador. Além disso, não lidamos com esse tipo de empréstimo, Sr ...”

“Hole. Você está mentindo, Sr. Sorensen”.

“O que você disse, Sr. Hole”? Sorensen tinha se inclinado para frente. Seus traços faciais eram tailandeses, mas sua pele e cabelos eram brancos como a neve e seus olhos azuis.

Nho pegou a manga de Harry, mas ele puxou o braço e encarou o olhar de Sorensen. Ele sabia que tinha colocado o pescoço no cepo, tinha tomado uma postura ameaçadora e o Sr. Sorensen perderia a moral agora se ele admitisse algo. Essas eram as regras do jogo. Mas Harry estava ali com as meias puídas, suando como um porco e absolutamente farto de rostos, tato e diplomacia.

“Você está em Chinatown agora, Sr. Hole, não em terra *farang*. Eu não tenho nenhum problema com o chefe de polícia de Bangkok. Eu sugiro que você tenha uma conversa com ele antes de dizer mais alguma palavra, então eu prometo que nós vamos esquecer esta cena constrangedora”.

“Normalmente, a polícia lê os direitos para o criminoso, e não vice-versa”.

Os dentes do Sr. Sorensen brilharam brancos entre os úmidos lábios vermelhos. “Oh, sim. ‘Você tem o direito de permanecer em silêncio’, e assim por diante. Bem, desta vez, foi vice-versa. Woo, mostre o caminho para fora. Senhores”.

“Suas atividades aqui não podem suportar a luz do dia e nem você, Sr. Sorensen. Se eu fosse você eu iria direto para fora e comprava um pouco de

filtro solar com alto fator de proteção. Eles não são vendidos nos pátios de recreio da prisão”.

A voz de Sorensen saiu com um toque mais profundo. “Não me provoque, Mr Hole. Temo que minhas jornadas no exterior me fizeram perder minha lendária paciência tailandesa”.

“Depois de alguns anos atrás das grades você vai tê-la de volta”.

“Leve o Sr Hole *para fora*, Woo”.

O corpo maciço moveu-se com uma velocidade surpreendente. Harry sentiu o cheiro acre de curry, e antes que pudesse levantar um braço, ele foi levantado do chão e apertado como um ursinho de pelúcia que alguém tinha acabado de ganhar no parque. Harry tentou se soltar, mas o abraço de ferro apertava mais ainda a cada vez que ele soltava o ar dos pulmões, como uma jiboia faz com suas vítimas. Tudo ficou escuro e o som do tráfego tornou-se mais alto. Então, finalmente, ele estava livre e pairando no ar. Quando ele abriu os olhos, sabia que ficara inconsciente, como se tivesse sonhado por um segundo. Ele viu uma placa coberta de símbolos chineses, um feixe de fios entre dois postes, um céu branco-acinzentado e um rosto olhando para ele. Em seguida, o som voltou, e ele podia ouvir o fluxo de palavras em cascata que saía da boca do rosto. Ele apontou para a varanda e depois para o teto do tuk-tuk que tinha um afundamento desagradável.

“Como você está, Harry”? Nho dispensou o motorista do tuk-tuk.

Harry olhou para baixo para si mesmo. Suas costas doíam e havia algo imensamente triste com suas meias esportivas furadas no sujo asfalto cinza.

“Bem, não permitiriam a minha entrada no Schröder assim. Você está com os meus sapatos”?

Harry poderia jurar que Nho estava mordendo a língua para conter um sorriso.

“Sorensen disse-me para trazer um mandado de prisão da próxima vez”, Nho disse quando eles já estavam de volta no carro. “De qualquer maneira agora nós vamos consegui-lo porque ele cometeu violência contra um funcionário público”.

Harry passou o dedo por um longo corte em sua panturrilha. “Nós não o temos, temos o capanga. Mas talvez ele possa nos dizer algo. O que há entre vocês tailandeses e as alturas? De acordo com Tonje Wiig eu sou o terceiro norueguês que foi jogado para fora de uma casa pela janela esta semana”.

“Um velho modus operandi da máfia. Eles preferem fazer isso em vez de encher alguém com chumbo. Se a polícia encontrar um cara debaixo de

uma janela não se pode descartar a possibilidade de que pudesse ter caído acidentalmente. Algum dinheiro muda de mãos, o caso é arquivado sem que ninguém seja diretamente criticado e todos ficam felizes. Buracos de bala complicam as coisas”.

Eles pararam no semáforo. Uma chinesa velha e enrugada estava sentada num tapete, sorridente. Seu rosto borrado no ar azul tremeluzente.

## 15

### Domingo 12 de Janeiro

“O que é um pedófilo”?

Ståle Aune suspirou profundamente do outro lado da linha.

“Pedófilo? Isso é um inferno de uma pergunta. A resposta curta é que é uma pessoa que se sente sexualmente atraída por menores de idade antes da puberdade”.

“E a resposta um pouco mais profunda”?

“Há muita coisa que não sabemos sobre o fenômeno, mas se você falar com um sexólogo ele provavelmente faria uma distinção entre os pedófilos do tipo ‘preferencia condicionada’ e ‘situação condicionada’. O tipo clássico com um saco de doces no parque é o ‘preferência condicionada’. Seus interesses pedófilos geralmente começam na adolescência, não necessariamente com qualquer conflito externo. Ele se identifica com a criança, adapta o seu comportamento para a idade da criança e pode de vez em quando assumir um papel de pseudoparente. A atividade sexual é geralmente cuidadosamente planejada e para ele o sexo é uma tentativa de resolver os seus problemas da vida. Vou ser pago por isto”?

“E o ‘situação condicionada’ ”?

“Um grupo mais difuso. Eles são basicamente sexualmente mais interessados em outros adultos e a criança tende a ser um substituto para alguém com quem o pedófilo está em conflito”.

“Diga-me mais sobre o cara com o saco de doces. Como ele se excita”?

“Bem, como regra, os pedófilos têm baixa autoestima e uma sexualidade frágil. Ou seja, eles têm dúvidas sobre si mesmos, eles não conseguem assumir a sexualidade adulta e eles se sentem fracassados. Eles pensam que só podem controlar a situação se eles realizam seus desejos com as crianças”.

“E tudo se resume a natureza e formação, a lengalenga de sempre”?

“Não é incomum que os abusadores tenham sido sexualmente abusados quando crianças”.

“Como você pode reconhecê-los”?

“Desculpe, Harry, mas não funciona assim. Eles realmente não se destacam em tudo. Eles são geralmente homens que vivem sozinhos e têm uma rede social pobre. Eles podem ter uma identidade sexual danificada, mas eles podem funcionar perfeitamente bem em outras áreas da vida”.

“Entendo. Então você não pode saber”.

“A vergonha cria artistas em camuflagem inteligente. A maioria dos pedófilos adquire experiência ao longo da vida em esconder as suas predileções dos outros, então a única coisa que posso dizer é que existem muito mais pedófilos no mundo do que a polícia consegue prender”.

“Dez para cada um preso”.

“O que você disse”?

“Nada. Obrigado, Ståle. Antes que eu esqueça, eu coloquei uma rolha na garrafa”.

“Oh. Há quantos dias”?

“Cerca de quarenta e oito horas”.

“Difícil”?

“Bem, pelo menos os monstros estão ficando debaixo da cama. Eu pensei que seria pior”.

“Você apenas começou. Lembre-se, você terá alguns dias ruins”.

“Existe mais alguma coisa além de dias ruins”?

Estava escuro, e o taxista passou para ele um pequeno folheto colorido quando ele pediu para ser levado até Patpong.

“Massagem, senhor? Boa massagem. Eu levo”.

À luz escassa viu fotos de meninas sorrindo para ele, tão puras e inocentes como um anúncio da Thai Airways.

“Não, obrigado, eu só quero comer”. Harry devolveu o folheto embora suas costas doloridas sugerissem que parecia ser uma excelente sugestão. Quando, por curiosidade, Harry perguntou que tipo de massagem, o taxista fez um sinal internacional que não deixou espaço para uma interpretação.

Foi Liz quem recomendou o Le Boucheron em Patpong, e a comida parecia realmente boa, só que Harry não estava com apetite. Ele sorriu desculpando-se para a garçonete que trouxe seu prato, e deu uma gorjeta generosa para que não achasse que ele estava insatisfeito. Então ele saiu para a vida histórica das ruas de Patpong. Soi 1 foi fechada ao tráfego, mas estava ainda mais cheia de gente subindo para cima e para baixo, como um rio fervendo, ao lado de barracas e bares. Música vazava por todos os orifícios das paredes, homens e mulheres suados nas calçadas estavam à procura de ação, e os cheiros da humanidade, esgoto e comida competiam pela supremacia. Uma cortina se afastou quando ele passou e lá dentro viu

meninas dançando, vestidas com as obrigatórias calcinhas fio dental e sapatos de salto alto.

“Sem taxa de entrada, noventa Bath para bebidas”, alguém gritou em seu ouvido. Ele continuou andando, mas era como ficar parado porque a mesma coisa era repetida por todo o caminho pela rua superpovoada.

Ele sentiu uma pulsação em seu estômago e não conseguia definir se era a música, seu coração ou o estrondo maçante de uma das máquinas batendo estacas de noite e de dia na construção da nova autoestrada de Bangkok sobre a Silom Road.

Em um bar uma menina num vestido de seda espalhafatoso, vermelho, capturou seu olhar e apontou a cadeira ao lado dela. Harry seguiu em frente, sentindo-se quase bêbado. Ele ouviu um rugido vindo de outro bar com uma televisão pendurada em um canto e ficou claro que um time ou outro tinha marcado. Dois ingleses com pescoços rosa brindaram e cantaram ‘Eu estarei sempre soprando bolhas...’, provavelmente o hino de algum time inglês.

“Entre, lourinho”.

Uma mulher alta e magra piscou para ele, colocou para fora um par de seios grandes, firmes e cruzou as pernas de modo que as calças colantes não deixassem nada para a imaginação.

“Ela é uma *kato*”, disse uma voz em norueguês, e Harry se virou.

Era Jens Brekke. Uma tailandesa mignon numa saia de couro apertada estava pendurada no seu braço.

“É fantástico, realmente, tem tudo: as curvas, seios e uma vagina. De fato, alguns homens preferem uma *kato* ao item genuíno. E por que não?” Brekke mostrou um conjunto de dentes brancos no rosto infantil marrom. “O único problema, claro, é que vaginas criadas cirurgicamente não têm as mesmas propriedades de autolimpeza como as pertencentes às mulheres reais. O dia em que eles puderem fazer isso eu vou considerar uma *delas* para mim. Qual é a sua opinião, detetive?”

Harry olhou para a mulher alta que virou as costas para eles com um suspiro alto quando ouviu a palavra *kato*.

“Bem, eu não tinha imaginado que alguma das mulheres aqui podiam não ser mulheres”.

“É fácil enganar o olho destreinado, mas você pode ver pelo pomo de Adão porque, geralmente, não é possível remove-lo. Além disso, elas tendem a ser uma cabeça mais altas do que as mulheres, roupas com um

toque muito mais provocante e um pouco demasiado agressivas na abordagem. E muito mais bonitas também. Isso é o que lhes dá prazer em última instância. Elas não conseguem se controlar; elas sempre têm que ir um pouco mais longe”.

Ele deixou a frase pairando no ar, como se estivesse insinuando alguma coisa, mas se estava, Harry não sabia o que.

“Por acaso, Detetive, você andou exagerando? Vejo que você está mancando”.

“Fé exagerada no estilo de conversação ocidental. Vai passar”.

“Qual? A fé ou a ferida”?

Brekke observava Harry com o mesmo sorriso invisível que tinha estado lá após o funeral. Como se fosse um jogo que ele queria que Harry participasse. Harry não estava com um estado de espírito lúdico.

“Ambos, eu espero. Eu estava a caminho de casa”.

“Já”? A luz de néon brilhava na testa úmida de Brekke. “Espero vê-lo em melhor forma amanhã então, detetive”.

Na Surawong Road Harry acenou para um táxi.

“Massagem, senhor”?

# **PARTE TRES**

## Segunda-Feira 13 de Janeiro

Quando Nho pegou Harry do lado de fora do River Garden, o moderno bloco de apartamentos onde estava hospedado, o sol tinha apenas acabado de surgir e estava brilhando suavemente sobre ele entre as casas baixas.

Eles chegaram no Barclays Thailand antes das oito horas e o sorridente atendente do estacionamento, com um penteado Jimi Hendrix e fones de ouvido, liberou a entrada deles no estacionamento subterrâneo do edifício. Nho finalmente avistou um espaço livre para os clientes entre as BMWs e Mercedes perto dos elevadores.

Nho preferiu esperar no carro uma vez que seu norueguês limitava-se a 'takk' - obrigado - que Harry lhe ensinara a pronunciar durante uma pausa para o café. Liz tinha brincado que 'takk' era sempre a primeira palavra que um homem branco tentava ensinar aos nativos.

Nho estava desconfortável no bairro; tantos carros de luxo atraíam os ladrões, ele disse. E mesmo que os estacionamentos fossem equipados com circuito interno de câmeras, ele não confiava nos atendentes que clicavam seus dedos facilmente para liberar a cancela, sem prestar muita atenção nos passageiros dos carros.

Harry pegou o elevador até o nono andar e entrou na área de recepção do Barclays Thailand. Apresentou-se e olhou para o relógio. Ele meio que imaginava ter que esperar por Brekke, mas uma mulher o acompanhou de volta ao elevador, passou um cartão e pressionou C que, explicou, levava até a cobertura. Em seguida, ela saiu disparando do elevador e Harry subiu para o céu.

Quando as portas do elevador se abriram, ele deparou com Brekke em pé no meio de um piso de madeira marrom brilhante, encostado a uma grande mesa de mogno com um telefone no ouvido e outro no ombro. O resto da sala era de vidro. Paredes, teto, mesa de café, até mesmo as cadeiras.

“Ligo mais tarde, Tom. Certifique-se de que você não será devorado hoje. E, como eu disse, não toque nas *rupiah*”. [\(15\)](#)

Ele sorriu desculpando-se com Harry, deslocou o outro telefone até sua orelha, olhou para o relógio na tela do computador e pronunciou um breve ‘sim’ antes de desligar.

“O que significa tudo isso”? Harry perguntou.

“Este é o meu trabalho”.

“Qual”?

“Neste exato momento, afiançando um empréstimo em dólares para um cliente”.

“Grandes somas envolvidas”? Harry olhava para Bangkok, que estava meio escondida na névoa abaixo deles.

“Depende com o que você está comparando. O Orçamento Fiscal de uma cidade Norueguesa média, imagino. Será que você se divertiu muito ontem à noite”?

Antes que Harry pudesse responder, um dos telefones tocou e Brekke apertou um botão no interfone.

“Anote o recado, Shena, por favor? Eu estou ocupado”. Ele soltou o botão sem esperar pela confirmação.

“Ocupado”?

Brekke riu. “Você não lê os jornais? Todas as moedas asiáticas estão desabando. Todo mundo está mijando nas calças e se matando para comprar dólares. Bancos e Corretoras estão fechando todos os dias e as pessoas começaram a pular pelas janelas”.

“Mas você não”? Harry disse, distraidamente esfregando sua espinha.

“Eu? Eu sou um corretor da família do abutre”.

Ele bateu os braços algumas vezes e mostrou os dentes. “Ganhamos dinheiro aconteça o que quer que aconteça, desde que haja uma ação e as pessoas estejam negociando. O espetáculo não pode parar e isto é o melhor que existe”.

“Então você é o croupier neste jogo”?

“Sim! Bem observado. Tenho que me lembrar disto. E os outros idiotas são os jogadores”.

“Idiotas”?

“Certamente”.

“Eu pensei que estes investidores eram relativamente inteligentes”.

“Inteligentes, sim, mas ainda assim idiotas absolutos. É um paradoxo eterno, quanto mais inteligente se tornam, mais entusiasmados ficam para especular no mercado de câmbio. Eles são os únicos que devem saber melhor do que ninguém que é impossível ganhar dinheiro na roleta, num longo prazo. Eu sou muito estúpido também, mas pelo menos eu sei disso”.

“Então, você nunca aposta nesta roleta, Brekke”?

“Eu faço uma aposta ocasional”.

“Isso faz você um dos idiotas”?

Brekke ofereceu uma caixa de charutos, mas Harry declinou.

“Um homem sábio. Eles têm um gosto horrível. Eu fumo, porque eu acho que impressiona. Porque eu posso pagar”. Ele balançou a cabeça e colocou um charuto na boca. “Você viu *Casino*, detetive? Aquele com Robert De Niro e Sharon Stone”?

Harry acenou com a cabeça.

“Você se lembra da cena em que Joe Pesci fala sobre um cara que é a única pessoa que sabe que pode ganhar dinheiro com jogos de azar? Mas o que ele faz não é jogar, ele está apostando. Corridas de cavalos, jogos de basquete e assim por diante. Isso é bem diferente de roleta”.

Brekke puxou uma cadeira de vidro para Harry e sentou-se de frente para ele.

“O jogo é sorte, mas aposta não é. Aposta se baseia em duas coisas: psicologia e informação. A pessoa mais inteligente ganha. Veja esse cara no *Casino*. Ele gasta todo o seu tempo na coleta de informações, sobre pedigrees dos cavalos, como estão se saindo nos treinos no início da semana, o alimento que receberam, o quanto o jockey pesou quando se levantou de manhã - todas as informações que os outros não se incomodam ou são incapazes de obter ou absorver. Então ele avalia tudo, avalia as probabilidades e observa o que os outros jogadores fazem. Se as chances de um cavalo são muito altas, ele aposta nele, tanto faz ele acreditar que vai ganhar ou não. E, no geral, ele é o único que ganha. E os outros perdem”.

“Tão simples”?

Brekke levantou a mão em defesa e olhou para o relógio. “Eu soube que um investidor japonês do Asahi Bank ia até Patpong na noite passada. No final, eu o encontrei na Soi 4. Eu passei-lhe informações e extrai o máximo até as três da manhã, então eu o deixei com a mulher que estava comigo e fui para casa. Eu vim trabalhar às seis e fiquei comprando *Bath* desde então. Logo ele vai chegar no trabalho e vai encontrar o Bath valendo quatro bilhões de Coroas <sup>(16)</sup>. Então vou vender de novo”.

“Parece ser um monte de dinheiro, mas também parece ser quase ilegal”.

“Quase, Harry. Só quase”. Brekke estava animado agora, como um garoto mostrando um brinquedo novo. “Não é uma questão de moralidade. Se você é um atacante agressivo num time de futebol você sempre estará

numa posição de quase impedimento. Regras existem para serem quebradas”.

“E aqueles que melhor quebram as regras ganham”?

“Quando Maradona marcou aquele gol com a mão as pessoas aceitaram isso como parte do jogo. Tudo o que árbitro não vê é válido”.

Brekke levantou um dedo.

“No entanto, você não pode fugir do fato de que se trata de probabilidades. Você perde de vez em quando, mas se você jogar com as probabilidades a seu favor você ganha dinheiro no longo prazo”.

Brekke fez uma careta e apagou o charuto.

“Hoje, este investidor japonês determinou o que eu estou fazendo, mas você sabe o que é o melhor em tudo isso? É quando você executa o jogo. Por exemplo, antes dos números da inflação dos EUA serem publicados você pode espalhar um boato de que Greenspan disse num almoço privado que a taxa tem que subir. Você pode confundir o inimigo. É assim que você colhe as grandes vitórias. Diabos, é melhor do que sexo”.

Ele riu e bateu com os pés no chão de excitação.

“O mercado de câmbio é a mãe de todos os mercados, Harry. É a Fórmula Um. É tão emocionante quanto é mortal. Eu sei que é perverso, mas eu sou um desses malucos que gostam de saber que é culpa deles quando se matam ao volante”.

Harry olhou em volta. Um professor louco numa sala de vidro.

“E se você for pego por excesso de velocidade”?

“Enquanto eu estou ganhando dinheiro e fico dentro dos meus limites, todo mundo fica feliz. Além do mais, isso me torna o corretor que mais lucros obtém para a empresa. Você vê este escritório? O chefe do Barclays Thailand costumava sentar-se aqui. Você pode estar se perguntando por que um corretor nojento como eu está aqui. É porque só há uma coisa que conta numa corretora: quanto dinheiro você ganha. Todo o resto é decoração. Chefes, também. Eles são apenas os administradores que são dependentes de corretores como nós para manter seus empregos e salários. Meu chefe mudou para um confortável escritório no andar de baixo, porque eu ameacei ir para um concorrente com todos os meus clientes, se eu não conseguisse um acordo por bônus maiores. E este escritório”.

Ele desabotoou o colete e pendurou-o sobre a cadeira.

“Chega de falar sobre mim. Como posso ajudá-lo, Harry”?

“Eu queria saber o que você e o embaixador falaram ao telefone no dia que ele morreu”.

“Ele me ligou para confirmar nossa reunião. E eu confirmei”.

“E depois”?

“Ele veio aqui as quatro, como havíamos combinado. Talvez cinco minutos depois. Shena, na recepção tem a hora precisa. Ele chegou primeiro e se registrou”.

“O que vocês conversaram”?

“Dinheiro. Ele tinha um pouco de dinheiro e queria investir”. Nenhum músculo de seu rosto revelou que ele estava mentindo. “Nós ficamos aqui até as cinco. Então eu o acompanhei até onde tinha parado no estacionamento subterrâneo”.

“Ele estava estacionado onde estamos agora”?

“Se você está no espaço de clientes, sim”.

“E essa foi a última vez que você o viu”?

“Certo”.

“Obrigado. Isso era tudo”, disse Harry.

“Uau, você fez uma longa viagem por muito pouco”.

“Como eu disse, tudo isso é rotina”.

“Claro. Ele morreu de um ataque cardíaco. Não foi isso”? Jens Brekke perguntou com um meio sorriso nos lábios.

“Parece que sim”, disse Harry.

“Eu sou um amigo da família”, disse Jens. “Ninguém está dizendo nada, mas eu entendi. Só para você saber”.

Quando Harry levantou-se, a porta do elevador se abriu e a recepcionista entrou com uma bandeja na qual estavam dois copos e duas garrafas.

“Um pouco de água antes de ir, Harry? Eu recebo um carregamento uma vez por mês”.

Encheu os copos com água mineral Farris de Larvik.

“Por falar nisso, Harry, a informação que você recebeu sobre a hora da conversa de ontem estava errada”.

Ele abriu uma porta na parede, e Harry viu o que parecia ser um caixa eletrônico. Brekke digitou alguns números.

“Foi às 13h13min, não 13h15min. Pode não ser importante, mas eu achei que você gostaria de saber com absoluta precisão”.

“Recebemos a informação da empresa de telecomunicações. O que faz você pensar que o seu registro é mais preciso”?

“A minha é a correta”. Um flash de dentes brancos. “Este dispositivo registra todas as minhas conversas. Custou meio milhão de coroas e tem um relógio controlado por satélite. Acredite em mim: é muito preciso”.

Harry ergueu as sobrancelhas. “Quem na terra paga meio milhão por um gravador”?

“Mais pessoas do que você imagina. A maioria dos corretores de câmbio, entre outros. Se você tem uma discussão com um cliente sobre se você disse que comprou ou vendeu no telefone, meio milhão se paga logo. O gravador adiciona automaticamente um código digital de tempo nesta fita especial”.

Ele levantou algo que parecia uma fita VHS.

“O código de tempo não pode ser adulterado e após a conversa ser registrada, você não pode mudar a gravação sem destruir o código de tempo. A única coisa que você pode fazer é esconder a fita, mas depois os outros irão descobrir que as fitas relativas aquele período estão faltando. A razão pela qual somos tão precisos é que as fitas são provas válidas num processo judicial”.

“Isso significa que você tem uma gravação da sua conversa com Molnes”?

“Claro”.

“Poderíamos...”?

“Um momento”.

Era estranho ouvir a voz muito viva de uma pessoa que você tinha visto morto com uma faca nas costas.

“Quatro horas então, disse o embaixador”.

Soava inexpressiva, quase triste. Então ele desligou.

## Segunda-Feira 13 de Janeiro

“Como estão suas costas?” Liz perguntou com preocupação quando Harry entrou mancando no escritório para a reunião da manhã.

“Melhor”, ele mentiu, sentando-se com as pernas escancaradas numa cadeira.

Nho deu-lhe um cigarro, mas Rangsan tossiu atrás de seu jornal e Harry decidiu não acendê-lo.

“Eu tenho uma notícia que pode melhorar o seu estado de espírito”, disse Liz.

“*Estou* de bom humor”.

“Primeiro, nós decidimos prender Woo. Ver o que podemos tirar dele ameaçando-o com três anos por agredir um policial no cumprimento de seu dever. O Sr. Sorensen afirma que não tem visto Woo. Ele trabalha freelancer, aparentemente. Nós não temos o endereço dele, mas sabemos que ele costuma comer num restaurante ao lado do Ratchadamnoen Stadium, uma arena de boxe. Essas lutas geram grandes apostas, e os agiotas rondam por lá para encontrar novos clientes e ficar de olho nas dívidas que ainda não foram pagas. A outra boa notícia é que Sunthorn tem feito inquéritos em hotéis suspeitos de atuar como agências de acompanhantes. O embaixador aparentemente frequentava um deles - eles se lembravam do carro por causa das placas diplomáticas. Dizem que ele levava uma mulher com ele”.

“Tudo bem”.

Liz ficou um pouco decepcionada com a reação morna de Harry.

“Tudo bem”?

“Ele levou a senhorita Ao para o hotel e transou lá. E daí? Ela não iria convidá-lo para a casa dela, iria? Até onde eu posso ver, tudo o que podemos aprender com isso é que Hilde Molnes teve um motivo para matar o marido. Ou o companheiro da senhorita Ao, se ela tiver um”.

“E a senhorita Ao pode ter um motivo se Molnes estava querendo deixá-la”, disse Nho.

“Muitas boas sugestões”, disse Liz. “Por onde é que vamos começar”?

“Verificando álibis”, a resposta veio de trás do jornal.

Na sala de reuniões da embaixada a senhorita Ao olhava para Harry e Nho com os olhos vermelhos de tanto chorar. Ela negou à queima-roupa que frequentava hotéis, disse que morava com sua irmã e mãe, mas ela havia saído na noite do assassinato. Ela não tinha estado com ninguém, afirmou, e voltou para casa muito tarde, pouco depois da meia-noite. Foi quando Nho tentou fazê-la contar onde havia estado que as lágrimas começaram.

“É melhor se você nos contar tudo agora, senhorita Ao”, Harry disse, fechando as cortinas para o corredor. “Você já mentiu para nós uma vez. Agora isto é sério. Você diz que saiu na noite do crime, mas você não encontrou ninguém que pudesse testemunhar onde você estava”.

“Minha mãe e irmã ...”

“Podem testemunhar que você voltou para casa depois da meia-noite. Isso não ajuda, senhorita Ao”.

Lágrimas corriam do rosto delicado de boneca. Harry suspirou.

“Nós vamos ter que levá-lo conosco”, disse ele. “A menos que você mude de ideia e nos diga onde estava”.

Ela balançou a cabeça, e Harry e Nho trocaram olhares. Nho deu de ombros e pegou o braço dela, mas ela segurou a cabeça contra a mesa, soluçando. Naquele momento, houve uma leve batida na porta. Harry abriu uma fresta. Sanphet estava do lado de fora.

“Sanphet, nós...”

O motorista colocou um dedo sobre os lábios. “Eu sei”, ele murmurou e acenou para Harry sair.

Harry fechou a porta atrás de si. “Sim”?

“Você está interrogando a senhorita Ao. Você está perguntando onde ela estava no momento do assassinato”.

Harry não respondeu. Sanphet pigarreou e endireitou as costas.

“Eu menti. A senhorita Ao estava no carro do embaixador”.

“Hein”? Harry disse, pego de surpresa.

“Várias vezes”.

“Então você sabia sobre ela e o embaixador”?

“Não com o embaixador”.

Demorou alguns segundos antes de Harry entender, e então olhou para o velho homem com descrença.

“Você, Sanphet? Você e a senhorita Ao”?

“É uma longa história, e eu receio que você não consiga entender direito”. Ele olhou para Harry analisando-o. “A senhorita Ao estava comigo na noite em que o embaixador morreu. Ela nunca diria, porque isso poderia custar os nossos empregos. Relacionamento entre funcionários não é permitido”.

Harry passou a mão na cabeça.

“Eu sei o que você está pensando, detetive. Que eu sou um homem velho e ela é uma menina”.

“Bem, eu receio que eu não entenda completamente, Sanphet”.

Sanphet esboçou um meio sorriso. “Sua mãe e eu fomos amantes há muito, muito tempo atrás, muito antes que Ao tivesse nascido. Na Tailândia, existe algo chamado *phîi*. Você pode traduzi-lo como "antiguidade", uma pessoa mais velha está num nível mais elevado na hierarquia do que uma pessoa mais jovem. Mas isso significa mais do que isso. Significa, também, que a pessoa mais velha tem a responsabilidade por eles. A senhorita Ao começou a trabalhar na embaixada por minha recomendação, e ela é uma mulher agradecida e muito afetuosa”.

“Gratidão”? Harry perguntou sem restrição. “Quantos anos ela tinha...”? Ele fez uma pausa. “O que a mãe dela diz de tudo isso”?

Sanphet sorriu tristemente. “Ela é da mesma idade que eu e compreende. Eu só estou me apropriando de Ao por algum tempo. Até que ela encontre o homem com quem ela vai começar uma família. Não é tão incomum...”.

Harry soltou a respiração com um gemido. “Então você é o álibi dela? E você sabe que não foi a senhorita Ao que o embaixador levou para o hotel que ele frequentava”?

“Se o embaixador foi para um hotel, não foi com Ao”.

Harry levantou um dedo. “Você já mentiu uma vez e eu poderia prendê-lo por obstruir a polícia na investigação de um assassinato. Se existe mais alguma coisa que você tem para me dizer, diga agora”.

Os velhos, olhos castanhos olharam para Harry sem pestanejar. “Eu gostava de herr Molnes. Ele era um amigo. Espero que a pessoa que o matou seja punida. E ninguém mais”.

Harry estava prestes a dizer algo, mas mordeu a língua.

## Segunda-Feira 13 de Janeiro

O sol se transformara num vermelho-púrpura com listras alaranjadas. Ele pairava sobre o horizonte cinzento de Bangkok, como um novo planeta que tivesse surgido no firmamento sem aviso prévio.

“Este é o Ratchadamnoen Stadium”, disse Liz quando o Toyota trazendo Harry, Nho e Sunthorn estacionou ao lado da construção de tijolos cinza. Dois cambistas muito animados e de aspecto miserável acenaram com ingressos, mas Liz afastou-os. “Pode não parecer muito impressionante, mas esta é a versão do Teatro dos Sonhos de Bangkok. Aqui todo mundo tem a chance de ser Deus, se tiverem os pés e as mãos bastante rápidos. Oi, Ricki!”

Um dos vigias veio até o carro, e Liz jogou seu charme com um grau que Harry não imaginava que ela tivesse. Depois de uma torrente rápida de palavras e risadas, ela virou-se sorrindo para os outros.

“Vamos prender Woo o mais rápido que pudermos. Acabei de conseguir lugares perto do ringue para mim e para o turista. Ivan vai lutar no sétimo esta noite. Poderá ser divertido”.

O restaurante era da típica variedade básica – plástico, moscas e um ventilador solitário para espalhar o cheiro de comida da cozinha pelo resto da sala. Retratos da família real tailandesa pendurados na parede acima do balcão.

Apenas algumas mesas estavam ocupadas, e Woo não estava à vista. Nho e Sunthorn sentaram numa mesa ao lado da porta, enquanto Liz e Harry se sentaram nos fundos. Harry pediu um rolinho primavera e, por razões de segurança, uma esterilizada Coca-Cola.

“Rick foi o meu treinador quando eu pratiquei boxe tailandês”, Liz explicou. “Eu pesava quase duas vezes mais que os meninos com quem eu lutava, era três cabeças mais alta e apanhava o tempo todo. Eles absorvem o boxe com o leite de sua mãe aqui. Mas eles não gostavam de ser atingidos por uma mulher, me disseram. Mas isso eu já tinha notado”.

“O que é essa coisa com o Rei?” Harry perguntou, apontando. “Eu vejo a foto dele em todos os lugares”.

“Bem, uma nação precisa de heróis. A família real não era particularmente popular até a Segunda Guerra Mundial, quando o Rei conseguiu aliar-se primeiro com os japoneses e, em seguida, quando eles

estavam na defensiva, com os americanos. Ele salvou a nação de sofrer um banho de sangue”.

Harry levantou a Coca-Cola para o retrato. “Ele parece ser um cara legal”.

“Você tem que entender: há duas coisas com que você não deve brincar aqui na Tailândia...”.

“A família real e Buda. Sim, obrigado, já fui avisado”.

A porta se abriu.

“Finalmente”! Liz sussurrou e ergueu as sobrancelhas inexistentes. “Normalmente eles parecem menores na vida real”.

Harry não se virou. O plano era esperar até a refeição ser servida. Um homem com pauzinhos na mão leva mais tempo para puxar uma arma.

“Ele está sentado”, disse Liz. “Cara, ele deveria ser preso por sua aparência. Mas podemos considerar-nos com sorte se conseguirmos detê-lo pelo tempo suficiente para fazer algumas perguntas”.

“O que você quer dizer? O cara jogou um policial de uma janela do primeiro andar”.

“Eu sei, mas não tenha muitas esperanças. Woo ‘o cozinheiro’ não é qualquer um. Ele trabalha para uma das *famílias*, e eles têm bons advogados. Achamos que ele já liquidou pelo menos uma dúzia de pessoas, mutilou dez vezes mais e ainda assim não tem merda nenhuma registrada na sua ficha”.

“O cozinheiro”? Harry perguntou soprando o rolinho primavera quente-escaldante que tinha chegado à mesa.

“Ele ganhou o apelido há alguns anos atrás. Tivemos uma das vítimas de Woo em nossas mãos; eu trabalhava no caso e estava presente quando começaram a autópsia. O corpo tinha ficado na mesa do necrotério por alguns dias e estava tão inchado com gás que parecia uma bola de futebol, preto e azul. O gás é tóxico, por isso, o patologista pediu-nos para sair da sala, e ele colocou uma máscara anti-gás antes de perfurar o estômago. Eu estava assistindo da janela da porta. A pele vibrou quando o patologista cortou o corpo e você podia ver a coloração verde do gás saindo do corpo”.

Harry colocou o rolinho primavera de volta no prato com uma expressão de enjoo, embora Liz não percebesse.

“Mas o choque foi que o corpo estava repleto de vida no seu interior. O patologista apoiou-se contra a parede, quando criaturas negras se arrastaram para fora do estômago, caíram no chão e correram para dentro de cantos e

frestas”. Ela formou chifres com os dedos indicador contra sua testa. “Besouros diabo”.

“Besouros”? Harry fez uma careta. “Eu acho que eles não entram em corpos”.

“O morto tinha um tubo de plástico na boca quando o encontramos”.

“Ele...”

“Em Chinatown besouros grelhados são uma iguaria. Woo tinha alimentado a força o pobre rapaz”.

“E pulou a fase *grelhar*”? Harry empurrou o prato.

“Criaturas incríveis, os insetos”, disse Liz. “Quero dizer, como é que os besouros sobreviveram no estômago, com o gás tóxico e tudo o mais”?

“Eu prefiro não pensar nisso”.

“Muito picante”?

Harry levou um segundo para perceber que ela queria saber sobre o rolinho. Ele tinha empurrado o prato para a borda da mesa.

“Você vai se acostumar, Harry. Você apenas tem que experimentar pouco a pouco. Você devia levar algumas receitas para impressionar sua namorada na cozinha quando voltar pra casa”.

Harry tossiu.

“Ou a sua mãe”, disse Liz.

Harry balançou a cabeça. “Desculpe, não tenho nenhuma, nem uma nem outra”.

“Sou eu quem deve pedir desculpas”, disse ela, e a conversa morreu. O prato de Woo estava a caminho.

Ela puxou uma pistola preta de seu coldre de quadril e liberou a trava de segurança.

“Smith & Wesson 650”, disse Harry. “Carga-pesada”.

“Fique atrás de mim”, disse Liz, levantando-se.

Woo não pestanejou quando olhou para cima e encarou o cano da arma da inspetora. Ele segurava os pauzinhos na mão esquerda; a mão direita estava escondida no seu colo. Liz latiu algo em tailandês, mas ele não pareceu ouvir. Sem mover a cabeça, seus olhos vagaram pela sala, registrando Nho e Sunthorn antes de parar em Harry. Um leve sorriso cruzou seus lábios.

Liz gritou novamente, e Harry sentiu a pele de seu pescoço formigar. O martelo da arma subiu, e a mão direita de Woo apareceu sobre a mesa. Vazia. Harry ouviu Liz expirar entre os dentes. O olhar de Woo ainda

repousava sobre Harry enquanto Nho e Sunthorn punham as algemas. Quando o levaram para fora parecia uma pequena procissão de circo com um homem musculoso e dois anões.

Liz colocou a arma de volta no coldre. “Eu acho que ele não gosta de você”, disse ela, indicando os pauzinhos que ele deixou enfiado dentro da tigela de arroz, apontados para cima.

“Sério”?

“É um velho símbolo tailandês para desejar a morte de alguém”.

“Ele vai ter que esperar a vez dele”. Harry lembrou-se que precisava pedir uma arma emprestada.

“Vamos ver se conseguimos alguma ação antes que a noite acabe”, disse Liz.

Quando entraram na arena foram recebidos pelos gritos da multidão em êxtase e um trio de homens batendo e assobiando como uma banda de escola alucinada.

Dois pugilistas vestindo bandanas coloridas e tiras de pano amarradas em torno de ambos os braços tinha acabado de entrar no ringue.

“Esse é o nosso cara, Ivan, de shorts azuis”, disse Liz. Fora do estádio tinha aliviado Harry de todas as notas que ele tinha no bolso e deu para um apostador.

Eles encontraram seus assentos na primeira fila, atrás do árbitro, e Liz estalou os lábios com prazer. Trocou algumas palavras com seu vizinho.

“Como eu pensei”, disse ela. “Nós não perdemos nada. Se você quiser ver boas lutas de verdade você tem que vir às terças-feiras. Ou ir nas quintas-feiras no Lumphini. Caso contrário, há muitas... bem, você sabe”.

“Lutas Bouillon”.

“O quê”?

“Bouillon. É assim que chamamos em norueguês. Quando dois patinadores ruins estão competindo uns contra os outros”.

“Bouillon”?

“Sopa requentada. Isso é o que você ganha indo a esses eventos”.

Os olhos de Liz se tornaram duas fendas estreitas e cintilantes quando ela riu. Harry tinha descoberto que gostava de ver e ouvir sua risada.

Os dois pugilistas tinham retirado suas bandanas, andaram em torno do ringue e realizaram uma espécie de ritual descansando a cabeça contra as

colunas de canto, de joelhos e, em seguida, fizeram alguns passos de dança simples.

“Chama-se *ran muay*”, disse Liz. “Ele está dançando em honra da sua *kru* pessoal, o guru e anjo da guarda do boxe tailandês”.

A música parou e Ivan foi para o seu canto, onde ele e o treinador se inclinaram em direção um do outro e juntaram as palmas das mãos.

“Eles estão rezando”, disse Liz.

“Será que ele precisa”? Harry perguntou, preocupado. Ela havia tirado um maço razoável de notas do bolso dele.

“Não se ele fizer jus ao nome que escolheu”.

“Ivan”?

“Todos os lutadores devem escolher seus nomes. Ivan escolheu o seu depois que Ivan Hippolyte, um holandês, venceu uma luta no Lumpini Stadium em 1995”.

“Apenas um”?

“Ele foi o único estrangeiro a vencer no Lumpini. Até hoje”.

Harry virou-se para ver se sua declaração veio acompanhada de um piscar de olhos, mas naquele momento o gongo soou e a luta começou.

Os pugilistas aproximaram-se com cautela, mantendo uma distância saudável e circulando. Um *swing* foi facilmente defendido e um contra chute encontrou o nada. A música aumentou em volume, assim como os aplausos da multidão.

“Eles estão apenas se aquecendo”, Liz gritou.

Em seguida, eles se aproximaram. Velocidade da luz, um turbilhão de pernas e braços. As coisas aconteceram tão rápido que Harry não viu muito, mas Liz gemeu. Ivan já estava sangrando pelo nariz.

“Ele levou um golpe de cotovelo”, disse ela.

“Cotovelo? O juiz não viu”?

Liz sorriu. “O uso dos cotovelos não é ilegal. É mais o oposto. Golpes com as mãos e os pés dão pontos, mas é geralmente com os cotovelos e joelhos que você consegue um nocaute”.

“Então as técnicas de chutes deles não estão dentro dos padrões do karatê”.

“Eu teria cuidado, Harry. Alguns anos atrás, Hong Kong enviou seus cinco melhores campeões de kung-fu para Bangkok para ver qual estilo era mais eficaz. O aquecimento e as cerimônias levaram mais de uma hora, mas

as cinco lutas duraram apenas seis minutos e meio. Cinco ambulâncias saíram a caminho do hospital. Adivinha quem estava nelas”?

“Bem, não há perigo algum esta noite”. Harry bocejou demonstrativamente. “Este é... Caramba”!

Ivan tinha agarrado seu adversário pelo pescoço e num movimento rápido trouxe a cabeça do seu oponente para baixo, enquanto o joelho direito catapultou-o. O adversário caiu para trás, mas conseguiu enrolar seus braços em torno das cordas de modo que ele ficou pendurado diretamente na frente de Liz e Harry. O sangue estava jorrando e espirrando no piso, como um cano com um vazamento em algum ponto. Harry ouviu as pessoas atrás dele gritando em protesto e descobriu que era porque ele tinha se levantado. Liz puxou-o de volta para baixo.

“Uau”!, Ela gritou. “Você viu como o Ivan foi rápido? Eu disse que ele era divertido, não disse”?

O pugilista de shorts vermelhos tinha virado a cabeça para um lado, então Harry olhou o seu perfil. Ele podia ver a pele em torno do olho pulsando, como se estivesse cheia de sangue por dentro. Era como ver a um balão de ar sendo soprado.

Harry teve um estranho sentimento nauseante de *déjà vu* quando Ivan foi em direção ao seu adversário indefeso, que já não tinha consciência de que estava num ringue de boxe. Ivan levou um tempo, estudou seu adversário um pouco como um gourmand se perguntando se ia começar por arrancar uma asa de frango ou uma coxa. No fundo, entre os pugilistas, Harry podia ver o árbitro. Ele estava assistindo com a cabeça inclinada e os braços ao lado do corpo. Harry poderia dizer que ele não ia fazer nada, e ele sentiu seu coração batendo contra as costelas. A banda de três homens já não soava como um desfile norueguês do Dia da Independência, eles estavam fora de controle e soprando e batendo em êxtase.

Pare, Harry pensou, e nesse momento ouviu a sua própria voz: “Bate nele”.

Ivan bateu.

Harry não acompanhou a contagem regressiva. Ele não viu o árbitro levantar a mão de Ivan no ar ou o *wai* do vencedor a todos os quatro cantos do ringue. Ele estava olhando para o chão de cimento rachado e molhado na frente de seus pés, onde um pequeno inseto estava lutando para fugir de uma gota de sangue. Harry estava preso numa série de eventos e coincidências, vadeava no sangue até os joelhos. Estava de volta em outro

país, outros tempos, e só voltou a si a quando uma mão bateu-lhe entre as omoplatas.

“Nós vencemos”! Liz gritou em seu ouvido.

Eles estavam na fila para receber seu dinheiro da casa de apostas quando Harry ouviu uma voz familiar falando norueguês.

“Algo me diz que nosso detetive apostou com sabedoria e não apenas confiou em sua sorte. Nesse caso, parabéns”.

“Bem”, Harry disse, virando-se, “a inspetora Crumley afirma ser uma especialista, por isso, talvez, não esteja tão longe da verdade”.

Ele apresentou a inspetora para Jens Brekke.

“E você apostou também”? , Liz perguntou.

“Um amigo meu me deu a dica que o adversário de Ivan estava um pouco resfriado. Estranho o enorme efeito que pode ter, hein, senhorita Crumley”? Brekke sorriu e se virou para Harry. “Gostaria de saber se você poderia me ajudar a sair de um problema, Hole. Eu trouxe a filha de Molnes comigo e devo levá-la para casa, mas um dos meus clientes mais importantes dos EUA ligou, e eu tenho que voltar para o escritório. É o caos, o dólar está atravessando o telhado e ele tem que se livrar de um caminhão cheio de Baht”.

Harry olhou na direção onde Brekke apontou. Encostada a uma parede, com uma camiseta Adidas de mangas compridas, meio escondida atrás das multidões apressadas que saía do estádio, estava Runa Molnes. Tinha os braços cruzados e estava olhando para longe.

“Quando eu vi você lembrei que Hilde Molnes tinha dito que você estava no apartamento da embaixada. Não vai ser um grande desvio se você compartilhar um táxi. Eu prometi a sua mãe...”.

Brekke balançou a mão para indicar que este tipo de preocupação materna era exagerada, naturalmente, mas, no entanto, seria melhor se a promessa fosse cumprida.

Harry olhou para o relógio.

“É claro que pode”, disse Liz. “Pobre garota. Não é nenhuma surpresa que a mãe esteja um pouco nervosa no momento”.

“É claro”, Harry disse, forçando um sorriso.

“Grande”, disse Brekke. “Ah, mais uma coisa. Você poderia pegar meu premio também? Deve cobrir o táxi. Se sobrar alguma coisa, eu acho que existe algum fundo da polícia para as viúvas ou algo assim”.

Ele deu o recibo para Liz e foi embora. Ela arregalou os olhos quando viu os números.

“A questão que fica é: haverá viúvas suficientes”? Disse ela.

## Segunda-Feira 13 de Janeiro

Runa Molnes não parecia particularmente satisfeita em ser acompanhada até sua casa.

“Obrigada, eu posso me virar”, disse ela. “Bangkok é tão perigosa quanto a aldeia de Ørsta numa noite de segunda-feira”.

Harry, que nunca tinha ido a Ørsta numa noite de segunda-feira, chamou um táxi e segurou a porta aberta para ela. Ela subiu com relutância, murmurou um endereço e olhou para fora da janela.

“Eu disse a ele para nos levar no River Garden”, disse ela depois de um tempo. “É lá que você vai descer, não é?”

“Eu acho que as instruções eram de que você desceria primeiro, Fröken Molnes”.

“Fröken”? Ela riu e olhou para ele com os olhos negros iguais aos da mãe. As sobrancelhas, que se juntavam, dava-lhe uma aparência de elfo. “Você parece minha tia. Quantos anos você tem, afinal?”

“Você é tão velho quanto se sente”, disse Harry. “Então, eu acho que eu tenho cerca de sessenta”.

Ela olhou para ele com curiosidade agora.

“Estou com sede”, disse ela de repente. “Se você me pagar uma bebida você poderá me acompanhar até a minha porta depois”.

Harry se inclinou para frente, e começou a dar o endereço dos Molnes ao motorista.

“Esqueça isso”, disse ela. “Vou insistir em River Garden e ele vai pensar que você está com más intenções. Você quer fazer uma cena?”

Harry bateu no ombro do motorista, e Runa começou a gritar e o motorista pisou nos freios, fazendo a cabeça de Harry bater contra o teto. O motorista se virou, Runa começou a gritar novamente e Harry levantou as mãos em sinal de rendição.

“OK, OK. Onde, então? Patpong está no caminho, eu suponho”.

“Patpong”? Ela revirou os olhos. “Você é velho. Apenas os velhos sujos e os turistas vão lá. Vamos para Siam Square”.

Ela trocou algumas palavras com o motorista e nos ouvidos de Harry soava como um tailandês impecável.

“Você tem namorada”? Ela perguntou, depois que sua cerveja foi servida, também depois de ameaçar com uma cena.

Eles estavam em um grande restaurante ao ar livre no topo de um amplo conjunto de escadas, semelhante a um monumento, cheio de jovens - estudantes, Harry presumiu - sentados e olhando para o tráfego lento e uns para os outros. Ela lançou um olhar desconfiado para o suco de laranja do Harry, mas, aparentemente, com sua experiência, ela estava acostumada a abstêmios. Ou talvez não. Harry tinha a sensação de que nem todas as regras não escritas do Partido haviam sido observadas na família Molnes.

“Não”, Harry respondeu, e acrescentou: “Por que diabos todo mundo me pergunta isso”?

“Por que diabos, não é”? Ela se contorceu na cadeira. “Acho que geralmente são as garotas que perguntam, não é”?

Ele riu. “Você está tentando me envergonhar? Conte-me sobre seus namorados”.

“Qual deles”? Ela manteve a mão esquerda escondida em seu colo e levantou o copo de cerveja com a direita. Com um sorriso nos lábios, inclinou-se para trás e fixou-o com os olhos.

“Eu não sou virgem, se é isso que você pensa”.

Harry quase cuspiu a boca cheia de suco sobre a mesa.

“Por que eu deveria ser”? Ela disse, colocando o copo aos lábios.

Sim, por que você deveria ser? Harry pensou.

“Você está chocada”? Ela colocou o copo de cerveja na mesa e assumiu uma expressão séria.

“Por que eu deveria ser”? Soava como um eco, ele apressou-se a acrescentar: “Eu acredito que eu fiz a minha estreia na sua idade”.

“Sim, mas não quando tinha treze anos”, disse ela.

Harry respirou, considerou o comentário dela com cuidado e lentamente liberou o ar por entre os dentes. Ele ficaria feliz em deixar esse assunto agora. “Sério? E quantos anos ele tinha”?

“Isso é um segredo”. Ela retomou sua expressão provocante novamente. “Diga-me por que você não tem uma namorada”.

Ele parou por um momento antes de falar, um impulso, talvez para ver se poderia retrucar as táticas de choque. E dizer a ela que as duas mulheres que ele poderia dizer, com toda a honestidade, que amara estavam mortas. Uma por sua própria mão, a outra por um assassino.

“É uma longa história”, disse ele. “Eu as perdi”.

“As perdeu? Existem várias? Acho que é por isso que elas terminaram com você, não é? Traição”?

Harry podia ouvir a emoção infantil e a ironia na sua voz. Ele não tinha coragem de perguntar que tipo de relacionamento ela tinha com Jens Brekke.

“Não”, disse ele. “Eu só não prestei atenção suficiente”.

“Agora você está ficando sério”.

“Sinto muito”.

Ficaram em silêncio. Ela brincava com o rótulo da garrafa de cerveja. Olhou para Harry. Como se estivesse tentando se decidir. O rótulo descolou.

“Venha”, disse ela, pegando sua mão. “Eu vou te mostrar uma coisa”.

Desceram as escadas, entre os estudantes, seguiram ao longo da calçada até uma passarela estreita sobre a ampla avenida. Pararam no meio.

“Olhe”, disse ela. “Isso não é lindo”?

Ele observou o tráfego fluindo e, em seguida, para mais adiante. A avenida se estendia até onde a vista alcançava, e as luzes dos caminhões, ônibus, carros, motos e tuk-tuks eram como um rio de lava se espessando numa faixa laranja no final lá mais distante.

“Parece uma cobra se torcendo e virando com um padrão luminoso nas costas, não é”?

Ela se inclinou sobre o corrimão. “Você sabe o que é estranho? Pessoas em Bangkok ficariam felizes em me matar para pegar o pouco que tenho no meu bolso neste momento. E ainda assim eu nunca tive medo aqui. Na Noruega nós sempre fomos até o nosso chalé na montanha, no fim de semana. Eu sabia que a cabana e todos os caminhos eram seguros. Em cada feriado íamos para Ørsta onde todos se conheciam e furtos são notícia de primeira página. E, no entanto este é o lugar onde eu me sinto mais segura. Aqui onde estou cercada por pessoas de todos os lados e eu não conheço nenhuma delas. Não é estranho”?

Harry não sabia o que responder.

“Se eu pudesse escolher, eu viveria aqui o resto da minha vida. E então eu viria aqui pelo menos uma vez por semana e ficaria olhando”.

“Observando o tráfego”?

“Sim, eu amo o tráfego”. Ela virou-se bruscamente para ele. Seus olhos estavam brilhando. “Você não”?

Harry balançou a cabeça. Ela voltou a olhar para a avenida.

“É uma pena. Adivinhe quantos carros existem nas ruas de Bangkok agora? Três milhões. E o número aumenta em mil a cada dia. Um motorista em Bangkok gasta entre duas e três horas dentro do carro todos os dias.

Você já ouviu falar sobre Comfort 100? Você pode comprá-lo em postos de gasolina. É um saco de fazer xixi para usar quando você está preso num engarrafamento. Você acha que os esquimós têm uma palavra para o tráfego? Ou os Maoris”?

Harry encolheu os ombros.

“Pense em tudo o que eles estão perdendo”, disse ela. “As pessoas que vivem em lugares onde não podem ser cercados por multidões como aqui. Segure o braço para cima...” Ela segurou sua mão e levantou-a.

“Você pode sentir isso? A vibração? É a energia de todos ao nosso redor. Está no ar. Se você está morrendo e acha que ninguém pode te salvar, apenas saia e estique os braços para o ar e absorva um pouco da energia. Você pode ter a vida eterna. É verdade”!

Seus olhos estavam brilhando, todo o seu rosto estava brilhando, e ela colocou a mão de Harry contra seu rosto.

“Eu posso sentir que você vai viver uma vida longa. Imensamente longa. Ainda mais do que eu”.

“Não diga isso”, disse Harry. Sua pele queimava contra a palma da mão. “Isso é má sorte”.

“Melhor ter má sorte do que sorte nenhuma, papai costumava dizer”.

Ele retirou sua mão.

“Você não quer a vida eterna”? Ela sussurrou.

Ele piscou e soube que seu cérebro tinha registrado aquele momento instantaneamente, numa passarela com pessoas apressadas passando em ambos os sentidos e uma serpente do mar cintilante abaixo. Do mesmo modo que você tira fotografias de lugares que você visita, porque você sabe que não vai continuar lá por muito tempo. Ele já tinha feito isso antes, uma noite no meio de um salto em Frogner Lido, outra noite em Sydney, quando uma juba vermelha de cabelo flutuou para trás ao vento, e numa tarde fria de fevereiro no Aeroporto Fornebu quando Sis estava esperando por ele entre os fotógrafos da imprensa e a tempestade de flashes. Ele sabia que seja lá o que acontecesse, ele sempre seria capaz de acessar aquelas impressões, que elas nunca se desvaneceriam; pelo contrário, elas adquiriam mais consistência e substância ao longo dos anos.

Naquele momento, ele sentiu uma gota em seu rosto. E depois outra. Ele olhou com espanto.

“Disseram-me que não haveria chuva antes de maio”, disse ele.

“Chuvas de Manga”, disse Runa, virando o rosto para o céu. “Acontece às vezes. Isso significa que as mangas estão maduras. Logo o céu vai despencar. Vamos...”.

Harry estava dormindo. O barulho não era tão indiscreto, e ele já percebera que havia uma espécie de ritmo no tráfego, uma espécie de previsibilidade. Na primeira noite ele poderia acordar com o som das buzinas. Daqui a algumas noites, ele provavelmente iria acordar se *não pudesse* ouvir qualquer buzina. O ronco de um escapamento quebrado não vinha do nada, ele tinha um lugar no caos aparente. Só levaria um pouco de tempo para se adaptar a ele, como aprender a sustentar seus pés em um barco no mar.

Ele havia combinado de se encontrar com Runa num café perto da universidade no dia seguinte para fazer algumas perguntas sobre seu pai. Seu cabelo ainda estava pingando quando ela desceu do táxi.

Pela primeira vez em muito tempo ele sonhara com Birgitta. O cabelo grudado na sua pele pálida. Mas ela sorria e estava viva.

## Terça-feira 14 de Janeiro

O advogado só precisou de quatro horas para liberar Woo da custódia.

“Dr. Ling. Ele trabalha para Sorensen”, disse Liz durante a reunião da manhã e suspirou. “Nho só teve tempo de perguntar onde Woo estava no dia do crime, então tudo estava acabado”.

“E o qual o resultado do detector de mentiras”? Harry perguntou.

“Nada”, disse Nho. “Ele não estava interessado em nos dizer qualquer coisa”.

“Nada? Merda, e eu que pensava que vocês tailandeses eram muito hábeis na tortura com água e choques elétricos. Portanto, agora há um gigante psicopata lá fora que quer me ver morto”.

“Alguém poderia, por favor, me dar uma boa notícia”? Disse Liz.

Um jornal estalou.

“Liguei para o Maradiz Hotel novamente. A primeira pessoa com quem falei disse que havia um *farang* que costumava ir lá com uma mulher da embaixada. Esse cara disse que a mulher era branca e falavam uns com os outros numa língua que ele pensou que poderia ter sido alemão ou holandês”.

“Norueguês”, disse Harry.

“Eu tentei obter uma descrição dos dois, mas eles não foram muito precisos”.

Liz suspirou. “Sunthorn, volte com algumas fotos e veja se eles podem identificar o embaixador e sua esposa”.

Harry torceu o nariz. “O homem e a esposa frequentam um ninho de amor por duzentos dólares por dia a poucos quilômetros de sua casa? Isso não é um pouco estranho”?

“De acordo com o homem com quem falei hoje, eles ficam lá nos fins de semana”, disse Rangsan. “Eu tenho algumas datas”.

“Eu apostaria meus ganhos de ontem não era a sua esposa”, disse Harry.

“Talvez não”, disse Liz. “De qualquer forma, provavelmente esta informação não vai nos levar muito longe”.

Ela encerrou a reunião dizendo ao resto da equipe para passar o dia cuidando da papelada negligenciada dos casos que foram abandonadas quando foi priorizado o assassinato do embaixador da Noruega.

“Então, nós estamos de volta à estaca zero”? Harry perguntou, depois que os outros tinham ido embora.

“Nós estivemos em cima dele o tempo todo”, disse Liz. “Talvez você consiga o que vocês noruegueses querem”.

“O que nós queremos”?

“Eu conversei com o nosso chefe de polícia esta manhã. Ele tinha falado com um Sr. Torhus na Noruega ontem, que queria saber quanto tempo isso ia demorar ainda. As autoridades norueguesas solicitaram alguns esclarecimentos no fim desta semana se não tivermos mais nada de concreto. O Chefe disse a ele que esta era uma investigação tailandesa e nós não engavetamos casos de assassinato como este. Mas, mais tarde, ele recebeu um telefonema do nosso Ministério da Justiça. Foi bom nós termos feito turismo enquanto havia tempo, Harry. Parece que você vai voltar para casa na sexta-feira. A menos que, como disseram, algo de concreto aconteça”.

“Harry”!

Tonje Wiig encontrou-o na recepção, as faces coradas e um sorriso tão vermelho que ele suspeitava que ela tivesse colocado um pouco de batom antes vir recepcioná-lo.

“Nós vamos tomar chá”, disse ela. “Ao”!

A senhorita Ao olhou com um medo mudo quando ele chegou, e mesmo com ele se apressando em dizer que sua visita não tinha nada a ver com ela, ele notou o medo em seus olhos, como um antílope num poço, bebendo sempre de olho nos leões. Ela virou as costas para eles e os deixou sozinhos.

“Garota muito bonita”, disse Tonje, com um olhar investigativo para Harry.

“Adorável”, disse ele. “Jovem”.

Tonje pareceu satisfeita com a resposta e conduziu-o até seu escritório.

“Eu tentei te ligar ontem à noite”, ela disse, “mas você obviamente não estava em casa”.

Harry podia ver que ela queria que ele perguntasse por que ela tinha ligado, mas ele se absteve. A senhorita Ao entrou com o chá, e ele esperou até que ela tivesse saído.

“Eu preciso de alguma informação”, disse ele.

“Sim”?

“Como você é a encarregada de negócios presumo que quando o embaixador precisava se ausentar você o representava”.

“Naturalmente”.

Ele leu quatro datas para ela, que ela verificou contra sua agenda. O embaixador tinha ido a Chiang Mai três vezes e para o Vietnã uma vez. Harry lentamente tomou notas enquanto se preparava para dar sequência as perguntas.

“Será que o embaixador conhecia alguma mulher norueguesa em Bangkok além da sua esposa”?

“Não...” disse Tonje. “Não tanto quanto eu sei. Bem, além de mim, é claro”.

Harry esperou até que ela largou a xícara antes de perguntar: “O que você diria se eu dissesse que acho que você estava tendo um relacionamento com o embaixador”.

O queixo de Tonje Wiig caiu. Ela era um exemplo da qualidade do atendimento odontológico norueguês.

“Deus de misericórdia”! Disse ela. Tão sem ironia que Harry só poderia assumir que a expressão ainda existia no vocabulário de algumas mulheres. Ele limpou a garganta.

“Eu acho que você e o embaixador passaram as datas que acabamos de mencionar no Maradiz Hotel, e se assim foi eu gostaria que você contasse sobre o seu relacionamento e também me dizer onde você estava no dia que ele morreu”.

Foi surpreendente que alguém tão pálida como Tonje Wiig pudesse se tornar ainda mais branca.

“Devo falar com um advogado”? Ela disse, por fim.

“Não, a menos que você tenha algo a esconder”.

Ele viu uma lágrima se formar no canto do olho.

“Não tenho nada a esconder”, disse ela.

“Nesse caso, você deve se abrir comigo”.

Ela cuidadosamente esfregou seus olhos, para não borrar o rímel.

“Às vezes eu me sentia como se quisesse matá-lo, detetive”.

Harry observou a mudança de rumo da conversa e esperou pacientemente.

“Tanto que eu fiquei quase contente quando soube que ele estava morto”.

Ele podia ouvir a língua dela se soltando. Agora era importante não dizer ou fazer nada estúpido para conter o fluxo. Uma confissão raramente vem sozinha.

“Porque ele não queria deixar sua esposa”?

“Não”! Ela balançou a cabeça. “Você não entende. Porque ele arruinou tudo para mim! Tudo...”.

O primeiro soluço foi tão amargo que Harry sabia que ele tinha atingido algo. Então ela se recompôs e secou ambos os olhos

“Esta foi uma nomeação política. Ele não estava remotamente qualificado para o trabalho. Eles o mandaram para cá com muita pressa, como se não pudessem mantê-lo na Noruega por mais tempo. Já havia sinais de que eu seria a candidata para o cargo, mas eu tive que dar as chaves do escritório do embaixador para alguém que não sabia a diferença entre um *encarregado de negócios* e um *adido*. E nós nunca tivemos qualquer tipo de relacionamento. Isso teria sido uma situação absolutamente absurda para mim. Você não percebe isso”?

“O que aconteceu então”?

“Quando fui chamada, para identificá-lo, de repente eu esqueci todo o negócio sobre a nomeação - eu estava ganhando uma nova chance. Em vez disso, me lembrei como ele tinha sido um bom homem, além de inteligente. Ele realmente foi”!

Ela disse tudo isso, como se Harry houvesse duvidado da sua honestidade.

“Mesmo que ele não fosse muito bom como embaixador, na minha opinião. Há algumas coisas que são mais importantes do que um emprego e uma carreira. Talvez eu não deva nem me candidatar ao cargo. Nós vamos ter que ver. Há tanta coisa para se pensar. Sim, não, eu não vou dizer nada de concreto agora”.

Ela fungou um par de vezes e parecia ter se recuperado. “É muito incomum um encarregado de negócios ser nomeado embaixador na mesma embaixada, você sabia? Que eu saiba isso nunca aconteceu”.

Ela pegou um espelho e verificou a maquiagem, e disse, aparentemente para si mesma: “Mas há uma primeira vez para tudo, eu acho”.

No táxi de volta para a delegacia, Harry decidiu deixar Tonje Wiig fora de sua lista de suspeitos. Em parte, porque ela tinha sido convincente, em parte porque ela podia provar que tinha estado em outro lugar nas datas que

o embaixador tinha passado no Maradiz Hotel. Tonje também havia confirmado que não havia um grande número de mulheres norueguesas residentes em Bangkok para escolher.

Entretanto uma ideia surgiu como um golpe no plexo solar, de repente ter que pensar o impensável. Porque simplesmente não era tão impensável.

A garota que entrou pela porta de vidro no Hard Rock Café era uma garota diferente daquela que ele tinha visto no jardim e no funeral, aquela com ar desligado, com linguagem corporal introvertida e expressão desafiadora mal-humorada. O rosto de Runa abriu-se em um sorriso radioso quando o viu sentado com uma garrafa vazia de Coca-Cola e um jornal na frente dele. Ela estava usando um vestido florido de manga curta, azul. Como uma ilusionista experiente, sua prótese era quase imperceptível.

“Você chegou cedo”, disse ela com prazer.

“É difícil chegar no horário com este tráfego”, disse ele. “Eu não queria chegar atrasado”.

Ela pegou uma cadeira e pediu um chá gelado.

“Ontem. Sua mãe...”.

“Dormia”, disse ela secamente. Tão seco que Harry adivinhou que significava um aviso. Mas ele não tinha mais tempo para rodeios.

“Bêbada, você quer dizer”?

Ela olhou para ele. O sorriso feliz tinha evaporado.

“É sobre a minha mãe que você queria falar”?

“Entre outras coisas. Como era a relação entre seus pais”?

“Por que você não pergunta a ela”?

“Porque eu acho que você mente menos”, ele respondeu honestamente.

“Ah, sim? Nesse caso, eles viviam sobre uma casa em chamas”. Ela tinha a expressão desafiadora de volta.

“Isso é ruim, hein”?

Ela se encolheu.

“Desculpe, Runa, mas este é o meu trabalho”.

Ela encolheu os ombros. “Minha mãe e eu não nos damos muito bem. Mas papai e eu éramos grandes amigos. Eu acho que ela estava com ciúmes”.

“De quem”?

“De nós dois. Dele. Eu não sei”.

“Por que dele”?

“Ele não parecia precisar dela. Ela era *vazia* demais para ele...”.

Harry não podia acreditar no que estava prestes a perguntar. Mas ele tinha visto tantas coisas terríveis ao longo dos anos. Ele fez uma pausa. “O seu pai às vezes te levava para um hotel, Runa? O Maradiz Hotel, por exemplo”.

Ele viu o espanto no rosto dela.

“O que você quer dizer? Por que ele faria isso”?

Ele olhou para o jornal sobre a mesa, mas forçou-se a levantar o olhar.

“O quê”? Ela explodiu, mexendo a colher na sua xícara vigorosamente e fazendo o chá se esparramar. “Você diz umas coisas muito estranhas. Aonde você quer chegar”?

“Bem, Runa, eu sei que isso é difícil, mas eu acho que seu pai fez coisas das quais ele poderia se lamentar”.

“Papai? Papai sempre se lamentou. Ele se lamentou e carregou a culpa nos ombros e reclamou... mas a bruxa não o deixava em paz. Ela o perseguia o tempo todo,  *você não é isto nem aquilo e me arrastou até aqui* e assim por diante. Ela pensava que eu não ouvia, mas eu ouvia. Cada palavra. *Ela não tinha sido feita para viver com um eunuco, ela era uma mulher cheia de sangue.* Eu disse que ele deveria deixa-la, mas ele aguentou. Por minha causa. Ele não disse isso, mas eu sabia que era por isso”.

“O que eu estou tentando dizer”, disse ele, baixando a cabeça para pegar seus olhos, “é que o seu pai não tinha os mesmos sentimentos sexuais que as outras pessoas”.

“É por isso que você está tão diabolicamente estressado? Porque você acha que eu não sabia que meu pai era *diferente*”?

Harry resistiu ao impulso de deixar o queixo cair. “O que você quer dizer com *diferente* exatamente”? Perguntou.

“Bicha. Gay. Boiola. Viado. Eu sou o resultado das poucas trepadas que a bruxa conseguiu arrancar de papai. Ele a achava nojenta”.

“Ele disse isso”?

“Ele era muito decente para dizer algo assim. Mas eu sabia. Eu era sua melhor amiga. Ele disse isso. De vez em quando, parecia que eu era seu único amigo. “Você e os cavalos são as únicas coisas que eu gosto”, ele me disse uma vez. Eu e os cavalos. Isso é uma boa, hein? Eu acho que ele teve um amante quando era estudante, antes de conhecer minha mãe. Mas o cara o deixou, não queria assumir o relacionamento. Simples assim. Papai não

queria também. Foi há muito tempo. As coisas eram diferentes naquela época”.

Ela disse tudo isso com a confiança inabalável de uma adolescente. Harry levantou a Coca-Cola até a boca e bebeu devagar. Ele tinha que ganhar tempo. Isso não tinha se desenvolvido da forma como ele havia previsto.

“Você quer saber quem esteve no Maradiz Hotel”? Perguntou. “Mamãe e seu amante”.

## Terça-Feira 14 de Janeiro

Os ramos das árvores, brancos e congelados, espalhavam seus dedos para o pálido céu de inverno sobre os Jardins do Palácio. Dagfinn Torhus estava perto da janela e viu um homem correr tremendo até a Haakon VII's Gate com a cabeça enterrada entre os ombros. O telefone tocou. Torhus olhou para o relógio e viu que era hora do almoço. Ele seguiu o homem até que ele ficou fora de vista dentro da estação de Metro, em seguida, ele pegou o fone e disse seu nome. Houve um assobio e crepitar até que a voz o alcançou.

“Vou te dar mais uma chance, Torhus. Se você não aproveita-la eu vou me certificar que o Ministério irá recriminar o seu trabalho mais rápido do que você pode dizer ‘A polícia norueguesa intencionalmente enganada pelo Diretor do Escritório dos Negócios Estrangeiros’. Ou ‘Embaixador norueguês foi vítima do assassino de gays’. Ambas são manchetes razoáveis, você não acha”?

Torhus sentou-se. “Onde você está, Hole”? perguntou ele, por falta de coisa melhor para dizer.

“Acabei de ter uma longa conversa com meu chefe da Brigada Criminal. Perguntei a ele em quinze maneiras diferentes que merda Atle Molnes estava fazendo em Bangkok. Tudo o que eu descobri até agora sugere que ele é no mínimo o embaixador mais improvável ao lado do sincero Reiulf Steen. Eu não consegui arrancar nada dele, mas eu consegui confirmar que existe algo. Ele jurou segredo, eu suponho, então ele me encaminhou para você. Mesma pergunta de antes. O que eu não sei e você sabe? Para sua informação, eu estou sentado aqui com um aparelho de fax ao meu lado e com os números de telefone do *Verdens Gang*, *Aftenposten* e *Dagbladet*.

A voz de Torhus levou o frio do inverno até a Bangkok. “Eles não vão publicar alegações infundadas de um policial alcoólatra, Hole”.

“Se for de um policial alcoólatra *celebridade* acho que eles vão”.

Torhus não respondeu.

“Por falar nisso, eu acho que o *Sunnmørsposten* também vai cobrir o caso”.

“Você fez um juramento de confidencialidade”, disse Torhus em um tom suave. “Você vai ser processado”.

Hole riu. “Situação difícil, hein? Sabendo o que sei e não investigar seria um abandono do dever. Isso também é punido, você sabe. Por alguma razão, eu tenho a sensação que tenho menos a perder do que você se o sigilo for quebrado”.

“Que garantia...” Torhus começou, mas foi interrompido pelo crepitar na linha. “Alo”?

“Estou aqui”.

“Que garantia eu tenho de que você vai manter em segredo o que eu disser a você”?

“Nenhuma”. O eco pareceu como se ele tivesse enfatizado sua resposta três vezes.

Silêncio.

“Confie em mim”, disse Harry.

Torhus bufou. “Por que eu devo”?

“Porque você não tem escolha”.

O diretor olhou para o relógio e viu que ia se atrasar para o almoço. A Carne Assada no Canteiro da cantina provavelmente já tinha acabado, mas isso já não importava muito, ele tinha perdido o apetite.

“Isso não deve vazar”, disse ele. “E peço com toda a seriedade”.

“A intenção é não deixar vazar”.

“OK, Hole. Quantos escândalos envolvendo o Partido Democrata Cristão você já ouviu falar”?

“Não foram muitos”.

“Exatamente. Durante anos, os democratas-cristãos haviam sido esse partido pequeno e acolhedor com o qual ninguém se preocupava muito. Enquanto a imprensa desenterrava coisas sobre a elite do poder no Partido Socialista e entre os esquisitos do Partido do Progresso, aos deputados democrata-cristãos foi amplamente permitido conduzir suas vidas sem muito escrutínio. Com a mudança de governo, isso já não era possível. Quando houve uma remodelação logo ficou claro que Atle Molnes, apesar de sua competência inquestionável e da longa experiência no Parlamento, não poderia ser considerado como ministeriável. Fuçar sobre a sua vida privada implicaria num risco de que um partido cristão, com valores pessoais e morais na sua agenda, não poderia correr. O partido não pode rejeitar a ordenação de padres homossexuais e, ao mesmo tempo, ter ministros homossexuais. Acredito que até mesmo Molnes podia ver isso. Mas quando os nomes do novo governo foram apresentados houve várias

reações na imprensa. Porque Atle Molnes não foi incluído? Depois que ele se afastou há algum tempo para dar espaço para o primeiro-ministro se tornar líder do partido, a maioria dos observadores via Molnes como o número dois, ou pelo menos o três ou quatro. Foram feitas perguntas e os rumores sobre homossexualidade, que havia surgido primeiro quando ele renunciou ao cargo de candidato a líder do partido se reacendeu. Agora, é claro, sabemos que há muitos deputados que são gays, então por que esse barulho todo, pode-se perguntar. Bem, o detalhe interessante sobre este caso, além do fato de que o homem era um democrata-cristão, é que ele era um amigo muito próximo do primeiro-ministro; haviam estudado juntos, até compartilharam uma quitinete. E seria só uma questão de tempo antes que a imprensa colocasse o assunto em pauta. Molnes não estava no governo, mas ainda assim ele estava se tornando um peso pessoal para o Primeiro Ministro. Todo mundo sabia que o Primeiro Ministro e Molnes se apoiaram politicamente um ao outro desde o início, construíram sua carreira política em paralelo, e quem acreditaria nele se ele disse que não tinha conhecimento das inclinações sexuais de Molnes durante todos esses anos? E quanto a todos os eleitores que apoiaram o Primeiro Ministro por causa de uma clara visão do partido sobre parcerias civis e outras depravações, quando ele próprio nutria uma víbora no seu seio, para ser um pouco bíblico? Como isso ajudaria a criar confiança? A popularidade pessoal do Primeiro Ministro tinha sido até agora uma das garantias mais importantes para um governo de minoria se manter, e o que menos precisava era de um escândalo. Era óbvio que tinham que enviar Molnes para fora do país o mais rapidamente possível. Foi decidido que o cargo de embaixador no exterior seria a melhor solução, porque então você não poderia acusar o Primeiro Ministro de colocar um colega de partido com um longo e fiel serviço na geladeira. Foi nesse ponto que eu fui contatado. Nós nos mexemos rápido. O posto de embaixador em Bangkok ainda não tinha sido formalmente nomeado e isso iria colocá-lo longe o suficiente para a imprensa deixá-lo em paz”.

“Jesus Cristo”, Harry disse depois de uma pausa.

“Concordo”, disse Torhus.

“Você sabia que a esposa dele tinha um amante”?

Torhus riu baixinho. “Não, mas você teria que achar muito estranho se eu estivesse apostando que ela *não* tinha um”.

"Por quê?"

“Primeiro, porque eu suponho que maridos homossexuais devem fechar os olhos para esse tipo de coisa. Em segundo lugar, há algo na cultura do Ministério que parece encorajar casos extraconjugais. Na verdade, às vezes, novos casamentos surgem a partir deles. Aqui no Ministério você mal consegue se mover pelos corredores sem bater em ex-cônjuges, ou amantes, ex ou atuais. O serviço é notório por sua endogamia. Somos piores do que a Norwegian Broadcasting Company”.

Torhus continuou a rir.

“O amante não é do Ministério”, disse Harry. “Há um norueguês que é um corretor de moeda barra-pesada, uma espécie de Gekko local, o personagem do filme *Wall Street*, lembra-se? Jens Brekke. A princípio pensei que ele estava envolvido com a filha, mas acontece que é com Hilde Molnes. Eles se conheceram quase tão logo a família chegou e segundo a filha é mais do que um simples caso. Na verdade, é muito sério e a filha acha que eles vão morar juntos, mais cedo ou mais tarde”.

“Novidade para mim”.

“Pelo menos dá a esposa um possível motivo. E ao amante”.

“Porque Molnes era uma obstrução”?

“Não, pelo contrário. De acordo com a filha, Hilde Molnes recusou-se a se divorciar do seu marido. Depois que ele abandonou suas aspirações políticas suponho que a cobertura que o casamento oferecia já não era mais tão importante. Ela deve ter usado o direito de visita a sua filha como uma chantagem. Não é isso o que geralmente acontece? Não, o motivo provavelmente é ainda menos nobre. A família Molnes é dona de metade de Ørsta”.

“Exatamente”.

“Pedi para a Brigada Criminal verificar se havia um testamento e qual era a quota de Atle nos imóveis da família e em outros bens”.

“Bem, isso não é a minha área, Hole, mas você não está tornando as coisas um pouco complicadas agora? Pode simplesmente ter sido um maluco que bateu na porta do embaixador e o esfaqueou até a morte”.

“Talvez. Será que importa, em princípio, se esse maluco for norueguês, Torhus”?

“O que você quer dizer”?

“Malucos de verdade não esfaqueiam um cara e depois removem todas as evidências da cena do crime. Eles deixam uma série de quebra-cabeças para que possamos brincar de polícia e ladrão depois. Neste caso, temos

uma faca decorativa, e é isso. Acredite em mim, este foi um assassinato planejado cuidadosamente por alguém não disposto a brincadeiras, que queria o trabalho feito e que o caso fosse engavetado por falta de provas. Mas quem sabe - talvez você só precise ser louco para cometer tal crime. E os únicos malucos que eu conheci até agora, relacionados com este caso, são noruegueses”.

## Terça-Feira 14 de Janeiro

Por fim, Harry descobriu a entrada entre dois bares de strip-tease na Soi 1 em Patpong. Ele subiu as escadas e entrou numa sala semiescura, onde um ventilador gigantesco no teto circulava preguiçosamente. Harry abaixou-se involuntariamente sob as lâminas imensas; ele já tinha marcas suficientes mostrando que portas e outras estruturas internas não eram adaptadas para o seu um metro e noventa e dois.

Hilde Molnes estava sentada numa mesa nos fundos do restaurante. Seus óculos de sol, destinados a dar-lhe anonimato, tinham o efeito de atrair a atenção sobre ela, pensou.

“Na verdade eu não gosto de vinho de arroz”, disse ela, secando o copo. “Mekhong é a exceção. Posso oferecer-lhe um copo, detetive”?

Harry balançou a cabeça. Ela sacudiu os dedos e seu copo ficou cheio novamente.

“Eles me conhecem aqui”, disse ela. “Eles param quando pensam que eu já bebi o suficiente. E até lá, como sempre, eu terei bebido o suficiente”. Ela riu com voz rouca. “Espero que para você não seja inconveniente nos encontrarmos aqui. Lá em casa é... um pouco triste agora. Qual é o objetivo desta conversa, detetive”?

Ela enunciou as palavras com clareza, do jeito que as pessoas habitualmente fazem para tentar esconder que beberam muito.

“Ficamos sabendo que você e Jens Brekke frequentam regularmente o Maradiz Hotel, juntos”.

“Muito bom”! Disse Hilde Molnes. “Finalmente alguém que faz seu trabalho. Se você conversar com o garçom daqui ele será capaz de confirmar que herr Brekke e eu também nos encontramos aqui com *razoável regularidade*”. Ela cuspiu as palavras. “Escuro, anônimo, outros noruegueses nunca vem aqui, e acima de tudo eles servem o melhor *plaa lòt* da cidade. Você gosta de enguias, Hole? Enguias de água salgada”?

Harry lembrou-se de um homem que tiraram do mar em Drøbak. Ele tinha ficado no mar por alguns dias, e seu rosto cadavérico e pálido tinha olhado para eles com a surpresa de uma criança. Algo tinha comido suas pálpebras. Mas o que chamou a atenção foi uma enguia. Sua cauda se projetava da boca do homem e se sacudia para frente e para trás como um

chicote de prata. Harry ainda podia lembrar-se do aroma salgado no ar, por isso devia ter sido uma enguia de água salgada.

“O meu avô não comia nada além de enguias”, disse ela. “De pouco antes da guerra até quando morreu. Se entupia delas, nunca era o suficiente”.

“Eu também tenho algumas informações sobre o testamento”.

“Você sabe por que ele comia tanta enguia? Oh, claro que não. Ele era um pescador, mas isso foi antes da guerra e as pessoas não queriam comer enguia em Ørsta. Você sabe por que?”

Ele viu em seu rosto o mesmo lampejo de dor que tinha visto no jardim.

“Fru Molnes...”

“Eu estou perguntando se você sabe o porquê”.

Harry balançou a cabeça.

Hilde Molnes baixou a voz e bateu uma longa unha vermelha na toalha da mesa enquanto pronunciava cada sílaba. “Bem, um barco afundou naquele inverno, aconteceu com um tempo calmo e foi a apenas algumas centenas de metros da terra, mas estava tão frio que nenhum dos nove homens a bordo sobreviveu. Há uma corrente marinha abaixo da área onde o barco virou e não foi encontrado um único corpo. Depois as pessoas afirmaram que um grande número de enguias tinha vindo para o fiorde. Dizem que enguias comem afogados, você sabia? Muitas das vítimas eram parentes de moradores de Ørsta, portanto a venda de enguias despencou. As pessoas não se atreviam a serem vistas voltando para casa com enguia em suas sacolas de compras. Então vovô calculou que valia a pena vender todos os outros peixes e comer as enguias ele próprio. Nascido e criado em Sunnmøre, você entende...”

Ela bebeu um gole e colocou-o sobre a mesa. Um anel escuro se espalhava pela toalha.

“Então eu acho que ele adquiriu um gosto por elas. ‘Havia apenas nove deles’, disse vovô. ‘Isso não pode ter sido suficiente para tantas delas. Eu poderia ter comido uma ou duas que se alimentou dos pobres coitados, mas e daí? Eu não sinto qualquer diferença no gosto de qualquer maneira’. Não há diferença! Essa é uma boa resposta”.

Parecia um eco de alguma coisa.

“O que você acha, Hole? Você acha que as enguias comeram os homens”?

Harry coçou atrás da orelha. “Bem, algumas pessoas afirmam que cavala também come carne humana. Eu não sei. Elas provavelmente dão uma mordidinha, imagino. São peixes”.

Harry deixou-a terminar a sua bebida.

“Um colega meu em Oslo acaba de falar com o advogado de negócios do seu marido, Bjørn Hardeid, em Ålesund. Como você talvez saiba, os advogados podem revogar a confidencialidade do cliente após a morte porque, em sua opinião, a informação não irá prejudicar a reputação do cliente”.

“Eu não sabia”.

“Bem, Bjørn Hardeid não queria dizer nada. Então meu colega ligou para o irmão de Atle, mas infelizmente não conseguiram saber muita coisa dele, também. Ele se manteve particularmente tranquilo quando o meu colega propôs a teoria de que Atle não possuía muito da fortuna da família, como muitos poderiam ter pensado”.

“O que te faz pensar isso”?

“Um homem que não pode pagar uma dívida de jogo de 750.000 coroas não tem necessariamente de ser pobre, mas ele definitivamente não é alguém que tem a sua disposição uma parte substancial da fortuna de família no valor de duzentos milhões de coroas”.

“Onde...”?

“O meu colega telefonou para o cartório de registos de Brønnøysund e conseguiu os números da Molnes Móveis. O capital registrado nos livros não é muito claro, mas ele descobriu que a empresa está listada na Bolsa, então ele ligou para um corretor que forneceu o valor na bolsa de valores para ele. A empresa familiar Molnes Holding tem quatro sócios - três irmãos e uma irmã. Todos os irmãos estão na diretoria da Molnes Móveis, e não há relatos de vendas de ações desde que foram transferidas do velho Molnes para a holding; assim a menos que seu marido tenha vendido sua parte da holding para um dos outros, ele deve ter, pelo menos...” Harry olhou para o bloco de notas onde tinha escrito cada palavra do que lhe foi dito por telefone. “Cinquenta milhões de coroas”.

“Eles foram bem fundo, como eu posso ver”.

“Eu não entendi metade do que acabei de dizer, eu só sei que significa que alguém está segurando o dinheiro do seu marido, e eu gostaria de saber por que”.

Hilde Molnes olhou para ele por cima do copo. “Você quer saber realmente”?

“Claro”.

“Vejo que aqueles que você enviou não imaginavam que teriam que mergulhar mais fundo na... vida privada do embaixador”.

“Eu já sei bastante, fru Molnes”.

“Você sabe sobre...”?

“Sim”.

“Exatamente...”

Ela fez uma pausa enquanto terminava seu Mekhong. O garçom veio servir mais, mas ela mandou-o embora.

“Se você também sabe que a família Molnes tem uma longa tradição como aquecedores de banco na capela *Missão Interior* e são membros do Partido Democrata Cristão, talvez você possa descobrir o resto”.

“Talvez. Mas eu gostaria que você me dissesse”.

Ela estremeceu como se só agora ela pudesse sentir o gosto forte do vinho de arroz.

“Foi o pai de Atle quem decidiu. Quando os rumores começaram a se espalhar em decorrência da sua candidatura para líder do partido, Atle disse a verdade a seu pai. Uma semana depois, seu pai tinha reescrito o testamento. Ele decidiu que a participação de Atle na fortuna da família continuaria em seu nome, mas o direito de utilização foi transferido para Runa. O direito entra em vigor quando ela completar vinte e três anos”.

“E quem tem o direito sobre o dinheiro até lá”?

“Ninguém. O que só significa que ele permanece no negócio da família”.

“E o que acontece agora que seu marido está morto”?

“Agora”, disse Hilde, passando o dedo ao redor da borda do copo. “Agora Runa herdará todo o dinheiro. E o *direito de disposição* é transferido para a pessoa com os direitos parentais até que ela complete os vinte e três anos”.

“Então, se eu entendi corretamente isso significa que o dinheiro foi liberado e está à sua disposição”.

“Parece que sim. Até Runa fazer vinte e três”.

“Exatamente o que envolve o *direito de disposição*”?

Hilde Molnes encolheu os ombros. “Eu realmente não pensei muito sobre isso. Eu só soube há alguns dias. Por Hardeid”.

“Portanto, esta cláusula sobre o direito de dispor da herança ser transferido para você não era algo que você já soubesse antes”?

“Pode ter sido mencionado antes. Assinei alguns papéis, mas isso é terrivelmente complicado, você não acha? De qualquer forma, eu nunca prestei atenção antes”.

“Não prestou atenção”? Harry disse alegremente. “Eu pensei que você tinha feito um comentário sobre as pessoas de Sunnmøre...”.

Ela sorriu fracamente. “Eu sempre fui uma péssima cidadã de Sunnmøre”.

Harry estudou-a. Será que ela estava fingindo estar mais bêbada do que estava? Ele coçou o pescoço.

“Há quanto tempo você e Jens Brekke se conhecem”?

“Há quanto tempo estamos trepando, você quer dizer”?

“Bem, isso também”.

“Então, vamos colocar isso na sequência correta. Deixe-me ver...” Hilde Molnes enrugou as sobrancelhas e olhou para o teto. Ela tentou apoiar o queixo na mão, mas ele escorregou, e, então ele soube que estava errado. Ela estava tão bêbada quanto um gambá.

“Nós nos conhecemos na festa de boas vindas do Atle dois dias depois de chegarmos a Bangkok. Tudo começou às oito horas, toda a colônia norueguesa foi convidada e aconteceu no jardim em frente à residência do embaixador. Ele me fodeu na garagem, e deve ter acontecido duas ou três horas mais tarde, eu suponho. Eu digo que ele me fodeu porque eu estava provavelmente tão bêbada naquele momento que ele não precisava da minha cooperação. Ou consentimento. Mas ele teve na vez seguinte. Ou na terceira, eu não me lembro. De qualquer forma, depois de alguns encontros chegamos a nos conhecer um ao outro. Era isso que você queria? Sim, e desde então temos continuado a nos conhecer um ao outro. Nós nos conhecemos muito bem agora. Isso é bom o suficiente para você, detetive”?

Harry estava irritado. Talvez fosse do jeito como ela fez um show da sua indiferença e autodesprezo. De qualquer forma, ela não lhe deu razão para continuar a tratá-la com luvas de seda.

“Você disse que estava em casa no dia que seu marido morreu. Exatamente onde estava desde as cinco horas da tarde até que lhe disseram que ele tinha sido encontrado morto”?

“Não me lembro”.

As palavras saíram com um som estridente acompanhado de uma risada. Soou como um corvo gritando numa floresta tranquila, e Harry podia ver que eles começavam a chamar a atenção. Por um momento, ela quase caiu da cadeira, até que recuperou o equilíbrio.

“Não fique tão preocupado, detetive. Eu tenho um álibi, você sabe. Não é assim que se chama? Sim, de fato, um álibi fantástico, eu posso te dizer. Acho que minha filha estará disposta a testemunhar que eu era incapaz de me mover muito naquela noite. Lembro-me de abrir uma garrafa de gin, depois do jantar e meu palpite é que adormeci, acordei, tomei outro gole, cai no sono, acordei e assim por diante. Você entende, eu tenho certeza”.

Harry compreendia.

“Qualquer outra coisa que você queria perguntar, Hole”?

Ela falou lentamente as duas vogais do seu nome, não muito, mas o suficiente para provocá-lo.

“Apenas se você matou seu marido, fru Molnes”.

Numa surpreendentemente rápida e flexível movimentação, ela pegou o copo, e antes que ele pudesse detê-la, ele sentiu-o roçar sua orelha e ouviu-o se esmagar contra a parede atrás deles. Ela fez uma careta.

“Você pode não acreditar, depois disso, mas eu era a artilheira da divisão feminina de Ørsta 14-16”. Sua voz era calma, como se ela já tivesse esquecido o que acabara de acontecer. Harry olhou para os rostos assustados que se fixavam neles.

“Dezesseis anos de idade, isso foi há muito tempo atrás. Eu era a garota mais bonita... Hmm, eu provavelmente já lhe disse isso. E eu tinha curvas, não como agora. Uma amiga e eu costumávamos ir até o vestiário dos árbitros acidentalmente de propósito, vestindo pequenas toalhas, e dizíamos que tínhamos aberto a porta errada a caminho do chuveiro. Tudo pelo time, é claro. Mas eu não acho que isso teve muito efeito sobre os árbitros. Eles provavelmente estavam se perguntando por que nós estávamos tomando um chuveiro *antes* do jogo”.

De repente, ela se levantou e gritou: “*Ørstagutt hei, hei Ørstagutt, Ørstagutt hei, hei, hei*” [\(17\)](#) Ela caiu de volta na cadeira. A sala tinha ficado tranquila.

“Esse era o nosso grito de torcida. Nós gritávamos para os meninos porque a palavra para as meninas não funciona, não é. O ritmo é tudo. Bem, quem sabe, talvez nós só gostássemos de nos exhibir”.

Harry pegou-a pelo braço e ajudou-a a descer as escadas. Ele deu o endereço dela para o taxista, uma nota de cinco dólares e disse-lhe para se certificar de que ela entrasse em casa. Ele provavelmente não entendeu muito das palavras que Harry disse, mas ele pareceu entender o que ele quis dizer.

Ele entrou em um bar na Soi 2, no final, na direção do bairro Silom. O balcão estava quase vazio e no palco estavam dançando duas garotas que não tinham sido compradas para a noite e claramente não tinham muita esperança de que isso acontecesse. Elas poderiam muito bem estar lavando pratos pela concentração com que obedientemente balançavam suas pernas com os seios pulando para cima e para baixo ao som de '*When Susannah Cries*'. Harry não tinha certeza do que poderia ser mais triste.

Alguém colocou uma cerveja na frente dele a qual ele não tinha pedido. Ele deixou a cerveja intocada, pagou e ligou para a delegacia de polícia de um telefone público ao lado do banheiro dos homens. Ele não viu uma porta para as senhoras.

## Terça-Feira 14 de Janeiro

Uma leve brisa soprava através do seu cabelo curto. Harry estava de pé sobre uma saliência de tijolos na borda do telhado olhando para a cidade. Quando ele estreitou seus olhos era como um tapete brilhante, uma infinidade de luzes cintilantes.

“Desça daí”, disse uma voz atrás dele. “Você está me deixando nervosa”.

Liz estava sentada numa cadeira com uma lata de cerveja na mão. Harry tinha ido até a delegacia e a encontrara enterrada debaixo de pilhas de relatórios que deviam ser lidos. Era quase meia-noite, e ela concordou que estava na hora de encerrar o dia. Ela trancara o escritório, eles pegaram o elevador até o décimo primeiro andar, descobriram que a porta para o telhado era fechada durante a noite, saíram por uma janela, e subiram até o teto pela escada de incêndio.

A explosão de uma sirene de alerta de nevoeiro soou através da manta de lã do tráfego.

“Você ouviu isso”? Liz perguntou. “Quando eu era pequena, meu pai costumava dizer que em Bangkok você podia ouvir os elefantes chamando uns aos outros quando eles estavam sendo despachados por navio. Eles vieram da Malásia porque as florestas em Bornéu tinham sido cortadas e os elefantes estavam acorrentados no convés a caminho para as florestas do norte da Tailândia. Anos depois ao voltar para cá eu pensei que eram os elefantes, soprando através de suas trombas”.

O eco morreu.

“Fru Molnes tem um motivo, mas é bom o suficiente”? Harry disse e pulou. “Você mataria alguém para ter o direito de dispor de cinquenta milhões de coroas por seis anos”?

“Depende de quem eu tivesse que matar”, disse Liz. “Conheço algumas pessoas que eu mataria por menos”.

“Quero dizer: cinquenta milhões de coroas por seis anos é o mesmo que cinco milhões por 60 anos”?

“Negativo”.

“Exatamente. Merda”!

“Você desejaria que fosse ela? Mrs. Molnes”?

“Eu vou te dizer o que eu desejo. Eu gostaria que pudéssemos encontrar o maldito assassino logo para que eu pudesse voltar para casa”.

Liz arrotou alto; foi impressionante. Ela assentiu com a cabeça em reconhecimento e colocou a cerveja no chão.

“Coitada da filha. Seu nome é Runa, certo”?

“Ela é uma garota dura”.

“Tem certeza”?

Ele deu de ombros e levantou um braço para o céu.

“O que você está fazendo”? Perguntou.

“Pensando”.

“Quero dizer com a mão. O que é isso”?

“Energia. Estou juntando energia de todas as pessoas lá em baixo. Dizem que nos dá a vida eterna. Você acredita nesse tipo de coisa”?

“Deixei de acreditar na vida eterna, quando eu tinha dezesseis anos, Harry”.

Harry virou-se, mas não podia ver seu rosto no meio da noite.

“Seu pai”?

Ele podia ver o contorno nítido de sua cabeça balançando.

“Sim. Ele carregava o mundo em seus ombros. Pena que fosse muito pesado”.

“Como...”? Ele ficou em silêncio.

Houve um ruído quando ela esmagou a lata de cerveja.

“É apenas mais uma triste história sobre um veterano do Vietnã, Harry. Encontramo-lo na garagem, em uniforme de gala com seu rifle de serviço ao lado. Ele havia escrito uma longa carta, não para nós, mas para o Exército dos EUA. Estava escrito que ele não podia suportar a ideia de que tinha fugido de suas responsabilidades. Ele percebeu isso quando estava parado na porta do helicóptero, decolando do telhado da embaixada americana em Saigon, em 1973, e observando os sul vietnamitas desesperados invadindo o lugar para se refugiar das forças inimigas que se aproximavam. Ele escreveu que se sentia tão responsável quanto os policiais que usaram as coronhas dos rifles para mantê-los afastados. Todos eles tinham prometido que iriam ganhar a guerra, tinham prometido a democracia. Como oficial ele se via igualmente responsável pela decisão do Exército dos EUA de priorizar a evacuação dos cidadãos americanos em detrimento dos vietnamitas que lutaram lado a lado com eles. Papai dedicou seus esforços militares para eles e lamentou que não tivesse conseguido

cumprir com a sua responsabilidade. Finalmente, ele se despediu de mim e da minha mãe e disse que deveríamos tentar esquecê-lo o mais rápido possível”.

Harry sentiu um desejo de fumar.

“Isso é muita responsabilidade para suportar”, disse ele.

“Sim, mas eu acho que às vezes é mais fácil assumir a responsabilidade pelos mortos, em vez dos vivos. O resto de nós tem que cuidar deles, Harry. Dos vivos. Afinal, essa é a responsabilidade que nos move”.

Responsabilidade. Se havia uma coisa que ele tinha tentado enterrar no ano passado, era a responsabilidade. Tanto pelos vivos como pelos mortos, por si mesmo ou pelos outros. Tudo isso só implicava em culpa e nunca era recompensado de alguma maneira. Não, ele não via como a responsabilidade podia melhorar sua vida. Talvez Torhus tivesse razão, talvez seus motivos para querer que a justiça fosse feita não tinha muita nobreza, afinal. Talvez fosse apenas a estúpida ambição que o impedia de permitir que o caso fosse arquivado, que o fazia tão interessado em pegar alguém, não importa quem, desde que ele pudesse encontrar provas contundentes e colocar o carimbo ‘resolvido’. As manchetes dos jornais e os tapinhas nas costas quando ele retornou da Austrália, tinham realmente significado tão pouco quanto ele gostava de acreditar? Seria apenas um pretexto, essa ideia de que podia pisotear tudo e todos porque queria reabrir o caso de Sis? Porque tinha se tornado muito, muito importante para ele ser bem *sucedido*.

Por um segundo, houve silêncio, era como se Bangkok estivesse respirando. Em seguida, a mesma sirene invadiu o ar novamente. Um lamento. Parecia um elefante muito solitário, pensou Harry. E então os carros começaram a buzinar novamente.

Ele viu o bilhete no tapete quando chegou ao apartamento. *Eu estou na piscina. Runa.*

Harry tinha notado que ‘piscina’ estava escrito ao lado da figura 5 no painel do elevador, e quando desceu no quinto andar, com certeza, pode sentir o cheiro de cloro. Ao virar da esquina existia uma piscina a céu aberto, com varandas nos dois lados. A água brilhava suavemente sob o luar. Ele agachou-se na borda e estendeu a mão.

“Você se sente em casa aqui, não é”?

Runa não respondeu, apenas se atirou de costas, nadou e mergulhou sob a água. Suas roupas e a prótese formavam um pacote perto do solário.

“Você sabe que horas são”? Perguntou.

Ela apareceu de repente, agarrou-o pelo pescoço e puxou-o. Ele foi pego totalmente despreparado, perdeu o equilíbrio e suas mãos encontraram a pele nua, suave quando entrou na água com ela. Eles não fizeram nenhum som, apenas empurraram a água para o lado como um pesado e quente edredom e afundaram. Harry sentiu bolhas se formarem nos ouvidos fazendo cócegas, e sentiu a cabeça como se estivesse se expandindo. Eles chegaram ao fundo e ele empurrou com os pés e os levou de volta para a superfície.

“Você está louca”! Ele balbuciou.

Ela riu e nadou para longe com movimentos rápidos.

Ele estava deitado ao lado da borda, sua roupa pingando, quando ela saiu da piscina. Quando abriu os olhos, ela estava segurando a rede de limpar a piscina tentando pegar uma grande libélula que estava flutuando na superfície da água.

“Isso é um milagre”, disse Harry. “Eu estava convencido de que os únicos insetos que sobreviviam nesta cidade eram as baratas”.

“Alguns dos bons sempre sobrevivem”, disse ela, levantando cuidadosamente o líquido. Ela soltou a libélula que voou sobre a piscina com um baixo zumbido.

“As baratas não são boas”?

“Bleargh! elas são asquerosas”!

“Elas não tem que ser más só porque são asquerosas”.

“Talvez não. Mas eu não acho que elas sejam boas. É como se elas apenas *existissem*”.

“Elas só existem”, Harry repetiu, não sarcasticamente, mais reflexivamente.

“Elas são assim mesmo. Feitas para nós desejarmos pisar nelas. Se não houvesse tantas delas”.

“Teoria interessante”.

“Escute”, ela sussurrou. “Todo mundo está dormindo”.

“Bangkok nunca dorme”.

“Sim, *ela* dorme. Ouça. Os ruídos estão dormindo”.

A rede estava presa a um tubo de alumínio oco, e ela soprou nele. Parecia um didgeridoo. [\(18\)](#) Ele ouviu. Ela estava certa.

Ela seguiu-o até o apartamento para usar o chuveiro.

Ele já estava de pé no corredor e tinha pressionado o botão do elevador quando ela saiu do banheiro com uma toalha em volta dela.

“Suas roupas estão na cama”, disse ele, fechando a porta do apartamento.

Depois eles ficaram no corredor esperando o elevador. Um número vermelho acima da porta tinha começado a contagem regressiva.

“Quando você vai embora”? Ela perguntou.

“Em breve. Se nada de novo acontecer”.

“Eu sei que você se encontrou com mamãe hoje à noite”.

Harry colocou as mãos nos bolsos e olhou para as unhas dos pés. Ela disse que ele deveria cortá-las. As portas do elevador se abriram, e ele ficou no umbral.

“Sua mãe disse que estava em casa na noite que seu pai morreu. E você poderia testemunhar isso”.

Ela gemeu. “Honestamente, você quer que eu responda isso”?

“Talvez não”, disse ele. Ele deu um passo para trás e eles olharam um para o outro, enquanto esperaram que as portas se fechassem.

“Quem você acha que fez isso”? Ele perguntou, finalmente.

Ela ainda estava olhando para ele, quando as portas se fecharam.

## Quarta-Feira 15 de Janeiro

No meio do solo de guitarra de Jimi em ‘*All Along the Watchtower*’ a música parou de repente e Jim Love se assustou, então percebeu que alguém havia retirado seus fones de ouvido.

Ele virou-se na cadeira, e um cara alto, loiro que definitivamente tinha sido um pouco negligente com seu protetor solar se elevava sobre ele na apertada cabine de estacionamento. Metade do rosto estava escondido atrás de óculos escuros de piloto de avião, de qualidade duvidosa. Jim tinha um olho para esse tipo de coisa; o seu lhe custara uma semana de salário.

“Olá”, disse o homem alto. “Eu perguntei se você fala Inglês”.

O cara falava com um sotaque indefinível e Jim respondeu com um sotaque do Brooklyn.

“Melhor do que se eu falar tailandês de qualquer maneira. Como posso ajudá-lo? Qual empresa você deseja?”

“Nenhuma empresa hoje. Eu quero conversar com você”.

“Comigo? Você não é o supervisor da empresa de segurança, não é? Eu posso explicar o Walkman”.

“Não, eu não sou. Eu sou da polícia. Hole é o meu nome. Meu colega, Nho...”.

Harry deu um passo para o lado, e atrás dele, na porta, Jim viu um tailandês com o cabelo cortado à escovinha e camisa branca recém-passada. O que significava que Jim não duvidou por um minuto sequer que o emblema que ele mostrava era genuíno. Ele franziu um olho.

“Polícia, hein? Vocês frequentam o mesmo cabeleireiro? Já pensou em um novo corte? Como este?” Jim apontou para sua própria cabeleira.

O homem alto riu. “Não me parece que o *retrô anos oitenta* já chegou às delegacias, ainda não”.

“Oitenta o quê?”

“Tem alguém que pode te substituir enquanto conversamos?”

Jim explicou que havia chegado à Tailândia há quatro anos, em férias com alguns amigos. Eles haviam alugado motos e viajado até o norte, e numa pequena aldeia junto ao rio Mekong, na fronteira com o Laos, um deles foi imprudente o suficiente para comprar um pouco de ópio e colocá-lo na mochila. No caminho de volta eles foram parados pela polícia e revistados. Numa estrada de terra poeirenta no mais profundo interior da

Tailândia de repente eles perceberam que seu amigo ia ser preso por um tempo incrivelmente longo.

“De acordo com a lei, eles podem executar os caras idiotas pelo contrabando daquela merda. Você sabia? E os três de nós que não tinha feito nada pensamos, oh foda, nós vamos ter problemas também, cúmplices ou algo assim. Merda, quer dizer, sendo um negro americano, eu não pareço exatamente com um traficante de drogas, certo? Nós imploramos e imploramos e não chegamos a lugar nenhum até que um dos policiais falou sobre uma multa em lugar da prisão. Por isso, juntamos todo o dinheiro que tínhamos, e eles confiscaram o ópio e nos deixaram ir. Estávamos tão felizes. O problema foi que nós tínhamos dado a eles o dinheiro para a nossa passagem de volta para os Estados Unidos, certo? Assim...”.

Jim descreveu com um monte de palavras e também com muitos gestos como uma coisa levou a outra, que ele tinha trabalhado como guia para turistas norte-americanos, mas ele teve problemas com seu visto de permanência e então tinha se escondido, cuidado por uma menina tailandesa que ele conheceu, e que, quando os outros estavam prontos para voltar ele decidiu ficar. Depois de muitas idas e vindas ele conseguiu uma autorização de residência porque tinham lhe oferecido um emprego como atendente de recepção de estacionamento, e eles precisavam de pessoas que falavam Inglês nos edifícios onde eram realizadas reuniões internacionais.

Jim estava falando tanto que no final Harry teve que detê-lo.

“Merda, eu espero que o seu amigo tailandês não fale Inglês”, disse Jim, olhando nervosamente para Nho. “Os caras que nós pagamos lá no norte...”.

“Relaxe, Jim. Estamos aqui para perguntar sobre outra coisa. Uma Mercedes azul escuro com uma placa de matrícula diplomática deve ter estado aqui no dia sete de janeiro, por volta das quatro. Isso te faz lembrar alguma coisa”?

Jim começou a rir. “Merda, se você perguntasse qual música de Jimi Hendrix eu estava ouvindo talvez eu pudesse responder, cara, mas os carros que entram e saem daqui...” Ele franziu os lábios.

“Quando nós estivemos aqui, recebemos um ticket. Você não poderia verificar qualquer coisa, por favor? O número de registro ou algo assim”?

Jim sacudiu a cabeça. “Não se preocupe com isso. A maioria dos estacionamentos tem circuitos de câmeras, por isso, se alguma coisa acontecer nós podemos checar depois”.

“Depois? Quer dizer que ficam gravadas”?

“Claro”.

“Eu não vi nenhum monitor”.

“Isso porque não há nenhum. Esta garagem tem seis níveis, certo, por isso não podemos sentar e assistir a tudo. Merda, a maioria dos criminosos que veem uma câmera simplesmente se manda, certo? Então você os mantém afastados. E se qualquer um for burro o suficiente para entrar e roubar um dos carros temos tudo gravado para vocês”.

“Por quanto tempo vocês guardam as gravações”?

“Dez dias. A maioria das pessoas reclama dentro deste prazo, se algo estiver faltando nos seus carros. Então nós regravamos sobre as fitas”.

“Isso significa que você tem registrado o período entre quatro e cinco horas do dia sete de janeiro numa fita, então”?

Jim olhou para cima para um calendário na parede. “Pode apostar”.

Desceram a escada e entraram num porão quente e úmido, onde Jim acendeu uma lâmpada solitária e abriu um dos armários de aço que estavam ao longo da parede. As fitas estavam guardadas ordenadamente em pilhas.

“Há um monte de fitas para analisar, se você quiser conferir todo o estacionamento”.

“O estacionamento para visitantes é o suficiente”, disse Harry.

Jim pesquisou pelas prateleiras. Obviamente, cada câmera tinha sua prateleira, e as datas estavam escritas nos rótulos a lápis. Jim pegou um cassete.

“Bingo”.

Ele abriu outro armário no qual havia um aparelho de vídeo e um monitor, inseriu a fita e depois de alguns segundos a imagem em preto-e-branco apareceu na tela. Harry reconheceu imediatamente os espaços de estacionamento para visitantes; a gravação era claramente da mesma câmera que ele tinha visto na última vez que eles estiveram aqui. Um código na parte inferior da tela mostrava o dia, o mês e a hora. Eles avançaram a fita até às 15h50min. Nada do carro do embaixador. Eles esperaram. Era como assistir a uma cena estática; nada estava acontecendo.

“Vamos avançar rapidamente”, disse Jim.

Além do relógio no canto se acelerando, não houve diferença. 17h15min. Um par de carros passou, deixando marcas molhadas no cimento. 17h40min e eles podiam ver as faixas secando e desaparecendo, mas ainda nenhum sinal da Mercedes do embaixador. Quando o relógio marcava 17h50min Harry disse para Jim desligar o reproduzidor de vídeo.

“Um carro da embaixada devia estar em um dos espaços para visitantes”, disse Harry.

“Desculpe”, disse Jim. “Parece que alguém lhe deu uma informação furada”.

“Poderia ter estacionado em outro lugar”?

“Claro. Mas qualquer um que não tenha uma vaga autorizada tem que passar por esta mesma câmera, pelo menos nós teríamos visto o carro passar”.

“Gostaríamos de ver um vídeo diferente”, disse Harry.

“Oh sim. Qual”?

Nho vasculhou os bolsos. “Você sabe onde um carro com este número de registro estaciona”? Ele perguntou, passando-lhe um pedaço de papel. Jim olhou para ele com desconfiança.

“Merda, cara, você fala Inglês”.

“É um Porsche vermelho”, disse Nho.

Jim devolveu o papel. “Eu não preciso checar. Nenhum autorizado dirige um Porsche vermelho”.

“*Faen*”! [\(19\)](#) Disse Harry.

“O significa isso”? Jim perguntou com um sorriso.

“Uma palavra norueguesa que você não precisa aprender”.

Eles caminharam de volta para a luz do sol.

“Posso te arrumar um par decente e barato”, disse Jim, apontando para os óculos de Harry.

“Não, obrigado”.

“Precisa de mais alguma coisa”? Jim piscou e riu. Ele já tinha começado a estalar os dedos. Ele estava, provavelmente, ansioso para ouvir seu Walkman novamente.

“Ei, policial”! Ele gritou, quando já estavam indo embora. Harry se virou. “*Fa-an*”!

Eles podiam ouvir o seu riso durante todo o caminho até o carro.

“Então, o que nós sabemos”? Liz perguntou, colocando os pés sobre a mesa.

“Nós sabemos que Brekke está mentindo”, disse Harry. “Ele disse que, após a reunião, acompanhou o embaixador até onde seu carro estava parado no estacionamento subterrâneo”.

“Por que ele mentiria sobre isso”?

“No telefone, o embaixador diz que queria confirmar que eles se reuniriam às quatro horas. Não há dúvida de que o embaixador chegou ao escritório. Falamos com a recepcionista, e ela confirmou. Ela também pode confirmar que eles deixaram o escritório juntos, porque Brekke apareceu para deixar um recado. Ela lembra, porque foi por volta das cinco e ela estava se preparando para ir para casa”.

“Estou feliz que alguém se lembra de alguma coisa”.

“Mas o que Brekke e o embaixador fizeram depois nós não sabemos”.

“Onde estava o carro? Duvido que ele se arriscasse a estacionar na rua naquela parte de Bangkok”.

“Eles poderiam ter concordado em ir para outro lugar, e o embaixador pediu para alguém cuidar do carro enquanto ele ia buscar Brekke”, Nho sugeriu.

Rangsan limpou a garganta e virou uma página.

“Em um lugar que está cheio de pequenos vigaristas apenas esperando por uma chance como essa”?

“Sim, eu concordo”, disse Liz. “Ainda é estranho ele não usar a garagem subterrânea, quando é o mais fácil e mais seguro a fazer. Ele poderia literalmente ter estacionado ao lado do elevador”.

Seu dedo mindinho girava no seu ouvido e sua expressão se iluminou.

“Para onde estamos indo, realmente, com isto”? Perguntou.

Harry ergueu os braços em resignação. “Eu estava esperando que pudéssemos provar que Brekke havia deixado o escritório pelo resto do dia depois que ele e o embaixador saíram as cinco, levando o carro do embaixador. E que as gravações mostrariam seu Porsche parado no estacionamento durante a noite. Mas eu não considere a possibilidade de que Brekke não usa seu carro para ir trabalhar”.

“Vamos esquecer os carros por agora”, disse Liz. “O que sabemos é que Brekke está mentindo. Então o que é que vamos fazer a seguir”? Ela olhou para o jornal de Rangsan.

“Checar álibis”, foi a resposta que veio de trás dele.

## Quarta-Feira 15 de Janeiro

As reações das pessoas ao serem presas são tão variadas quanto imprevisíveis.

Harry pensou que já tinha visto a maioria das variantes e não ficou, portanto, especialmente surpreso ao ver o rosto bronzeado de Jens Brekke assumir uma tonalidade acinzentada e seus olhos vagueando como os de um animal sendo caçado. A linguagem corporal mudou, e até mesmo o terno Armani feito sobre medida não lhe caía bem. Brekke mantinha a cabeça erguida, mas parecia que tinha encolhido.

Brekke não havia sido preso, ele tinha apenas acabado de ser trazido para interrogatório, mas para alguém que nunca havia sido abordado por dois policiais armados, que nem sequer perguntaram se o momento era conveniente, a diferença era acadêmica. Quando Harry avistou Brekke na sala de interrogatórios a ideia de que o homem diante dele tinha conseguido esfaquear alguém a sangue-frio parecia absurda. No entanto, ele já pensara o mesmo anteriormente sobre as pessoas e estivera errado.

“Eu receio que tenhamos que fazer isto em Inglês”, Harry disse, sentando-se em frente a ele. “Estamos gravando”. Ele apontou para o microfone na frente deles.

“Estou vendo”. Brekke tentou sorrir. Era como se ganchos de ferro estivessem esticando sua boca.

“Eu tive que lutar muito para fazer esta entrevista pessoalmente”, disse Harry. “Como está sendo gravado, a rigor, um oficial da polícia tailandesa deveria estar fazendo isto, mas como você é um cidadão norueguês, o chefe disse que estava bem”.

“Obrigado”.

“Bem, eu não tenho certeza que haja muito para você ser grato. Já foi dito que você tem o direito de entrar em contato com um advogado, não é”?

“Sim”.

Harry estava prestes a perguntar por que ele não aceitou a oferta, mas absteve-se. Não havia razão para lhe dar outra chance para argumentar. O que ele tinha aprendido sobre o sistema legal Tailandês é que era bastante semelhante ao sistema na Noruega, e, portanto, não havia razão para acreditar que os advogados eram muito diferentes também. Nesse caso, a

primeira coisa que fariam seria amordaçar seus clientes. Mas os regulamentos foram seguidos e agora era hora de se mexer.

Harry sinalizou que a gravação poderia começar. Nho entrou, leu algumas formalidades como uma introdução para a fita e saiu.

“É verdade que você está tendo um relacionamento com Hilde Molnes, a esposa do falecido Atle Molnes”?

“O quê”? Dois olhos selvagens olharam para Harry através da mesa.

“Eu conversei com a senhora Molnes. Eu sugiro que você diga a verdade”.

Uma pausa se seguiu.

“Sim”.

“Um pouco mais alto, por favor”.

“Sim”!

“Há quanto tempo essa relação começou”?

“Eu não sei. Há muito tempo”.

“Desde a festa de boas vindas ao embaixador, 18 meses atrás”?

“Bem...”

“Bem”?

“Sim, eu acho que está correto”.

“Você sabia que a senhora Molnes teria o direito de dispor de uma fortuna substancial, se o seu marido morresse”?

“Fortuna”?

“Estou falando de modo pouco claro”?

Brekke engasgou como uma bola de praia furada. “É uma novidade para mim. Tive a impressão de que o capital dele era relativamente limitado”.

“Sério? A última vez que falei com você, você me disse que a reunião entre você e Molnes no seu escritório no dia sete de janeiro foi sobre investimentos. Sabemos, além disso, que Molnes devia uma grande quantia de dinheiro. Eu não posso afirmar o montante ao certo”.

Outro silêncio. Brekke estava prestes a dizer algo, mas parou.

“Eu menti”, disse ele no final.

“Você tem mais uma chance para me dizer a verdade”.

“Ele veio a mim para discutir a minha relação com Hilde... com sua esposa. Ele queria que parássemos”.

“Um pedido razoável, não é”?

Brekke encolheu os ombros. “Eu não sei o quanto você sabe sobre Atle Molnes”.

“Suponha que não sabemos nada”.

“Digamos que sua orientação sexual não era adequada para o casamento deles”.

Ele olhou para cima. Harry acenou com a cabeça para que ele continuasse.

“O motivo de seu pedido para que Hilde e eu parássemos de nos encontrar não foi por ciúme. Foi por causa de rumores que aparentemente circulavam na Noruega. Ele disse que se a relação se tornasse pública esses rumores seriam confirmados o que prejudicaria não só a ele, mas também, imerecidamente, outros em posições importantes. Tentei aprofundar, mas isso foi tudo o que ele disse”.

“Com o que ele te ameaçou”?

“Ameaçar? O que você quer dizer”?

“Ele não disse apenas, por favor, você não se importaria de deixar de encontrar uma mulher que eu suponho que você ama”.

“Sim, de fato ele fez isso. Acho que foi essa a palavra que ele usou”.

“Qual palavra”?

“Por favor”. Brekke cruzou as mãos sobre a mesa à sua frente. “Ele era um homem estranho. ‘Por favor’.” Ele sorriu fracamente.

“Sim, eu suponho que você não ouve isso muitas vezes em seu negócio”.

“Nem no seu, suponho”.

Harry olhou para ele, mas não havia nenhum desafio nos olhos de Brekke.

“O que você decidiu fazer”?

“Nada. Eu disse que iria pensar no assunto. O que eu poderia dizer? O homem estava à beira das lágrimas”.

“Você considerou terminar o relacionamento”?

Brekke franziu a testa como se essa ideia fosse nova para ele.

“Não. Eu... bem, para mim teria sido muito difícil parar de vê-la”.

“Você me disse que após a reunião acompanhou o embaixador até o estacionamento subterrâneo, onde ele estacionara sua Mercedes. Você quer mudar essa declaração agora”?

“Não...”, disse Brekke surpreso.

“Checamos as gravações da câmera na data em questão, entre 03h50min e 05h15min. A Mercedes do embaixador não estava estacionada na área dos visitantes. Gostaria de mudar a sua declaração”?

“Mudar...”? Brekke olhou para ele, incrédulo. “Meu Deus, homem, não. Eu saí do elevador e vi o carro dele. Temos que estar os dois na gravação. Lembro-me ainda de termos trocado algumas palavras antes dele entrar no carro. Prometi ao embaixador que eu não iria mencionar a conversa que tivemos com Hilde”.

“Podemos provar que neste caso as coisas não aconteceram assim. Pela última vez: Você gostaria de mudar sua declaração”?

“Não”!

Harry podia ouvir uma firmeza em sua voz que não estava ali antes da entrevista começar.

“O que você fez depois que acompanhou o embaixador até o estacionamento, como você está confirmando”?

Brekke explicou que tinha voltado para seu escritório para terminar um relatório de análise de uma empresa e que ficou lá até por volta de meia-noite, quando então tomou um táxi para casa. Harry perguntou se alguém havia passado pelo seu escritório ou telefonado enquanto estava trabalhando, mas Brekke disse que ninguém poderia ir até seu escritório sem o código, e que ele havia bloqueado seu telefone para que pudesse trabalhar em paz, como sempre fazia quando fazia relatórios.

“Não há ninguém que possa lhe dar um álibi? Ninguém que te viu indo para casa, por exemplo”?

“O zelador onde moro, Ben. Ele pode se lembrar. Geralmente ele percebe quando eu chego tarde em casa vestindo um terno”.

“Um zelador que viu você chegar em casa à meia-noite, isso é tudo”?

Brekke ponderou. “Temo que sim”.

“OK”, disse Harry. “Alguém vai assumir a partir de agora. Gostaria de algo para beber? Café, água”?

“Não, obrigado”.

Harry levantou-se para sair.

“Harry”?

Ele se virou. “É melhor se você me chamar de Hole. Ou detetive”.

“Entendo. Estou em apuros”?

 Ele perguntou em norueguês.

Harry estreitou os olhos. Brekke era uma visão triste, caído como um saco de pano.

“Acho que agora eu ligaria para o meu advogado se eu fosse você”.

“Entendo. Obrigado”.

Harry parou na porta. “Aliás, o que vai acontecer com a promessa que fez ao embaixador, você vai mantê-la”?

Brekke deu-lhe uma espécie de sorriso de desculpas. “Idiotice. Eu tinha a intenção de contar para Hilde, é claro, quer dizer, eu tinha que contar. Mas quando eu descobri que ele estava morto então... bem, ele era um homem estranho, e eu resolvi que deveria manter a promessa, apesar de, agora, não ter mais qualquer significado prático”.

“Espere um momento. Vou colocá-lo no viva voz”.

“Alo”?

“Podemos ouvi-lo, Harry. Vá em frente”.

Bjarne Møller da Brigada Criminal, Dagfinn Torhus do Ministério das Relações Exteriores e a Comissária da Polícia de Oslo ouviram o relatório de Harry, sem interrompê-lo em nenhum momento.

Depois Torhus falou.

“Então nós temos um norueguês detido, suspeito de homicídio. A pergunta é: por quanto tempo podemos manter isto em sigilo”?

A comissária de polícia limpou a garganta. “À medida que o assassinato ainda não é do conhecimento público, eu acho que ainda temos alguns dias, especialmente desde que ainda não temos certeza sobre Brekke, apenas uma declaração falsa e um provável motivo. Se tivermos que deixá-lo ir é, provavelmente, melhor que ninguém saiba sobre a prisão”.

“Harry, você pode me ouvir”? Era Møller falando. Houve um ruído atmosférico, que Møller considerou como confirmação. “O cara é culpado, Harry? Ele fez isso”?

Houve mais algum ruído e Møller levantou o receptor do telefone.

“O que você disse Harry? Você...? Certo. Bem, vamos discutir isso aqui e manteremos contato”.

Møller desligou.

“O que ele disse”?

“Ele não sabe”.

Quando Harry chegou em casa já era tarde. O Le Boucheron estava cheio, por isso ele tinha jantado em um restaurante na Soi 4 em Patpong, uma rua cheia de bares gays. Durante o prato principal um homem veio até a mesa e educadamente perguntou se ele gostaria de uma punheta e depois discretamente se retirou quando Harry balançou a cabeça.

Harry desceu no quinto andar. Não havia ninguém ao redor e as luzes estavam apagadas em volta da piscina. Ele tirou a roupa e mergulhou. A água deu-lhe um abraço refrigerado. Ele nadou alguns metros, sentiu a resistência na água. Runa tinha dito que não há duas piscinas idênticas, que toda a água tinha suas peculiaridades, sua consistência especial, cheiro e cor. Esta piscina era baunilha, ela dissera. Doce e viscosa. Ele inalou, mas só podia sentir o cheiro de cloro e Bangkok. Ele flutuou de costas e fechou os olhos. O som de sua própria respiração debaixo d'água o fez se sentir como se estivesse fechado numa pequena sala. Ele abriu os olhos. A luz apagou-se em um dos apartamentos da ala oposta. Um satélite se movia lentamente entre as estrelas. Uma moto com o silenciador quebrado se esforçava para seguir em frente. Então, seu olhar voltou para o apartamento. Ele contou o piso novamente. Ele engoliu água. A luz tinha se apagado no seu apartamento.

Harry saiu da piscina em segundos, vestiu as calças e olhou ao redor procurando em vão por algo que pudesse ser usado como uma arma. Ele agarrou a rede encostada na parede, andou os poucos metros até o elevador e apertou o botão. As portas se abriram, ele entrou e sentiu um leve aroma de curry. Foi como se um segundo houvesse sido roubado de sua vida, e quando ele voltou a si estava deitado em decúbito dorsal no chão de pedra fria do corredor. Felizmente o golpe o atingiu na testa, mas uma figura enorme estava sobre ele, e Harry soube imediatamente que suas chances não eram favoráveis. Ele bateu na perna com a rede, mas o cabo de alumínio era leve e produziu pouco efeito. Ele conseguiu evitar o primeiro chute e se pôs de joelhos, mas o segundo atingiu seu ombro e fê-lo dar meia volta. Suas costas doeram, mas a adrenalina jorrava e ele ficou de pé com um rugido de dor. Na luz do elevador aberto ele viu um rabicho balançando num crânio rapado enquanto um punho era arremessado, bateu-lhe acima do olho e jogou-o de volta para área da piscina. A figura o acompanhou e Harry fintou para a esquerda antes de enviar um direito onde ele achava que o rosto tinha que estar. Foi como perfurar granito, como se tivesse ferido mais a si mesmo do que seu oponente. Harry deu um passo para trás e moveu a cabeça para o lado, sentiu uma corrente de ar e o horror encheu seu peito. Ele apalpou seu cinto, encontrou as algemas, soltou-as e enfiou os dedos. Ele esperou até o Hulk se aproximar, verificou se um uppercut não estava a caminho e se abaixou. Em seguida, avançou, girando o quadril, acompanhando seu ombro, seu corpo inteiro em movimento, e em

desespero furioso lançou os dedos cobertos de ferro através da escuridão até ranger contra carne e osso, e algo aconteceu. Ele bateu novamente e pode sentir o ferro abrir caminho através da pele. O sangue era quente e grosso entre seus dedos; ele não sabia se era o seu próprio ou do seu agressor, mas levantou o punho para outro golpe, chocado pelo fato do homem ainda estar de pé. Em seguida, ele ouviu a risada gutural baixa e um caminhão de concreto pousou em sua cabeça, a escuridão tornou-se mais negra e o conceito *em cima / em baixo* deixou de existir.

## Quinta-Feira 16 de Janeiro

Harry foi levado rolando até a beira da piscina e jogado na água; instintivamente ele respirou e no momento seguinte ele foi arrastado até o fundo. Ele lutou, mas não fez diferença. A água ampliou o clique metálico de algo sendo travado, e o braço que o segurava se soltou. Ele abriu os olhos; tudo era turquesa em torno dele e ele sentia os ladrilhos debaixo dele. Ele empurrou o corpo para cima, mas um puxão no seu pulso lhe esclareceu o que seu cérebro estava tentando explicar e ele se recusava a aceitar. Ele ia se afogar. Woo havia prendido seu braço ao dreno no fundo da piscina com suas próprias algemas.

Ele olhou para cima. A lua brilhava sobre ele através de um filtro de água. Ele esticou o braço livre para cima e sentiu que ele saiu da água. Diabos, a piscina tinha apenas um metro de profundidade aqui! Harry se agachou e tentou levantar-se, esticou-se com toda sua força. A alga apertava na altura do seu polegar, mas ainda assim sua boca estava 20 centímetros abaixo da superfície. Ele notou a sombra à beira da piscina se afastando. Merda! Não entre em pânico, pensou. Pânico consome oxigênio.

Ele afundou e examinou a grade com os dedos. Ela era feita de aço e estava bem fixada, ela não se moveu, mesmo quando ele agarrou-a com as duas mãos e puxou. Quanto tempo ele poderia prender a respiração? Um minuto? Dois? Todos os seus músculos doíam, as têmporas latejavam e estrelas vermelhas estavam dançando na frente de seus olhos. Ele tentou dar um puxão para se soltar. Sua boca estava seca devido ao medo, seu cérebro começou a produzir imagens que ele sabia que eram alucinações; muito pouco combustível e muito pouca água. Um pensamento absurdo surgiu - se ele bebesse tanta água quando aguentasse o nível da água poderia abaixar o suficiente para ele respirar. Ele bateu a mão livre contra o lado da piscina, sabendo que ninguém podia ouvi-lo, pois mesmo que o mundo sob a água estivesse calmo, o clamor metropolitano de Bangkok continuava inabalável lá em cima, afogando todos os outros sons. E se alguém pudesse ouvir, e daí? Tudo o que poderia fazer era lhe fazer companhia enquanto ele morria. Um calor escaldante concentrou-se na sua cabeça e ele se preparou para experimentar o que todas as pessoas que se afogavam têm que experimentar, mais cedo ou mais tarde: a inalação de água. Sua mão livre encontrou metal. A rede da piscina. Ela estava na borda da piscina. Harry

agarrou-a e puxou. Runa estava tocando didgeridoo. Oca. Ar. Ele fechou a boca em torno do final do cabo de alumínio e aspirou. Água entrou na sua boca, engoliu quase se sufocando, sentiu o gosto de insetos mortos e secos sobre a língua e em volta do tubo, enquanto forçava seus reflexos de tosse. Por que era chamado de oxigênio, do grego *oxys*, ou seja, ácido? Não era ácido, era doce, mesmo em Bangkok o ar é doce como o mel. Ele inalou partículas soltas de alumínio e areia que ficaram presas ao muco da garganta, mas ele não percebeu. Ele inspirou e expirou com paixão, como se tivesse corrido uma maratona.

O cérebro estava começando a funcionar novamente. E então ele percebeu que tinha ganhado apenas um adiamento do inevitável. Em seu sangue o oxigênio foi convertido em dióxido de carbono, gases que o pulmão expele, e o cabo era longo demais para ele conseguir expulsar o nitrogênio completamente. Então ele estava inalando ar reciclado, uma e outra vez, uma mistura cada vez menor de oxigênio e maior de CO<sub>2</sub> cada vez mais fatal. Esse excesso de dióxido de carbono no sangue é chamado de hipercapnia, e ele morreria logo com isso. Na realidade, como ele estava respirando muito rápido, ele estava acelerando o processo. Depois de algum tempo ele iria se sentir sonolento, o cérebro perderia o interesse em aspirar o ar, ele respiraria cada vez menos e, finalmente, pararia.

Tão solitário, Harry pensou. Acorrentado. Como os elefantes nos barcos. Os elefantes. Ele soprou no tubo com toda a força que conseguiu reunir.

Anne Verk estava morando em Bangkok há três anos. Seu marido era o CEO do escritório da Shell na Tailândia; eles não tinham filhos, eram meio infelizes e iriam se suportar juntos por mais alguns anos ainda. Depois ela iria voltar para a Holanda, terminar os estudos e procurar um novo marido. Cheia de puro tédio ela tinha se candidatado a um emprego como professora não paga no *'Império'* e, para sua surpresa, conseguiu. *'Império'* era um projeto idealista, cujo objetivo era oferecer educação para as muitas *meninas perdidas* de Bangkok, principalmente no Inglês. Anne Verk ensinava-lhes o que elas precisavam para agir nos bares; era por isso que elas frequentavam as aulas. Elas se sentavam atrás de suas mesas, tímidas, jovens sorridentes que davam risadinhas quando ela as fazia repetir depois dela: 'Eu posso acender o cigarro para o senhor'? Ou 'eu sou virgem. Você é tão gentil. Gostaria de uma bebida'?

Hoje uma das meninas estava usando um vestido vermelho novo, do qual estava claramente orgulhosa e que havia comprado na loja de departamentos Robinson's, assim ela explicou à classe num Inglês hesitante. Às vezes era difícil imaginar que essas meninas trabalhavam como prostitutas em algumas das áreas mais violentas de Bangkok.

Como a maioria dos holandeses, Anne falava um excelente Inglês e, uma vez por semana, ela ensinava alguns dos outros professores também. Ela saiu do elevador no quinto andar. Tinha sido uma noite especialmente exaustiva com muita discussão sobre os métodos de ensino, e ela estava louca para arrancar seus sapatos no apartamento de 200 metros quadrados, quando ouviu alguns barulhos estranhos, roucos e trombeteantes. No início, ela pensou que eles vinham do rio, mas então ela percebeu que eles vinham da piscina. Ela encontrou o interruptor de luz e levou alguns segundos para chegar até a borda e processar a visão de um homem debaixo d'água e o cabo da rede da piscina verticalmente na água. Então ela correu.

Harry viu a luz se acender e viu a figura à beira da piscina. Em seguida, ela sumiu. Parecia uma mulher. Será que ela entrou em pânico? Harry começou a perceber os primeiros sinais de hipercapnia. Em teoria, deveria estar na fronteira de uma sensação agradável, como dormir sob um anestésico, mas ele apenas sentia o terror correndo em suas veias como água numa geleira. Obrigou-se a se concentrar, respirar com calma, não demasiado, não muito pouco, mas pensar estava se tornando um desafio.

Assim, ele não percebeu que o nível da água estava começando a baixar, e quando a mulher pulou na piscina e levantou-o para a superfície, ele teve certeza de que um anjo aparecera para ele.

# PARTE QUATRO

## Sexta-Feira 17 de Janeiro

O resto da noite foi principalmente a sua dor de cabeça. Harry sentou-se numa cadeira no seu apartamento, um médico veio, tirou uma amostra de sangue e disse que ele tinha tido muita sorte. Como se ele precisasse de alguém para lhe explicar isso. Mais tarde, Liz sentou-se ao lado dele e anotou o que tinha acontecido.

“O que ele queria no apartamento”? Perguntou.

“Não faço a mínima ideia. Assustar-me talvez”.

“Será que ele pegou alguma coisa”?

Ele olhou em volta. “Não se a minha escova de dentes ainda estiver no banheiro”.

“Palhaço. Como você está se sentindo”?

“Com ressaca”.

“Vamos iniciar uma investigação imediatamente”.

“Esqueça. Vá para casa e durma algumas horas”.

“Você ficou alegre de repente”.

“Eu sou um bom ator, não sou”. Ele esfregou o rosto com as mãos.

“Isso não é uma brincadeira, Harry. Você percebe que foi envenenado por CO<sub>2</sub>”?

“Não mais do que o cidadão médio de Bangkok, de acordo com o médico. Falo sério, Liz. Vá para casa, eu não tenho energia para continuar falando com você. Amanhã eu vou estar bem”.

“Tire o dia livre amanhã”.

“Você manda. Agora vá”.

Harry tinha engolido os comprimidos que o médico lhe dera, dormira sem sonhos e não acordou até final da manhã, quando Liz ligou para ver como ele estava. Ele respondeu com um grunhido.

“Eu não quero ver você hoje”, disse ela.

“Eu também te amo”, disse ele, desligou, se levantou e se vestiu.

Era o dia mais quente do ano e na delegacia todo mundo estava gemendo. Mesmo no escritório de Liz o sistema de ar condicionado não conseguia manter a temperatura baixa. O nariz de Harry começou a ficar

vermelho e ele estava parecendo um rival de Rudolph. <sup>(20)</sup> Ele estava na metade sua terceira garrafa de água de um litro.

“Se esta é a estação fria como será a...?”

“Tudo bem, Harry”. Liz não parecia pensar que falando sobre o calor tudo se tornaria mais suportável. “E em relação ao Woo, Nho? Alguma pista?”

“Nada. Eu tive uma conversa séria com o Sr. Sorensen na Thai Indo Travellers. Ele diz que não sabe onde Woo está, ele não é mais empregado da empresa”.

Liz suspirou. “E não temos ideia do que ele fez no apartamento de Harry. Ótimo. E sobre Brekke?”

Sunthorn tinha falado com o zelador do edifício onde Brekke morava. Na verdade, ele se recordava que o Norueguês tinha voltado para casa algum tempo depois da meia-noite, na noite em questão, mas ele não podia dizer exatamente quanto.

Liz informou que o pessoal da perícia já estava ocupado vasculhando o escritório e o apartamento de Brekke. Eles estavam examinando suas roupas e sapatos, em particular, para ver se poderiam encontrar alguma coisa - sangue, cabelo, fibras, qualquer coisa - que poderia conectar Brekke com a vítima ou com a cena do crime.

“Enquanto isso”, disse Rangsan, “eu tenho alguns comentários a fazer sobre as fotos que encontramos na pasta de Molnes”.

Ele prendeu três fotos ampliadas em um painel ao lado da porta. Apesar das imagens terem ficado por tempo suficiente no cérebro de Harry para perderem algum efeito inicial de choque, ele podia sentir a seu estômago se contorcer.

“Nós as mandamos para a Brigada de Vícios para ver o que poderiam fazer com elas. Eles não conseguiram conectar as fotos com algum dos distribuidores conhecidos de pornografia infantil”. Rangsan virou uma das imagens. “Em primeiro lugar, elas foram reveladas em papel alemão, que não é vendido na Tailândia. Em segundo lugar, elas estão um pouco escuras e, à primeira vista lembra mais um trabalho amador, e não se destinam à distribuição. A perícia falou com um especialista, que afirmou que elas foram tiradas de longa distância com uma lente teleobjetiva e, provavelmente, a partir do exterior do ambiente onde a ação se desenrolava. Ele acha que isto é o caixilho de uma janela”.

Rangsan apontou para uma sombra cinza na borda da imagem. “O fato de que as fotos ainda assim parecem ser profissionais sugere que há um novo nicho de mercado a ser atendido, o segmento dos voyeurs”.

“E daí”?

“Na América a indústria pornô ganha somas enormes vendendo esses chamados instantâneos amadores privados, que são na verdade criados por atores profissionais e fotógrafos que intencionalmente fazem tudo parecer amador usando equipamentos simples e evitando *produzir* os modelos. Acontece que as pessoas estão dispostas a pagar mais pelo que acham que são fotos tiradas em quartos autênticos e não montadas profissionalmente. O mesmo vale para fotos e vídeos que parecem ter sido tiradas de um apartamento do outro lado da rua, sem o conhecimento ou concordância dos fotografados. Este material é particularmente atrativo para voyeurs, pessoas que ficam escondidas olhando para os outros enquanto imaginam que não são observadas. Achamos que as fotos encontradas se enquadram nesta categoria”.

“Ou”, disse Harry. “Ou pode ser que as fotos não foram feitas para serem distribuídas; foram feitas para fins de chantagem”.

Rangsan balançou a cabeça. “Nós consideramos essa hipótese, mas se fosse assim os adultos deveriam ser identificáveis na imagem. Uma característica típica de pornografia infantil comercial é que o rosto dos abusadores é escondido, como nestas”.

Ele apontou para as três fotos. Elas mostravam a parte inferior das costas de alguém. A pessoa estava nua, porém com uma camiseta vermelha, em que se podia ver parte de uma figura de um 2 e um 0.

“Suponha que ainda iam ser usadas para chantagem, mas o fotógrafo não incluiu o rosto”, disse Harry. “Porque o chantageado saberia, pelas as cópias mostradas, que poderia ser identificado”.

“Pare”! Liz acenou com uma mão. “O que você está dizendo, Harry? Que o homem na foto é Molnes”?

“É uma teoria. Ele estava sendo chantageado, mas não podia pagar por causa de suas dívidas de jogo”.

“E daí”? Disse Rangsan. “Isso não dá ao chantagista um motivo para assassinar Molnes”.

“Ele poderia ter ameaçado denunciar o chantagista à polícia”.

“Denunciar o chantagista e, em seguida, ser condenado por pedofilia”? Rangsan revirou os olhos, e Sunthorn e Nho tentaram esconder seus

sorrisos, sem sucesso.

Harry curvou os ombros e ergueu as mãos. “Como eu disse, era uma teoria, e eu concordo que devemos abandoná-la. A segunda teoria é que Molnes era o chantagista...”.

“E Brekke era o chantageado...” Liz apoiou o queixo nas mãos, olhando para o ar pensativamente. “Bem, Molnes precisava do dinheiro, o que dá a Brekke um motivo para o assassinato. Mas ele já tinha um, de modo que realmente não chegamos a lugar nenhum. O que você acha, Rangsan? É possível *excluir*mos a possibilidade de ser Brekke nas fotos”?

Ele balançou a cabeça. “As fotos não são tão claras então não podemos descartar ninguém a menos que Brekke tenha alguma das características definidoras”.

“Quem se oferece para ir verificar a bunda de Brekke”? Liz perguntou, para riso geral.

Sunthorn tossiu discretamente. “Se Brekke assassinou Molnes por causa das fotos, por que ele iria deixá-las no local do crime”?

Longo silêncio.

“Será que somente eu sinto que estamos perdendo nosso tempo”? Liz perguntou, por fim.

O ar-condicionado borbulhava e ocorreu a Harry que o dia ia ser tão longo quanto estava sendo quente.

Harry estava parado na porta que levava ao jardim do embaixador.

“Harry”? Runa passou a mão no rosto para tirar água dos seus olhos e subiu as escadas para sair da piscina.

“Oi”, disse ele. “Sua mãe está dormindo”.

Ela encolheu os ombros.

“Nós prendemos Jens Brekke”.

Ele esperou que ela dissesse alguma coisa, perguntasse por que, mas ela não disse nada. Ele suspirou. “Eu não quero incomodar você com essas coisas, Runa. Mas eu estou sentado no meio delas, e você também, então eu queria saber se poderíamos ajudar um ao outro”.

“Certo”, disse ela. Harry tentou interpretar seu tom. Ele decidiu ir direto ao ponto.

“Eu tenho que tentar descobrir um pouco mais sobre ele, que tipo de pessoa ele é, se ele é o que ele alega ser e assim por diante. Eu pensei que

poderia começar pelo relacionamento com sua mãe. Quero dizer, não é bem uma grande diferença de idade...”.

“Você suspeita que ele esteja explorando ela”?

“Esse tipo de coisa, sim”.

“Minha mãe poderia estar explorando *ele*, mas o contrário...”?

Harry se sentou numa das cadeiras debaixo do salgueiro, mas Runa permaneceu de pé.

“Mamãe não gosta que eu esteja por perto quando eles estão juntos, então eu realmente nunca cheguei a conhecê-lo”.

“Você o conhece melhor do que eu”.

“Conheço? Hmm. Ele parece bom, mas talvez isso seja só o lado de fora. Pelo menos ele tenta ser bom comigo. Foi ideia dele, por exemplo, me levar ao estádio de boxe. Acho que ele imagina que eu sou interessada em esportes por causa dos meus mergulhos. Será que ele a explora? Eu não sei. Desculpe, isso não é de muita ajuda, mas eu não sei como os homens dessa idade pensam. Vocês não mostram seus sentimentos abertamente ...”

Harry endireitou os óculos de sol. “Obrigado, isso foi ótimo, Runa. Você pode pedir a sua mãe para me ligar quando ela acordar”?

Ela estava ao lado da piscina, de costas para a água, então ela se lançou e executou outro salto mortal com a espinha arqueada e a cabeça para baixo. Ele viu as bolhas que estouravam na superfície enquanto se virava para ir embora.

Depois do almoço, Harry e Nho desceram de elevador até o primeiro andar, onde Jens Brekke ainda estava detido.

Brekke estava vestindo o terno com que havia sido preso, mas ele tinha desabotoado a camisa e enrolado as mangas e já não parecia um corretor. A franja suada estava grudada na testa, e ele estava olhando, com um ar de surpresa, suas mãos inertes apoiadas sobre a mesa à sua frente.

“Este é Nho, um colega meu” disse Harry.

Brekke olhou para cima, mostrou um rosto corajoso e balançou a cabeça.

“Eu só tenho uma pergunta, na verdade”, disse Nho. “Você realmente acompanhou o embaixador até o estacionamento subterrâneo, onde ele deixara seu automóvel na terça-feira sete de janeiro às cinco horas”?

Brekke olhou para Harry, depois para Nho.

“Sim”, disse ele.

Nho olhou para Harry e assentiu.  
“Obrigado”, disse Harry. “Isso era tudo”.

## Sexta-Feira 17 de Janeiro

O trânsito estava rastejando, Harry tinha uma dor de cabeça e o ar condicionado estava assobiando ameaçadoramente. Nho parou na barreira do estacionamento do Barclays Thailand, abriu a janela do carro e um homem com um uniforme bem passado disse que Jim Love não estava no trabalho.

Nho mostrou sua Identificação da polícia e explicou que eles gostariam de ver uma das fitas cassetes de vídeo, mas o atendente balançou a cabeça em desaprovação e disse que eles teriam de ligar para a empresa de segurança. Nho virou-se para Harry e deu de ombros.

“Explique-lhe que se trata de uma investigação de assassinato”, disse Harry.

“Eu já falei”.

“Então nós vamos ter que lhe explicar melhor”.

Harry saiu do carro. O calor e a umidade bateram-lhe na cara; era como tirar a tampa de uma panela de água fervente. Ele se esticou, caminhou em volta do carro, já um pouco tonto. O atendente franziu a testa enquanto os quase dois metros de *farang* de olhos vermelhos se aproximou, e ele colocou a mão em sua arma.

Harry ficou na frente dele, fez uma careta e pegou o cinto do homem com a mão esquerda. O atendente gritou, mas ele não teve chance de reagir antes que Harry retirasse o cinto dele e enfiasse a mão direita dentro das calças do homem. O atendente foi levantado do chão quando Harry puxou. A cueca cedeu com um som alto, se rasgando. Nho gritou alguma coisa, mas já era tarde demais. Harry já estava segurando a cueca branca no alto em triunfo. No momento seguinte, ela estava voando para longe da cabine do atendente e caiu nos arbustos. Então, ele caminhou lentamente em volta do carro e entrou.

“Truque da velha escola”, disse ele a um Nho de olhos arregalados. “Você vai ter que assumir as negociações a partir daqui. Caramba, como está quente...”.

Nho saiu do carro, e depois de uma curta negociação enfiou a cabeça de volta no carro, acenou com a cabeça e Harry seguiu os dois em direção ao subsolo, enquanto o atendente mantinha um olhar carrancudo, e uma distância adequada de Harry.

O reprodutor de vídeo zumbia, e Harry acendeu um cigarro. Ele tinha alguma noção de que a nicotina em determinadas situações estimulava os processos mentais. Como quando você precisava de um cigarro, por exemplo.

“Certo”, disse Harry. “Então você acha que Brekke está dizendo a verdade”?

“Você também acha”, disse Nho. “Caso contrário, você não teria me trazido até aqui”.

“Correto”. A fumaça fez os olhos de Harry arder. E aqui você pode ver porque eu acho isso.

Nho olhou para as imagens, desistiu e balançou a cabeça.

“Esta gravação é de segunda-feira, 13 de janeiro”, disse Harry. “Por volta das dez da noite”.

“Errado”, Nho disse. “Essa é a mesma fita que vimos da última vez, o dia do assassinato, sete de janeiro. A data está na beira da imagem”.

Harry soltou um anel de fumaça, então apareceu uma corrente de ar vindo de algum lugar, mas desapareceu quase imediatamente.

“É a mesma fita, mas a data sempre esteve errada. Meu palpite é que o nosso amigo sem-cueca aqui pode confirmar que é fácil alterar a data e a hora no gravador e, portanto, sobre a imagem”.

Nho olhou para o atendente, que deu de ombros e concordou.

“Mas isso não explica como você sabe quando esta gravação foi feita”, disse Nho.

Harry acenou com a cabeça em direção ao monitor. “Eu percebi quando fui acordado esta manhã pelo tráfego na Taksin Bridge do lado de fora do apartamento onde estou hospedado”, disse ele. “Havia muito pouco tráfego naquela hora. Este é um estacionamento de seis andares num complexo de edifícios de negócios muito movimentado. O horário marcado é entre quatro e cinco horas e vemos apenas dois carros passando no intervalo de uma hora”.

Harry sacudiu a cinza do cigarro.

“A próxima coisa que eu pensei foi nisto”. Ele levantou-se e apontou para a tela com as linhas pretas na parte de cimento. “Faixas de pneus molhados. De ambos os carros. Quando foi que choveu em Bangkok recentemente”?

“Há dois meses, se não mais”.

“Errado. Há três dias, 13 de janeiro, em torno das dez e meia, houve uma chuva de manga. Eu sei, porque a maior parte dela foi para dentro da minha camisa”.

“Sim, isso é certo”, disse Nho. Ele franziu o cenho. “Mas estes gravadores de vídeo nunca param. Se esta gravação não é de sete de janeiro, mas do dia 13, deve significar que o cassete que deveria conter aquela gravação foi apagado”.

Harry pediu ao atendente para encontrar o cassete etiquetado com 13 de janeiro, e trinta segundos depois eles podiam ver que a gravação foi interrompida às 21h30min. Seguido por cinco segundos de ruído antes da imagem aparecer novamente.

“A fita foi apagada aqui”, disse Harry. “As imagens que podemos ver agora são o que estava no cassete antes”. Ele indicou a data. “Primeiro de janeiro, 05h25min”.

Harry pediu ao atendente para congelar a imagem e sentaram-se olhando para ela enquanto Harry terminava seu cigarro.

Nho pressionou as palmas das mãos na frente da boca. “Então, alguém alterou um cassete de modo que parece que o carro do embaixador nunca esteve no estacionamento. Por que”?

Harry não respondeu. Ele olhou para a hora. 05h25min. Trinta e cinco minutos antes do novo ano chegar a Oslo. Onde ele estava? O que ele estava fazendo? Será que ele estava no Schröder? Não, devia estar fechado. Ele devia estar dormindo então. De qualquer forma, ele não se lembrava dos fogos de artifício.

A empresa de segurança confirmou que Jim Love estava no turno da noite no dia treze de janeiro, e eles deram seu endereço e número de telefone sem reclamar. Nho ligou para a casa de Love, mas ninguém atendeu.

“Mande uma viatura até lá para verificar”, disse Liz. Ela parecia feliz por voltar a ter algo concreto para continuar, finalmente.

Sunthorn entrou no escritório e entregou-lhe uma pasta.

“Jim Love não tem nenhum registro”, disse ele. “Mas Maisan, um dos nossos rapazes disfarçados da Narcóticos, reconheceu a descrição. Se for o mesmo cara então ele tem sido visto com frequência na Miss Duyen”.

“O que é que isso quer dizer”? Harry perguntou.

“Isso significa que ele não era necessariamente tão inocente nessa história de ópio quanto ele dizia”, disse Nho.

“Miss Duyen é um antro de ópio em Chinatown”, Liz explicou.

“Antro de ópio? Isso não é, ahn... ilegal”?

“Claro”.

“Desculpe, pergunta estúpida”, disse Harry. “Mas eu pensei que a polícia estava combatendo esse tipo de coisa”.

“Eu não sei como é lá de onde você vem, Harry, mas vamos tentar ser práticos. Se fecharmos a Miss Duyen, outro antro de ópio iria abrir em outro lugar na próxima semana. Ou esses caras apenas iriam fazê-lo na rua. A vantagem com Miss Duyen é que temos controle, os nossos caras disfarçados podem entrar e sair quando quiserem e as pessoas que decidem embaralhar seus cérebros com o ópio podem fazê-lo num ambiente relativamente respeitável”.

Ouviu-se uma tosse.

“Além disso, a Miss Duyen provavelmente paga bem”, uma voz murmurou por trás do *Bangkok Post*.

Liz fingiu não ouvir.

“Uma vez que ele não apareceu para trabalhar hoje e não está em casa, eu aposto que ele está deitado numa das esteiras de bambu da Miss Duyen. Por que você e Harry não vão dar uma olhada, Nho? Fale com Maisan; ele vai poder dar-lhe uma mão. Poderá ser bom para o nosso turista ver alguma coisa exótica”.

## Sexta-Feira 17 de Janeiro

Maisan e Harry entraram numa rua estreita, onde uma brisa em brasa espalhava o lixo ao longo das paredes das casas frágeis. Nho ficou no carro porque Maisan pensava que ele fedia a polícia muitos quilômetros ao longe. Além disso, ele estava preocupado porque poderia ser atitude suspeita se três pessoas aparecessem ao mesmo tempo no Miss Duyen.

“Fumar ópio não é realmente uma coisa social”, Maisan explicou numa aproximação de um sotaque americano. Harry se perguntou se o sotaque e a camiseta do The Doors não era um pouco exagerado para um policial da Narcóticos a paisana. Maisan parou em frente a um portão de ferro forjado aberto e esmagou a bituca de cigarro no chão com o salto da bota direita e entrou.

Saindo do sol forte, Harry não conseguiu ver nada inicialmente, mas ele podia ouvir vozes baixas, murmúrios, e viu duas costas desaparecendo dentro da sala.

“Merda”! Harry bateu com a cabeça no batente da porta e se virou quando ouviu as risadas costumeiras. Na escuridão do ambiente ele pensou ter discernido uma forma enorme, mas ele devia ter se enganado. Woo iria, provavelmente, se manter fora do ar por algum tempo. Ele se apressou de modo a não perder os dois na frente. Eles desapareceram debaixo de uma escada e Harry correu atrás deles. Notas foram mudando de mãos e outra porta se abriu o suficiente para que eles se espremessem para passar.

Lá dentro cheirava a terra, mijo, fumaça e ópio doce.

A ideia de Harry sobre um antro de ópio vinha de um filme de Sergio Leone, em que Robert De Niro era atendido por mulheres usando sarongues de seda, todos deitados em camas macias com grandes almofadas; tudo era iluminado por uma luz suave, amarela, que dava uma sensação de sagrado em toda a cena. Pelo menos era assim que ele se lembrava. Além da luz suave, havia pouco que se parecesse com Hollywood. A poeira flutuando no ar tornava a respiração difícil, e com a exceção de alguns beliches que revestiam as paredes todos estavam deitados em tapetes e esteiras de bambu no chão de terra dura.

A escuridão e o ar úmido, com o som de tosses abafadas e ruídos roucos e guturais de gargantas ecoando pelo ar fez Harry supor que havia apenas um punhado de pessoas lá dentro, mas gradualmente, enquanto seus olhos

se acostumavam à luz, ele podia ver que era uma sala muito grande, sem divisórias e devia haver uma centena de pessoas, quase todos homens. Além da tosse, estava estranhamente silenciosa. A maioria parecia estar dormindo, outros mal se moviam. Ele viu um homem velho segurando um tubo com ambas as mãos, enquanto inalava tão fortemente que a pele enrugada em torno de suas maçãs do rosto se contraía.

Esta loucura era organizada; eles estavam deitados em linhas, que foram divididas em quadrados para que houvesse espaço para caminhar no meio, muito parecido com os cemitérios. Harry seguiu Maisan para cima e para baixo pelas linhas, olhando para rostos e tentando prender a respiração.

“Você pode ver o seu cara”? Maisan perguntou.

Harry balançou a cabeça. “Está terrivelmente escuro”.

Maisan sorriu. “Eles tentaram colocar luzes de néon algum tempo atrás, para parar com o roubo. Mas as pessoas deixaram de vir”.

Maisan aventurou-se ainda mais na escuridão do quarto. Logo ele reapareceu da escuridão e apontou para a saída. “Me disseram que o garoto negro de vez em quando vai para Yupa House, na mesma rua. Algumas pessoas levam seu ópio e fumam lá. O proprietário deixa-os em paz”.

Agora que as pupilas de Harry haviam se dilatado para enxergar no escuro, mais uma vez eles foram submetidos à lâmpada do grande dentista pendurada fielmente no céu lá fora. Ele pegou os óculos escuros e os colocou.

“Harry, eu conheço um lugar com preços baratos onde você pode comprar...”.

“Não, obrigado. Gosto destes”.

Eles pegaram Nho. Na Yupa House exigiriam a Identidade da polícia tailandesa para que eles pudessem ver o livro de hóspedes, e Maisan não queria ser identificado neste bairro e então se despediu.

“Obrigado”, disse Harry.

“Tome cuidado”, disse Maisan, fundindo-se com as sombras.

O recepcionista da Yupa House parecia uma versão magra de um reflexo distorcido no espelho dos parques de diversão. Um rosto oval assentava-se sobre um pescoço de condor em cima de ombros estreitos e arriados. Ele tinha cabelos ralos e barba pegajosa. Ele era formal, cortês e, como estava vestindo um terno preto, fazia Harry se lembrar de um agente funerário.

Ele assegurou para Harry e Nho que ninguém com o nome de Jim Love estava hospedado lá. Quando o descreveu ele sorriu e negou com a cabeça. Acima da recepção estava pendurada uma placa declarando as regras básicas da casa: sem armas, sem materiais aromáticos e não fumar na cama.

“Desculpe-nos por um momento”, disse Harry para o recepcionista, puxando Nho em direção à porta. “Bem, você é tão bom em leitura de mentirosos...”.

“Complicado” Nho disse. “Ele é vietnamita”.

“E daí”?

“Você não ouviu o que Nguyen Cao Ky disse sobre seus compatriotas durante a Guerra do Vietnã? Ele disse que os vietnamitas nasceram mentirosos. Está em seus genes, tendo aprendido geração após geração que a verdade não traz nada além de má sorte”.

“Você está dizendo que ele está mentindo”?

“Eu estou dizendo que eu não tenho ideia. Ele é bom”.

Harry virou-se, voltou para a mesa e pediu a chave mestra. O recepcionista sorriu nervosamente.

Harry levantou a voz uma pequena fração, enunciando ‘chave mestra’ e sorriu para ele com os dentes cerrados.

“Nós gostaríamos de atravessar este hotel quarto por quarto. Você entende? Se encontrarmos alguma irregularidade seremos, naturalmente, obrigados a fechar o hotel para uma análise mais aprofundada, mas eu duvido que haja um problema”.

O recepcionista balançou a cabeça e de repente parecia ter dificuldade em entender Inglês.

“Eu disse que duvido que vamos encontrar um problema. Eu posso ver que você tem uma placa que proíbe expressamente fumar na cama”.

Harry tirou a placa e bateu com ela no balcão.

O recepcionista olhou fixamente para a placa. Algo estava se mexendo embaixo do pescoço de condor.

“No quarto 304, está registrado um homem chamado Jones”, disse ele. “Pode ser ele”.

Harry se virou e sorriu para Nho, que deu de ombros.

“Mr Jones está lá”?

“Ele está no quarto desde que fez o check-in”.

O recepcionista levou-os lá em cima. Eles bateram, mas ninguém respondeu. Nho fez sinal para o recepcionista abri-la, e de um coldre da

panturrilha sacou uma Beretta 35 mm preta, carregada e com a trava de segurança desativada. A cabeça do recepcionista começou a se contorcer, como uma galinha. Ele girou a chave e deu dois passos apressados para trás. Harry cuidadosamente abriu a porta. As cortinas estavam bem fechadas, e o quarto estava escuro. Ele colocou a mão para dentro e acendeu a luz. Jim Love estava na cama, imóvel com os olhos fechados e fones de ouvido. Um ventilador de teto gingava e zumbia, agitando as cortinas. O cachimbo de água estava numa mesa baixa ao lado da cama.

“Jim”! Harry chamou, mas Jim Love não reagiu.

Ou ele estava dormindo ou o Walkman estava com o volume no máximo, Harry pensou, examinando o quarto para se certificar que Jim não tinha companhia. Então ele viu uma mosca emergindo da narina direita de Jim, sem pressa. Harry caminhou até a cama e colocou a mão em sua testa. Era como tocar no mármore frio.

## Sexta-Feira 17 de Janeiro

Todos, exceto Rangsan estavam presentes no escritório de Liz mais tarde naquela noite.

“Diga-me que temos alguma pista”, disse ela ameaçadoramente.

“O pessoal da perícia encontrou um montão delas”, disse Nho. “Eles colocaram três homens lá e encontraram uma pilha de impressões digitais, cabelos e fibras. Eles disseram que parecia como se Yupa House não tivesse sido limpo há seis meses”.

Sunthorn e Harry riram, mas Liz apenas olhou para eles.

“Quaisquer indícios de que poderiam realmente estar ligados ao assassinato”?

“Nós não sabemos se é um homicídio ainda”, disse Harry.

“Sim, nós sabemos”, Liz respondeu. “Overdose acidental de suspeitos de serem cúmplices em investigações, algumas horas antes de nós os prendermos, não é muito comum”.

“Aquele que está destinado para a forca não irá se afogar, como se diz em norueguês”, disse Harry.

“O quê”?

“Eu concordo”.

Nho acrescentou que overdoses fatais eram raras entre os fumantes de ópio. Geralmente perdem a consciência antes que possam inalar demais. A porta se abriu e Rangsan entrou.

“Notícias”, disse ele, sentando-se e pegando um jornal. “Eles descobriram a causa da morte”.

“Eu achava que o resultado da autópsia sairia somente amanhã”, disse Nho.

“Não é preciso. Os meninos do Laboratório de Análises Químicas encontraram traços de ácido cianídrico no ópio. O cara deve ter morrido após a primeira tragada”.

Por um momento, a mesa ficou em silêncio.

“Chamem Maisan”. Liz estava de volta à excitação. “Temos que descobrir onde o Love comprou o seu ópio”.

“Eu não seria tão otimista quanto a isso”, Rangsan advertiu. “Maisan conversou com o principal fornecedor do Love, e ele disse que não tem visto Love há muito tempo”.

“Grande”, disse Harry. “Mas, agora, de qualquer forma, sabemos que alguém, obviamente, tentou colocar Brekke como o assassino”.

“Isso não nos ajuda”, disse Liz.

“Eu não teria tanta certeza sobre isso”, disse Harry. “Nós não sabemos se Brekke foi apenas um bode expiatório escolhido aleatoriamente. Talvez o assassino tivesse um motivo para apontar o dedo para ele, uma reclamação não resolvida, talvez”.

“E então”?

“Se deixarmos Brekke sair alguma coisa pode acontecer. Talvez possamos atrair o assassino para fora do seu refúgio”.

“Desculpe”, disse Liz. Ela olhou para a mesa. “Nós vamos manter Brekke preso”.

“O quê”? Harry não podia acreditar no que ouvia.

“Ordens do chefe”.

“Mas...”

“É assim que deve ser”.

“Além disso, temos uma nova pista que aponta para a Noruega”, disse Rangsan. “A Perícia enviou os resultados dos testes na graxa da faca para seus colegas noruegueses para ver o que eles podiam fazer. Eles descobriram que era gordura de rena, e não temos muitas delas aqui na Tailândia. Alguém da perícia sugeriu que deveriam prender o Papai Noel”.

Nho e Sunthorn riram.

“Mas, então, Oslo disse que gordura de rena era usada pelo povo Sami na Noruega para proteger suas facas”.

“Uma faca tailandesa e gordura norueguesa. Isso está ficando mais e mais interessante”. Liz se levantou abruptamente. “Boa noite a todos. Espero que todos vocês estejam bem descansados e prontos para o dia de amanhã”.

Harry parou Liz perto do elevador e pediu uma explicação.

“Escute, Harry, esta é a Tailândia e as regras são diferentes. Nosso chefe de polícia se meteu e disse para a Comissária em Oslo que nós encontramos o assassino. Ele acha que é Brekke, e quando eu o informei sobre os últimos desenvolvimentos ele não ficou exatamente feliz, e insistiu que Brekke seria mantido sob custódia até que pelo menos ele tivesse um alibi”.

“Mas...”

“Entenda, Harry, entenda. Não se esqueça de que na Tailândia você é educado para nunca admitir um erro”.

“E quando todo mundo sabe quem cometeu o erro”?

“Então, todo mundo coopera e garante que não se pareça com um erro”.

Por sorte, as portas do elevador se abriram e se fecharam atrás de Liz, poupando-lhe o benefício da opinião de Harry sobre o assunto. Harry pensou em ‘*All Along the Watchtower*’. [\(21\)](#) E agora ele se recordou da letra bem como de que deveria haver algum jeito de sair daqui.

Havia mesmo?

Do lado de fora do seu apartamento estava uma carta, e ele viu o nome de Runa na parte de trás.

Ele desabotoou a camisa. O suor escorria como uma fina camada de óleo em seu peito e estômago. Ele tentou se lembrar de como era ter dezessete anos. Teria ele se apaixonado? Provavelmente.

Ele colocou a carta sobre a mesa de cabeceira, fechada, do jeito que estava pensando em devolvê-la. Então ele se reclinou na cama e meio milhão de carros e um sistema de ar-condicionado tentaram acalma-lo para que dormisse.

Pensou em Birgitta, a garota sueca que ele conheceu na Austrália e que havia dito que o amava. O que foi que Aune tinha dito? Que ele estava ‘com medo de se comprometer com as outras pessoas’? O último pensamento de que se recordava era que toda redenção se torna completa com uma ressaca. E vice-versa.

**Sábado 18 de Janeiro**

Jens Brekke parecia não ter dormido desde que Harry o viu pela última vez. Seus olhos estavam vermelhos e as mãos dele não ficavam paradas em cima da mesa.

“Então você não se lembra do atendente do estacionamento com cabelo Afro”, disse Harry.

Brekke balançou a cabeça. “Como eu disse, eu não uso o estacionamento”.

“Vamos esquecer Jim Love por enquanto”, disse Harry. “Vamos nos concentrar em quem está tentando colocar você na cadeia”.

“O que você quer dizer”?

“Alguém está criando uma enorme quantidade de problemas para destruir o seu álibi”.

Jens arqueou as sobrancelhas tão alto que quase se juntaram com a linha do seu cabelo.

“No dia 13 de janeiro alguém colocou o cassete de 7 de janeiro no gravador e apagou as horas em que veríamos o carro do embaixador e você acompanhando-o até o estacionamento”.

As sobrancelhas de Jens voltaram para baixo e se curvaram em um ‘M’.  
“Ahn”?

“Pense sobre isso”.

“Você quer dizer que tenho inimigos”?

“Talvez. Ou talvez fosse apenas conveniente ter um bode expiatório”.

Jens esfregou a nuca. “Inimigos? Ninguém em quem eu possa pensar, não desse tipo”. Seu rosto se iluminou. “Mas isso deve significar que você vai me deixar sair”.

“Desculpe, você ainda não está livre de dificuldades”.

“Mas você acabou de dizer que...”.

“O chefe de polícia não vai deixar você sair até termos um álibi. Então eu estou pedindo para você vasculhar seu cérebro. Havia alguém, qualquer um que seja, que você tenha visto depois que se despediu do embaixador e antes de você chegar em casa? Havia alguém na recepção quando você saiu do escritório ou quando você pegou o táxi? Você parou em um quiosque, qualquer coisa”?

Jens apoiou a testa na ponta dos dedos. Harry acendeu um cigarro.

“Inferno, Harry! Você faz minha mente ficar em branco com todas essas coisas sobre o vídeo. Eu não posso pensar direito”. Ele gemeu e bateu com a mão na mesa. “Você sabe o que aconteceu ontem à noite? Sonhei que matei o embaixador. Que saímos pela entrada principal e dirigimos até um motel onde o apunhalei nas costas com uma faca enorme de açougueiro. Eu tentei parar, mas eu não estava no controle do meu corpo, era como se eu estivesse preso dentro de um robô e continuava a esfaquear, e eu...”.

Ele fez uma pausa.

Harry não disse nada e deixou que ele levasse todo o tempo que precisava.

“A coisa é que eu odeio ser preso”, disse Jens. “Eu nunca fui capaz de suportá-lo. Meu pai costumava...”.

Ele engoliu em seco e apertou sua mão direita. Harry viu os dedos ficarem brancos. Jens estava quase sussurrando, quando continuou.

“Se alguém chegasse com uma confissão dizendo que eu poderia ir embora se assinasse, eu não saberia dizer o que eu teria feito”.

Harry levantou-se. “Continue tentando se lembrar de algo. Agora que já resolvemos a questão das evidências das fitas de vídeo, talvez você possa pensar um pouco mais claramente”.

Ele foi em direção à porta.

“Harry”?

Harry se perguntou o que fazia com que as pessoas se tornassem tão falantes quando você virava as costas para elas.

“Sim”?

“Por que você acha que eu sou inocente quando todos os outros parecem pensar o contrário”?

Harry respondeu sem se virar. “Em primeiro lugar, porque não temos nenhuma prova contra você, apenas um motivo esfarrapado e a ausência de um álibi.”

“E em segundo lugar”?

Harry sorriu e virou a cabeça. “Porque eu pensei que você fosse um saco de merda na primeira vez que pus os olhos em você”.

“E”?

“Eu sou péssimo em julgar as pessoas. Tenha um bom dia”.

Bjarne Møller abriu um olho, olhou para o relógio na mesa de cabeceira e se perguntou quem neste mundo considerava que seis horas da

manhã era um horário conveniente para telefonar.

“Eu sei que horas são”, Harry disse antes que seu chefe tivesse uma chance de reclamar. “Ouça, preciso que você verifique um cara para mim. Não tenho detalhes agora, apenas instinto”.

“Instinto”?

“Sim, um palpite. Eu acho que estamos atrás de um norueguês, e, portanto a seleção ficou um pouco reduzida”.

Møller pigarreou e trouxe um bocado de muco. “Porque um norueguês”?

“Bem, no paletó de Molnes e na faca que o matou encontramos um pouco de gordura de rena. E o ângulo da facada sugere que era uma pessoa relativamente alta. Então, não deve ser um típico tailandês pela aparência das coisas”.

“OK, mas você não podia ter esperado um pouco mais, Hole”?

“É claro”, disse Harry. Houve uma pausa.

“Então, por que não esperou”?

“Porque aqui tem cinco detetives e um chefe de polícia esperando que você ponha a sua bunda em movimento, chefe”.

Møller ligou de volta duas horas depois.

“O que exatamente fez você pedir-nos para dar uma olhada nesse cara, Hole”?

“Bem, eu imaginei que alguém que usa gordura de rena para proteger a faca deveria ser do norte da Noruega. Então me lembrei de um par de amigos que voltou do serviço militar em Finnmark com uma dessas grandes facas Sami como souvenir. Ivar Løken esteve na Defesa durante vários anos e ele foi designado para Vardø. Além disso, eu tenho uma ideia de que ele sabe como usar uma faca”.

“Isso pode ser verdade”, disse Møller. “O que mais você sabe sobre ele”?

“Não muito. Tonje Wiig acha que ele foi colocado de lado até se aposentar”.

“Bem, não há nada sobre ele no banco de dados criminal, mas...” Møller fez uma pausa.

“Mas”?

“Existe um arquivo sobre ele de qualquer maneira”.

“O que você quer dizer”?

“O nome dele apareceu na tela, mas eu não pude entrar em seu arquivo. Uma hora mais tarde, recebi um telefonema do Alto Comando da Defesa em Huseby perguntando por que eu estava tentando acessar o arquivo”.

“Uau”.

“Disseram-me para enviar uma carta se quisesse alguma informação sobre Ivar Løken”.

“Esqueça”.

“Eu já esqueci, Harry. Não vamos chegar a lugar nenhum”.

“Você falou com Hammervoll na Vícios”?

“Sim”.

“O que ele disse”?

“Obviamente não é preciso dizer \_\_\_\_\_, não havia arquivos sobre pedófilos noruegueses na Tailândia”.

“Era o que eu pensava. Maldita proteção de informações”.

“Não tem nada a ver com isso”.

“Ah, é”?

“Iniciamos um banco de dados, há alguns anos, mas não temos os recursos para mantê-lo atualizado. Simplesmente são muitos casos”.

Quando Harry ligou para Tonje Wiig para marcar uma reunião o mais rapidamente possível, ela insistira para que eles se encontrassem na Sala dos Autores no Hotel Oriental para o chá.

“Todo mundo vai lá”, disse ela.

Harry descobriu que ‘todo mundo’ eram brancos, ricos e bem vestidos.

“Bem-vindo ao melhor hotel do mundo, Harry”, Tonje chilreava das profundezas de uma poltrona no saguão do hotel.

Ela estava usando uma saia de algodão azul e segurando um chapéu de palha no colo, o que, junto com todas as outras pessoas no saguão, emprestava ao local um toque de antiguidade, um colonialismo despreocupado.

Eles se dirigiram para a Sala dos Autores, se serviram de chá e assentiram educadamente para as outras pessoas brancas, que pareciam pensar que ser branco era razão suficiente para cumprimentar uns aos outros. Harry tocava na porcelana nervosamente.

“Não é o seu estilo, Harry”?

Tonje tomou um gole de chá enquanto maliciosamente olhava por cima.

“Estou tentando descobrir por que eu estou sorrindo para americanos com roupas de golfe”.

Ela riu. “Oh, um pouco de ambiente culto não pode machucar”.

“Quando foi constatado que calças são cultura”?

“Hm, só considere que as pessoas são cultas”.

Harry podia sentir que a cidade rural de Frederikstad não tinha influenciado muito a mulher sentada à sua frente. Pensou em Sanphet, o velho motorista que havia se trocado com uma camisa passada e calças compridas e tinha sentado no sol quente fervente para que seus visitantes não se sentissem envergonhados pela forma simples como vivia. Isso foi mais culto do que qualquer coisa que tinha visto até agora entre os estrangeiros em Bangkok.

Harry perguntou o que Tonje sabia sobre pedófilos na Tailândia.

“Só sei que a Tailândia atrai um grande número deles. Como eu tenho certeza que você se lembra, um norueguês foi pego literalmente com as calças abaixadas em Pattaya, no ano passado. Jornais noruegueses publicaram uma foto encantadoramente posada de três pequenos meninos apontando-o para a polícia. O rosto do homem estava escondido, embora não os rostos dos meninos. Na versão em Inglês do *Pattaya Mail* era o contrário. E eles usaram o nome completo do homem na manchete, após o qual eles sempre o chamavam de ‘o norueguês’”. Tonje balançou a cabeça. “As pessoas aqui, que antes nunca tinham ouvido falar da Noruega, de repente sabiam que Oslo era a capital, porque foi informado que as autoridades norueguesas queriam que ele voasse para casa em Oslo. Todos se perguntavam por que diabos eles o queriam de volta. Aqui, ele ficaria preso por um longo tempo”.

“Se as sentenças são tão rigorosas aqui, por que há tantos pedófilos”?

“As autoridades querem que a Tailândia se livre de sua reputação como um Eldorado para pedófilos. Isso prejudica o turismo legítimo. Mas dentro da força policial não é uma alta prioridade porque prender estrangeiros só traz problemas”.

“Assim, o resultado é que as autoridades trabalham umas contra as outras”?

Tonje explodiu em um sorriso radiante, que Harry percebeu que não foi destinado a ele, mas para um dos ‘todo mundo’ que passava por trás dele.

“Sim e não”, disse ela. “Alguns cooperam. As autoridades da Suécia e da Dinamarca, por exemplo, chegaram a um acordo com o governo

tailandês através do qual possam designar policiais para investigar casos específicos em que os suecos ou dinamarqueses estão envolvidos. Eles também aprovaram leis para que suecos e dinamarqueses possam ser condenados em seus respectivos países por abuso de menores na Tailândia”.

“E a Noruega”?

Tonje encolheu os ombros. “Nós não temos um acordo ainda. Eu sei que a polícia norueguesa têm se esforçado por um acordo equivalente, mas eu não acho que eles conheçam a extensão do que está acontecendo em Pattaya e Bangkok. Você já viu as crianças andando por aí vendendo chicletes”?

Harry acenou com a cabeça. A área ao redor dos bares Go-Go em Patpong estava repleta delas.

“Esse é o código. A goma de mascar significa que eles estão à venda”.

Harry percebeu com um arrepio que ele tinha comprado um pacote de Wrigley’s de um menino descalço de olhos escuros, que parecia aterrorizado, mas Harry pensou que era por causa da multidão e do ruído.

“Ivar Løken, o homem que você apontou na recepção do funeral. Ex-militar, você disse? Você pode me dizer mais sobre o interesse dele pela fotografia? Você já viu algumas de suas fotografias”?

“Não, mas eu vi o seu equipamento e ele é bastante impressionante”.

Suas bochechas se avermelharam ligeiramente quando lhe ocorreu por que Harry tinha sorrido involuntariamente.

“E essas viagens para a Indochina, você sabe com certeza para onde ele foi”?

“Com certeza? Por que ele mentiria”?

“Alguma idéia de por que ele poderia”?

Ela cruzou os braços como se sentisse que tinha ficado frio. “Não realmente. O que achou do chá”?

“Eu tenho que te pedir um favor, Tonje”.

“E qual é”?

“Um convite para jantar”.

Ela olhou para cima, surpresa.

“Se você tiver tempo”, acrescentou.

Ela deu um sorriso malicioso novamente. “Minha agenda está à sua disposição, Harry. A qualquer hora”.

“Tudo bem”. Harry chupou os dentes. “Eu estava pensando se você poderia convidar Ivar Løken para jantar hoje à noite entre as sete e as dez”.

Ela sabia como manter uma máscara bem o suficiente para evitar o excesso de constrangimento. Depois dele ter explicado o motivo, ela até concordou. Harry segurou a porcelana um pouco mais, disse que tinha que ir embora fez uma saída repentina e desajeitada.

## Sábado 18 de Janeiro

Qualquer um pode invadir uma casa - tudo que você faz é colocar um pé de cabra na moldura da porta ao lado da fechadura e força contra ela até que as lascas voem. Mas invadir, de tal forma que o ocupante não perceba que pessoas não convidadas estiveram na sua casa, é uma arte. Uma arte que Sunthorn dominava com perfeição, Harry constatou.

Ivar Løken morava em um complexo de apartamentos do outro lado da Phra Pinklao Bridge, e Sunthorn e Harry ficaram estacionados em frente por quase uma hora, quando o viram sair. Eles esperaram por 10 minutos até que tiveram certeza de que Løken não retornaria atrás de algo que houvesse esquecido.

A segurança era um pouco relaxada. Dois homens uniformizados estavam ao lado da porta da garagem batendo papo; eles olharam, notaram um homem branco e um tailandês relativamente bem vestido indo até o elevador, e retomaram a conversa.

Quando Harry e Sunthorn chegaram na frente da porta de Løken no décimo terceiro andar, ou 12B como informava o botão do elevador, Sunthorn pegou duas gazuas, uma em cada mão, as quais ele inseriu na fechadura. Retirou-as quase ao mesmo tempo.

“Calma”, Harry sussurrou. “Não fique estressado. Nós temos todo o tempo do mundo. Tente algumas outras gazuas”.

“Eu não tenho outras”.

Sunthorn sorriu e abriu a porta.

Harry não podia acreditar. Talvez Nho não estivesse brincando quando deu a entender sombriamente sobre a ocupação de Sunthorn antes dele se alistar na polícia. Mas se ele não tivesse sido um criminoso antes, ele certamente era agora, Harry pensou, enquanto tirava os sapatos e entrava no apartamento escuro. Liz tinha explicado que para obter um mandado de busca eles precisavam da assinatura de um advogado o que teria significado informar o Chefe de Polícia. Ela pensou que poderia ser problemático uma vez que ele havia ordenado expressamente para concentrarem todos os seus esforços em Jens Brekke. Harry afirmou que ele não estava sob a jurisdição do chefe e iria entrar no apartamento de Løken para ver se havia alguma coisa acontecendo. Ela entendeu e respondeu que queria saber o mínimo

possível sobre os planos de Harry. No entanto, ela comentou que Sunthorn muitas vezes era uma boa companhia.

“Vá para o carro e espere”, Harry sussurrou. “Se Løken voltar, ligue para o número do telefone dele e espere tocar três vezes, não mais, OK?”

Sunthorn acenou e foi embora.

Harry acendeu a luz depois de se certificar que não havia janelas com vista para a rua, localizou o telefone e verificou se estava ligado. Então olhou ao redor. Era um apartamento de solteiro, desprovido de todos os ornamentos e calor. Três paredes nuas, a quarta coberta com estantes repletas de livros, verticais e horizontais, e uma TV portátil simples. No centro da sala estava uma grande mesa de madeira com cavaletes como pernas e uma lâmpada de arquiteto.

Em um canto havia duas sacolas de equipamento fotográfico abertas e um suporte para câmera encostado na parede. A mesa estava coberta com tiras de papel, presumivelmente aparas, porque havia dois pares de tesouras, uma grande e uma pequena, no meio.

Duas câmeras, uma Leica e uma Nikon F5 com uma lente teleobjetiva, olhavam cegamente para Harry. Ao lado delas, binóculos de visão noturna. Harry já tinha visto deles antes; eles eram de uma marca israelense que ele já tinha usado em trabalhos de vigilância. O equipamento reforçava todas as fontes externas de luz e permitia enxergar, mesmo em ambientes que a olho nu estivessem em total escuridão.

Uma porta levava para o quarto. A cama estava desfeita, o que fez ele assumir que Løken pertencia à minoria de estrangeiros em Bangkok que não tinham uma arrumadeira. Não custava muito, e Harry tinha entendido que se esperava dos estrangeiros que contribuíssem para aumentar o emprego no país dessa forma.

Ao lado do quarto ficava um banheiro privativo.

Acendeu a luz e imediatamente percebeu porque Løken não tinha uma arrumadeira.

O banheiro claramente também servia como uma câmara escura. Ele cheirava a produtos químicos e as paredes estavam repletas de fotografias em preto-e-branco. Uma fileira de fotos havia sido pendurada para secar num pedaço de corda que atravessa o banheiro. Elas mostravam um homem de perfil do peito para baixo e Harry podia ver que não era uma cortina na janela que bloqueara o enquadramento da foto: a parte superior da janela era um intrincado mosaico de vidro com motivos de lótus e Buda.

Um menino que dificilmente poderia ter mais de dez estava sendo forçado a realizar sexo oral, e o zoom da câmera tinha ampliado e aproximado tanto que Harry podia ver seus olhos. Eles estavam brancos, distantes e aparentemente cegos.

Além de uma camiseta, o menino estava nu. Harry aproximou-se da imagem granulada. O homem tinha uma mão na cintura e a outra na parte de trás da cabeça do menino. Harry podia ver a sombra de um perfil por trás do mosaico de vidro, mas era impossível distinguir qualquer detalhe. De repente, o apertado e fedorento banheiro pareceu encolher-se, e as fotos na parede se aproximaram em sua direção. Harry cedeu ao impulso, arrancou-as, meio em fúria, meio em desespero, o sangue latejando nas têmporas. Vislumbrou seu rosto em um espelho antes de cambalear, com vertigem, para fora da sala com uma pilha de fotos sob o braço. Ele caiu sobre uma cadeira.

“Amador de merda”! Murmurou quando voltou a respirar normalmente.

Esta foi uma violação flagrante do plano. Como eles não tinham um mandado de busca foi acordado que não iriam deixar vestígios, apenas descobrir o que havia no apartamento e depois, se descobrissem algo, voltar com um mandado de busca mais tarde.

Harry olhou para um lugar na parede para fixar o olhar e se convencer de que era necessário ter provas concretas para convencer a mula teimosa que era o chefe de polícia. Se eles fossem rápidos poderiam encontrar um advogado urgentemente e voltar com os documentos exigidos para esperar que Løken voltasse do jantar. Enquanto ele pensava andando para lá e para cá, pegou os óculos de visão noturna, ligou-os e olhou pela janela. A janela dava para um quintal, e, inconscientemente, ele estava à procura de uma janela com um mosaico de vidro como os das fotos, mas tudo o que podia ver eram paredes caídas flutuando no brilho verde dos óculos.

Harry olhou para o relógio. Ele concluiu que seria necessário pendurar as fotos de volta. O chefe de polícia teria que se contentar com a sua descrição. Então seu sangue gelou.

Ele tinha ouvido alguma coisa. Ou seja, ele tinha ouvido mil coisas, mas um som entre os mil não pertencia à cacofonia já familiar das ruas. E o som veio do corredor. Foi um clique bem lubrificado. Óleo e metal. Quando a corrente de ar lhe mostrou que alguém tinha aberto a porta, pensou em Sunthorn, até que se deu conta de que a pessoa que acabara de entrar estava tentando ser o mais silenciosa possível. Harry prendeu a respiração

enquanto seu cérebro zumbia pesquisando entre seus arquivos sonoros em um ritmo furioso. Um especialista em som na Austrália lhe tinha dito que a membrana no seu ouvido pode ouvir a diferença de pressão entre um milhão de diferentes frequências. E aquele não tinha sido o som de uma maçaneta sendo girada, mas o de uma arma recentemente oleada sendo engatilhada.

Harry estava no fundo da sala, como um alvo vivo contra as paredes brancas, e o interruptor de luz estava no lado oposto, perto da porta. Ele agarrou a tesoura maior do meio da mesa, agachou-se e seguiu o cabo da lâmpada de arquiteto até o soquete na parede. Ele arrancou o plugue da tomada e enfiou a tesoura no soquete com toda a sua força.

Uma luz azul brilhou na tomada, após o qual houve uma explosão abafada. Então ficou escuro como breu.

O choque elétrico anestesiou seu braço, e com o cheiro de plástico queimado e metal em suas narinas ele deslizou gemendo ao longo da parede.

Ele prestou atenção, mas tudo o que conseguia ouvir era o tráfego e seu próprio coração. Batia tão forte que ele podia senti-lo; era como estar sentado em um cavalo a galope. Ele podia ouvir algo sendo cuidadosamente colocado no chão e sabia que a pessoa tinha tirado os sapatos. Ele ainda tinha a tesoura na mão. Ele podia ver uma sombra se movendo? Era impossível dizer; estava tão escuro que até mesmo as paredes brancas não eram visíveis. A porta do quarto rangeu, um clique se seguiu. Harry percebeu que o intruso tinha tentado ligar a luz, mas o curto-circuito obviamente tinha queimado todos os fusíveis no apartamento. Isso lhe informava, pelo menos, que a pessoa estava familiarizada com o layout do apartamento. Mas se fosse Løken, Sunthorn teria ligado. Teria? A imagem da cabeça de Sunthorn encostada na janela do carro, um pequeno buraco acima da orelha, cintilou pelo seu cérebro.

Harry se perguntou se ele deveria tentar engatinhar em direção à porta da frente, mas algo lhe dizia que isso era o que a outra pessoa estava esperando. Quando ele abrisse a porta a sua silhueta seria como um dos alvos na galeria de tiro em Økern. Merda! O homem estava provavelmente sentado no chão em algum lugar com a arma apontada diretamente para a porta.

Se ele pudesse entrar em contato com Sunthorn! Naquele momento, ele percebeu que ainda estava com os binóculos no pescoço. Ele os colocou nos

olhos, mas só viu névoa verde, como se alguém tivesse manchado as lentes com catarro. Ele ajustou o foco, tanto quanto possível. Tudo ainda estava turvo, mas ele foi capaz de discernir o contorno de uma pessoa de pé junto à parede do outro lado da mesa. Seu braço estava dobrado e a arma estava apontando para o teto. Talvez fosse de dois metros a distância da borda da mesa até a parede.

Harry lançou-se, pegou a mesa com as duas mãos e segurou-a na frente dele como um aríete. Ele ouviu um gemido e o baque de uma arma batendo no chão, então ele deslizou sobre a mesa e agarrou o que parecia ser uma cabeça. Ele colocou seu braço ao redor do pescoço e apertou.

“Politiet”! Ele gritou e o homem congelou quando Harry pressionou o aço frio da lâmina da tesoura contra seu rosto quente. Por um tempo eles ficaram assim, agarrados um ao outro, dois estranhos na negra escuridão, ambos ofegantes, como se tivessem acabado de disputar uma maratona.

“Hole”? o outro homem gemeu.

Harry percebeu que, em seu pânico, havia gritado em norueguês.

“Eu gostaria que você me soltasse agora. Sou Ivar Løken e não vou tentar qualquer coisa”.

## Sábado 18 de Janeiro

Løken acendeu uma vela enquanto Harry estudava a arma dele, uma Glock 31 fabricada especialmente. Ele havia retirado o carregador e colocara no bolso. A arma era mais pesada do que qualquer outra que já tinha manuseado.

“Eu tenho essa arma desde quando eu estava servindo na Coréia”, disse Løken.

“Entendo. Coréia. O que você estava fazendo lá?”

Løken guardou os fósforos numa gaveta e sentou-se à mesa defronte Harry.

“A Noruega teve um hospital de campo por lá junto com a ONU, e eu era um jovem segundo-tenente e pensava que gostava de emoção. Após o armistício, em 1953, continuei a trabalhar para a ONU, para o recém-criado Gabinete do Alto Comissariado para os Refugiados. Refugiados escapavam pela fronteira com a Coreia do Norte, e a vida era um pouco sem lei. Eu dormia com ela debaixo do meu travesseiro”. Ele apontou para a arma.

“Entendo. O que você fez depois disso?”

“Bangladesh e Vietnã. A fome, a guerra e o povo fugindo de barco. Depois disso a vida na Noruega parecia insuportavelmente trivial, então ficar lá por mais de dois anos se tornou impossível e então tinha que sair novamente. Você entende?”

Harry não entendia. Nem sabia no que acreditar sobre o indivíduo magro sentado na frente dele. Ele parecia um velho cacique, com um nariz aquilino e olhos intensos, profundos. Seu cabelo era branco, e o rosto bronzeado e enrugado. Além disso, ele parecia totalmente à vontade na situação, o que colocou Harry ainda mais em guarda.

“Por que você voltou? E como você conseguiu passar pelo meu colega?”

O norueguês de cabelos brancos deu um sorriso lupino, e um dente de ouro brilhou na luz cintilante das velas.

“O carro que você usou não se encaixa no bairro. Nós só temos tuk-tuks, os táxis e latas velhas estacionadas por aqui. Eu vi duas pessoas no carro, ambas sentadas com as costas retas. Então eu fui até a esquina e entrei no bar onde pude ficar de olho em você. Depois de um tempo eu vi a luz do carro se aproximar do prédio e você desceu. Calculei que um de

vocês iria ficar de vigia e esperei até que o seu colega retornasse. Então eu terminei minha bebida, peguei um táxi, fui até o estacionamento subterrâneo e peguei o elevador para cá. Belo espetáculo o seu com o curto-circuito...”.

“E pessoas normais não percebem carros estacionados na rua. A menos que fossem treinados para fazê-lo ou estejam realizando uma tocaia”.

“Bem, em primeiro lugar, Tonje Wiig tem pouquíssimas probabilidades de ganhar um Oscar por sua atuação no convite para o jantar”.

“Então o que você *realmente* está fazendo aqui”?

Løken estendeu a mão para as fotos e equipamentos que estavam espalhados pelo chão.

“Você vive de tirar fotos de... disso”? , disse Harry.

“Sim”.

Harry sentiu seu pulso acelerar. “Você sabe por quantos anos eles vão trancar você por isso aqui na Tailândia? Aqui tem material suficiente para dez anos, eu acho”.

Løken riu. Uma risada breve e seca. “Você acha que eu sou estúpido, detetive? Você não teria necessidade de invadir se você tivesse um mandado de busca. Se corro o risco de ser punido por aquilo que tenho neste apartamento, então o que você e seu colega acabaram de fazer, definitivamente, me tira do anzol. Qualquer juiz vai julgar como inadmissível a prova ter adquirida desta forma. Não é apenas irregular, é absolutamente ilegal. Você deve estar imaginando a sua própria temporada prolongada dentro da sua cabeça agora, Hole”.

Harry golpeou-o com a arma. Foi como abrir uma torneira - o sangue escorreu do nariz de Løken.

Løken não se moveu, apenas olhou para a camisa florida e as calças brancas que ficaram manchadas de vermelho.

“Isto é seda tailandesa autêntica, você sabia”? disse ele. “Não é barato”.

A violência deveria ter colocado um freio nele, mas em vez disso Harry podia sentir a fúria crescendo.

“Você pode pagar por ela, seu maldito pedófilo. Eu suponho que eles te pagam muito bem por esta merda”. Harry chutou as fotos no chão.

“Bem, eu não tenho certeza sobre isso”, disse Løken, segurando um lenço branco no nariz. “É de acordo com a tabela salarial do governo. Mais uma ajuda de custo por trabalhar no exterior”.

“O que você está falando”?

O dente de ouro brilhou novamente. Harry notou que estava apertando a arma com tanta força que sua mão estava começando a doer. Ele estava feliz por ter tirado o carregador.

“Há algumas coisas que você desconhece, Hole. Você talvez devesse ter sido informado, mas a sua Comissária de Polícia, provavelmente, achou desnecessário, pois isso não tem nada a ver com a sua investigação de assassinato. Mas agora eu fiquei exposto, portanto você pode saber o resto. A Comissária de Polícia e Dagfinn Torhus do Escritório de Negócios Exteriores me contaram sobre as fotos encontradas na pasta do embaixador e agora você já sabe, claro, que elas são minhas”. Com uma mão apontando, ele continuou. “Aqueles fotos e estas que você está vendo aqui são elos de uma investigação de pedofilia que, por uma variedade de razões, foi rotulada de secreta até segunda ordem. Venho fazendo a vigilância dessa pessoa há mais de seis meses. As fotos são a prova”.

Harry não precisou de um tempo para considerar; ele sabia que esta era a verdade. Tudo combinava, como se, no fundo, ele soubesse o tempo todo. O segredo em torno do trabalho de Løken, o equipamento fotográfico, os binóculos de visão noturna, as viagens para o Vietnã e Laos, tudo se encaixava com perfeição. E o homem com o nariz sangrando em frente a ele de repente já não era seu inimigo, mas um colega, um aliado cujo nariz ele tentou esmagar seriamente.

Ele balançou a cabeça lentamente e colocou a arma em cima da mesa.

“Tudo bem, eu acredito em você. Por que o segredo”?

“Você sabe do acordo que a Suécia e a Dinamarca têm com a Tailândia para investigar casos de abuso sexual aqui”?

Harry acenou com a cabeça.

“Bem, a Noruega está negociando com as autoridades tailandesas, e, enquanto isso, estou realizando uma investigação categoricamente não oficial. Temos o suficiente para prendê-lo, mas temos que esperar. Se nós o prendermos agora, revelaríamos que estamos investigando o caso de forma ilegal em território tailandês, e que é politicamente inaceitável”.

“Então, para quem é que você trabalha”?

Løken esticou as palmas das mãos. “A embaixada”.

“Eu sei disso, mas de quem você receber ordens? Quem está por trás de tudo isso? E quanto ao parlamento? Será que eles sabem”?

“Você tem certeza que você quer saber tanto, Hole”?

Os intensos olhos encontraram os de Harry. Ele estava prestes a dizer algo, mas segurou-se e balançou a cabeça.

“Diga-me quem é o homem na foto então”.

“Eu não posso. Desculpe, Hole”.

“É Atle Molnes”?

Løken olhou para a mesa e sorriu. “Não, não é o embaixador. Ele foi o principal mentor deste caso”.

“É...”?

“Como eu disse, eu não tenho nenhuma razão para dizer agora. Se nossos casos vierem a se conectar, poderá ser um assunto para discussão, mas isso será para os nossos superiores decidirem”. Ele se levantou. “Estou cansado”.

“Como foi”? Sunthorn perguntou quando Harry já estava de volta no carro.

Harry perguntou se poderia queimar um cigarro e avidamente inalou a fumaça para seus pulmões.

“Não encontrei nada. Desperdício de viagem. Meu palpite é que o cara está limpo”.

Harry estava em seu apartamento.

Assim que voltou do apartamento de Løken, ele tinha falado com sua irmã ao telefone por quase meia hora. Ou seja, ela falou mais do que ele. É inacreditável o quanto pode acontecer numa vida em pouco mais de uma semana. Ela disse que tinha ligado para o pai e que estava indo preparar o jantar. Almôndegas. Sis ia cozinhar, e ela esperava que o pai pudesse se abrir um pouco. Harry desejava isso também.

Depois disso, ele folheou sua agenda e discou outro número.

“Alo”? Disse uma voz na outra extremidade.

Harry prendeu a respiração.

“Alo”? A voz repetiu.

Harry desligou. Havia algo beirando a súplica na voz de Runa. Ele realmente não tinha a menor idéia do por que ter ligado para ela. Poucos segundos depois o telefone tocou. Ele ergueu o receptor e imaginou que ouviria a voz dela. Era Jens Brekke.

“Eu lembrei”, disse ele. A voz estava animada. “Quando eu peguei o elevador no estacionamento para o escritório topei com uma mulher no

andar térreo. Ela desceu no quarto. E eu acho que ela vai se lembrar de mim”.

“Por que”?

Houve uma risada um pouco nervosa. “Porque eu a convidei para sair”.

“Você a convidou para sair”?

“Sim, ela é uma das meninas que trabalham para McEllis. Eu a vi algumas vezes antes. Estávamos apenas os dois no elevador e seu sorriso era tão doce que eu não pude me conter”.

Houve uma pausa.

“Você se lembrou disso só *agora*”?

“Não, agora me lembrei de quando isso aconteceu, depois de eu ter acompanhado o embaixador até o seu carro. Por alguma razão, eu imaginava que tinha acontecido no dia anterior. Mas então me ocorreu que ela tinha entrado no elevador no piso térreo, o que devia significar que eu estava vindo mais de baixo. E eu não costumo ir para o estacionamento subterrâneo frequentemente”.

“Então, o que ela disse”?

“Ela aceitou, e me arrependi imediatamente. Foi apenas um flerte, então eu pedi o cartão ela e disse que eu iria ligar um dia para que pudéssemos chegar a um acordo sobre uma data. Isso não se concretizou, é claro, mas eu tenho certeza que ela não se esqueceu de mim”.

“Você ainda tem o seu cartão”?

“Sim, isso é ótimo, não é”?

Harry deliberou. “Escute, Jens, isso é muito bom, mas não é assim tão fácil. Você ainda não tem um alibi. Teoricamente, você poderia ter tomado o elevador de volta para baixo. Você poderia ter apenas ido pegar algo que deixara no escritório, certo”?

“Oh”. Ele parecia confuso. “Mas...”

Jens parou e Harry ouviu um suspiro.

“Diabos, você está certo, Harry”.

Harry desligou.

## Domingo 19 de Janeiro

Harry acordou com um sobressalto. Acima do zumbido monótono vindo da Taksin Bridge, ouviu o barulho de um barco sendo ligado no Chao Phraya. Um apito soou e a luz fez seus olhos ficarem em alerta. Ele se sentou na cama, cobriu o rosto com as mãos e esperou o apito parar até que percebeu que era o telefone. Relutantemente, ergueu o receptor.

“Eu acordei você”? Era Jens novamente.

“Não se preocupe”, disse Harry.

“Eu sou um idiota. Eu sou tão estúpido que não sei se me atrevo a dizer-lhe isso”. “Então, não diga”.

Silêncio, exceto pelo clique de uma moeda sendo inserida no telefone.

“Estou brincando. Continue”.

“OK, Harry. Eu fiquei acordado a noite toda e pensando, tentando lembrar o que eu fiz enquanto estava no escritório naquela noite. Você sabe, eu posso lembrar-me da casa decimal das transações que fiz há alguns meses, mas eu não sou capaz de lembrar as coisas simples e corriqueiras enquanto estou na prisão com uma sentença de morte pairando sobre mim. Consegue entender isso”?

“Isso pode ser o motivo. Nós já não passamos por isso antes”?

“OK, bem, isto é o que aconteceu. Você se lembra de que te disse que tinha bloqueado as minhas ligações enquanto estava no escritório naquela noite? Eu estava lá, deitado e pensando que era a Lei de Murphy. Se tivesse deixado o telefone ligado e alguém tivesse telefonado eu teria a conversa no gravador e poderia ter provado onde estava. E com o detalhe que não é possível alterar a data e a hora, como o atendente do estacionamento fez com o vídeo”.

“Aonde você quer chegar”?

“Lembrei-me, graças a Deus, que eu podia ligar, mesmo que tivesse bloqueado as ligações recebidas. Liguei para a nossa recepcionista e pedi para ela subir e verificar o gravador. E, maravilha, ela encontrou uma ligação que eu tinha feito, e então me lembrei da coisa toda. Às oito horas eu telefonei para minha irmã em Oslo. Derrube isto”!

Harry não tinha nenhuma intenção de tentar.

“Sua irmã pode dar-lhe um alibi e você realmente não se lembrava”?

“Não e você sabe por quê? Porque ela não estava em casa. Apenas deixei uma mensagem em sua secretária eletrônica para dizer que eu tinha ligado”.

“E você não se lembrava”? Harry repetiu.

“Cristo, Harry, você esquece esse tipo de ligação antes mesmo de desligar o telefone, não é? Você se lembra de todas as ligações que fez quando não houve resposta”?

Harry teve que admitir que ele estava certo.

“Você falou com o seu advogado”?

“Ainda não. Eu queria dizer para você primeiro”.

“OK, Jens. Ligue para o seu advogado agora e eu vou enviar alguém até o escritório para verificar o que você disse”.

“Este tipo de gravador tem validade perante a lei, você sabe”. Havia um tom tenso na sua voz.

“Relaxe, Jens. Não vai demorar muito mais tempo. Eles vão ter que deixar você sair agora”.

O receptor estalava enquanto Brekke respirava. “Por favor, diga isso de novo, Harry”.

“Eles vão ter que deixar você sair”.

Jens deu uma risada estranhamente seca. “Nesse caso, eu vou convidá-lo para um jantar, Harry”.

“É melhor não”.

“Por que”?

“Eu sou um policial”.

“Imagine que é uma entrevista”.

“Eu não penso assim, Jens”.

“Como quiser”.

Um estrondo veio da rua lá embaixo, talvez um fogo de artifício ou um pneu furado.

“Eu vou pensar sobre isso”.

Harry desligou, entrou no banheiro e se olhou no espelho. Ele se perguntou como era possível ficar tanto tempo em climas tropicais e ainda assim ser tão pálido. Ele nunca gostou do sol particularmente, mas nunca demorou tanto tempo para ficar bronzeado antes. Será que seu estilo de vida ao longo do último ano tinha acabado com sua produção de pigmentos? Ele jogou água fria no rosto, pensou nos bebedores morenos no Schröder e se

olhou no espelho novamente. Bem, de qualquer modo, o sol tinha-lhe dado um nariz de vinho do Porto.

## Domingo 19 de Janeiro

“Estamos de volta à estaca zero”, disse Liz. “Brekke tem um álibi e temos que esquecer Løken por enquanto. Ah, e um psicopata gigante que tentou matar um detetive visitante está à solta”. Ela inclinou a cadeira para trás e estudou o teto. “Alguma sugestão, pessoal? Se não, esta reunião está encerrada, vocês podem fazer o que diabos quiserem, mas eu ainda estou com alguns relatórios na minha mesa e estou determinada a acabar com eles até amanhã cedo, o mais tardar”.

Os oficiais se embolaram pela porta afora. Harry ficou onde estava.

“Bem”?

“Nada”, disse ele, com um cigarro apagado balançando pra cima e pra baixo na boca. A inspetora tinha proibido fumar em seu escritório.

“Eu posso ver que há algo”.

Um leve sorriso curvou os cantos da boca de Harry. “Isso era o que eu queria saber, Inspetora. Que você pode ver que existe algo”.

Ela tinha uma ruga séria entre as sobrancelhas. “Me informe quando você tiver algo para me contar”.

Harry pegou o cigarro e colocou-o de volta no maço. “Sim”, disse ele, levantando-se. “Eu vou fazer isso”.

Jens recostou-se na cadeira e sorriu, com as bochechas coradas, sua gravata borboleta brilhante. Ele fazia Harry recordar de um garoto fazendo aniversário.

“Eu estou quase feliz por ficar preso por um tempo. Isso faz você apreciar muito mais as coisas simples. Como uma garrafa de Dom Perignon 1985, por exemplo”.

Ele estalou os dedos para o garçom, que correu para a mesa, levantou a garrafa de champanhe escorrendo para fora do balde e encheu o copo.

“Eu adoro quando eles fazem isso. Faz você se sentir como o Super-Homem. O que você acha, Harry”?

Harry olhou para o copo. “Muito justo. Não é a minha praia, na verdade”.

“Nós somos diferentes, Harry”.

Jens fez esta declaração com um sorriso. Ele parecia ter preenchido seu terno novamente. Ou então ele tinha trocado por um quase idêntico. Harry não tinha certeza.

“Algumas pessoas precisam de luxo, como os outros precisam de ar”, disse Jens. “Um carro caro, roupas bonitas e um atendimento atencioso são simplesmente um requisito para que eu me sinta bem, para eu sentir que existo. Consegue entender isso”?

Harry balançou a cabeça.

“Mmm”. Jens segurou a taça de champanhe pela haste. “Eu sou o decadente entre nós dois. Você deve confiar nas suas primeiras impressões. *Eu sou* um saco de merda. E enquanto houver espaço para nós, sacos de merda, neste mundo eu pretendo continuar a ser um. Skål”.

Ele saboreou o champanhe na boca antes de engolir. Então ele sorriu e suspirou de prazer. Harry teve que sorrir e levantou seu copo, mas Jens deu-lhe um olhar de desaprovação.

“Água? Não está na hora de você começar a aproveitar a vida, Harry? Você realmente não precisa ser tão rigoroso consigo mesmo”.

“Às vezes você precisa”.

“Besteira. Todos os seres humanos são basicamente hedonistas, alguns apenas levam mais tempo para entender. Você tem uma mulher”?

“Não”.

“Não está na hora”?

“Certamente está. Mas eu não posso ver o que isso tem a ver com aproveitar a vida”.

“É verdade”. Jens olhou para o copo. “Eu já te falei sobre a minha irmã”?

“Aquela para quem você ligou”?

“Sim. Ela é solteira, sabia”?

Harry riu. “Não imagine que você tem uma dívida de gratidão comigo, Jens. Eu não fiz muito, além de manter você preso”.

“Eu não estou brincando. Menina maravilhosa. Ela é editora, mas acho que ela trabalha demais para ter tempo de encontrar um homem. Ela também os assusta. Ela é como você, severa, uma mente própria. Por falar nisso, você já reparou que isso é o que todas as garotas norueguesas dizem depois de terem ganhado algum concurso de Miss Qualquer Coisa quando elas têm que se descrever aos jornalistas: que elas têm uma mente própria? Mente própria parecem ser um requisito básico para serem coroadas”.

Jens olhou pensativo.

“Minha irmã adotou o nome de minha mãe quando ela atingiu a maioridade. E ela fez isso como uma vingança”.

“Eu não estou tão certo que sua irmã e eu formaríamos um bom par”.

“Por que não”?

“Bem, eu sou um covarde. O que eu estou procurando é uma mulher discreta com uma profissão social e tão bonita que ninguém ouse dizer a ela”.

Jens riu. “Você pode se casar com a minha irmã com a consciência limpa. Não importa se você não gostar dela; ela trabalha tão duro que você não vai vê-la muito de qualquer jeito”.

“Então por que você ligou para ela em casa e não no trabalho? Eram duas da tarde quando você ligou”?

Jens balançou a cabeça. “Não conte a ninguém, mas eu nunca consigo acompanhar as diferenças de tempo. Se eu devo adicionar ou subtrair horas, quero dizer. É muito embaraçoso. Meu pai diz que eu sou pré-senil. Diz que vem do lado da minha mãe”.

Ele acrescentou rapidamente, como uma garantia para Harry, que sua irmã não mostrava quaisquer sinais da mesma dificuldade, muito pelo contrário.

“Isso é o suficiente, Jens. Conte-me mais sobre você mesmo. Você já começou a pensar em casamento”?

“Shh, não diga coisas assim. A palavra só me dá palpitações. Casamento...” Jens estremeceu. “O problema é que, por um lado, eu não sirvo para a monogamia, mas por outro eu sou um romântico. Uma vez que eu estiver casado eu não poderei mexer com outras mulheres. Você sabe o que eu quero dizer? E o pensamento de nunca ter relações sexuais com outras mulheres é insuportável, você não acha”?

Harry tentou ser compreensivo.

“Suponha que eu realmente saia com a menina do elevador, o que você acha que poderia advir desse encontro? Pânico absoluto, certo? Tudo isso só para provar para mim mesmo que eu ainda sou capaz de me interessar por outra mulher. Uma fraqueza realmente. Hilde é...” Jens procurava as palavras. “Ela tem uma coisa que eu não encontrei em nenhuma outra. E acredite em mim, eu procurei. Eu não tenho certeza se posso explicar exatamente o que é, mas eu não quero perder essa coisa, porque eu sei que pode ser difícil encontrar novamente”.

Harry pensou que era apenas uma razão tão boa como qualquer outra que ele já ouvira. Jens rolou o copo entre os dedos e deu um sorriso torto.

“Ficar em prisão preventiva deve ter mexido comigo realmente, porque normalmente eu não falo sobre essas coisas. Promete que não vai contar a nenhum dos meus amigos”.

O garçom veio até a mesa e acenou para eles.

“Venha. Já começou”, disse Jens.

“O que já começou”?

O garçom os conduziu para a parte de trás do restaurante, através da cozinha até uma escada estreita. Bacias de lavar roupa estavam empilhadas uma em cima da outra no corredor e uma mulher idosa sentada numa cadeira sorriu para eles com os dentes pretos.

“Betel”, disse Jens. “Hábito terrível. Eles mastigam até que o cérebro apodrece e os dentes caem”.

Atrás de uma porta Harry ouviu vozes gritando. O garçom abriu-a e, em seguida, eles estavam em um grande galpão sem janelas. Vinte a trinta homens formavam um círculo apertado. Mãos estavam gesticulando e apontando enquanto notas surradas eram contadas e passavam entre elas numa velocidade vertiginosa. Os homens, na maioria, eram brancos, alguns deles em ternos de linho de cor clara.

“Briga de Galos” Jens explicou. “Programação privada”.

“Por que”? Harry teve que gritar para ser ouvido. “Quer dizer, eu li que a briga de galo ainda é legal na Tailândia”.

“Até certo ponto. As autoridades permitiram uma forma modificada de Briga de Galos, em que a garra é presa à parte posterior do pé de modo que eles não podem se matar. E o tempo é restringido. Não é uma luta até a morte. Esta é executada pelas regras antigas, por isso não há limite para as apostas. Vamos chegar mais perto”?

Harry elevou-se sobre os homens na frente deles e pode ver o ringue facilmente. Dois galos, ambos marrom avermelhado e laranja, desfilavam em volta com suas cabeças balançando, aparentemente desinteressados um do outro.

“Como eles vão fazê-los lutar”? Harry perguntou.

“Não se preocupe. Esses dois galos se odeiam mais do que você e eu jamais poderíamos”.

“Por que”?

Jens olhou para ele. “Eles estão no mesmo ringue. Eles são galos”.

Então, como se respondendo a um sinal, eles se atiraram um para o outro. Tudo que Harry podia ver era asas vibrando e palha voando. Os homens estavam gritando em frenesi, e alguns deles pulavam para cima e para baixo. Um cheiro agri-doce e estranho de adrenalina e suor se espalhava pelo ambiente.

“Você pode ver aquele com a crista cortada no meio”? Disse Jens.

Harry não podia.

“É o vencedor”.

“Como você pode ver isso”?

“Eu não posso. Eu sei. Eu sabia antes da luta”.

“Como...”?

“Não pergunte”. Jens sorriu.

Os gritos morreram. Um galo estava largado no ringue. Alguns homens gemeram, um homem em um terno de linho cinza tinha jogado seu chapéu no chão em frustração. Harry observou o galo morrendo. Um músculo se contraiu sob as penas; em seguida, ele estava imóvel. Era um absurdo; aquilo se parecia como uma espécie de brincadeira, uma massa de asas, pernas e gritos.

Uma pena manchada de sangue passou perto do seu rosto. O galo foi levado para fora do ringue por um homem de calças largas. Parecia que ele ia explodir em lágrimas. O outro galo havia retomado seu ar empertigado. Harry podia ver a crista cortada agora.

O garçom veio até Jens com um maço de notas. Alguns dos homens olharam para ele, alguns assentiram, mas ninguém disse nada.

“Você nunca perde”? Harry perguntou quando eles estavam de volta no restaurante. Jens tinha acendido um charuto e pediu um conhaque, um envelhecido Richard Hennessy 40%. O garçom teve de perguntar o nome duas vezes. Era difícil de entender que este Jens era o mesmo homem que Harry havia confortado ao telefone na noite anterior.

“Você sabe por que o jogo é uma doença e não uma profissão, Harry? É porque o jogador ama o risco. Ele vive e respira pela incerteza arrepiante”.

Ele soprou a fumaça em anéis largos.

“Comigo é o contrário. Eu posso ir a extremos para eliminar o risco. O que você me viu ganhar hoje cobre meus custos e todo o meu esforço, e isso não é pouco trabalho, pode acreditar”.

“Mas você nunca perde”?

“Tenho um retorno razoável”.

“Um retorno razoável? Quer dizer que o suficiente para os jogadores mais cedo ou mais tarde serem forçados a penhorar tudo o que têm”.

“Algo como isso”.

“Mas o jogo não perde um pouco do charme, se você sabe o resultado”?

“Charme”? Jens levantou o maço de dinheiro. “Eu acho que isto tem charme suficiente. Me permite pagar por isto”. Ele abriu a mão espalmada em torno dele.

“Eu sou um homem comum”. Ele estudou o brilho de seu charuto. “OK, vamos chamar os bois pelos nomes. Eu tenho muita sorte”.

Ele desatou a rir alto. Harry teve que sorrir junto com ele.

Jens olhou para o relógio e levantou-se.

“Muitas coisas para fazer antes dos EUA abrirem. As coisas estão ficando loucas. Até logo. Pense sobre a minha irmã”.

Ele saiu, e Harry ficou sentado e fumando um cigarro e pensando um pouco na irmã. Então ele pegou um táxi para Patpong. Ele não sabia o que estava procurando, mas ele entrou em um Go-Go bar, quase pediu uma cerveja e rapidamente saiu de novo. Ele comeu pernas de rã no Le Boucheron e o proprietário veio e explicou num Inglês ruim que estava com saudades de voltar *a la* Normandie. Harry disse a ele que seu pai tinha estado ali durante o Dia-D. Não era exatamente verdade, mas pelo menos aquilo melhorou o ânimo do francês.

Harry pagou e encontrou outro bar. Uma menina empoleirada em saltos ridiculamente altos parou ao lado dele, olhou para ele com seus grandes olhos castanhos e perguntou se ele queria um boquete. É claro que eu quero, pensou ele, e sacudiu a cabeça. Ele notou que estavam mostrando os melhores momentos de uma partida do Manchester United na TV pendurada sobre as prateleiras de vidro do bar. No espelho ele podia ver as meninas dançando no palco pequeno e íntimo diretamente atrás dele. Tinham minúsculas estrelas douradas presas nos seus seios para cobrir os mamilos para que o bar não estivesse violando a lei contra a nudez. E cada uma das meninas tinha um número marcado nas calcinhas. A polícia não perguntava por que, mas todos sabiam que era para evitar mal-entendidos quando os clientes quisessem contratar garotas do bar. Harry a viu. Número 20. Dim estava atrás de quatro meninas que dançavam, e os olhos cansados varriam a fileira de homens no bar como um radar. De vez em quando um sorriso fugaz cruzava seus lábios, mas não despertavam qualquer tipo de vida em seus olhos. Ela parecia ter feito contato com um homem vestindo

uma espécie de uniforme tropical. Alemão, Harry adivinhou, sem saber por quê. Ele viu seus quadris movendo-se preguiçosamente de um lado para o outro, seus cabelos negros e brilhantes balançando-se nas suas costas quando ela se virou, e sua pele lisa e brilhante que parecia ser iluminada por dentro. Se não fosse por seus olhos, ela pareceria mais bonita, Harry pensou.

Por uma fração de um segundo seus olhos se encontraram no espelho, e Harry imediatamente se sentiu desconfortável. Ela não dava sinais de reconhecimento, mas ele desviou o olhar para a tela da TV, que mostrava a parte de trás de um jogador que estava sendo substituído. Mesmo número. “Solskjær” estava escrito, na parte superior da camisa. Harry acordou como se de um sonho.

“Maldição”! Ele gritou, bateu no copo e derrubou Coca-Cola no colo de sua delicada cortesã. Harry seguiu seu caminho para fora ao som dos gritos indignados atrás dele: ‘Você não é meu amigo’!

## Domingo 19 de Janeiro

Dois homens de verde corriam por entre os arbustos, um muito curvado com um companheiro ferido sobre os ombros. Eles o deitaram abrigado atrás de um tronco de árvore caído, então eles levantaram seus rifles, miraram e dispararam para o mato. Uma voz seca anunciou que esta era a luta desesperada de Timor Leste contra o presidente Suharto e seu regime brutal.

No pódio um homem nervoso farfalhava seus papéis. Ele estava viajando por todos os cantos para falar sobre o seu país, e esta noite era importante. Podia não haver muitas pessoas na sala de conferências do ‘Clube de Correspondentes Estrangeiros da Tailândia’, apenas quarenta a cinquenta na plateia, mas eles eram vitais, juntos poderiam levar a mensagem para milhões de leitores. Ele tinha visto o filme que estava sendo exibido uma centena de vezes, e sabia que em dois minutos ele teria que entrar na linha de fogo.

Ivar Løken se assustou involuntariamente quando sentiu uma mão em seu ombro e uma voz sussurrou: “Nós temos que conversar. Agora”.

Na semiescuridão, distinguiu o rosto de Hole. Levantou-se e saíram da sala juntos, enquanto um guerrilheiro com metade de seu rosto queimado numa máscara rígida explicava por que ele havia passado os últimos oito anos de sua vida na selva indonésia.

“Como você me encontrou”? perguntou quando eles já estavam fora.

“Falei com Tonje Wiig. Você vem sempre aqui”?

“Não sei ao certo com que frequência, eu gosto de manter-me atualizado. E eu encontro pessoas úteis aqui”.

“Pessoas das embaixadas Sueca e Dinamarquesa”?

O dente de ouro brilhava. “Como eu disse, eu gosto de manter-me atualizado. O que está acontecendo”?

“Tudo”.

“Ah, sim”?

“Eu sei quem é a pessoa que você está atrás. E eu sei que os dois casos estão ligados”.

O sorriso de Løken desapareceu.

“O engraçado é que, quando eu cheguei aqui eu me encontrei a poucos metros do lugar que você estava vigiando”.

“Não me diga!”. Foi difícil decidir se havia algum sarcasmo na voz de Løken.

“A Inspetora Crumley me levou numa viagem de turismo pelo rio. Ela me mostrou uma casa que pertence a um norueguês que tinha trazido um templo inteiro da Birmânia para Bangkok. Ele teve uma conversa com o embaixador no dia do assassinato, mas não conseguimos chegar até ele. Conheci seu amigo, Bork, no funeral, que me disse que ele estava viajando a negócios. Mas você conhece Ove Klipra, não é”?

Løken não respondeu.

“Bem, a conexão não me surgiu até o momento em que eu estava assistindo a um jogo de futebol hoje mais cedo”.

“Uma partida de futebol”?

“O norueguês mais famoso do mundo joga justamente no clube favorito de Klipra”.

“E daí”?

“Você sabe qual é o número de Ole Gunnar Solskjær”?

“Não, por que diabos eu deveria”?

“Bem, garotos de todo o mundo sabem, e você pode comprar sua camisa em lojas de artigos esportivos desde a Cidade do Cabo até Vancouver. Às vezes, os adultos compram a camisa também”.

Løken assentiu enquanto olhava fixamente para Harry. “Número 20”, disse ele.

“Como na fotografia. Algumas outras coisas me ocorreram também. O cabo da faca que encontramos nas costas do Molnes tinha um mosaico de vidro especial e um professor de história da arte nos disse que era uma faca muito antiga do norte da Tailândia, provavelmente feita pelo povo Shan. Falei com ele mais cedo esta noite. Ele me disse que o povo Shan também se espalhou para partes da Birmânia, onde, entre outras coisas, eles construíram templos. Uma característica desses templos era que as janelas e portas eram decoradas com o mesmo tipo de mosaicos iguais aos da faca. Visitei o professor no caminho para cá e mostrei-lhe uma das suas fotos. Ele não tinha absolutamente nenhuma dúvida de que esta era uma janela de um templo Shan, Løken”.

Eles podiam ouvir que o orador tinha começado. A voz soava metálica e estridente nos alto-falantes.

“Trabalho bem feito, Hole. E agora”?

“Agora me diga o que está acontecendo nos bastidores e eu vou assumir o restante da investigação”.

Løken caiu na gargalhada. “Você está brincando, não é”?

Harry não estava.

“Uma sugestão interessante, Hole, mas eu não acho que vai dar certo. Meus chefes...”.

“Eu não acho que *sugestão* é a palavra certa, Løken. Tente *ultimato*”.

Løken riu ainda mais alto. “Você tem *cojones*, eu tenho que admitir isso, Hole. Apenas me diga o que faz você pensar que está em condições de impor um ultimato”?

“Que você terá um enorme problema quando eu explicar para o chefe de polícia de Bangkok o que está acontecendo”.

“Eles vão te chutar o traseiro, Hole”.

“Por quê? Antes de tudo, minha missão aqui é investigar um assassinato, não salvar o traseiro de alguns burocratas em Oslo. Eu pessoalmente não tenho objeção por você estar investigando um pedófilo, mas não é minha responsabilidade. E quando o Parlamento começar a ouvir que eles foram mantidos no escuro sobre uma investigação ilegal, meu palpite é que alguns outros correrão mais perigo de levar o chute do que eu. No meu modo de ver, minhas chances de desemprego são maiores se eu me tornar um acessório e guardar isto comigo mesmo. Cigarro”?

Harry estendeu um pacote recém-aberto de Camel. Løken balançou a cabeça, em seguida, mudou de idéia. Harry acendeu os dois, e eles se sentaram em duas cadeiras ao lado da parede. Do auditório veio o som de muitos aplausos.

“Por que você simplesmente não deixa tudo como está, Hole? Você já sabe há muito tempo que o seu trabalho aqui era amarrar as coisas ordenadamente e evitar uma confusão, então por que você não pode aceitar isso e evitar para si próprio e para todos nós um monte de problemas”?

Harry respirou fundo e soprou numa longa expiração. A maior parte da fumaça ficou no seu interior.

“Eu comecei a fumar Camel novamente neste outono”, Harry disse, dando um tapinha no bolso. “Uma vez eu tive uma namorada que fumava Camel. Eu não tinha permissão para fumar os dela; ela pensou que poderia se tornar um mau hábito. Viajávamos de trem entre Pamplona e Cannes e fiquei sem cigarros. Ela disse que iria me ensinar uma lição. A viagem duraria quase 10 horas, e no final eu tive que ir filar um cigarro de alguém

em outro compartimento, enquanto ela fumava os seus Camel. Estranho, não é”?

Ele ergueu o cigarro e soprou a cinza.

“Bem, eu continuei filando de estranhos quando chegamos a Cannes. No início, ela achou que era engraçado. Quando eu comecei a filar de mesa em mesa em restaurantes em Paris, ela achou que ficara menos engraçado e disse que eu poderia pegar um dos dela, mas eu recusei. Quando ela encontrou amigos noruegueses em Amsterdã e eu comecei a filar cigarros deles, enquanto seu maço estava sobre a mesa, ela pensou que eu estava sendo infantil. Ela me comprou um maço, e disse para parar de implorar por cigarros dos outros, mas eu o deixei no quarto do hotel. Quando voltamos para Oslo e eu continuei filando lá, ela disse que eu estava doente da cabeça”.

“Essa história tem uma moral”?

“Sim, ela parou de fumar”.

Løken riu. “Portanto, teve um final feliz”.

“Mais ou menos na mesma época ela conheceu um músico de Londres”.

Løken balbuciou. “Você deve ter ido um pouco longe demais, então”.

“Claro”.

“Mas você não aprendeu muito com isso”?

“Não”.

Eles fumaram em silêncio.

“Eu entendo”, disse Løken, apagando o cigarro. As pessoas começaram a sair do auditório. “Vamos para algum lugar para tomar uma cerveja e eu vou contar-lhe toda a história”.

“Ove Klipra constrói estradas. Fora disso, sabemos muito pouco sobre ele. Sabemos que ele partiu para a Tailândia com vinte e cinco anos de idade, com seu curso de engenharia incompleto e uma má reputação, e que ele mudou seu nome de Pedersen para Klipra, que é o nome da área em Ålesund, onde ele cresceu”.

Eles estavam sentados em um sofá de couro macio e profundo, e na frente deles estava um aparelho de som, uma TV e uma mesa com uma cerveja, uma garrafa de água, dois microfones e um livro de música. Harry de início assumiu que Løken estava brincando quando disse que eles estavam indo para um bar de karaokê, até que ele explicou o motivo. Eles poderiam contratar uma sala à prova de som por hora, sem dar os nomes,

pedir o que eles queriam beber, e seriam deixados em paz. Além disso, haveria o número adequado de pessoas para que eles passassem despercebidos. Era simplesmente o melhor lugar para reuniões secretas, e parecia que não era a primeira vez que Løken tinha estado lá.

“Que tipo de má reputação”?

“Quando começamos a nos aprofundar neste caso descobrimos que ocorreram alguns episódios com meninos menores de idade em Ålesund. Nada foi registrado, mas os boatos se espalham e ele achou que era o momento oportuno para se mudar. Quando chegou aqui ele registrou uma empresa de engenharia, mandou imprimir alguns cartões de visita, em que ele se chamava Doutor, e começou a bater nas portas dizendo que poderia construir estradas. Naquela época, 20 anos atrás, havia apenas duas maneiras de obter concessão de construção de estradas: ou ser bem relacionado com alguém no governo ou ser rico o suficiente para suborná-los. Klipra não se encaixava em nenhuma das suas hipóteses e, claro, as probabilidades estavam contra ele. Mas ele aprendeu duas coisas que você pode ter certeza formaram a base da fortuna que ele tem hoje: Tailândia e bajulação. Eu não precisei investigar sobre a bajulação; ele se gabou dela para os noruegueses que vivem aqui. Ele afirma que se tornou tão hábil em sorrir que mesmo os tailandeses achavam que era demais. Além disso, ele compartilhava seu interesse por jovens garotos com alguns dos políticos com quem ele começou a se associar. Talvez não tenha sido nenhuma desvantagem compartilhar seus vícios com eles quando os contratos para a construção do chamado Hopewell Bangkok Elevated Road and Train System, BERTS, foram distribuídos”.

“Ruas e trem”?

“Sim. Você provavelmente já percebeu os grandes pilares de aço que estão sendo enfiados no solo por toda a cidade”.

Harry acenou com a cabeça.

“No momento, há seis mil pilares, mas haverá mais. E não apenas para a autoestrada porque o novo trem ficará acima disso. Estamos falando de 50 km de autoestrada ultramoderna e 60 quilômetros de trilhos no valor de 25 bilhões de coroas para salvar esta cidade do sufoco. Você entende? Este projeto deve ser o mais grandioso projeto de construção de estradas entre todas as cidades do mundo, o Messias do asfalto e dormentes”.

“E Klipra está nele”?

“Ninguém parece saber quem está dentro ou fora. O que está claro é que o principal construtor, original de Hong Kong, se retirou e o orçamento e o cronograma estão propensos a subir ladeira acima”.

“Um superfaturamento do orçamento? Estou chocado”, Harry comentou secamente.

“Mas isso significa que também haverá certamente mais para os outros construtores, e meu palpite é que Klipra já está bem ancorado no projeto. Se houver alguma desistência, os políticos terão de aceitar que os outros ajustem suas propostas. Se Klipra tiver capacidade financeira para dar uma mordida no bolo que lhe foi oferecido, ele poderá em breve se tornar um dos mais poderosos empresários da região”.

“Sim, mas o que isso tem a ver com o abuso de crianças”?

“Apenas que os homens poderosos têm uma tendência a dobrar as leis a seu favor. Eu não tenho nenhuma razão para duvidar da integridade do atual governo, mas as chances de uma extradição diminuem bastante, se o homem tem influência política e uma prisão poderia atrasar ainda mais todo o programa de construção”.

“Então o que você está fazendo”?

“As coisas estão se movendo. Estamos esperando o novo acordo de extradição entrar em vigor. Uma vez que estiver assinado, temos que esperar um pouco, prender Klipra e explicar às autoridades tailandesas que as fotos foram tiradas após a assinatura do acordo”.

“E condená-lo por ter feito sexo com menores de idade”?

“Além de um assassinato, talvez”.

Harry recuou em sua cadeira.

“Você imaginava que era a única pessoa a relacionar a faca com Klipra, detetive”? Disse Løken, tentando acender seu cachimbo.

“O que você sabe sobre a faca”? Harry perguntou.

“Eu escoltei Tonje Wiig ao motel quando ela identificou o embaixador. Eu tirei algumas fotos”.

“Embora houvesse uma multidão de policiais em volta assistindo a tudo”?

“Bem, é uma câmera muito pequena. Pode caber em um relógio de pulso, como este”. Løken sorriu. “Você não pode comprá-la nas lojas”.

“E então você conectou o cabo de vidro da faca com a casa de Klipra”?

“Eu estive em contato com uma das pessoas envolvidas na venda do templo para Klipra, um *pongyi* no Centro Mahasi em Rangoon. A faca era

parte da decoração do templo comprado por Klipra. De acordo com o monge, elas são feitas em pares. Deve haver outra faca, idêntica”.

“Espere um minuto”, disse Harry. “Se você contatou este monge você deve ter tido um pressentimento de que a faca estava de alguma forma ligada aos templos de Mianmar”.

Løken encolheu os ombros.

“Ora”, Harry disse, “você não é um historiador de arte também. Tivemos de usar um professor apenas para estabelecer que havia uma ligação com o povo Shan. Você suspeitou de Klipra antes mesmo de perguntar”.

Løken queimou os dedos e jogou o fósforo fora, irritado.

“Eu tinha razões para acreditar que o assassinato podia ter tido algo a ver com Klipra. Veja, eu estava no apartamento defronte a casa de Klipra no dia em que o embaixador foi assassinado”.

“E”?

“Atle Molnes chegou por volta das sete horas. As oito, ele e Klipra saíram no carro do embaixador”.

“Você tem certeza que eram eles? Eu vi o carro e como a maioria dos carros da embaixada as janelas são escurecidas, quase impenetráveis”.

“Eu vi Klipra através da lente da câmera quando o carro chegou. Ele estacionou na garagem e há uma porta que se abre para dentro da casa, então no começo eu só vi Klipra se levantando e andando até a porta. Então eu não vi ninguém por um tempo até que avistei o embaixador andando pela sala de estar. Em seguida, o carro saiu de novo, e Klipra tinha sumido”.

“Você não pode ter certeza de que era o embaixador”.

“Por que não”?

“Por que de onde você estava sentado só teria visto a metade inferior dele, o resto estava escondido pelo mosaico”.

Løken riu. “Bem, isso foi mais do que suficiente”, disse ele e, finalmente, conseguiu o acender o cachimbo. Ele puxou a fumaça contente. “Porque só havia uma pessoa que andava com um paletó amarelo brilhante como o dele”.

Em outras circunstâncias, Harry poderia ter dado um sorriso, mas agora havia muitas outras coisas se agitando na sua cabeça.

“Por que Torhus e a Comissária de polícia não foram informados sobre isso”?

“Quem disse que eles não foram”?

Harry podia sentir alguma pressão atrás dos olhos. Os políticos o mantiveram completamente no escuro. Ele olhou em volta procurando algo para quebrar.

## Domingo 19 de Janeiro

Já era quase onze quando Harry chegou em casa.

“Você tem visita”, disse o guarda na portaria.

Harry pegou o elevador, deitou-se de costas na beira da piscina e ficou ouvindo os pequenos splash rítmicos enquanto Runa nadava.

“Você tem que ir para casa”, disse ele depois de algum tempo. Ela não respondeu, e ele se levantou e caminhou de volta para o seu apartamento.

Bjarne Møller estava perto da janela olhando para fora. Era o início da noite, mas já estava completamente escuro. Parecia que o frio não iria abrir mão de seu controle num futuro próximo. Os meninos, pelo menos, achavam que era muito divertido e chegaram à mesa com os dedos congelados e as bochechas vermelhas enquanto discutiam sobre quem tinha saltado mais longe.

O tempo passou tão rápido; não foi há muito tempo que ele pegava seus esquis e descia as colinas de Grefsenkollen Ridge. Ontem ele tinha ido para o quarto deles e perguntou se eles queriam que ele lesse para eles e eles lhe deram um olhar engraçado.

Trine disse que ele parecia cansado. Ele estava? Talvez. Havia muito em que pensar, mais do que ele tinha imaginado quando aceitou o cargo como Chefe da Brigada Criminal. Se não bastassem os relatórios, as reuniões e os orçamentos, um de seus oficiais batera na porta com um problema que Bjarne seria incapaz de resolver - uma mulher que queria a separação, uma hipoteca que tinha aumentado fora de controle ou nervos que estavam se desgastando.

O trabalho da polícia que imaginava quando assumiu o cargo, coordenar investigações, havia se tornado uma questão subsidiária. E ele ainda não tinha chegado a lidar com assuntos secretos, leituras nas entrelinhas ou disputas pela carreira. De vez em quando ele se perguntava se ainda devia estar lá, mas sabia que Trine apreciara a faixa salarial maior. E os meninos queriam esquis de salto. Talvez fosse hora deles ganharem os computadores que tinham pedido também. Flocos de neve minúsculos redemoinhavam contra a vidraça. Ele tinha sido um bom policial.

O telefone tocou.

“Møller”.

“Hole. Você sabia o tempo todo”?

“Olá? Harry é você”?

“Você sabia que eu fui escolhido especialmente, para que esta investigação não saísse do chão”?

Møller baixou a voz. Ele tinha esquecido sobre esquis de salto e computadores. “Eu não tenho nenhuma idéia do que você está falando”.

“Eu só quero ouvir você dizer que não sabia que as pessoas em Oslo suspeitavam quem era o assassino desde o início”.

“OK, Harry. Eu não sabia... Com isso quero dizer que eu não sei o que diabos você está falando”.

“A Comissária de Polícia e Dagfinn Torhus do Ministério dos Negócios Estrangeiros sempre souberam que o embaixador e um norueguês de nome Ove Klipra saíram no mesmo carro da casa de Klipra meia hora antes do embaixador chegar ao motel. Eles também sabem que Klipra tinha um motivo muito bom para matar o embaixador”.

Møller sentou-se pesadamente. “E qual é”?

“Klipra é um dos homens mais ricos de Bangkok. O embaixador estava em graves dificuldades financeiras, e ele mesmo tomou a iniciativa de iniciar uma investigação altamente ilegal sobre Klipra por abuso infantil. Quando o embaixador foi encontrado morto, ele tinha em sua pasta fotos de Klipra com um garoto. Não é difícil imaginar o motivo de sua visita a Klipra. Molnes deve ter conseguido convencer Klipra que estava sozinho nisso e que ele mesmo tinha feito as fotos. Então ele deve ter-lhe dado um preço por ‘todas as cópias’. Não é como os chantagistas sempre fazem? É claro que é impossível saber quantas cópias Molnes tinha feito, mas Klipra provavelmente percebeu que um chantagista que também é um jogador incurável, como o embaixador, seria obrigado a voltar a pedir novamente. E mais uma vez. Então Klipra sugeriu um passeio, saiu para ir ao banco e disse para Molnes ir ao motel e espera-lo, ele seguiria com o dinheiro. Quando Klipra chegou ele nem sequer teve que procurar pelo quarto, ele podia ver o carro do embaixador estacionado em frente, não podia? Porra, o cara ainda conseguiu rastrear e relacionar a faca com Klipra.

“Que cara”?

“Løken. Ivar Løken. Um velho oficial da inteligência, que tem operado aqui por vários anos. Empregado pela ONU, trabalhou com refugiados, diz ele, mas que diabos eu sei realmente? Acho que ele recebe a maior parte de

seus salários da NATO ou algo parecido. Ele está espionando Klipra há meses”.

“O embaixador sabia disso? Eu pensei que você tinha dito que ele iniciou a investigação”?

“O que você quer dizer”?

“Você afirma que o embaixador foi lá para chantagear Klipra mesmo sabendo que o cara da inteligência estava vigiando”.

“É claro que ele sabia. Ele pegou as cópias das fotos de Løken, não foi. Então? Não há nada de suspeito sobre o embaixador da Noruega fazendo uma visita de cortesia para o norueguês mais rico de Bangkok, não é”.

“Talvez não. O que mais este Løken diz”?

“Ele me contou o motivo real porque eu fui escolhido para este trabalho”.

“Qual é”?

“Os caras que sabiam da investigação sobre Klipra assumiram um risco. Se eles fossem pegos tudo viraria um inferno; haveria um clamor político, cabeças iriam rolar, et cetera. Então, quando o embaixador foi encontrado assassinado e eles tinham uma boa idéia de quem foi o responsável precisavam garantir que a investigação de assassinato não lançaria qualquer luz sobre as suas investigações. Eles tinham que encontrar um meio termo, fazer *alguma coisa*, mas não tanto que seu disfarce fosse descoberto. Enviando um oficial da polícia norueguesa não poderiam ser acusados de não fazer nada. Me disseram que não poderiam enviar uma equipe de policiais, porque a Policia tailandesa se ofenderia”.

A risada de Harry se fundiu com outra conversa misturando-se em algum lugar entre a terra e um satélite.

“Em vez disso, escolheu um homem que eles imaginaram ser o menos provável para descobrir alguma coisa. Dagfinn Torhus tinha feito sua pesquisa e encontrou o perfeito candidato, alguém que definitivamente não iria causar-lhes problemas. Porque ele provavelmente iria passar suas noites debruçado sobre um engradado de cerveja, e seus dias dormindo de ressaca. Harry Hole seria perfeito porque ele quase não funciona. Eles poderiam justificar a escolha, se a questão viesse à tona, dizendo que o funcionário em questão havia recebido recomendações entusiasmadas após um trabalho semelhante na Austrália. Se isso não fosse suficiente Chefe Møller tinha dado o aval sobre ele, e o chefe era a melhor pessoa para julgar, não era”?

Møller não gostou do que ouviu. Muito menos porque ele podia rever claramente agora, o olhar da Comissária sobre a mesa quando a pergunta foi feita, o imperceptível levantar de sobrancelha. Tinha sido uma ordem.

“Mas por que Torhus e a Comissária arriscariam seus empregos apenas para pegar um pedófilo”?

“Boa pergunta”.

Silêncio. Nenhum deles se atreveu a colocar em palavras o que estavam pensando.

“O que vai acontecer agora, Harry”?

“Agora vai ser a *Operação Salvemos nosso Rabo*”.

“Significando”?

“Significando que ninguém quer segurar a batata quente. Nem Løken nem eu. O negócio é nós dois mantermos nossas bocas fechadas sobre isso por enquanto e pegarmos Klipra juntos. Eu suponho que você deve assumir o caso a partir daí, certo chefe? Ir diretamente ao Parlamento, talvez? Você tem um *rabo* para salvar também, não é”?

Møller ponderou sobre a situação. Ele não tinha certeza se queria ser salvo. O pior que poderia acontecer era ele ser rebaixado de volta ao trabalho de polícia.

“Isso é coisa pesada, Harry. Eu preciso pensar, depois eu vou te ligar de volta, OK”?

“Está bem”.

Eles estavam recebendo sinais fracos de outra conversa no espaço, que ficou quieta de repente. Eles ouviram o som de estrelas.

“Harry”?

“Sim”?

“Para o inferno sobre pensar. Estou com você”.

“Sabia que estaria, chefe”.

“Ligue-me quando você prendê-lo”.

“Ah, sim, esqueci-me de dizer. Ninguém viu Klipra desde que o embaixador foi assassinado”.

## Segunda-Feira 20 de Janeiro

Løken passou os binóculos de visão noturna para Harry.

“Tudo certo”, disse ele. “Eu conheço a rotina. O guarda vai se sentar na cabine na entrada perto do portão. Ele só vai fazer outra ronda daqui a vinte minutos”.

Eles estavam sentados no sótão de uma casa a cerca de cem metros da propriedade de Klipra. A janela estava fechada com tábuas, mas entre duas das tábuas havia um espaço suficiente para os binóculos. Ou uma câmera. Entre o sótão e a casa de teca enfeitada com cabeças de dragões de Klipra havia uma linha de galpões baixos, uma estrada e um alto muro branco coberto com arame farpado.

“O único problema nesta cidade é que há pessoas em todos os lugares. Durante o tempo todo. Então nós vamos ter que dar a volta e subir a parede que fica atrás daquele barracão”.

Ele apontou e Harry pegou o binóculo.

Løken lhe dissera para usar roupas discretas, justas e escuras. Ele escolheu calça jeans preta e sua velha camiseta preta do Joy Division. Ele tinha pensado em Kristin quando vestiu a camiseta; que foi a única banda que ele tinha conseguido fazê-la gostar, Joy Division. Ele pensou que, provavelmente, porque ela não gostava da banda Camel. [\(22\)](#)

“Vamos indo”, disse Løken.

O ar lá fora estava parado, e a poeira pairava livremente sobre o caminho de cascalho. Um grupo de meninos estava jogando *takraw*, de pé em um círculo e mantendo uma pequena bola de borracha no ar com os pés, e eles não notaram os dois *farangs* vestidos de preto. Harry e Ivar atravessaram a rua, deslizaram entre os galpões e chegaram à parede sem ser detectados. A névoa do céu noturno refletia uma suja luz amarela vindo de milhões de luzes maiores e menores, nunca permitindo que Bangkok ficasse completamente no escuro em noites como esta. Løken jogou a pequena mochila por cima do muro e rolou um tapete de borracha fino e estreito sobre o arame farpado.

“Você primeiro”, disse ele, entrelaçando os dedos para dar apoio para Harry.

“E você”?

“Não se preocupe comigo, vá em frente”.

Levantou Harry, para que ele pudesse se apoiar no topo da parede. Harry colocou um pé sobre o tapete e ouviu o arame rasgar a borracha por baixo quando ele passou o outro pé por cima do muro. Ele tentou não pensar na história do menino que tinha deslizado para baixo no mastro da Feira de Romsdal sem lembrar-se do grampo na parte inferior com a corda amarrada em volta. Seu avô contava que os gritos do menino ao ser castrado podiam ser ouvidos do outro lado do fiorde.

Logo depois Løken estava de pé ao lado dele.

“Caramba, você é rápido”, Harry sussurrou.

“Exercício do dia para um *mercenário*”.

Com o *mercenário* na frente eles correram com a cabeça abaixada através de todo o gramado, até a lateral da parede da casa e pararam na esquina. Løken pegou o binóculo e esperou até que teve certeza de que o guarda estava olhando em outra direção.

“Agora”!

Harry partiu, tentando imaginar que era invisível. Não era distante até a garagem, mas ela estava iluminada e não havia cobertura entre eles e a cabine do guarda. Løken corria junto aos seus calcanhares.

Harry pensou que não poderia haver muitas maneiras de invadir uma casa, mas Løken tinha insistido em planejar tudo até o último detalhe. Quando ele ressaltou que eles tinham que correr juntos na última fase crítica Harry perguntou se não seria mais sensato que um deles corresse enquanto o outro ficava de vigia.

“Para que? Nós saberemos se fomos vistos. Se corrermos separadamente as chances de sermos visto será dupla. Será que não ensinam nada na polícia hoje em dia”? Harry não tinha nenhuma objeção para o resto do plano.

Um Lincoln Continental branco dominava a garagem, de onde uma porta lateral, de fato, conduzia para dentro da casa. Løken tinha contado que a fechadura da porta lateral era mais fácil do que a da porta principal e, além disso, não poderiam avistá-los do portão.

Ele pegou sua gazua e começou a trabalhar.

“Você está verificando o tempo”? Ele sussurrou e Harry acenou com a cabeça. De acordo com o cronograma restavam 16 minutos até a próxima ronda do guarda.

Depois de 12 minutos Harry começou a sentir coceira por todo o seu corpo.

Depois de 13 minutos ele estava desejando que Sunthorn aparecesse numa nuvem de fumaça.

Depois de 14 minutos ele sabia que teriam que abortar a operação.

“Vamos sair daqui”, ele sussurrou.

“Só um pouco mais”, disse Løken, inclinado sobre a fechadura. “Alguns segundos, não mais”.

“Agora”! Harry sibilou entre os dentes cerrados.

Løken não respondeu. Harry respirou e colocou um braço em torno do ombro dele. Løken virou-se para ele e seus olhos se encontraram. O dente de ouro brilhava. “Bingo”, Løken sussurrou.

A porta se abriu sem fazer barulho. Eles rastejaram para dentro e trancaram a porta silenciosamente atrás deles. Naquele momento, eles ouviram passos na garagem, viram a luz de uma lanterna através da janela sobre a porta e, em seguida, a maçaneta da porta foi sacudida asperamente. Eles ficaram com as costas contra a parede. Harry prendeu a respiração com o coração batendo energicamente. Em seguida, os passos se afastaram.

Harry achou difícil manter a voz baixa. “Vinte minutos você disse”!

Løken encolheu os ombros. “Mais ou menos”.

Harry aceitou, respirando com a boca aberta.

Eles ligaram as lanternas e estavam prestes a entrar na casa quando houve um ruído sob os pés de Harry.

“O que é isso”? Ele dirigiu a lanterna para baixo. Havia pequenos pedaços brancos no chão escuro de madeira.

Løken dirigiu a lanterna para a parede caiada.

“Bem, Klipra é um trambiqueiro. Esta casa devia ser construída somente de teca. Bem, agora eu realmente perdi o respeito pelo cara”, disse ele. “Vamos, Harry. O relógio está correndo”!

Eles vasculharam a casa de forma rápida e sistematicamente de acordo com as instruções de Løken. Harry se concentrou em fazer o que lhe foi dito, lembrar onde as coisas estavam antes de movê-las, não deixar impressões digitais e verificar se havia pedaços de fita antes de abrir gavetas e armários. Depois de algumas horas eles se sentaram à mesa da cozinha. Løken tinha encontrado algumas revistas de pornografia infantil e um revólver que não parecia ter sido usado há anos. Ele havia tirado fotos de ambos.

“O cara saiu com muita pressa”, disse ele. “Há duas malas vazias no seu quarto, o armário do banheiro e os armários de roupa estão cheios”.

“Ele poderia ter levado uma terceira mala”, Harry sugeriu.

Løken olhou-o com uma mistura de nojo e indulgência. A maneira como ele teria olhado para um recruta esforçado, mas não exatamente brilhante, Harry pensou.

“Nenhum homem tem duas bolsas de artigos de higiene, Hole”.

Recruta, Harry pensou.

“Só faltou um quarto”, disse Løken. “O escritório no primeiro andar está trancado e a fechadura é um monstro alemão que eu não posso abrir”. Ele pegou um pé de cabra na sua mochila.

“Eu estava torcendo para não precisar disto”, ele disse. “Essa porta vai ficar bem bagunçada depois que tivermos terminado”.

“Não importa”, disse Harry. “Eu acho que coloquei os chinelos dele de volta na prateleira errada de qualquer maneira”.

Løken riu.

Eles utilizaram o pé de cabra nas dobradiças em vez da fechadura. Harry reagiu muito lentamente e a porta pesada caiu para o quarto com um grande estrondo. Eles pararam por alguns segundos e esperaram pelos gritos do guarda.

“Você acha que eles ouviram”? Harry perguntou.

“Não. Há tantos ruídos por habitante aqui que um estrondo a mais ou a menos não vai ser notado”.

Suas lanternas corriam como baratas amarelas para cima e para baixo nas paredes.

Na parede acima da mesa pendia uma bandeira do Manchester United, vermelho-e-branco sobre um cartaz emoldurado da equipe. Abaixo dele estava o brasão de armas da cidade em vermelho e branco com um navio, esculpido em madeira.

A lanterna parou numa fotografia. Ela mostrava um homem com uma ampla boca sorridente, queixo duplo sólido e dois olhos ligeiramente esbugalhados brilhando com diversão. Ove Klipra parecia um homem que ria muito. Ele tinha cachos loiros que balançavam ao vento. A foto devia ter sido tirada a bordo de um barco.

“Ele não se encaixa exatamente na imagem de um pedófilo”, disse Harry.

“Pedófilos raramente se encaixam”, disse Løken. Harry olhou para ele, mas estava cego pela lanterna. “O que é isso”?

Harry se virou. Løken focava uma caixa de metal cinza no canto. Harry reconheceu imediatamente.

“Eu posso te dizer o que é isso”, disse ele, feliz, finalmente, por ser capaz de dar uma contribuição. “É um gravador que vale meio milhão de coroas. Eu vi um idêntico no escritório de Brekke. Ele grava conversas telefônicas e a gravação e o registro do horário não pode ser manipulado, de modo que ele pode ser usado em disputas legais. Ótimo se você faz negócios por telefone na casa dos milhões”.

Harry folheou os documentos sobre a mesa. Ele viu papel timbrado de empresas japonesas e americanas, acordos, contratos, minutas de contratos e alterações nas minutas. O projeto BERTS, era mencionado em muitos deles. Ele notou um livreto com Barclays Thailand na capa. Era um relatório sobre uma empresa chamada Phuridell. Em seguida, ele dirigiu a lanterna para cima. E parou quando a luz iluminou um objeto na parede.

“Bingo! Olha aqui, Løken. Esta deve ser a outra faca que você mencionou”.

Løken não respondeu; ele estava de costas para Harry.

“Você ouviu o que eu...”?

“Nós temos que sair, Harry. Agora”.

Harry se virou e viu a lanterna de Løken apontando para uma pequena caixa na parede com uma luz vermelha piscando. Naquele momento, sentiu como se tivesse uma agulha de tricô sendo cutucada no seu ouvido. O apito era tão alto que ele ficou imediatamente semisurdo.

“Alarme com atraso”! Løken gritou, já no meio do caminho. “Desligue a lanterna”!

Harry cambaleou descendo as escadas atrás dele na escuridão. Foram para a porta lateral que saía na garagem.

“Espere”. Harry ajoelhou-se, e com as mãos varreu os pedaços de gesso no chão.

Lá fora, eles podiam ouvir vozes e o barulho das chaves. Um raio de luar, colorido de azul pelo mosaico de vidro da janela sobre a porta, esparramava-se no chão de madeira na frente deles.

“O que você está fazendo”?

Harry não teve tempo de responder, porque eles ouviram o giro da maçaneta. Eles correram para a porta lateral, e no momento seguinte eles estavam correndo, de cabeça para baixo, sobre a grama enquanto o gemido histérico do alarme ficava cada vez mais fraco atrás deles.

“Essa foi por um triz”, Løken disse quando eles já estavam do outro lado do muro. Harry olhou para ele. O luar refletiu no seu dente de ouro. Løken não estava nem um pouco ofegante.

## Segunda-Feira 20 de Janeiro

Um fio elétrico tinha queimado em algum lugar na parede quando Harry enfiou a tesoura na tomada, então eles se sentaram à luz bruxuleante de uma vela novamente. Løken tinha acabado de abrir uma garrafa de Jim Beam.

“Por que você está franzindo o nariz, Hole? Você não gosta do cheiro”?

“Não há nada de errado com o cheiro”.

“O sabor então”?

“O gosto é ótimo. Jim e eu somos velhos amigos”.

“Ah”. Løken serviu-se de um copo generoso. “Deixaram de ser bons amigos, então”?

“Dizem que ele exerce uma má influência em mim”.

“Então, quem é o seu companheiro agora”?

Harry levantou a garrafa de Coca. “Imperialismo cultural americano”.

“Completamente seco agora”?

“Houve um pouco de cerveja no Outono”.

Løken deu uma risada.

“Então, eis o motivo. Eu andei me perguntando por que diabos Torhus escolheu você”.

Harry sabia que isso era um elogio indireto. Løken pensava que Torhus poderia ter escolhido sujeitos mais idiotas. Tinha que haver outro motivo, não porque ele era um policial incompetente.

Harry acenou com a cabeça em direção à garrafa. “Será que isso atenua a náusea”?

Løken ergueu as sobrancelhas.

“Será que isso faz com que você esqueça o trabalho por um tempo? Quero dizer os meninos. As fotos, toda essa merda”?

Løken engoliu a dose de uma só vez e serviu-se de outra. Tomou um gole, pousou o copo e se recostou na cadeira.

“Eu tenho qualificações especiais para este trabalho, Harry”.

Harry tinha uma vaga idéia do que ele queria dizer.

“Eu sei o que eles pensam, o que os motiva, o que os excita, quais tentações eles podem resistir e quais não podem”. Ele encheu seu cachimbo.

“Eu os conheço a tanto tempo quanto posso me lembrar”.

Harry não sabia o que dizer. Então, ele segurou a língua.

“Você disse seco? Você é bom nisso, Harry? Sobre renunciar às coisas? Como na história sobre os cigarros. Você toma uma decisão e a cumpre aconteça o que acontecer”?

"Bem, sim, eu assumo isso", disse Harry. "O problema é que as decisões nem sempre são boas".

Løken riu novamente. Harry lembrou-se de um velho amigo que costumava rir da mesma forma. Ele o havia enterrado em Sydney, mas Harry recebia visitas regulares dele à noite.

“Nós somos iguais, então”, disse Løken. “Eu nunca pus a mão numa criança na minha vida. Eu sonhei com isso, fantasiava sobre isso e chorei por causa disso, mas eu nunca fiz isso. Você pode compreender”?

Harry engoliu em seco.

“Eu não me lembro quantos anos eu tinha na primeira vez que meu padrasto me estuprou, mas eu acho que não tinha mais do que cinco. Eu enfiei um machado na sua coxa quando eu tinha treze anos. Acertou numa artéria, ele entrou em choque e quase morreu. Ele sobreviveu, mas acabou numa cadeira de rodas. Ele disse que tinha sido um acidente. O machado tinha escorregado da mão dele enquanto ele estava cortando madeira. Ele provavelmente pensou que estávamos quites”.

Løken ergueu o copo e olhou para o líquido marrom.

“Talvez você pense que este é um enorme paradoxo”, disse ele. “Que as crianças que foram abusadas sexualmente são as que têm maiores probabilidades estatísticas de se tornarem abusadores”.

Harry fez uma careta.

“É verdade”, disse Løken. “Pedófilos geralmente sabem exatamente o sofrimento que estão provocando nas crianças. Muitos dos abusadores experimentaram o medo em si mesmos, a confusão e a culpa. Você sabia que vários psicólogos afirmam que existe uma estreita relação entre a excitação sexual e um desejo de morte”?

Harry balançou a cabeça. Løken esvaziou o copo em um só gole e fez uma careta.

“É como as mordidas de vampiro. Você acha que está morto e depois acorda e descobre que você se tornou um vampiro também. Imortal, com uma insaciável sede de sangue”.

“E com um desejo eterno pela morte”?

“Exatamente”.

“E o que faz você ser tão diferente”?

“Todo mundo é diferente, Hole”. Løken terminou de apertar o tabaco no cachimbo e colocou-o sobre a mesa. Ele havia tirado a camiseta preta e o suor no seu torso nu brilhava. Ele era musculoso e bem constituído, mas dobras de pele soltas e músculos atrofiados traíam que ele tinha envelhecido e talvez um dia fosse morrer afinal de contas.

“Quando eles descobriram uma revista de pornografia infantil no meu armário no alojamento dos oficiais em Vardø fui convocado pelo comandante da estação. Eu tive sorte, eu admito; eles não me denunciaram. Eu não recebi uma mancha negra no meu registro, apenas um pedido para solicitar demissão da força aérea. Através da minha posição na inteligência entrei em contato com o que então era chamado de Serviços Especiais, o precursor da CIA. Mandaram-me para um curso nos Estados Unidos, em seguida fui enviado para a Coréia, sob o pretexto de trabalhar para o Hospital Norueguês de campanha”.

“E para quem exatamente você está trabalhando agora”?

Løken deu de ombros para indicar que isso realmente não importava.

“Você não tem vergonha”? Harry perguntou.

“É claro”, disse Løken com um sorriso cansado. “Todos os dias. É uma fraqueza que eu tenho”.

“Então por que você está me contando tudo isso”?

“Bem, em primeiro lugar, eu estou velho demais para andar escondido por aí. Em segundo lugar, porque eu tenho outros a considerar além de mim mesmo. E terceiro, porque a vergonha reside mais em um plano emocional do que intelectual”.

Um canto de sua boca levantou-se em um sorriso sarcástico.

“Eu costumava a assinar os Archives of Sexual Behavior para ver se algum pesquisador conseguiu especificar que tipo de monstro eu era. Mais por curiosidade do que por vergonha. Eu li um artigo sobre um monge pedófilo na Suíça, que eu tenho certeza que nunca tinha feito nada também, mas, no meio do artigo, informava que ele se trancou em um quarto e bebeu óleo de fígado de bacalhau com fragmentos de vidro, de modo que eu nunca terminei de ler o artigo. Eu prefiro me ver como um produto da minha educação e meio ambiente, mas, apesar de tudo uma pessoa com moral. Consigo viver comigo mesmo, Hole”.

“Mas, sendo um pedófilo, como você pode trabalhar com a prostituição infantil? Isso não te excita”?

Løken olhou para a mesa, absorto em seus pensamentos. “Você já fantasiou sobre estuprar uma mulher, Hole? Você não precisa responder, eu sei que já. Isso não quer dizer que você vai estuprar alguém, não é. Também não significa que você é incapaz de trabalhar em casos de estupro. Mesmo que você entenda como um homem pode perder seu autocontrole. É realmente muito simples. É errado. É contra a lei. O desgraçado vai ter que pagar”.

O terceiro copo foi engolido. Já havia atingido o rótulo da garrafa.

Harry balançou a cabeça. “Desculpe, Løken, eu estou lutando para aceitar isso. Se você compra pornografia infantil, você é parte dela. Sem pessoas como você não haveria um mercado para esse lixo”.

“Verdade”. Os olhos de Løken estavam vidrados. “Eu não sou nenhum santo. Sim, eu ajudei a fazer do mundo o vale de lágrimas que ele é. O que posso dizer? Como diz a canção: *Se chover, eu sou como todo mundo, vou me molhar*”.

Harry de repente se sentiu velho também. Velho e cansado.

“Então, o que foi aquilo com os pedaços de gesso”? Løken perguntou.

“Só uma idéia maluca. Pareceu-me que era igual ao gesso na chave de fenda que encontramos no porta-malas do carro de Molnes. Amarelada. Não completamente branca como gesso normal. Eu vou mandar os pedaços para análise e comparar com o gesso do carro”.

“E o que isso quer dizer”?

Harry encolheu os ombros. “Você nunca sabe o que alguma coisa significa. Noventa e nove por cento da informação que você recolhe durante um caso é inútil. Você apenas precisa estar alerta o suficiente para o um por cento na frente do seu nariz”.

“É verdade”. Løken fechou os olhos e recostou-se na cadeira.

Harry desceu as escadas até a rua e comprou uma sopa de macarrão com camarões de um homem sem dentes usando um boné do Liverpool. Ele tirou duas conchas de sopa de um caldeirão preto e colocou num saco plástico, deu um nó e mostrou suas gengivas. Na cozinha, Harry encontrou dois pratos de sopa. Løken acordou com um susto quando ele o sacudiu, e eles comeram em silêncio.

“Eu acho que sei quem deu a ordem para a investigação”, disse Harry.

Løken não respondeu.

“Eu sei que você não podia esperar para começar o trabalho secreto até que o acordo com a Tailândia fosse assinado e selado. Era urgente, não era.

Conseguir um resultado era urgente, é por isso que você começou a investigação”.

“Você não desiste, não é”?

“Tem alguma importância agora”?

Løken atirou a colher na mesa. “Pode levar um longo tempo para reunir provas”, disse ele. “Talvez anos. O aspecto tempo era mais importante do que qualquer outra coisa”.

“Eu aposto que não há nada por escrito para rastrear quem mandou investigar, que Torhus no Ministério das Relações Exteriores está sozinho, se isso vier à tona. Estou certo”?

“Bons políticos sempre se certificam de que suas costas estão protegidas, não é? Eles têm Secretários de Estado para fazer o trabalho sujo. E Secretários de Estado não dão ordens. Eles apenas dizem aos diretores o que eles têm que fazer para acelerar uma carreira estagnada”.

“Você, por acaso, está se referindo ao Secretário de Estado Askildsen”?

Løken sorveu um camarão e mastigou em silêncio.

“Então, o que foi pendurado na frente de Torhus para que ele liderasse a operação? Um cargo de Diretor-Geral”?

“Eu não sei. Nós não conversamos sobre esse tipo de coisa”.

“E a Comissária de Polícia? Ela não está arriscando demais”?

“Ela provavelmente é uma boa social-democrata, eu suponho”.

“Ambições políticas”?

“Talvez. Talvez nenhum deles esteja arriscando tanto quanto você pensa. Ter um escritório no mesmo edifício que o embaixador não quer dizer...”.

“Que você esteja na sua folha de pagamento? Então, para quem você trabalha? Você é um freelancer”?

Løken sorriu para sua imagem na sopa. “Diga-me, o que aconteceu com aquela mulher, Hole”?

Harry olhou para ele com espanto.

“Aquele que parou de fumar”.

“Eu te disse. Ela conheceu um músico Inglês e foi para Londres com ele”.

“E depois”?

“Quem disse que aconteceu alguma coisa depois disso”?

“Você. O jeito como você falou sobre ela”. Løken riu. Ele largou a colher e se recostou de volta na cadeira. “Vamos, Hole. Será que ela

realmente parou de fumar? Para sempre”?

“Não”, Harry disse calmamente. “Mas agora ela parou. Para sempre”.

Ele olhou para a garrafa de Jim Beam, fechou os olhos e tentou se lembrar do calor de uma dose só, a primeira dose.

Harry ficou sentado lá até Løken adormecer. Em seguida, ele pôs os braços debaixo dos ombros do homem mais velho e levou-o para a cama, cobriu-o com um cobertor e saiu.

O porteiro no River Garden estava dormindo também. Harry pensou em acordá-lo, mas decidiu não fazê-lo - todos deviam dormir um pouco esta noite. A carta tinha sido empurrada por debaixo da porta de Harry. Harry deixou-a fechada na mesa de cabeceira com a outra, foi para perto da janela e viu um barco de carga deslizando sob a Taksin Bridge, preto e silencioso.

## Terça-Feira 21 de Janeiro

Era quase dez horas quando Harry chegou à delegacia. Ele encontrou Nho saindo.

“Você já ouviu falar”?

“Ouvi o quê”? Harry bocejou.

“As ordens da sua Comissária de Polícia em Oslo”.

Harry balançou a cabeça.

“Fomos informados na reunião desta manhã. Os figurões se reuniram”.

Liz saltou na cadeira quando Harry invadiu seu escritório.

“Bom dia, Harry”?

“Não, não é. Eu não fui para a cama antes das cinco. O que é isto que ouvi sobre redução de esforços na investigação”?

Liz suspirou. “Parece que os nossos chefes fizeram outra reunião. A sua Comissária de Polícia falou sobre os orçamentos e falta de pessoal e ela quer você de volta, e o nosso Chefe de Polícia começou a ficar inquieto por causa de todos os outros casos de assassinato que deixamos de lado quando este aconteceu. É claro que não estamos falando de engavetar o caso, apenas reclassificar como prioridade normal”.

“O que isso significa”?

“Isso significa que recebi ordens para garantir que você esteja sentado em um avião nos próximos dois dias”.

“E aí”?

“Eu disse a eles que os aviões estão geralmente lotados em janeiro, assim que poderia demorar, pelo menos, uma semana”.

“Então, nós temos uma semana”?

“Não, se a classe econômica estiver cheia, disseram-me, reserve na primeira classe”.

Harry riu. “Trinta mil coroas. Orçamento apertado? Eles estão ficando nervosos, Liz”.

Quando Liz recostou-se na cadeira ela rangeu.

“Você quer falar sobre isso, Harry”?

“Você quer”?

“Eu não sei se eu *quero*”, disse ela. “Algumas coisas ficam melhores se deixadas em paz, não é”?

“Então, por que não fazemos isso”?

Ela virou a cabeça, abriu as cortinas e olhou para fora. Harry estava sentado de tal forma que a luz do sol fez a cabeça de Liz brilhar numa espécie de auréola branca.

“Você sabe quanto é o salário médio de um recruta da força policial aqui na Tailândia, Harry? Cento e cinquenta dólares por mês. Há cento e vinte mil policiais na força que tentam sustentar suas famílias, mas não podemos nem pagar-lhes o suficiente para o sustento deles mesmos. É muito estranho que alguns deles tentem complementar seus salários fechando os olhos”?

“Não”.

Ela suspirou. “Pessoalmente, eu nunca consegui agir assim. Deus sabe, eu poderia ter amolecido um pouco, mas eu não me sinto confortável com isso. Provavelmente soa um pouco como uma promessa de escoteira, mas na verdade alguém tem que fazer o trabalho”.

“Além disso, é sua...”.

“Responsabilidade, sim”. Ela deu um sorriso cansado. “Todos nós temos nossas cruzes para carregar”.

Harry começou a falar. Liz foi buscar um café, avisou a central telefônica que não atenderia nenhuma ligação, fez uma anotação, tomou mais café, estudou o teto, xingou e finalmente pediu para Harry sair para que ela pudesse pensar.

Uma hora depois, ela o chamou novamente. Ela estava furiosa.

“Merda, Harry, você sabe o que você está me pedindo para fazer”?

“Sim. E eu posso ver que você sabe também”.

“Eu vou arriscar o meu emprego se eu concordar em acobertar você e este Løken”.

“Muito obrigado”.

“Foda-se”!

Harry sorriu.

A mulher que atendeu o telefone na Câmara de Comércio de Bangkok desligou quando Harry falou em Inglês. Ele pediu para Nho ligar, e escreveu o nome Phuridell, que ele tinha visto na primeira página do relatório no escritório de Klipra. “Apenas pergunte qual a atividade deles, quem é o dono e assim por diante”.

Nho saiu para ligar, e Harry tamborilou com os dedos na mesa até que decidiu pegar o telefone e fazer uma ligação.

“Hole” foi a resposta. Era, claro, o nome do pai, mas Harry sabia que era o costume e isso significava toda a família. Aquela resposta fez parecer como se sua mãe ainda estivesse na poltrona verde da sala de estar bordando ou lendo um livro. Harry suspeitava que seu pai tinha começado a falar com ela também.

Seu pai acabara de se levantar. Harry perguntou como ele estava se preparando para passar o dia e ficou surpreso ao ouvir que ele estava indo para a cabana em Rauland.

“Para cortar um pouco de madeira”, disse ele. “Já estava saindo”.

Ele raramente ia para a cabana.

“Como vão as coisas”? seu pai perguntou.

“Bem. Em breve vou estar em casa. Como está Sis”?

“Ela está dando conta. Mas ela nunca vai ser uma cozinheira”.

Ambos sorriram. Harry podia visualizar como a cozinha se parecia depois que Sis tinha feito o almoço de domingo.

“Bem, é melhor trazer alguma lembrança bonita daí para ela”, disse ele.

“Vou encontrar algo para ela. E você? Alguma coisa que você queira”?

A linha ficou em silêncio. Harry se amaldiçoou; ele sabia que os dois estavam pensando a mesma coisa, o que ele queria Harry não podia comprar em Bangkok. Era assim o tempo todo; sempre que ele pensava que tinha finalmente conseguido fazer seu pai sair da concha, ele dizia ou fazia algo que faria seu pai se recordar da mãe novamente e ele se perderia de novo, de volta ao seu auto imposto isolamento silencioso. Era pior para Sis. Ela ficava duplamente sozinha quando Harry não estava lá.

Seu pai tossiu. “Você poderia... você poderia trazer uma daquelas camisas tailandesas”.

“Sim”?

“Sim, isso seria bom. E um par de Nike para corrida, que devem ser bem baratos na Tailândia. Usei os meus antigos ontem e eles já estão bem gastos. Por falar disso, você está correndo? Você está pronto para um teste em Hanekleiva”?

Quando Harry colocou o fone no gancho, sentiu um aperto estranho no peito.

Pelo resto do dia Harry não fez nada.

Ele rabiscou e se perguntou se os rabiscos se assemelhavam a alguma coisa.

Jens ligou para perguntar como o caso estava indo. Harry respondeu que era um segredo de Estado, e Jens entendeu, mas disse que iria dormir melhor se soubesse que eles tinham outro suspeito. Então Jens contou a ele uma piada que acabara de ouvir ao telefone, sobre um ginecologista, que disse a um colega que uma de suas pacientes tinha um clitóris que parecia um pepino em conserva. “Muito grande”? Perguntou o colega. “Não”, o ginecologista havia respondido. “Salgado”.

Jens pediu desculpas pela qualidade das piadas que circulavam pelo mundo das finanças.

Mais tarde Harry tentou contar a piada para Nho, mas ou o seu Inglês ou Nho não estavam à altura da tarefa, porque a situação só ficou embaraçosa.

Em seguida, ele entrou no escritório de Liz e perguntou se estava tudo bem, e ficou sentado lá por um tempo. Depois de uma hora ela enjoou da presença silenciosa e pediu-lhe para sair.

Ele jantou no Le Boucheron novamente. O francês falou com ele em francês, e Harry sorriu e disse algo em norueguês.

Harry sonhou com ela novamente. Os cabelos vermelhos espalhados e os olhos calmos e confiantes. Ele esperou pelo que geralmente se seguia, a alga crescendo para fora da boca e dos olhos, mas, desta vez, isso não aconteceu.

“É Jens”.

Harry acordou e percebeu que tinha atendido o telefone durante o sono.

“Jens”? Ele se perguntou por que seu coração tinha de repente começado a bater tão rápido.

“Desculpe, Harry, mas esta é uma emergência. Runa sumiu”.

Harry ficou bem acordado.

“Hilde está desvairada. Runa deveria estar em casa para o jantar, e agora são três da manhã. Eu chamei a polícia e eles alertaram seus carros de patrulha, mas eu queria pedir-lhe ajuda também”.

“Para fazer o quê”?

“Para fazer o quê? Eu não sei. Você poderia vir aqui? Hilde está chorando tanto que seus olhos vão acabar escorrendo pelo seu rosto”.

Harry podia imaginar a cena. Ele não tinha nenhuma vontade de testemunhar o resto.

“Escute, Jens, não há muito que eu possa fazer agora. Dê-lhe um Valium se ela não estiver muito bêbada e ligue para todos os amigos de Runa”.

“A polícia disse o mesmo. Hilde diz que ela não tem nenhum amigo”.  
“Merda”!

# **PARTE CINCO**

## Quarta-Feira 22 de Janeiro

Hilde Molnes estava definitivamente muito bêbada para o Valium. Ela estava bêbada demais para a maioria das coisas, menos para ficar ainda mais bêbada.

Jens não parecia notar. Ele continuava correndo entrando e saindo da cozinha com água e gelo parecendo um animal sendo caçado.

Harry se sentou no sofá ouvindo sua tagarelice.

“Ela acha que algo terrível aconteceu”, disse Jens.

“Diga-lhe que mais de oitenta por cento dos casos de pessoas desaparecidas transformam-se em encenação”, Harry disse, como se o que ele dissera precisava ser traduzido na tagarelice de Jens.

“Eu já disse isso a ela. Mas ela acha que alguém fez algo com Runa. Ela pode sentir isso no seu coração, diz ela”.

“Bobagem”!

Jens empoleirou-se na borda de uma cadeira torcendo as mãos. Ele parecia totalmente incapaz de pensar ou agir e olhava para Harry implorando. “Runa e Hilde têm discutido muito recentemente. Fiquei imaginando que talvez... ela fugiu para punir sua mãe. Não está além do campo das possibilidades”.

Hilde Molnes tossiu, e houve movimentação no sofá. Ela sentou-se e bebeu mais um pouco de gin. A tônica havia sido esquecida há muito tempo.

“Ela fica assim às vezes”, disse Jens, como se ela não estivesse ali. E de certa forma ela não estava, Harry podia ver. O queixo dela caiu e ela estava roncando suavemente. Jens olhou para ela.

“A primeira vez que eu a conheci, ela me disse que ela bebia tônica para evitar o contágio com malária. Tônica contém quinino, você sabe. Mas o gosto é tão chato sem gim”. Ele deu um sorriso pálido e levantou o telefone novamente para verificar se o tom de discagem continuava lá. “Caso ela...”.

“Eu entendo”, disse Harry.

Eles se sentaram no terraço e ouviram a cidade. Os sons de martelos pneumáticos vibrando acima do ruído do tráfego.

“A nova autoestrada elevada”, disse Jens. “Eles estão trabalhando nisso dia e noite agora. Vai cruzar pelo bairro ali”. Ele apontou.

“Eu ouvi que um norueguês está envolvido no projeto, Ove Klipra. Você o conhece”? Harry olhou para Jens pelo canto do olho.

“Ove Klipra, sim, é claro. Nós somos o seu maior corretor. Já fiz muitas negociações de moeda para ele”.

“Ah, sim? Você sabe o que ele está fazendo no momento”?

“Claro! Ele está comprando um monte de empresas, se é isso que você quer saber”.

“Que tipo de empresas”?

“Na maior parte pequenas empresas dinâmicas e empreendedoras. Ele pretende aumentar a capacidade de poder para abocanhar uma parcela maior no contrato do BERTS através da compra de empresas subcontratadas”.

“É isso inteligente”?

O estado de espírito de Jens melhorou, obviamente aliviado por poder pensar em outra coisa. “Enquanto essas compras puderem ser financiadas, é. E, enquanto as empresas não forem pelo ralo antes dele ganhar as licenças desejadas”.

“Você conhece uma empresa chamada Phuridell”?

“Certamente”. Jens riu. “Klipra nos pediu para fazer algumas análises sobre ela e nós recomendamos a aquisição. A questão, porém, é como você sabe sobre a Phuridell”?

“Não foi uma recomendação muito feliz, não é”?

“Não, não exatamente...” Jens parecia perplexo.

“Eu pedi para alguém farejar a empresa ontem e verificamos que para todos os efeitos, ela está falida”, disse Harry.

“Isso é correto, mas o que o faz estar tão interessado na Phuridell”?

“Deixe-me colocar desta forma: eu estou mais interessado em Klipra. Você tem uma idéia geral do que ele possui. Quão duro será para ele este *problema*”?

Jens encolheu os ombros. “Normalmente, não seria um problema, mas ao longo do projeto BERTS ele financiou tantas aquisições a crédito que a coisa toda é um castelo de cartas. Um sopro de vento e podem entrar em colapso, se você sabe o que quero dizer. E então Klipra vai atingir seu limite também”.

“Então, ele comprou Phuridell por recomendação da sua companhia - ou devo dizer sua recomendação. Apenas duas semanas depois, ela vai à falência e agora há uma chance de que tudo o que ele construiu vá se

esborrachar no chão por causa do conselho do seu corretor. Eu não conheço muito sobre análise de empresas, mas eu sei que três semanas é um tempo muito curto. Ele deve ter percebido que você lhe vendeu um carro de segunda mão sem o motor. Aventureiros como você deveriam estar atrás das grades”.

A direção dos pensamentos de Harry começou a se concentrar em Jens.

“Você não quer dizer Ove Klipra...? Você está brincando”!

“Bem, eu tenho uma teoria”.

“E qual é”?

“Ove Klipra assassinou o embaixador no motel e fez com que o dedo da suspeita apontasse para você”.

Jens levantou-se. “Agora você está realmente fora de si, Harry”.

“Sente-se e escute, Jens”.

Jens caiu de volta na cadeira com um suspiro. Harry se inclinou sobre a mesa.

“Ove Klipra é um homem agressivo, não é? Um homem de ação”?

Jens hesitou. “Sim”.

“Suponha que Atle Molnes sabe algo sobre Klipra e exige uma grande soma de dinheiro justamente quando Klipra está lutando para manter a cabeça acima da água”.

“Que tipo de coisa”?

“Vamos apenas dizer que Molnes precisa de dinheiro e ele pôs as mãos em algum material que possa tornar a vida de Klipra muito desconfortável. Normalmente Klipra poderia ter sido capaz de lidar com ele, mas neste momento, já bastante apertado, a pressão é demais para ele. Ele se sente como um rato encurralado. Você está seguindo o raciocínio”?

Jens assentiu.

“Eles deixam a casa de Klipra no carro do embaixador porque Klipra insiste que eles devem fazer a entrega do material comprometedor e do dinheiro em um lugar mais discreto. O embaixador não tem objeções, e com razão. Não tenho certeza se Klipra já tinha você em mente quando desceu do carro em direção ao banco e pediu para o embaixador ir para o motel. O que ele fez para que pudesse entrar invisível no motel mais tarde. Mas então ele começa a pensar. Talvez ele possa matar dois coelhos com uma cajadada só. Ele sabe que o embaixador tinha visitado você mais cedo no período da tarde e que seria envolvido no inquérito policial de qualquer

maneira. Então ele começou a brincar com a idéia: talvez *o amável* herr Brekke não tenha um álibi para esta noite”.

“Por que diabos ele acharia isso”?

“Porque ele solicitou uma *análise de empresa* sobre você no dia anterior. Você tem sido o seu corretor por tanto tempo que ele sabe um pouco sobre como você trabalha. Talvez ele até tenha ligado de um telefone público e obteve a confirmação de que você não estava recebendo ligações e ninguém mais poderia lhe dar um álibi. Ele sentiu o gosto de sangue, agora ele quer ir mais longe e convencer a polícia que você está mentindo”.

“A gravação de vídeo”?

“Como você é conselheiro de investimentos do Klipra ele deve ter te visitado várias vezes e conhece o sistema do estacionamento. Talvez Molnes tenha mencionado, de passagem, que você o acompanhou até o carro dele, e ele sabia que você ia afirmar isso em seu depoimento à polícia. E qualquer detetive um pouco esperto iria checar isso no vídeo”.

“Então Ove Klipra subornou o atendente e o matou em seguida com ácido cianídrico? Desculpe, Harry, mas é pedir demais para eu imaginar que Ove Klipra iria regatear com um garoto negro, comprar ópio e mistura-lo com ácido cianídrico na sua cozinha”.

Harry pegou o último cigarro de seu maço; ele o estava guardando pelo maior tempo que pudesse. Ele olhou para o relógio. Na verdade não havia nenhuma razão para acreditar que Runa iria telefonar às cinco da manhã. Mas ele notou que Jens procurou ter certeza que o telefone estava ao seu alcance. Jens ofereceu-lhe o isqueiro antes que Harry tivesse a chance de encontrar o seu.

“Obrigado. Você sabe alguma coisa sobre o passado de Klipra, Jens? Você sabia que ele veio para cá como um pau para toda obra, mas na realidade ele estava fugindo da Noruega em meio a rumores feios que começaram a se espalhar”.

“Eu sabia que ele nunca terminou o curso de engenharia na Noruega, sim. O resto é novidade para mim”.

“Você acha que um refugiado como ele, alguém que já é um estranho na sociedade, teria quaisquer escrúpulos em usar os meios que fossem necessários para crescer, especialmente quando os meios são mais ou menos aceitos em toda parte? Klipra tem atuado num dos setores mais corruptos do mundo, em um dos países mais corruptos do mundo por mais de 30 anos.

Você já ouviu a canção, *Se chover, eu sou como todo mundo, vou me molhar*”?

Jens balançou a cabeça.

“O que estou dizendo é que, sendo um homem de negócios Klipra joga de acordo com as mesmas regras que todos os outros. Essas pessoas tem que ter certeza que eles não vão ficar com as mãos sujas, é por isso que contratam outras pessoas para fazer o trabalho sujo. Eu acho que Klipra ainda não sabe do que Jim Love morreu”.

Harry deu uma tragada no cigarro. O gosto não foi tão bom quanto ele imaginava que seria.

“Eu entendo”, disse Jens. “Mas há uma explicação para a falência, então eu não entendo por que ele iria me culpar. O que aconteceu foi que compramos a Phuridell de uma empresa multinacional que não tinha alavancado o preço de sua dívida, que era em dólares, uma vez que recebiam dólares de outras empresas-filhas”.

“O quê”?

“Para encurtar uma longa história - quando a multinacional entregou a posse para Klipra, o dólar ficou sob uma pressão incrível. Foi como uma bomba-relógio. Eu disse a ele para corrigir a dívida de imediato com a venda de dólar futuro, mas ele disse que iria esperar, porque o dólar estava supervalorizado. Com flutuações cambiais normais pode-se dizer que, na pior das hipóteses, ele estava correndo um risco. Mas foi pior do que um cenário de pior caso. Quando o dólar quase dobrou de valor em relação ao baht durante três semanas, a dívida da empresa dobrou também. A empresa não faliu no decorrer das três semanas, mas três *dias*”!

Jens salientou a última palavra tão alto que Hilde Molnes se contraiu e murmurou algo em seu sono. Ele olhou com preocupação e esperou até que ela virou de lado e começou a roncar novamente.

“Três dias”! Ele repetiu em um sussurro, e indicou quão curto foi o tempo com o polegar e o dedo indicador.

“Então você acha que não seria razoável ele te culpar”?

Jens balançou a cabeça. Harry apagou o cigarro; tinha sido um anticlímax.

“Pelo que eu sei de Klipra, ‘razoável’ não está em seu vocabulário. Você não deve subestimar a raia da irracionalidade da natureza humana, Jens”.

“O que você quer dizer”?

“Quando você bate em um prego e acerta o polegar, o que você joga na parede”?

“O martelo”?

“Bem, como é a sensação de ser um martelo, Jens Brekke”?

Às 05:30 Harry ligou para a delegacia de polícia, passou por três pessoas antes de encontrar alguém que pudesse falar em Inglês aceitável e ela lhe disse que não tinha visto ou ouvido nada.

“Ela vai aparecer”, disse ela.

“Tenho certeza de que vai”, disse Harry. “Eu imagino que ela está em algum hotel. Em pouco tempo ela vai ligar para pedir o café da manhã”.

“O quê”?

“Eu imagino... não importa. Obrigado pela ajuda”.

Jens o acompanhou até a porta. Harry olhou para o céu; estava clareando.

“Quando tudo isso acabar eu gostaria de pedir um favor”, disse Jens. Ele respirou fundo e sorriu timidamente. “Hilde concordou em se casar e eu preciso de um padrinho”.

Alguns segundos se passaram antes que Harry percebesse o que ele queria dizer. Ele ficou tão surpreso que não sabia o que dizer.

Jens estava estudando as pontas de seus sapatos. “Eu sei que isso soa estranho, que nós vamos nos casar logo após a morte de seu marido, mas temos as nossas razões”.

“Sim, mas...”

“Você não me conhece há muito tempo? Eu sei, Harry. No entanto, eu não seria um homem livre agora, se não fosse por você”. Ele ergueu o queixo e sorriu. “Pense no assunto de qualquer maneira”.

Quando Harry estava na rua e chamou um táxi, o céu sobre os telhados para o leste estava com relâmpagos. A nuvem de gases de escapamento, que Harry achava que tinham desaparecido durante a noite, apenas havia se fixado entre as casas para repousar. Agora ela se erguia e com o sol surgindo fazia parte de um magnífico nascer do sol vermelho. Eles dirigiram ao longo da Silom Road, e os pilares da BERTS lançavam longas sombras silenciosas sobre o asfalto, como dinossauros adormecidos.

Harry sentou-se na cama, olhando para a mesa de cabeceira. Ele tinha se esquecido completamente das cartas até agora. Ele pegou o envelope mais

recente e rasgou-o com a chave. Talvez fosse porque os dois envelopes eram idênticos que ele tinha assumido que eram de Runa. Fora digitado, impresso numa impressora a laser, breve e direto ao ponto:

*Harry Hole. Eu posso ver você. Não se aproxime. Ela será devolvida sã e salva quando você estiver no avião para casa. Eu posso encontrá-lo em qualquer lugar. Você está sozinho, muito sozinho. Número 20*

Ele sentiu como se alguém o tivesse agarrado ao redor do pescoço e teve que se levantar para respirar.

Isso não está acontecendo, pensou. Isso *não pode* acontecer - não novamente.

*Eu posso ver você... Número 20.*

*Ele sabe o que eles sabem.*

*Você está sozinho.*

Alguém tinha falado. Ele pegou o telefone, mas colocou na base novamente. Pense, pense. Woo não tinha levado nada. Ele levantou o receptor novamente e desenroscou o bocal. Ao lado do microfone, que deveria estar lá, estava um pequeno objeto preto semelhante a um chip. Harry já os tinha visto antes. Era um modelo russo, provavelmente melhor do que os que a CIA usava.

O latejar do seu pé entorpeceu todas as outras dores quando ele deu um chute tão violento na mesa de cabeceira que a mandou pelos ares.

## Quarta-Feira 22 de Janeiro

LIZ levou a xícara de café à boca e sorveu tão alto que Løken olhou para Harry com uma sobrancelha erguida, como se perguntasse que criatura era essa. Eles estavam no Millie's Karaokê. De uma foto na parede uma Madonna platinum-blonde olhava para eles com um olhar faminto, enquanto uma versão digitalizada sem a voz de *'I Just Called to Say I Love You'* tocava alegremente. Harry tentou desligar com o controle remoto. Eles haviam lido a carta e ninguém tinha respondido ainda. Harry achou o botão correto e a música parou abruptamente.

“Isso é o que eu tinha para lhes dizer”, disse Harry. “Como vocês podem ver, temos um vazamento”.

“E sobre o bug que você acha que Woo colocou no seu telefone”? Løken perguntou.

“Não explica como essa pessoa sabe que estamos atrás dela. Eu não falei muito sobre isso no telefone. De qualquer forma, a partir de agora, sugiro que nos encontremos aqui. Se encontrarmos o informante ele pode nos levar até Klipra, mas eu não acho que devemos começar por aí”.

“Por que não”? Liz perguntou.

“Tenho a sensação de que o informante está tão bem disfarçado quanto Klipra”.

“Sério”?

“Ao escrever essa carta Klipra está revelando que ele recebe informações de dentro. Ele nunca faria isso se tivéssemos qualquer chance de encontrar a fonte”.

“Por que não fazer a pergunta mais óbvia”? Løken perguntou. “Como você sabe que o informante não é um de nós”?

“Eu não sei. Mas se for, nós já estamos perdidos, então vamos ter que correr o risco”.

Os outros concordaram.

“Escusado será dizer que o tempo está contra nós. É igualmente desnecessário dizer que as probabilidades estão contra a garota. Setenta por cento dos sequestros deste tipo acabam com a vítima sendo morta”. Ele tentou dizer isso num tom o mais neutro possível, e evitou encara-los nos olhos por ter certeza de que tudo o que pensava e sentia estava escrito nos seus olhos.

“Então, por onde é que vamos começar”? Liz perguntou.

“Começamos eliminando”, disse Harry. “Eliminando onde ela *não* está”.

“Bem, contanto que ele está com a garota é improvável que tenha cruzado quaisquer fronteiras internacionais”, disse Løken. “Ou que tenha se registrado num hotel”.

Liz concordou. “Ele provavelmente está em algum lugar onde podem ficar escondidos por muito tempo”.

“Ele está sozinho”? Harry perguntou.

“Klipra não está associado a qualquer uma das famílias do crime”, disse Liz. “O tipo de crime organizado no qual ele está envolvido não mexe com sequestro. Encontrar alguém para cuidar de um viciado em ópio como Jim Love não é tão difícil. Mas raptar uma menina branca, filha de um embaixador... Qualquer um que ele tentasse contratar teria checado tudo antes de concordar. Eles teriam imaginado que toda a força policial estaria sobre eles se aceitassem o trabalho”.

“Então você acha que ele está sozinho”?

“Como eu disse, ele não pertence a uma das famílias. Dentro dessas famílias há lealdades e tradições. Mas Klipra poderia usar contratantes em quem nunca poderia confiar cem por cento. Mais cedo ou mais tarde eles iriam descobrir por que ele queria a menina e eles poderiam usá-la contra ele. O fato de ter eliminado Jim Love sugere que ele vai fazer de tudo para proteger sua identidade”.

“OK, vamos supor que ele está operando solo. Onde ele poderia esconder ela”?

“Tem um monte de locais”, disse Liz. “Suas empresas devem possuir uma grande quantidade de propriedades, e algumas delas têm de estar desocupada”.

Løken tossiu alto, recuperou o fôlego novamente e engoliu.

“Eu já suspeitava há muito tempo que Klipra tem um ninho de amor secreto. Numa ocasião, ele levou dois meninos no carro e ficou lá até a manhã seguinte. Eu nunca consegui rastrear o local; certamente não está registrado em nenhum lugar. Mas é óbvio que deve ser algum lugar em que ele fica em paz, algum lugar não muito longe de Bangkok”.

“Podemos encontrar qualquer um dos meninos e perguntar-lhes”? disse Harry.

Løken deu de ombros e olhou para Liz.

“É uma cidade grande”, disse ela. “Pela nossa experiência estes meninos desaparecem como orvalho no sol da manhã no minuto em que começamos a procurar por eles. Além disso, teríamos de envolver muitas outras pessoas”.

“OK, esqueça” disse Harry. “Nós não podemos arriscar que Klipra fareje o que estamos fazendo”.

Harry batia uma caneta ritmicamente contra a borda da mesa. Para sua irritação, notou que ‘*I Just Called to Say I Love You*’ ainda estava zumbindo em volta da sua cabeça.

“Então, para resumir, assumimos que Klipra realizou este sequestro por conta própria e que está em algum lugar nos arredores de Bangkok”.

“O que fazemos agora”? Løken perguntou.

“Estou indo para Pattaya”, disse Harry.

Ele estava à margem naquele cenário de expatriados. Harry não se sentia muito importante com relação a isso, apenas outro norueguês buscando um clima melhor. Roald Bork parecia o mesmo que havia encontrado no funeral, os mesmos animados olhos azuis e a corrente de ouro em exposição. Ele estava de pé na porta quando Harry encostou o grande Toyota 4×4 na frente de sua casa. A poeira assentou no cascalho, enquanto Harry lutava com o cinto de segurança e a chave de ignição. Como de costume, ele não estava preparado para o calor que o atingiu quando abriu a porta e, instintivamente, respirou ofegante. Havia um sabor salgado no ar, que lhe dizia que o mar estava bem atrás dos cumes baixos.

“Ouvi você chegando pela entrada de carros”, disse Bork. “Um veículo bem razoável esse, não é”?

“Eu aluguei o maior que eles tinham”, disse Harry. “Eu aprendi que lhe dá uma espécie de prioridade. Você precisa com todos esses malucos dirigindo à esquerda”.

Bork riu. “Você encontrou a nova autoestrada que lhe falei”?

“Sim, achei. Só que ainda não está terminada, de modo que fecharam com sacos de areia em alguns lugares. Mas todo mundo passou por cima deles, e eu segui o exemplo”.

“Isso soa como correto”, disse Bork. “Não é muito legal e não é muito ilegal. Não é admirável que possamos nos apaixonar por este país”?

Eles tiraram os sapatos e entraram na casa. As lajotas de pedra, frias, aguilhoaram os pés descalços de Harry. Na sala, havia fotos de Fridtjof

Nansen, Henrik Ibsen e da família real norueguesa. Em outra um menino estava sentado numa cômoda com olhos vesgos fixos na câmera. Ele devia ter uns dez anos e tinha uma bola de futebol debaixo do braço. Documentos e jornais estavam arrumados em pilhas sobre a mesa da sala de jantar e do piano.

“Eu venho tentando organizar a minha vida um pouco”, disse Bork. “Descobrir o que aconteceu e por que”.

Ele apontou para uma das pilhas. “Esses são os papéis do divórcio. Eu fico olhando para eles e tento lembrar”.

Uma menina entrou carregando uma bandeja. Harry provou o café que ela serviu e olhou para ela, intrigado quando percebeu que estava gelado.

“Você é casado, Hole”? perguntou Bork.

Harry balançou a cabeça.

“Muito bom. Mantenha distancia. Mais cedo ou mais tarde elas vão tentar dar um golpe em cima de você. Eu tenho uma esposa que me arruinou e um filho adulto que está tentando fazer o mesmo. E eu não consigo imaginar o que eu fiz para eles”.

“Como você veio parar aqui”? Harry perguntou, tomando um gole. Na verdade, não era tão ruim assim.

“Eu trabalhava para a Televerket aqui quanto eles estavam instalando um par de centrais telefônicas para uma empresa de telefonia tailandesa. Após a terceira viagem eu nunca mais voltei”.

“Nunca”?

“Eu era divorciado e tinha tudo o que precisava aqui. Por um tempo eu acreditei seriamente que ansiava por um verão norueguês, fiordes e montanhas e, bem, você sabe, todas essas coisas”. Ele acenou com a cabeça na direção das imagens na parede, como se pudessem preencher o resto. “Então eu viajei para a Noruega por duas vezes, mas em ambas eu já estava de volta numa semana. Eu não podia suportar aquilo, ansiava por estar aqui desde o momento em que punha os pés em solo norueguês. Eu percebi então que eu pertencço a este lugar”.

“O que você faz”?

“Eu sou um consultor de telecomunicações quase aposentado, eu aceito trabalhos ocasionais, mas não muitos. Eu tento trabalhar pelo tempo que me resta e pelo quanto eu vou precisar nesse período. Eu não quero deixar uma única moeda para os abutres”. Ele riu e abanou com a mão sobre os papéis do divórcio, como se afastando para longe um mau cheiro.

“E quanto a Ove Klipra? Por que ele ainda está aqui”?

“Klipra? Hm, acho que ele tem uma história semelhante para contar. Nenhum de nós tinha muito boas razões para voltar”.

“Klipra provavelmente tinha boas razões para não voltar”.

“Toda essa fofoca é uma bobagem absoluta. Se Ove tivesse sido esse tipo de coisa eu nunca teria nada a ver com ele”.

“Tem certeza”?

Os olhos de Bork brilharam. “Houve alguns noruegueses que vieram para cá por razões erradas. Como você sabe eu sou uma espécie de figura importante no círculo norueguês em Bangkok, e nós sentimos certa responsabilidade por aquilo que os nossos compatriotas fazem aqui. A maioria de nós é decente, e fizemos tudo o que tinha de ser feito. Esses malditos pedófilos destruíram a reputação de Pattaya, a tal ponto que, quando as pessoas nos perguntam onde moramos muitos começaram a responder com bairros como Naklua e Jomtien”.

“O que é exatamente ‘o que tinha que ser feito’”?

“Deixe-me colocar desta forma, dois voltaram para casa e um infelizmente nunca pode fazer isso”.

“Ele pulou de uma janela”? Harry sugeriu.

Bork deu uma risada retumbante. “Não, nós não fomos tão longe. Mas foi provavelmente a primeira vez que a polícia recebeu uma denúncia anônima em tailandês com um sotaque de Nordland”.

Harry sorriu. “Seu filho”? Ele fez um gesto em direção à fotografia sobre a cômoda.

Bork parecia um pouco surpreso, mas concordou.

“Parece um bom rapaz”.

“Ele era”. Bork sorriu com os olhos tristes e repetiu: “Ele era”.

Harry olhou para o relógio. A viagem de Bangkok tinha demorado quase três horas, mas ele dirigiu como um principiante até que relaxou um pouco nos quilômetros finais. Talvez a viagem de volta demorasse em torno de duas horas. Ele retirou três fotos da sua pasta e colocou-as sobre a mesa. Løken tinha feito ampliações de 24x30 centímetros para provocar o maior choque possível.

“Acreditamos que Ove Klipra tem um refúgio perto de Bangkok. Você vai nos ajudar”?

## Quarta-Feira 22 de Janeiro

Sis parecia feliz no telefone. Ela conheceu um rapaz, Anders. Ele tinha acabado de se mudar para Sogn, no mesmo corredor, e era um ano mais novo do que ela.

“Ele usa óculos também. Mas isso não importa, porque ele é lindo de morrer”.

Harry riu e visualizou o rosto feliz de Sis.

“Ele é absolutamente louco. Ele acha que eles vão nos deixar ter filhos juntos. Imagine isso”.

Harry apenas ‘imaginou isso’ e reconheceu que poderia haver algumas conversas difíceis no futuro. Mas neste momento ele estava feliz por Sis estar tão contente.

“Por que você está triste”? A pergunta veio acompanhada de um suspiro, como uma extensão natural da notícia de que seu pai tinha ido visitá-la.

“Estou triste”? Harry perguntou, ciente de que Sis sempre conseguia diagnosticar o seu estado de espírito melhor do que ele próprio.

“Sim, você está triste com alguma coisa. É a garota sueca”?

“Não, não é Birgitta. Há algo que está me incomodando agora, mas em breve estará OK. Eu vou resolver isso”.

“Bom”.

Houve um silêncio, como se Sis não estivesse mais lá. Harry disse que era melhor desligar.

“Harry”?

“Sim, Sis”?

Podia ouvi-la se preparando.

“Você acha que poderíamos esquecer tudo”?

“Tudo o que”?

“Você sabe, o homem. Anders e eu, nós... nós estamos tendo bons momentos. Eu não quero pensar em mais nada”.

Harry ficou em silêncio. Então ele respirou fundo. “Ele atacou você, Sis”.

As lágrimas apareceram em sua voz de repente. “Eu sei. Você não tem que me dizer de novo. Eu não quero pensar mais nisso, eu estou dizendo a você”.

Ela fungou, e Harry sentiu seu peito apertar.

“Por favor, Harry”?

Ele podia sentir que estava esmagando o telefone. “Não pense nisso. Não pense nisso, Sis. Tudo vai ficar bem”.

Eles ficaram deitados no capim-elefante durante quase duas horas esperando o sol se pôr. A uma centena de metros de distância, à beira de um bosque, estava uma pequena casa construída em estilo tailandês tradicional com bambu e madeira, e com um pátio aberto no meio. Não havia um portão, só um caminho coberto de cascalho até a porta principal. Na frente havia o que parecia ser uma gaiola colorida pendurada num poste. Era um *phra phum*, um santuário para o espírito protetor de um lugar.

“O proprietário tem que apaziguar os espíritos para que eles não entrem na casa”, disse Liz, esticando as pernas. “Então você tem que oferecer-lhes alimentos, incensos, cigarros e assim por diante para mantê-los felizes”.

“E isso é o suficiente”?

“Não neste caso”.

Eles não tinham ouvido ou visto qualquer sinal de vida. Harry tentou pensar em outra coisa, e não sobre o que poderia estar lá dentro. Só tinha levado uma hora e meia de carro desde Bangkok, mas ainda era como se eles houvessem chegado a outro mundo. Eles conseguiram estacionar atrás de uma cabana à beira da estrada, ao lado de um chiqueiro, e tinha encontrado um caminho que conduzia até uma encosta íngreme e arborizada que levava até uma área plana, onde Roald Bork tinha explicado que ficava a casinha de Klipra. O bosque estava verde, o céu azul, e pássaros de todas as cores do arco-íris voavam sobre Harry enquanto ele estava deitado de costas ouvindo o silêncio. No começo, ele pensou que tinha algodão nos ouvidos antes de perceber o que era: ele não tinha ficado com silêncio ao seu redor desde que deixara Oslo.

Quando a noite caiu o silêncio acabou. Tinha começado com arranhados dispersos e zumbidos, como uma orquestra sinfônica afinando seus instrumentos. Em seguida, o show começou com grasnados e cacarejos e subiu em um crescendo quando os uivos e gritos estridentes vindo das árvores e se juntaram à orquestra.

“Todos esses animais estavam aqui antes”? Harry perguntou.

“Não me pergunte”, disse Liz. “Eu sou uma garota da cidade”.

Harry sentiu algo frio e escorregadio contra sua pele e puxou a mão.

Løken riu. “São apenas os sapos saindo para o seu passeio noturno”, disse ele. E, para confirmar, logo havia muitos sapos ao redor deles, aparentemente pulando para onde o seu humor mandava.

“Bem, desde que sejam apenas sapos, tudo bem”, disse Harry.

“Os sapos são alimentos também”, disse Løken. Ele puxou um capuz preto sobre a cabeça. “Onde há sapos também há cobras”.

“Você está brincando”!

Løken encolheu os ombros.

Harry não tinha nenhum desejo de conhecer a verdade, mas não pode deixar de perguntar. “Que tipo de cobras”?

“Cinco ou seis diferentes variedades de cobra, a cobra verde, a víbora de Russell e mais uma boa variedade delas. Cuidado. Dizem que das trinta variedades mais comuns na Tailândia vinte e seis são venenosas”.

“Merda. Como você reconhece se elas são venenosas”?

Løken deu-lhe o seu olhar ‘pobre recruta’ novamente. “Harry, ponderando as probabilidades, eu acho que você deve apenas assumir que todas elas são venenosas”.

Eram oito horas.

“Eu estou pronta”, disse Liz, impaciente e verificando pela terceira vez se o Smith & Wesson 650 estava carregado.

“Assustada”? Perguntou Løken.

“Só de que o Chefe de Polícia descubra o que está acontecendo antes de conseguirmos terminar isto”, disse ela. “Você sabe qual é a expectativa média de vida de um guarda de trânsito em Bangkok”?

Løken colocou a mão em seu ombro.

“OK, vamos lá”. Liz correu de cabeça abaixada através da grama alta e desapareceu na escuridão.

Løken estudou a casa com seus binóculos, enquanto Harry cobria a frente com o rifle de caçar elefantes que Liz havia requisitado no depósito de armas da polícia, juntamente com um revólver, um Ruger SP101. Ele não estava acostumado a usar um coldre de perna, mas coldres de ombro não eram recomendados em lugares onde casacos não fosse um item prático de vestuário. A lua cheia estava alta no céu e iluminava suficientemente para mostrar os contornos das janelas e portas.

Liz piscou sua lanterna uma vez, o sinal de que ela estava em posição sob uma janela.

“Sua vez, Harry”, disse Løken quando percebeu que ele hesitava.

“Merda, você tinha de mencionar as cobras”? Harry disse, verificando se estava com a faca no cinto.

“Você não gosta delas”?

“Bem, as que eu já conheci causaram uma péssima primeira impressão”.

“Se você for mordido, certifique-se de pegar a cobra, então você irá receber o antídoto certo. Então não importará se você for mordido pela segunda vez”.

Harry não podia ver se Løken estava sorrindo na escuridão, mas achou que estava.

Harry correu para a casa que surgia indistinta na noite. Como ele estava correndo, parecia que a silhueta feroz da cabeça de dragão no cume do telhado estava em movimento. No entanto, a casa parecia muito morta. O cabo da marreta na mochila batia contra suas costas. Ele tinha parado de pensar em cobras.

Ele chegou à segunda janela, sinalizou para Løken e se agachou. Foi uma corrida relativamente longa; e, provavelmente, era por isso que seu coração estava batendo tão forte. Ele ouviu uma leve respiração ao seu lado. Era Løken.

Harry tinha sugerido gás lacrimogêneo, mas Løken havia rejeitado a idéia porque estariam muito perto. O gás iria impedi-los de ver alguma coisa, e eles não tinham nenhum motivo para acreditar que Klipra estava esperando por eles com uma faca na garganta de Runa.

Løken ergueu um punho para Harry como um sinal.

Harry acenou com a cabeça e pode sentir que sua boca estava seca, um sinal claro de que a adrenalina estava sendo bombeada nas suas veias nas quantidades certas. A coronha da arma estava úmida em suas mãos. Ele verificou que a porta abria para dentro antes que Løken levantasse a marreta.

O luar se refletiu sobre o ferro, e por um breve segundo, ele se parecia com um jogador de tênis sacando antes da marreta descer com força suficiente para quebrar a fechadura com um estrondo.

No momento seguinte, Harry estava lá dentro, e a luz da sua lanterna estava circulando pela sala. Viu-a imediatamente, mas a luz se moveu, como se agindo contra suas próprias instruções. Prateleiras de cozinha, geladeira, um banco, um crucifixo. Ele não conseguia mais ouvir os ruídos de animais. Ele foi transportado de volta para Sydney, e ouvia apenas o som de correntes, ondas batendo no lado de um barco numa marina, e as

gaivotas gritando, talvez porque Birgitta estava deitada no convés e morta para sempre.

Uma mesa com quatro cadeiras, um armário, duas garrafas de cerveja, um homem no chão, não se movia, sangue sob a cabeça, a mão escondida pelo seu cabelo, uma arma debaixo da cadeira, um quadro de um prato com frutas e um vaso vazio. *Stilleben. Natureza morta.* A luz da lanterna focou sobre ela novamente e ele a viu outra vez: a mão, apontando para cima contra a perna da mesa. Ele ouviu a voz de Runa: ‘Você pode sentir isso? Você pode ter a vida eterna’! Como se ela estivesse tentando atrair a energia para um protesto final contra a morte. Uma porta, um freezer horizontal, um espelho. Antes que ele ficasse cego, viu-se por um breve instante - uma figura com roupas pretas com um capuz sobre a cabeça. Ele parecia um carrasco. Harry deixou a lanterna cair.

“Você está bem”? Liz perguntou, colocando a mão em seu ombro. Ele pretendia responder, abriu a boca, mas nada saiu.

“Este é Ove Klipra, com certeza”, Løken disse. Ele se agachou perto do homem morto, a cena iluminada por uma lâmpada nua no teto. “Que estranho. Estive observando esse cara por meses”. Ele colocou a mão na testa do homem.

“Não toque”!

Harry agarrou o colarinho de Løken e puxou-o para cima. “Não faça isso...”! Ele soltou rapidamente. “Desculpe, eu... só não toque em nada. Ainda não”.

Løken não disse nada, e olhou para ele. Liz estava novamente com sua ruga profunda entre as sobrancelhas inexistentes.

“Harry”?

Ele se deixou cair numa cadeira.

“Agora acabou, Harry. Sinto muito, todos sentimos muito, mas acabou”.

Harry balançou a cabeça.

Ela se inclinou sobre ele e colocou uma mão grande e quente em seu pescoço. A maneira como sua mãe costumava fazer. Merda, merda, merda.

Levantou-se, afastou-a e foi para fora. Ele podia ouvir os sussurros de Liz e Løken dentro da casa. Ele olhou para o céu, procurou uma estrela, mas não conseguiu encontrar nenhuma.

Era quase meia-noite quando Harry bateu na porta. Hilde Molnes abriu. Ele olhou para baixo; ele não havia telefonado antes e podia sentir pela respiração dela que logo ela estaria em lágrimas.

Sentaram-se um diante do outro na sala de estar. Ele não conseguia ver nenhuma gota na garrafa de gin, e ela parecia lúcida o suficiente. Ela enxugou as lágrimas. “Ela estava treinando nos saltos ornamentais, você sabia”?

Ele acenou com a cabeça.

“Mas eles não a deixavam participar de competições normais. Eles disseram que os juízes não saberiam como avaliar os saltos dela. Algumas pessoas disseram que era injusto. Mergulhar com apenas um braço dava-lhe alguma vantagem”.

“Sinto muito”, disse ele. Foi a primeira coisa que ele disse desde que chegara.

“Ela não sabia”, disse ela. “Se soubesse, não teria falado comigo daquele jeito”. Seu rosto se contorceu, ela chorou e as lágrimas desceram pelas rugas, sua boca como pequenos riachos.

“Não sabia do que, fru Molnes”?

“Que eu estou doente”! ela gritou, e escondeu o rosto entre as mãos.

“Doente”?

“Por qual outro motivo eu iria me anestesiá-lo deste jeito? Meu corpo será comido em breve. Está podre, apenas células mortas”.

Harry não disse nada.

“Eu queria dizer a ela”, ela sussurrou entre os dedos. “Os médicos me deram seis meses. Mas eu queria dizer a ela em um bom dia”.

Sua voz era quase inaudível. “Mas não havia dias bons”.

Harry, incapaz de ficar sentado, pôs-se de pé. Caminhou até a grande janela com vista para o jardim, evitou as fotos de família na parede, porque ele sabia que seus olhos se encontrariam lá. A lua se refletia na piscina.

“Eles já ligaram, os homens para quem seu marido devia dinheiro”?

Ela baixou as mãos. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar e feios.

“Eles ligaram, mas Jens estava aqui e falou com eles. Desde então, eu não ouvi nada”.

“Então ele cuida de você, não é”?

Harry se perguntou por que havia feito todas aquelas questões. Talvez tivesse sido uma desastrosa tentativa de consolá-la, para lembrá-la que ela

ainda tinha alguém.

Ela assentiu em silêncio.

“E agora você vai se casar”?

“Tem alguma objeção”?

Harry virou-se para ela. “Não, por que eu deveria”?

“Runa...” Ela não conseguiu ir mais longe, e as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto novamente. “Eu ainda não experimentei muito amor na minha vida, Hole. É pedir demais querer a felicidade alguns meses antes do final? Será que não mereço”?

Harry observou uma pequena pétala flutuando na piscina. Lembrou-se dos cargueiros da Malásia.

“Você o ama, fru Molnes”?

No silêncio que se seguiu ele se preparou para ouvir uma fanfarra.

“Amá-lo? O que isso importa? Eu sou capaz de imaginar que eu o amo. Eu acho que poderia amar qualquer um que me amasse. Você entende”?

Harry olhou para o bar. Estava a somente três passos de distância. Três passos, dois cubos de gelo e um copo. Ele fechou os olhos e pode ouvir o tilintar dos cubos de gelo no copo, o murmúrio da garrafa enquanto derramava o líquido marrom e, finalmente, o chiado da soda se misturando com o álcool.

## Quinta-Feira 23 de Janeiro

Eram sete horas da manhã quando Harry voltou à cena do crime. As cinco ele tinha desistido de tentar dormir, vestiu-se e entrou no carro alugado guardado no estacionamento. Não havia ninguém por perto, a equipe forense tinha terminado naquela noite e não iria voltar dentro de uma hora, pelo menos. Ele empurrou a fita laranja da polícia de lado e entrou.

Parecia muito diferente na luz do dia: sossegado e bem conservado. Somente o sangue e os contornos de giz de dois corpos no chão de madeira áspera eram testemunhos de que era a mesma sala em que ele tinha estado na noite anterior.

Eles não encontraram uma carta, mas ninguém tinha dúvidas sobre o que tinha acontecido. A pergunta era mais por que Ove Klipra tinha atirado nela e depois se suicidou. Será que ele reconheceu que o jogo tinha acabado? Neste caso, porque apenas não deixa-la ir embora? Talvez não tivesse sido planejado, será que ele atirou enquanto ela estava tentando escapar ou porque ela havia dito alguma coisa que fez com que ele se sentisse sobre fio da navalha? E depois atirou em si mesmo? Harry coçou a cabeça.

Ele estudou o esboço do giz do corpo dela e do sangue que ainda não tinha sido lavado. Klipra atirou nela no pescoço com a arma que tinham encontrado, um Dan Wesson. A bala passou direto por ela, rasgando a artéria principal, que tinha conseguido bombear tanto sangue que atingiu a pia da cozinha antes do coração parar de bater. O médico disse que ela tinha perdido a consciência imediatamente porque seu cérebro não recebeu oxigênio suficiente e ela morreu depois de três ou quatro batidas do coração. Um buraco na janela mostrava onde Klipra estava de pé quando atirou nela. Harry estava dentro da silhueta de giz do corpo de Klipra. O ângulo estava certo.

Ele olhou para o chão.

O sangue formava um halo negro coagulado, onde sua cabeça tinha estado. Isso era tudo. Ele tinha dado um tiro na sua boca. Harry viu que o pessoal da perícia havia marcado o local onde a bala tinha entrado na parede dupla de bambu. Ele imaginou como Klipra tinha se deitado, virado

a cabeça e olhado para ela, talvez se perguntando aonde ela estava agora antes de puxar o gatilho.

Ele saiu e encontrou o lugar por onde a bala saiu. Ele olhou através da abertura e olhou diretamente para a pintura na parede oposta. Natureza Morta. Estranho, ele pensou que estaria olhando para a silhueta de Klipra. Ele continuou em direção ao lugar onde tinham ficado deitados na grama no dia anterior, tentando não esbarrar em répteis, e parou perto da casa dos espíritos. Uma imagem sorridente de um pequeno Buda com um estômago enorme e redondo ocupava a maior parte do espaço, junto com algumas flores murchas em um vaso, quatro cigarros de filtro e um par de velas parcialmente queimadas. Uma pequena cavidade branca na parte de trás da imagem de cerâmica mostrou onde a bala tinha se alojado. Harry tirou o canivete suíço e retirou um pedaço disforme de chumbo. Ele virou-se para a casa. A bala havia viajado em linha reta horizontal. Klipra naturalmente estava de pé quando atirou em si mesmo. Por que ele pensou que estivesse deitado?

Ele caminhou de volta para a casa. Algo não estava certo. Tudo parecia tão bonito e arrumado. Ele abriu a geladeira. Vazia, nada para manter duas pessoas vivas. Um aspirador de pó caiu e bateu no seu dedão do pé quando abriu o armário da cozinha. Ele praguejou e levantou-o novamente, mas o aspirador caiu de novo antes que pudesse fechar a porta. Olhando mais de perto, ele viu um gancho para pendurar o aspirador.

Um método, ele pensou. Há um método aqui. Mas alguém andou mexendo com ele.

Ele tirou as garrafas de cerveja de cima do freezer e abriu. Carne vermelha e pálida brilhou na frente dele. Não estava empacotada, apenas arrumada em pedaços grandes, e em alguns lugares o sangue tinha congelado numa película preta. Ele levantou um pedaço, examinou-o antes de amaldiçoar sua imaginação mórbida e colocou-o de volta. Parecia normal, simplesmente carne de porco.

Harry ouviu um som e girou. Uma figura estava congelada na porta. Era Løken.

“Jesus, você me assustou, Harry. Eu tinha certeza de que o lugar estava vazio. O que você está fazendo aqui?”

“Nada. Farejando. E você?”

“Só queria ver se havia quaisquer documentos que poderíamos usar no caso de pedofilia por aqui”.

“Para que? Esse caso deve ser encerrado e enterrado agora que ele está morto, não é”?

Løken encolheu os ombros. “Precisamos de evidências sólidas de que fizemos a coisa certa porque, não há dúvida, nossa vigilância ficará sob os holofotes agora”.

Harry olhou para Løken. Será que ele parecia estar tenso?

“Pelo amor de Deus, você tem as fotos. Que prova melhor você poderia encontrar”?

Løken sorriu, mas não o suficiente para Harry poder ver o seu dente de ouro. “Você pode estar certo, Harry. Provavelmente sou apenas um velho nervoso que quer ter a certeza absoluta. Você encontrou alguma coisa”?

“Isto”, Harry disse, mostrando a bala de chumbo.

“Hmm”. Løken examinou-a. “Onde você encontrou isso”?

“Na casa do espírito ali. E eu não posso imaginar o porquê”.

“Por que não”?

“Significa que Klipra devia estar de pé quando atirou em si mesmo”.

“E daí”?

“Então o sangue teria espirrado por todo o chão da cozinha. Mas não há sangue vindo dele, exceto onde ele estava deitado. E mesmo assim não é muito”.

Løken segurou a bala entre as pontas dos dedos. “Você não ouviu falar do efeito de vácuo em casos de suicídio”?

“Explique”.

“Quando uma vítima expira o ar de seus pulmões e fecha a boca em torno de um cano da arma, haverá um vácuo, o que significa que o sangue vai correr para a boca em vez de para fora do orifício de saída. De lá, ele vai para o estômago e deixa para trás esses pequenos mistérios”.

Harry olhou para Løken. “Isso é novidade para mim”.

“Seria chato se você soubesse de tudo com a idade de trinta e poucos anos”, disse Løken.

Tonje Wiig tinha ligado para dizer que todos os grandes jornais noruegueses haviam telefonado e o mais sanguinário deles havia anunciado sua chegada iminente em Bangkok. Na Noruega, as manchetes estavam concentradas, neste momento, na filha do embaixador recentemente falecido. Ove Klipra era, apesar de seu status em Bangkok, um nome desconhecido em casa. Era verdade que ele havia sido entrevistado pelo

*Kapital* alguns anos atrás, mas como nem Per Ståle Lønning nem Anne Grosvold convidaram-no para seus programas, ele havia escapado da atenção do público.

‘A Filha do Embaixador’ e o ‘Magnata Norueguês Desconhecido’ tinham sido ambos reportados como mortos a tiros, provavelmente por ladrões.

Na Tailândia, no entanto, fotos de Klipra estavam estampadas em todos os jornais. O jornalista do *Bangkok Post* questionou a teoria da polícia sobre um ladrão. Ele escreveu que não se podia descartar a possibilidade de que Klipra havia assassinado Runa Molnes e depois cometeu suicídio. O jornal também especulou livremente sobre quais as consequências que isso poderia ter sobre o projeto BERTS. Harry ficou impressionado.

No entanto, ambos os países enfatizaram que as informações divulgadas pela polícia tailandesa tinham sido muito vagas.

Harry dirigiu-se à porta da residência de Klipra e tocou a buzina. Ele tinha que admitir que começava a gostar da grande Jeep Toyota. O guarda saiu e Harry abriu a janela.

“Polícia. Liguei para você”, disse ele.

O guarda deu-lhe um olhar obrigatório de guarda antes de abrir o portão.

“Você poderia destravar a porta da frente para mim”? Harry pediu.

O guarda saltou para o estribo e Harry sentiu seus olhos examinando-o. Harry estacionou na garagem. O guarda sacudiu seu molho de chaves.

“A porta principal está do outro lado”, disse ele, e Harry quase deixou escapar que ele já sabia. Quando o guarda inseriu a chave na fechadura e estava prestes a gira-la, ele se virou para Harry. “Eu já não vi você antes, senhor”?

Harry sorriu. O que poderia ter sido? A loção pós-barba? O sabonete que ele usou? Dizem que o cheiro é a sensação que o cérebro se recorda melhor.

“Muito improvável”.

O guarda devolveu o sorriso. “Desculpe, senhor. Deve ter sido outra pessoa. Eu não consigo ver muita diferença entre *farangs*”.

Harry revirou os olhos, mas então ele parou no meio. “Diga-me, você se lembra de um carro azul da embaixada vindo aqui antes de Klipra morrer”?

O guarda assentiu. “Não tenho problema em me lembrar de carros. Foi um *farang* também”.

“Como era ele”?

O guarda riu. “Como eu disse...”.

“O que ele estava vestindo”?

Ele balançou a cabeça.

“Um terno”?

“Acho que sim”.

“Um terno amarelo. Amarelo, como gema de ovo”?

O guarda franziu a testa e fitou-o com um olhar. “Ovo? Ninguém veste um terno cor de ovo”.

Harry encolheu os ombros. “Bem, algumas pessoas vestem”.

Ele parou no salão onde Løken e ele tinham entrado e estudou um círculo pequeno e redondo na parede. Parecia que alguém tentou pendurar um quadro, mas havia desistido de tentar colocar o parafuso.

Ele foi até o escritório, folheou os documentos, em sua maioria de forma aleatória, ligou o computador e foi solicitada uma senha. Ele tentou ‘MAN U’. Incorreto.

Linguagem polida, Inglês.

‘Old Trafford’. Também não era o nome do estádio do Manchester United.

Uma última tentativa antes de ser bloqueado automaticamente. Ele olhou ao redor tentando encontrar uma pista na sala. Qual era a sua? Ele riu. Claro. A senha mais comum na Noruega. Ele cuidadosamente digitou as letras P-A-S-S-W-O-R-D, em seguida, pressionou *Enter*.

A máquina pareceu hesitar por um segundo. Em seguida, ela desligou-se e ele entendeu a mensagem não muito educada, preto no branco, que o acesso tinha sido recusado.

“Merda”.

Ele tentou ligar e desligar a máquina, mas aparecia apenas uma tela branca.

Folheou mais papéis, encontrou uma lista recente dos acionistas da Phuridell. Um novo acionista, Ellem Ltd, foi listada com três por cento das ações. Ellem. Uma idéia maluca atingiu Harry, mas ele rejeitou.

No fundo de uma gaveta encontrou o manual do dispositivo de gravação. Ele olhou para o relógio e suspirou. Ele teria que começar a ler. Depois de meia hora, ele estava rodando a fita. A voz de Klipra balbuciando em tailandês na maior parte, mas ouviu Phuridell ser mencionada um par de vezes. Depois de três horas, ele desistiu. A conversa com o embaixador no

dia do crime simplesmente não estava em nenhuma das fitas. Nem mais nenhuma outra gravação naquele dia, umazinha sequer. Enfiou uma das fitas no bolso, desligou a máquina e fez questão de dar um chute no computador quando saiu.

## Sexta-Feira 24 de Janeiro

Ele não estava muito sentido. Participar do funeral era como assistir a um programa de televisão repetido. Mesmo lugar, mesmo sacerdote, mesmo ataúde, mesmo choque nos olhos quando você sai para o sol após a cerimônia, e as mesmas pessoas de pé no alto da escada olhando umas para as outras em dúvida. Quase as mesmas pessoas. Harry disse olá para Roald Bork.

“Você os encontrou, não é”? Foi tudo o que ele disse. Havia um véu cinza sobre os olhos antes tão alertas; ele parecia mudado, como se o que aconteceu tivesse acrescentado anos à sua idade.

“Nós os encontramos”.

“Ela era tão jovem”. Soou como uma pergunta. Como se ele quisesse que alguém lhe explicasse como esse tipo de coisa podia acontecer.

“Quente”, Harry disse, para mudar de assunto.

“Está mais quente onde Ove está”. Ele disse casualmente, mas sua voz tinha um tom duro, amargo. Ele enxugou a testa com um lenço. “A propósito, eu percebi que preciso de uma pausa deste calor. Eu reservei um voo para casa”.

“Noruega”?

“Sim, para a Noruega. O mais cedo possível. Liguei para o meu rapaz e disse que eu queria encontra-lo. Passou algum tempo antes que eu percebesse que não era ele no telefone, mas seu filho. Heh-heh. Estou ficando senil. Um avô senil, não vai ser de grande utilidade”.

Na sombra da igreja, Sanphet e a senhorita Ao estavam juntos, longe dos outros. Harry foi até eles e retribuiu seus *wai*.

“Posso lhe fazer uma pergunta rápida, senhorita Ao”?

Seu olhar passou rapidamente para Sanphet antes de concordar.

“Você recebe e distribui a correspondência na embaixada. Você consegue se lembrar se recebeu qualquer coisa de uma empresa chamada Phuridell”?

Ela considerou a pergunta antes de responder com um sorriso de desculpas. “Não me lembro. Há tantas cartas. Eu posso olhar no gabinete do embaixador amanhã, se você deseja. Pode levar um pouco de tempo. Ele não era exatamente uma pessoa organizada”.

“Não é no embaixador que eu estou pensando”.

Ela olhou para ele com um ar de incompreensão.

Harry suspirou. “Eu nem sei se isso é importante, mas você pode me contatar se você encontrar alguma coisa”? Perguntou.

Ela trocou olhares com Sanphet.

“Ela vai, detetive”, disse Sanphet.

Harry estava sentado no seu escritório, esperando, quando Liz entrou correndo completamente ofegante. Havia gotas de suor na testa.

“Oh meu Deus”, disse ela. “Você pode sentir o asfalto através dos sapatos lá fora”.

“Como foi a reunião”?

“Tudo bem, eu acho. Os chefões nos felicitaram por resolver o caso e não fizeram nenhuma pergunta detalhada sobre o relatório. Eles até engoliram nossa história sobre as denúncias anônimas que nos levam até Klipra. Se o Chefe pensou que algo era suspeito ele decidiu não levantar poeira”.

“Eu não acho que ele faria isso. Afinal de contas, ele não tem nada a ganhar”.

“Será que isso foi dito com cinismo, Sr. Hole”?

“Nem um pouco, senhorita Crumley. Apenas um jovem detetive ingênuo começando a entender as regras do jogo”.

“Talvez. Mas no fundo do coração todos estão, provavelmente, contentes com a morte de Klipra. Haveria algumas revelações muito desagradáveis se o caso fosse até o tribunal, e não apenas para um par de Chefes de Polícia, mas para as altas autoridades de nossos países”.

Liz tirou os sapatos e se inclinou para trás com satisfação. As molas da cadeira rangeram enquanto o aroma inconfundível de pés suados se espalhava pela sala.

“Sim, é visivelmente cômodo para um bom número de pessoas, você não acha”? disse Harry.

“O que você quer dizer”?

“Eu não sei. Eu acho que isso fede”.

Liz olhou para os dedos dos pés e, em seguida, olhou para Harry.

“Alguém já te disse que você é paranoico, Harry”?

“Sim, é claro. Mas isso não significa que os homenzinhos verdes *não estão* atrás de você, não é”.

Ela pareceu perplexa. “Relaxe, Harry”.

“Vou tentar”.

“Então, quando você vai embarcar”?

“Assim que eu falar com o patologista e o pessoal da perícia”.

“Por que você precisa falar com eles”?

“Só para me livrar da paranoia. Você sabe... algumas ideias malucas que estou tendo”.

“Tudo bem”, disse Liz. “Você já comeu”?

“Sim”, Harry mentiu.

“Oh, eu odeio comer sozinha. Você não pode simplesmente me fazer companhia”?

“Fica para outra vez”.

Harry levantou-se e saiu do escritório.

O jovem patologista limpou os óculos enquanto falava. As pausas eram às vezes tão longas que Harry se perguntava se o fluxo vagaroso de palavras tinha chegado ao fim. Mas então vinha outra palavra, depois outra, a rolinha libertava-se e ele continuava. Parecia que ele estava com medo que Harry fosse criticar o seu Inglês.

“O homem ficou deitado ali por no máximo dois dias”, disse o médico. “Mais tempo neste calor e seu corpo...” Ele inflou suas bochechas e demonstrou com os braços “... ficaria como um enorme balão de gás. E você teria notado o cheiro. Com relação à garota...” Ele olhou para Harry e estufou as bochechas novamente. “Idem”.

“Quão rápida foi a morte de Klipra após o tiro”?

O médico umedeceu os lábios e Harry teve a sensação de que realmente podia sentir o tempo passando.

“Rapidamente”.

“E ela”?

O médico da polícia enfiou o lenço no bolso.

“Instantaneamente”.

“Queria perguntar, poderia qualquer um deles ter se mexido depois do tiro, tiveram convulsões ou algo assim”?

O médico colocou seus óculos, assegurou que estavam retos e retirou-os novamente.

“Não”.

“Eu li que durante a Revolução Francesa, antes da guilhotina, quando as execuções ainda eram realizadas à mão, os condenados eram informados de

que, às vezes, o carrasco falhava e que, se pudessem se levantar e deixar o patíbulo podiam se considerar livres. Aparentemente, alguns tentaram se levantar sem a cabeça e caminhar alguns passos, mas depois caíram, em meio aos aplausos da enorme multidão, é claro. Se bem me lembro, um cientista explicou que o cérebro pode ser até certo ponto pré-programado e os músculos podem trabalhar horas extras quando grandes quantidades de adrenalina são bombeadas para dentro do coração antes da cabeça ser cortada. Isso é o que acontece quando as galinhas são decapitadas”.

O médico sorriu. “Muito divertido, detetive. Mas receio de que isso é história para boi dormir”.

“Então, como você explica isso”?

Passou ao médico uma foto mostrando Klipra e Runa deitados no chão. O médico olhou para a foto, em seguida, colocou os óculos e examinou em detalhe.

“Explicar o quê”?

Harry apontou para a foto. “Veja. A mão dele está coberta pelo seu cabelo”.

O médico piscou, como se uma partícula de poeira no olho o estivesse impedindo de ver o que Harry queria dizer.

Harry afastou uma mosca. “Olha, você sabe como nosso subconsciente pode instintivamente tirar conclusões, não é”?

O médico encolheu os ombros.

“Bem, sem ter consciência disso, eu conclui que Klipra devia estar deitado quando atirou em si mesmo, porque essa é a única maneira dele já poder estar com a mão sob seu cabelo. Mas o ângulo do tiro mostra que ele estava de pé. Como ele poderia ter atirado nela e depois em si mesmo e ainda ficar com o cabelo sobre e não debaixo da sua mão”?

O médico tirou os óculos e retomou a sua limpeza.

“Talvez ela tenha atirado nos dois”, disse ele, mas então Harry já tinha saído.

Harry tirou os óculos escuros e olhou com os olhos ardendo pelo restaurante sombrio. Uma mão balançou no ar e ele se dirigiu para uma mesa debaixo de uma palmeira. Uma faixa de sol fez com que as estruturas de aço de seus óculos faiscassem quando o homem levantou-se.

“Você entendeu a mensagem, pelo que eu vejo”, disse Dagfinn Torhus. Sua camisa tinha grandes anéis escuros nas axilas e um paletó estava

pendurado no encosto de sua cadeira.

“A inspetora Crumley me disse que você ligou. O que o traz aqui”? Harry perguntou, estendendo a mão.

“Obrigações administrativas na embaixada. Cheguei esta manhã para examinar alguns papéis. E nós temos que nomear um novo embaixador”.

“Tonje Wiig”?

Torhus sorriu fracamente. “Nós vamos ter que ver. Há muitas coisas para levar em consideração. O que se pode comer aqui”?

Um garçom já tinha se aproximado da mesa, e Harry olhou interrogativamente.

“Enguia”, disse o garçom. “Especialidade vietnamita. Com vinho rosé Vietnamita e...”.

“Não, obrigado”, Harry disse, olhando para o cardápio e apontando para a sopa de leite de coco. “Com água mineral, por favor”.

Torhus deu de ombros e acenou com a cabeça pedindo o mesmo.

“Parabéns”. Torhus enfiou um palito entre os dentes. “Quando você vai partir”?

“Obrigado, mas receio que as congratulações são um pouco prematuras, Torhus. Ainda existem alguns fios soltos para serem enrolados”.

O palito parou. “Fios soltos? Não é a sua obrigação enrolá-los. Arrume suas coisas e vá para casa”.

“Isso não é tão fácil”.

Os olhos azuis duros e burocráticos brilharam. “Acabou, você entende? O caso foi encerrado. Saiu em todas as primeiras páginas em Oslo, ontem, que Klipra matou o embaixador e sua filha. Mas nós vamos sobreviver, Hole. Acho que você está se referindo ao chefe da polícia de Bangkok, que diz que eles não encontraram qualquer motivo para isso e que Klipra pode ter tido um acesso de loucura. *Tão* simples e *tão* totalmente incompreensível. Mas o importante é que as pessoas engulam. E elas estão engolindo”.

“Então o escândalo é um fato consumado”?

“Sim e não. Conseguimos manter a questão do motel escondida. O cerne é que o primeiro-ministro não foi envolvido no escândalo. Agora temos outros assuntos em nossas mentes. A imprensa andou ligando para nós perguntando por que o assassinato do embaixador não foi tornado público antes”.

“O que você disse em resposta”?

“O que diabos eu podia dizer? Problemas de linguagem, mal-entendidos, a polícia tailandesa enviou-nos informações falhas inicialmente, esse tipo de coisa”.

“E eles engoliram”?

“Não, eles não engoliram. Mas eles não podem nos acusar de não tê-los informado, também. No comunicado para a imprensa foi informado que o embaixador foi encontrado morto em um hotel, o que é correto. O que você disse quando você encontrou a filha e Klipra, Hole”?

“Eu não disse nada”. Harry respirou profundamente. “Escute, Torhus, eu encontrei revistas pornográficas na casa de Klipra que sugerem que ele era um pedófilo. Isso não foi mencionado em nenhum dos relatórios da polícia”.

“Sério? Bem, bem”. A voz não traiu nem um instante que ele estava encobrindo algo. “De qualquer forma, você não tem mais uma missão aqui na Tailândia, e Møller quer você de volta o mais rápido possível”.

A sopa de coco leite quente, ainda em ebulição, foi colocada sobre a mesa, e Torhus olhou com ceticismo para sua tigela. Seus óculos se embaçaram.

“*Verdens Gang* está na obrigação de tirar uma bela foto de você quando você chegar ao aeroporto Fornebu”, disse acidamente.

“Experimente um dos vermelhos”, Harry disse, apontando.

## Sexta-Feira 24 de Janeiro

De acordo com a informação de Liz, Supawadee era a pessoa que resolvia a maior parte dos casos de assassinato na Tailândia. Seus instrumentos mais importantes eram um microscópio, alguns tubos de ensaio e papel tornassol. Sentado do lado oposto a Harry, ele estava sorridente como o sol.

“Isto é correto, Harry. Os pedaços de argamassa e gesso que você nos deu contêm a mesma solução de gesso do pó encontrado na chave de fenda no porta-malas do carro do embaixador”.

Em vez de se contentar em responder sim ou não às perguntas de Harry, ele respondia todas as perguntas de modo que não haveria mal-entendidos. Supawadee tinha um excelente entendimento da linguística; ele sabia que perguntas e respostas em inglês podem ser complicadas para um tailandês. Se Harry entrasse num ônibus errado na Tailândia, começasse a ter dúvidas e perguntasse a outro passageiro: ‘Este *não é* o ônibus para Hua Lamphong, *é*’? Com a pronúncia e entonação correta, o tailandês poderia ter respondido ‘sim’, no sentido de ‘sim, você está certo, este não é o ônibus para Hua Lamphong’. *Farangs* sabem que isto acontece. A experiência de Supawadee era que a muitos *farangs*, sendo menos inteligentes, não tinham conhecimento de como as perguntas e respostas funcionavam, de modo que ele tinha chegado à conclusão de que era melhor responder as perguntas detalhadamente.

“Isto também é correto, Harry. O conteúdo do saco do aspirador de pó do refúgio de Klipra era muito interessante. Ele continha fibras do tapete do porta-malas do carro do embaixador, do terno do embaixador e também do paletó de Klipra”.

Harry observou isso com crescente excitação. “E sobre as duas fitas que lhe enviei? Você mandou-as para Sydney”?

Supawadee sorriu ainda mais, como se fosse possível, pois este era o detalhe que lhe agradava mais.

“Estamos no século XX, Policial, nós não *enviamos* fitas. Teria demorado pelo menos quatro dias. Nós gravamos em DAT e enviamos as gravações por e-mail para esse especialista de som de vocês”.

“Puxa, você fez isso”? Harry perguntou, meio para fazer Supawadee ficar feliz e meio resignado. Malucos por computador sempre o faziam se

sentir velho. “E o que J3sus Marguez disse”?

“No começo eu lhe disse que era absolutamente imposs3vel dizer o tipo de sala que algu3m estava telefonando, com base numa mensagem de secret3ria eletr3nica. Mas o seu amigo foi extremamente persuasivo. Ele falou muito sobre dom3nios de frequ3ncia e hertz, que foi muito educativo. Voc3 sabia, por exemplo, que em um microssegundo o ouvido pode distinguir entre um milh3o de diferentes sons? Eu acho que ele e eu poder3amos...”.

“Conclus3o, Supawadee”?

“Sua conclus3o foi que as duas gravaç3es s3o de duas pessoas diferentes, mas 3 muito prov3vel que elas foram registradas na mesma sala”.

Harry podia sentir seu coraço3o se acelerando.

“E quanto a carne no congelador”?

“Voc3 est3 certo de novo, Harry. A carne no congelador era carne de porco”.

Supawadee piscou e riu de pura euforia. Harry sabia que havia mais por vir.

“E...”?

“Mas o sangue n3o era apenas sangue de porco. Alguma quantidade era humana”.

“Voc3 sabe de quem 3”?

“Bem, isso vai demorar alguns dias antes de eu chegar a uma resposta definitiva a partir do teste de DNA, ent3o provisoriamente posso dar-lhe apenas uma resposta com noventa por cento de precis3o”.

Se Supawadee tivesse um trompete Harry tinha certeza que ele teria tocado uma fanfarra primeiro.

“O sangue vem do nosso amigo, *nai* Klipra”.

Finalmente Harry conseguiu falar com Jens no seu escrit3rio.

“Como vai, Jens”?

“Tudo bem”.

“Tem certeza”?

“O que voc3 quer dizer”?

“Voc3 parece...” Harry n3o conseguia encontrar uma palavra para indicar como ele soava. “Voc3 parece um pouco triste”, disse ele.

“Sim. Não. É difícil de dizer. Ela perdeu toda a sua família e...” A voz sumiu.

“E você”?

“Não comece”.

“Vamos, Jens”.

“É só que se antes eu queria sair desse casamento, agora é absolutamente impossível”.

“Por que”?

“Meu Deus, eu sou a única pessoa que restou para ela, Harry. Então, eu sei que eu deveria estar pensando nela e em tudo que ela já passou, mas ao invés disso eu estou pensando em mim e no que eu estou me metendo. Sou obviamente uma má pessoa, mas a coisa toda me assusta. Você entende”?

“Acho que sim”.

“Diabos, se isso fosse apenas sobre dinheiro... pelo menos é algo que eu entendo. Mas estes...” Ele procurou pela palavra.

“Sentimentos”? Harry sugeriu.

“Certo. É essa merda”. Ele riu sem alegria. “De qualquer forma, eu já decidi, pela primeira vez na minha vida eu vou fazer algo que não é apenas por mim. E eu quero que você esteja lá e me chute a bunda se você detectar o menor sinal de resistência. Hilde precisa pensar em outras coisas, então nós já definimos a data. Quatro de abril. Páscoa em Bangkok - o que acha disso? Ela já está com o olhar mais brilhante e decidiu reduzir o seu consumo de álcool. Vou enviar-lhe o seu convite, Harry. Não se esqueça de que eu estou contando com você, então você não vai pular fora, nem morto”.

“Se eu sou o candidato mais adequado para ser seu padrinho eu não consigo imaginar como é a sua vida social, Jens”.

“Eu já enganei todo mundo que conheço pelo menos uma vez. Eu não quero nenhuma história desse tipo no discurso do padrinho, tudo bem”?

Harry riu. “OK, me dê alguns dias para meditar sobre isso. Eu liguei, porém, para pedir-lhe um favor. Estou tentando descobrir algo sobre um dos proprietários da Phuridell, uma companhia conhecida como Ellem Ltd, mas tudo que consegui encontrar no registo da empresa é uma caixa postal em Bangkok e a confirmação de que o capital social foi pago”.

“Deve ser um proprietário relativamente novo. Eu nunca ouvi o nome. Eu vou fazer umas ligações e ver se consigo desenterrar algo. Eu vou ligar de volta”.

“Não, Jens. Isto é estritamente confidencial. Apenas Liz, Løken e eu sabemos sobre isso, então você não deve mencionar a ninguém. Nem qualquer outra pessoa na polícia sabe. Nós três nos reuniremos em segredo esta noite, por isso seria ótimo se você tivesse alguma coisa até lá. Vou ligar para você, OK”?

“Tudo certo. Isso soa pesado. Eu pensei que o caso estivesse morto e enterrado”.

“Será esta noite”.

O som dos martelos pneumáticos sobre a rocha era ensurdecedor.

“Você é George Walters”? Harry gritou na orelha do homem com o capacete amarelo que os outros homens de macacão tinham apontado para ele.

Ele virou-se para Harry. “Sim, quem é você”?

Vinte metros abaixo deles o tráfego estava rastejando no ritmo de um caracol. Aquela ia ser mais uma tarde de engarrafamento.

“Detective Hole. Da polícia norueguesa”.

Walters enrolou um desenho técnico e entregou-o a um dos dois homens ao seu lado.

“Oh, sim”.

Ele fez um sinal de tempo para o homem que estava perfurando e o silêncio relativo se instalou como um filtro sobre os tímpanos quando a máquina foi desligada.

“Uma Wacker”, disse Harry. “LHV5”.

“Oh, já conheceu uma antes, não é”?

“Eu tive um emprego de verão num canteiro de obras anos atrás. Machuquei meus rins com uma delas”.

Walters assentiu. Suas sobrancelhas ficaram branqueadas pelo sol, e ele parecia cansado. Rugas já haviam se formado em profundidade no rosto de meia-idade.

Harry apontou para a estrada de concreto seguindo como um aqueduto romano por uma selva de pedra de casas e arranha-céus. “Então, isto é BERTS, a salvação de Bangkok”?

“Sim”, Walters disse, olhando na mesma direção que Harry. “Você está de pé sobre ela agora”.

A reverência em sua voz, além do fato de que ele estava aqui e não em um escritório, indicava que o chefe da Phuridell era mais feliz com a

engenharia do que com contas. Era mais excitante ver como o projeto tomava forma do que se envolver com a resolução da dívida em dólares da empresa.

“Te faz lembrar da Grande Muralha da China”, disse Harry.

“Isto vai unir as pessoas, e não afastá-las”.

“Eu vim aqui para te perguntar sobre Klipra e este projeto. E sobre a Phuridell”.

“Trágico”, disse Walters, sem especificar a qual elemento em particular ele estava se referindo.

“Você conhecia Klipra, Mr Walters”?

“Eu não diria que fortemente. Nós nos encontramos em várias reuniões do conselho e ele me ligou umas duas vezes”. Walters colocou seus óculos de sol. “Isso foi tudo”.

“Ligou para você duas vezes? A Phuridell não é realmente uma grande empresa, certo”?

“Mais de oitocentos trabalhadores”.

“Você é o chefe aqui, e mal falou com o dono da empresa para quem você trabalha”?

“Bem-vindo ao mundo dos negócios”. Walters olhou para a estrada e a cidade, como se todo o resto não significasse nada.

“Ele investiu bastante dinheiro em Phuridell. Você está tentando dizer que ele não se importava”?

“Ele obviamente não tinha qualquer objecção ao modo como a empresa estava sendo dirigida”.

“Você sabe alguma coisa sobre uma empresa chamada Ellem Ltd”?

“Eu vi o nome na lista de acionistas. Tivemos outros assuntos ocupando nossas mentes ultimamente”.

“Tipo, como resolver o problema da dívida em dólares”?

Walters voltou-se para Harry novamente. Ele viu uma versão distorcida de si mesmo nos óculos de sol.

“O que você sabe sobre isso”?

“Eu sei que a sua empresa precisa de refinanciamento se você quiser continuar. Você não tem obrigação de fornecer qualquer informação uma vez que não está mais listado na bolsa, então você pode esconder os seus problemas do mundo exterior por um tempo, na esperança de que um salvador apareça com novo capital. Seria frustrante ter que jogar a toalha,

agora que você está numa posição favorável para obter mais contratos na BERTS, não é”?

Walters sinalizou para os engenheiros que eles poderiam fazer uma pausa.

“Meu palpite é que este salvador vai aparecer”, Harry continuou. “Ele vai comprar a empresa por uma ninharia e, provavelmente, vai se tornar muito rico quando os contratos começarem a aparecer. Quantas pessoas conhecem a situação da empresa”?

“Escute aqui, cara...”.

“Hole. O conselho, claro. Mais alguém”?

“Informamos a todos os proprietários. Além disso, não vemos razão para dizer a todo mundo sobre assuntos que não lhes dizem respeito”.

“Quem você acha que vai comprar a empresa, Sr. Walters”?

“Eu sou o diretor administrativo”, Walters estalou. “Eu sou empregado pelos acionistas. Não me envolvo com questões dos proprietários”.

“Mesmo que isso possa significar a demissão para você e para os outros oitocentos? Mesmo que você não tenha permissão para continuar com isto por mais tempo”? Harry acenou com a cabeça em direção ao concreto desaparecendo na névoa.

Walters não respondeu.

“Na verdade, talvez ela seja a mais parecida com a Estrada de Tijolos Amarelos. Em *O Mágico de Oz*, conhece”?

George Walters balançou a cabeça lentamente.

“Escute, Sr. Walters, eu chamei o advogado de Klipra e alguns pequenos acionistas. Nos últimos dias a Ellem Ltd comprou ações da Phuridell. Nenhum deles seria capaz de refinar a Phuridell, por isso eles estão felizes porque deixaram a empresa, mas não perderam todo o seu investimento. Você diz que não está interessado nos proprietários, Sr. Walters, mas você parece um homem responsável. E a Ellem é o novo proprietário”.

Walters tirou os óculos e esfregou os olhos com as costas da mão.

“Você vai me dizer quem está por trás da Ellem Ltd, Mr Walters”?

A furação começou novamente, e Harry teve que se aproximar dele para ouvir.

Harry acenou com a cabeça. “Eu só queria ouvir você dizer isso”, ele gritou de volta.

## Sexta-Feira 24 de Janeiro

Ivar Løken sabia que estava acabado. Nenhuma fibra do seu corpo tinha desistido, mas tudo estava acabado. O pânico vinha em ondas, tomava conta dele e recuava. E o tempo todo ele sabia que ia morrer. Foi uma conclusão totalmente intelectual, mas a certeza escorria por ele como gelo derretendo. Durante as horas após ele ter pisado na armadilha em My Lai que o deixou com uma estaca de bambu fedendo a merda espetada na coxa e outra enfiada pelo seu pé até o joelho, ele não tinha por um segundo pensado que ia morrer. Mas quando ele estava no Japão tremendo de febre e eles disseram que seu pé teria que ser amputado, ele havia dito que preferia morrer, mas ele sabia que a morte não era uma alternativa, era inaceitável. Quando eles trouxeram um anestésico, ele bateu na seringa na mão da enfermeira.

Idiota. Então eles deixaram-no manter seu pé. *Enquanto há dor há vida* ele tinha riscado na parede acima da cama. Ele ficou no hospital em Okabe por quase um ano antes de vencer a luta contra o seu próprio sangue infectado.

Disse a si mesmo que tinha vivido uma vida longa. Longa. Isso era algo afinal de contas. E ele tinha visto outros que passaram por pior. Então por que resistir? Seu corpo disse não, do jeito que ele tinha dito não durante toda a sua vida. Tinha dito que não ia cruzar a linha quando o desejo bateu forte, disse que não ia se quebrar quando as forças armadas o demitiram, disse que não ia sentir pena de si mesmo quando foi humilhado e as feridas reabriram. Principalmente, no entanto, ele havia dito que não iria fechar os olhos. Por essa razão, ele tinha absorvido tudo: guerras, sofrimento, brutalidade, coragem e humanidade. Tanto que ele podia dizer, sem medo de contradição, que tinha vivido uma vida longa. Nem mesmo agora ele fechou os olhos; ele mal piscava. Løken sabia que ia morrer. Se ele tivesse lágrimas ele teria chorado.

Liz olhou para o relógio. Eram oito e meia, e ela e Harry estavam sentados no Millie's Karaokê há quase uma hora. Mesmo Madonna estava começando a parecer impaciente em vez de faminta na foto.

“Onde ele está”?

“Løken virá”, disse Harry. Ele estava em pé perto da janela; ele tinha puxado a persiana para cima e via seu próprio reflexo sendo atravessado pelos faróis dos carros rastejando na Silom Road.

“Quando você falou com ele”?

“Logo depois de falar com você. Ele estava em casa, arrumando a fotos e os equipamentos. Løken virá”.

Ele pressionou as costas das mãos contra os olhos. Eles estavam irritados e vermelhos quando acordou hoje cedo.

“Vamos começar”, disse ele.

“O que você quer dizer”?

“Temos que repassar tudo”, disse Harry. “Uma última reconstrução”.

“Está bem. Mas por que”?

“Liz, nós estivemos na pista errada o tempo todo”.

Ele soltou a corda, a persiana desabou e o som se parecia como se algo estivesse caindo sobre folhas.

Løken estava sentado numa cadeira. A fileira de facas estava sobre a mesa à sua frente. Cada uma delas era capaz de matar um homem em segundos. Na verdade, era estranho como era fácil matar outro ser humano. Tão fácil que, de vez em quando, parecia incrível que a maioria das pessoas conseguisse ficar velha. Um movimento circular, como descascar uma laranja, e a garganta era cortada. O sangue bombeando para fora num ritmo tal que a morte ocorria em segundos, pelo menos se o corte fosse realizado por alguém que conhecia a sua profissão.

Uma punhalada nas costas exigia maior precisão. Você poderia golpear vinte a trinta vezes sem acertar nada em particular; você só estaria cortando a carne humana inofensivamente. Mas se você conhecesse a anatomia, sabia como perfurar um pulmão ou o coração, era brincadeira de criança. Se você esfaqueava pela frente era melhor esfaquear em baixo e puxar para cima de modo que você enfiava sob a caixa torácica e atingia os órgãos vitais. Mas era mais fácil por trás, desde que atingisse o lado da coluna vertebral.

E atirar em alguém, era fácil? Muito fácil. A primeira vez que ele matou foi com uma semiautomática na Coreia. Ele tinha mirado o objetivo, puxado o gatilho e viu um homem cair. Foi isso. Sem quaisquer dores de consciência, pesadelos ou colapsos nervosos. Talvez porque era a guerra, mas ele não acreditava que era toda a explicação. Talvez ele não tivesse

empatia? Um psicólogo explicou-lhe que ele era um pedófilo porque ele tinha uma alma danificada. Ele poderia muito bem ter dito diabólica.

“OK, ouça com atenção agora”. Harry tomou assento defronte Liz. “No dia do assassinato o carro do embaixador foi à casa de Ove Klipra às sete horas, mas o embaixador não estava dirigindo”.

“Ele não estava”?

“Não. O guarda não se lembra de ver alguém num terno amarelo”.

“E daí”?

“Você viu o terno, Liz. Ele faz um atendente de posto de gasolina parecer discreto. Você acha que o guarda iria esquecer um terno como aquele”?

Ela balançou a cabeça, e Harry continuou.

“O motorista estacionou o carro na garagem, tocou a campainha da porta lateral e quando Klipra atendeu provavelmente já estava olhando diretamente para a mira de uma arma. O visitante entrou, fechou a porta e educadamente pediu para Klipra abrir a boca”.

“Educadamente”?

“Eu estou tentando colocar um pouco de cor na história. Está bem”?

Liz apertou os lábios e colocou um dedo sobre eles.

“Então ele inseriu o cano da arma, ordenou que Klipra mordesse e disparou, a sangue-frio, cruelmente. A bala atravessou a nuca de Klipra e entrou na parede. O assassino limpou o sangue e... bem, você sabe a bagunça que fica”.

Liz concordou e acenou para ele prosseguir.

“Em suma: a pessoa misteriosa removeu todos os traços. No final, ele foi buscar a chave de fenda no porta-malas e usou-a para retirar a bala da parede”.

“Como você sabe disso”?

“Achei gesso no chão do corredor e o buraco deixado pela bala. A perícia comprovou que é a mesma solução de gesso que encontramos na chave de fenda no porta-malas”.

“E, em seguida”?

“Então, o assassino voltou novamente para o carro e moveu o corpo do embaixador para que pudesse colocar a chave de fenda de volta em seu lugar”.

“Então ele já tinha matado o embaixador”?

“Eu vou voltar nisso mais tarde. O assassino vestiu o terno do embaixador, então entrou no escritório de Klipra, pegou uma das duas facas Shan e as chaves do refúgio. Ele também fez uma chamada rápida do escritório do Klipra que ficou registrada na fita. Então ele largou o corpo de Klipra no porta-malas e foi embora por volta das oito”.

“Isso é muito difícil de acompanhar, Harry”.

“As oito e meia ele se registrou com Wang Lee”.

“Ora, Harry. Wang Lee identificou o embaixador como a pessoa que fez o check-in”.

“Wang Lee não tinha razões para suspeitar que o homem morto sobre a cama não era a mesma pessoa que tinha feito o check-in. Tudo o que ele viu foi um *farang* com um terno amarelo escondido atrás de um par de óculos de sol. E lembre-se, o embaixador tinha uma faca muito perturbadora saindo de suas costas quando Wang Lee teve que identificá-lo”.

“Sim, e sobre a faca”?

“O embaixador foi morto com uma faca, sim, mas muito antes de chegarem ao motel. Uma faca Sami, eu imagino, porque estava untada com gordura de rena. Você pode comprar esse tipo de faca em Finnmark, na Noruega”.

“Mas o médico disse que a facada combinava com a faca Shan”.

“Sim, combinava. A faca Shan é mais longa e mais larga do que a faca Sami, por isso é impossível ver que outra faca foi usada antes. Acompanhe-me agora. O assassino chegou ao hotel com dois corpos no porta-malas, pediu um quarto o mais distante da recepção possível, para que ele pudesse estacionar o carro de ré e carregar Molnes para dentro do quarto. Ele também pediu para não ser perturbado, até que dissesse que estava pronto. No quarto, ele se trocou novamente e vestiu o embaixador com o terno. Mas ele estava sob pressão e se confundiu. Você se lembra de que eu comentei que o embaixador ia, obviamente, se encontrar com uma mulher porque o cinto estava um nível mais apertado do que o habitual”?

Liz estalou a língua contra o palato. “O assassino não percebeu o furo gasto quando estava apertando o cinto”.

“Um erro insignificante, nada que lhe causaria problemas, mas um dos muitos pontos triviais que não se encaixavam neste assassinato. Enquanto Molnes estava na cama ele cuidadosamente empurrou a faca Shan na velha ferida antes de limpar o cabo e remover quaisquer vestígios”.

“Isso também explica por que não havia muito sangue no quarto do motel. Ele foi morto em outro lugar. Por que o médico não percebeu isso”?

“É sempre difícil dizer o quanto um ferimento a faca vai sangrar. Depende de quais artérias são cortadas e até o quanto a lâmina interrompe o fluxo. Nada, obviamente, fora do comum. Por volta das nove deixou o motel com Klipra no porta-malas e foi para o refúgio”.

“Ele sabia onde aquela casa ficava? Então, ele devia conhecer Klipra”.

“Ele conhecia Klipra muito bem”.

Uma sombra caiu sobre a mesa, e um homem sentou-se na frente de Løken. A varanda estava aberta ao ruído do tráfego ensurdecedor lá fora e todo o quarto cheirava a fumaça de escapamento.

“Você está pronto”? Løken perguntou.

O gigante com a trança olhou para ele, claramente surpreso por ele falar tailandês.

“Eu estou pronto”, respondeu.

Løken, pálido, sorriu. Ele se sentia muito cansado. “Então o que você está esperando? Vamos logo com isso”.

“Quando ele chegou no refúgio de Klipra, ele abriu a porta e jogou Klipra no congelador. Em seguida, ele lavou e aspirou o porta-malas para que ninguém fosse capaz de encontrar qualquer vestígio dos corpos”.

“OK, mas como você sabe disso”?

“A perícia encontrou sangue de Ove Klipra no congelador e fibras do porta-malas e das roupas dos dois mortos no aspirador de pó”.

“Jesus. Então, o embaixador não era um fanático por limpeza, como você afirmou, quando examinamos o carro”?

Harry sorriu. “Eu soube que o embaixador não era do tipo limpo e arrumado quando vi seu escritório”.

“Eu ouvi corretamente? Você disse que você cometeu um *erro*”?

“Sim, você ouviu”. Harry levantou o dedo indicador. “Mas Klipra era limpo e arrumado. Tudo na casa parecia tão limpo, tão organizado, você se lembra? Havia até mesmo um gancho no armário para manter o aspirador de pó no lugar. Mas quando eu abri a porta do armário, ele rolou para fora. Como se a pessoa que o utilizou por último não soubesse o caminho de volta. Foi isso que me fez enviar o saco do aspirador de pó para o pessoal da perícia”.

Liz balançou a cabeça lentamente enquanto Harry continuou.

“Quando eu vi toda aquela carne no congelador eu percebi que você poderia facilmente manter um homem morto lá por semanas sem que o corpo...” Harry inflou as bochechas e demonstrou com as mãos.

“Há algo de errado com você”, disse Liz. “Você deveria ir ao médico”.

“Você quer ouvir o resto, ou não”?

Ela queria.

“Depois disso, ele voltou para o motel, estacionou o carro e entrou no quarto onde colocou a chave do carro no bolso de Molnes. Então ele desapareceu na noite, sem deixar rastro. Literalmente”.

“Espere! Quando fomos para o refúgio gastamos 90 minutos, certo? É quase a mesma distância daqui. Nossa amiga Dim encontrou-o às onze e meia, portanto duas horas e meia depois que o assassino deixou o motel conforme você está dizendo. Ele não poderia ter conseguido voltar para o motel antes do corpo de Molnes ser encontrado. Ou você já se esqueceu disso”?

“De modo nenhum. Eu mesmo refiz o percurso. Comecei às nove horas, esperei na casa durante meia hora e voltei”.

“E aí”?

“Eu estava de volta da meia noite e quinze”.

“Viu. Isso não acrescenta nada”.

“Você se lembra do que Dim disse sobre o carro quando questionamos ela”?

Liz mordeu o lábio superior.

“Ela não se lembrava de qualquer carro”, disse Harry. “Porque ele não estava lá. A meia noite e quinze eles estavam na recepção à espera da polícia e não perceberam o carro do embaixador voltando furtivamente”.

“Cristo, eu pensei que estávamos lidando com um assassino cuidadoso. A polícia podia estar esperando por ele quando ele retornou”.

“Ele foi cuidadoso, mas ele não poderia antecipar que o assassinato seria descoberto antes de seu retorno. O acordo era que Dim não iria para o quarto até que ele ligasse para ela, não foi?. Mas Wang Lee tornou-se impaciente e quase arruinou todo o plano. O assassino não suspeitou de nada enquanto estava substituindo as chaves do carro”.

“Sorte então”?

“Este homem não baseia nada na sorte”.

Ele deve ser da Manchúria, Løken pensava. Da província de Jilin, talvez. Durante a Guerra da Coréia diziam que o Exército Vermelho recrutava muitos de seus soldados por lá, porque eles eram muito altos. Seja qual fosse a lógica, afundavam mais profundamente na lama e eram alvos maiores. A outra pessoa na sala que estava atrás dele assobiava baixinho uma canção, quase um sussurro. Løken não poderia jurar, mas soou como 'I Wanna Hold Your Hand'.

O chinês tinha pegado uma faca da mesa, se você pode chamar um sabre curvo de setenta centímetros de uma faca. Ele o balançava com as mãos, como um jogador de beisebol escolhendo um bastão, em seguida, levantou-o acima de sua cabeça, sem dizer uma palavra. Løken cerrou os dentes. Ao mesmo tempo, a sonolência agradável do sedativo que lhe aplicaram passou, o sangue gelou nas veias e ele perdeu o autocontrole. Enquanto ele gritava e puxava as tiras de couro que prendiam suas mãos na mesa, o assobio se aproximou por trás. Uma mão agarrou seu cabelo, puxou sua cabeça para trás, e uma bola de tênis foi enfiada na sua boca. Ele podia sentir a superfície peluda na sua língua e palato; atraiu saliva como papel mata-borrão e seus gritos se tornaram gemidos fracos.

O torniquete em torno de seu antebraço tinha sido apertado com tanta força que ele tinha perdido há muito tempo qualquer sensibilidade na sua mão, e quando o sabre desceu com um baque surdo e ele não sentiu nada, ele pensou por um momento que o chinês tinha errado o golpe. Então ele viu a mão direita do outro lado da lâmina. Ela havia estado fechada e agora estava se abrindo lentamente. O corte foi limpo. Ele podia ver dois ossos brancos cortados salientes. O rádio e a ulna. Ele tinha visto os de outras pessoas, mas nunca os seus. Por causa do torniquete, não havia muito sangue. Não é verdade o que as pessoas dizem, que as amputações súbitas não doem. A dor era insuportável. Ele esperou pelo desmaio, o estado paralisante do nada, mas essa avenida foi fechada de imediato. O homem que estava assobiando enfiou uma seringa no seu braço, através de sua camisa, nem mesmo tentou encontrar uma veia. Isso é o que torna a morfina tão maravilhosa. Funciona onde quer que você aplique. Ele estava ciente de que poderia sobreviver a isso. Por um bom tempo. Pelo tempo que eles quisessem.

“E quanto a Runa Molnes”? Liz estava limpando os dentes com um palito de fósforo.

“Ele podia buscá-la quando quisesse”, disse Harry.

“E então ele a levou até refúgio de Klipra. O que aconteceu depois disso”?

“O sangue e o buraco da bala na janela sugerem que ela levou um tiro dentro da casa. Provavelmente, assim que chegou”.

Foi quase fácil quando ele falou sobre ela assim, como uma vítima de assassinato.

“Eu não entendo isso”, disse Liz. “Por que ele iria sequestrá-la e matá-la imediatamente? Eu pensei que a idéia era usá-la para parar a sua investigação. Ele só poderia fazer isso se Runa Molnes estivesse viva. Você poderia querer uma prova de que ela estava a salvo antes de submeter-se a suas exigências”.

“E como eu iria submeter-me a suas exigências”? Harry perguntou. “Voltar para a Noruega - e Runa iria voltar para casa sorrindo? E o raptor poderia suspirar de alívio apenas porque eu tinha prometido que ele seria deixado em paz, mesmo que ele não tivesse outros meios de aplicar pressão? É assim que você via o desenrolar dos acontecimentos? Será que você acha que ele iria apenas deixá-la...”?

Harry viu os olhos de Liz e percebeu que tinha levantado a sua voz. Ele se calou.

“Eu não achava nada, não. Eu estou falando sobre o que o assassino poderia estar pensando”, disse Liz, ainda com o olhar fixo nele. A expressão preocupada entre as sobrancelhas estava de volta.

“Desculpe-me Liz”. Ele apertou os dedos contra o seu maxilar. “Eu devo estar cansado”.

Ele se levantou e caminhou até a janela novamente. O frio do lado de dentro e o ar quente e húmido do lado de fora da janela tinham se combinado para produzir uma fina camada cinzenta de condensação sobre o vidro.

“Ele não sequestrou porque estava com medo que eu estivesse descobrindo mais do que deveria. Ele não tinha nenhuma razão para acreditar nisso; eu não estava enxergando nada além da ponta do meu próprio nariz”.

“Então, qual foi o motivo do sequestro? Para confirmar a nossa teoria: que era Klipra quem estava por trás do assassinato do embaixador e de Jim Love”?

“Esse foi o motivo secundário”, disse ele na boca do seu copo. “A principal razão foi que ele tinha que matá-la também. Quando eu...”.

Eles podiam ouvir os sons fracos de um baixo na sala ao lado.

“Sim, Harry”?

“Quando eu a conheci ela já estava condenada”.

Liz respirou. “São quase nove horas, Harry. Talvez você devesse me dizer quem é o assassino antes que Løken chegue.”

Løken havia trancado a porta de seu apartamento as sete e desceu para a rua para pegar um táxi até o Millie’s Karaokê. Ele tinha visto o carro de imediato. Era um Toyota Corolla, e o homem ao volante parecia encher todo o veículo. No banco do passageiro, ele viu o contorno de outra pessoa. Ele se perguntou se deveria ir até o carro e descobrir o que eles queriam, mas decidiu testá-los primeiro. Ele achava que sabia do que eles estavam atrás e quem os havia enviado.

Løken chamou um táxi, e depois de ter percorrido alguns quarteirões ele pode ver que o Corolla estava de fato seguindo-o.

O taxista percebeu que o *farang* no banco de trás não era um turista e não fez a oferta de massagens. Mas quando Løken lhe pediu para fazer alguns desvios o motorista aparentemente revisou sua opinião. Løken encontrou seus olhos no espelho.

“Passeio turístico, senhor”?

“Sim, um passeio turístico”.

Depois de dez minutos não havia mais nenhuma dúvida. O plano era muito claro, Løken devia levar os dois policiais até o local do encontro secreto. Løken se perguntava como o chefe de polícia tinha desconfiado de suas reuniões. E por que ele achou tão inoportuno que um de seus inspetores estava envolvido numa cooperação irregular com estrangeiros. Podia não ter sido totalmente conforme o manual, mas no final tinha produzido resultados.

Na Sua Pa Road o tráfego chegou a um impasse. O motorista se espremeu numa lacuna entre dois ônibus e apontou para os pilares que estavam sendo construídos. Na semana passada uma viga de aço caiu e matou um motorista. Ele tinha lido no jornal. Eles publicaram as fotos também. O motorista balançou a cabeça, pegou um pano e limpou o painel de instrumentos, as janelas, a figura de Buda e a foto da família real antes

de espalhar o *Thai Rath* sobre o volante com um suspiro e abri-lo na seção de esportes.

Løken olhou através da janela traseira. Havia apenas dois carros entre eles e o Toyota Corolla. Ele olhou para o relógio. Sete e meia. Ele ia se atrasar, mesmo que não conseguisse se livrar destes dois idiotas. Løken pensou em algo e bateu no ombro do motorista.

“Estou vendo alguém que eu conheço”, disse ele em Inglês e gesticulava atrás dele.

O motorista estava cético, desconfiado de que o *farang* ia fugir sem pagar.

“Volto em um minuto”, disse Løken, espremendo-se para fora da porta.

Um dia a menos para viver, ele pensou enquanto respirava CO2 suficiente para nocautear uma família de ratos, e caminhou calmamente em meio ao trânsito para o Toyota. Um farol devia estar com o vidro quebrado pois a luz incidia em linha reta no seu rosto. Ele preparou seu discurso, já ansioso para ver os rostos deles surpresos. Løken estava apenas a dois metros de distância e podia ver as duas pessoas no carro. De repente ele ficou inseguro. Havia algo na aparência deles que não estava certo. Mesmo tendo em conta que os policiais não eram geralmente muito inteligentes, eles sabiam, pelo menos, que discrição era o primeiro mandamento quando você estava seguindo alguém. O homem no banco do passageiro estava usando óculos escuros, apesar do fato de que o sol havia se posto há algum tempo, e o gigante no assento do motorista era muito visível. Løken estava prestes a voltar para trás quando a porta do carro se abriu.

“Ei, senhor”, disse uma voz suave. Foi uma confusão. Løken tentou voltar para o táxi, mas um carro tinha se espremido e bloqueou o caminho. Ele olhou para o Corolla. O chinês estava vindo em sua direção. “Ei, senhor,” ele repetiu quando os carros na pista oposta começaram a se mover. Parecia como um sussurro dentro de um furacão.

Løken já havia matado um homem com as mãos nuas. Ele tinha quebrado sua laringe com um golpe, de forma precisa como lhe haviam ensinado no campo de treinamento em Wisconsin. Mas isso foi há muito tempo atrás, ele era jovem. E estava apavorado. Agora não, ele estava apenas com raiva.

Provavelmente não faria qualquer diferença.

Quando sentiu os dois braços ao redor dele e os seus pés fora do chão, ele sabia que não faria qualquer diferença. Ele tentou gritar, mas o ar que

suas cordas vocais necessitavam para vibrar foi espremido para fora dele. Ele viu o céu estrelado girando lentamente antes de ser escondido por um teto de carro estofado.

Ele sentiu a quente respiração formigando no seu pescoço e olhou através do para-brisa do Corolla. O homem com os óculos de sol estava junto ao táxi e passava algumas notas pela janela do motorista. Løken sentiu o aperto afrouxar e com um suspiro longo e trêmulo ele inalou o ar sujo, como se fosse água pura de nascente.

O taxista fechou a janela e o homem com os óculos de sol voltava para eles. Ele tinha acabado de tirar seus óculos de sol, e quando ele entrou no foco de luz do farol danificado, Løken o reconheceu.

“Jens Brekke”? sussurrou com grande espanto.

**Sexta-Feira 24 de Janeiro**

“Jens Brekke”? Liz explodiu.

Harry acenou com a cabeça.

“Impossível! E o seu álibi, o que mostra a maldita fita infalível dele ligando para sua irmã, as oito”?

“Sim, ele ligou para ela, mas não do seu escritório. Eu perguntei por que diabos ele iria ligar para a casa da sua irmã viciada em trabalho durante o horário de trabalho. Ele disse que tinha esquecido que horas eram na Noruega”.

“E aí”?

“Alguma vez você já ouviu falar de um corretor de moeda que não sabe que horas são em outro país”?

“Eu não entendi”.

“Tudo ficou claro quando eu vi que Klipra tinha uma máquina semelhante à de Brekke. Após disparar em Klipra, Jens ligou do escritório de Klipra para sua irmã, sabendo que não haveria ninguém lá, e levou a fita com ele. Ela mostra quando ele ligou, mas não de onde. Nós nunca consideramos a possibilidade de que a fita podia ser de outro gravador. Mas eu posso provar que uma fita foi levada do escritório de Klipra”.

“Como”?

“Você se lembra de que, no início da tarde do dia sete de janeiro, uma chamada foi feita para Klipra do celular do embaixador? Não está registrada em qualquer uma das fitas que estão no escritório”.

Liz riu. “Aquele idiota fabricou um álibi e sentou-se na prisão esperando o momento certo para jogar o trunfo de modo a ser o mais convincente possível”?

“Eu acho que posso ouvir admiração em sua voz, Inspetora”.

“É puramente profissional. Você acha que ele planejou tudo desde o início”?

Harry olhou para o relógio. Seu cérebro começou a insinuar uma mensagem de que algo estava errado.

“Se há uma coisa que eu tenho certeza é que tudo que Brekke fez foi planejado. Ele não deixou nenhum detalhe ao acaso”.

“Como você pode ter tanta certeza”?

“Bem”, Harry disse, colocando um copo vazio na frente de seu rosto, “ele me disse. Ele odeia riscos. Ele não joga, a menos que tenha certeza que vai ganhar”.

“Eu acho que você também imaginou como ele matou o embaixador, não é”?

“Primeiro, ele seguiu o embaixador até o estacionamento subterrâneo. A recepcionista pode confirmar isso. Em seguida, ele pegou o elevador de volta. A garota com quem ele flertou no elevador pode atestar isso. Provavelmente, ele matou o embaixador no estacionamento, apunhalou suas costas com a faca Sami quando o embaixador estava entrando no carro, pegou as chaves e jogou-o no porta-malas. Então ele trancou o carro, foi até o elevador e esperou até que alguém apertasse o botão para que ele pudesse ter certeza de haver outra testemunha da sua volta ao escritório”.

“Ele até mesmo convidou-a para sair para garantir que ela se lembraria dele”.

“Certo. Se outro alguém tivesse aparecido, ele teria inventado algum outro plano. Em seguida, ele bloqueou o telefone para parecer que estava ocupado, pegou o elevador e desceu novamente e então dirigiu até a casa de Klipra no carro do embaixador”.

“Mas se ele matou o embaixador no estacionamento ele teria sido pego pela câmera”.

“Por que você acha que uma fita desapareceu? Claro que ninguém tentou sabotar o alibi de Brekke. Ele fez Jim Love dar-lhe a fita. Na noite em que o encontramos na luta de boxe, ele estava com pressa de voltar para o escritório. Não para falar com clientes americanos, mas para encontrar Jim Love para que ele pudesse entrar e regravar sobre a parte da fita em que ele matava o embaixador. E reprogramar o timer para que parecesse como se alguém estivesse tentando sabotar o seu alibi”.

“Por que ele apenas não apagou a fita original”?

“Ele é um perfeccionista. Ele sabia que algum jovem detetive brilhante iria perceber, mais cedo ou mais tarde, que a gravação e o tempo não coincidiam”.

“Como”?

“Porque ele usou outra fita de outra noite para regravar a cena em questão. Mais cedo ou mais tarde a polícia iria falar com os funcionários do prédio que poderiam testemunhar que eles haviam passado pela câmera entre cinco e cinco e meia, no dia sete de janeiro. A prova de que a fita foi

adulterada é claro, porque eles *não* aparecem na gravação. A chuva e as faixas de chuva dos pneus significavam que iríamos perceber mais rápido do que o normal”.

“Então você não era mais esperto do que ele queria que você fosse”?

Harry encolheu os ombros. “Não. Mas eu posso viver com isso. Jim Love não podia. Ele recebeu seu pagamento em ópio envenenado”.

“Porque ele era uma testemunha”?

“Como eu disse, Brekke não gosta de correr riscos”.

“Mas qual é o motivo”?

Harry inflou as bochechas. Soou como um rolo compressor freando.

“Você se lembra de nós perguntando se o direito de dispor de mais de cinquenta milhões de coroas por seis anos era um motivo bom o suficiente para matar o embaixador? Não era. Mas tê-lo pelo resto da sua vida foi um motivo bom o suficiente para Jens Brekke matar três pessoas. De acordo com o testamento, Runa herdaria o dinheiro quando ela se tornasse maior de idade, mas como não diz nada sobre o que aconteceria se ela morresse, o dinheiro irá, obviamente, seguir a linha de herança. Ou seja, a fortuna irá pertencer a Hilde Molnes. O testamento não a impede de ter acesso agora.

“Como Brekke vai fazê-la dar-lhe o dinheiro”?

“Ele não tem que fazer nada. Hilde Molnes tem seis meses de vida. Tempo suficiente para ela se casar com ele, e apenas o tempo suficiente para Brekke se comportar como um perfeito cavalheiro”.

“Então, ele se livrou do marido e da filha para que pudesse herdar a fortuna quando ela morresse”?

“Não só isso”, disse Harry. “Ele já gastou o dinheiro”.

Liz franziu as sobrancelhas.

“Ele adquiriu uma empresa quase falida chamada Phuridell. Se o que o Barclays Thailand previu que irá acontecer, acontecer realmente, a empresa poderá valer vinte vezes o que ele pagou”.

“Então, por que os outros venderiam”?

“De acordo com George Walters, o gerente da Phuridell, ‘os outros’ são um casal de acionistas do pequeno porte que se recusaram a vender o seu bloco de ações a Ove Klipra quando ele se tornou o acionista majoritário, pois sabiam que algo grande estava se formando. Mas depois Klipra desapareceu de cena e eles foram informados que a dívida em dólar poderia quebrar a empresa, portanto eles alegremente aceitaram a oferta de Brekke. O mesmo é verdade para a sociedade de advogados que administram o

espólio de Klipra. O preço de aquisição é de cerca de cem milhões de coroas”.

“Mas Brekke não tem o dinheiro ainda”.

“Walters diz que metade do dinheiro será pago no momento da assinatura, a outra metade em seis meses. Como é que ele vai pagar a primeira metade, eu não sei. Ele deve ter juntado o dinheiro de outra forma”.

“E o que acontece se ela não morrer dentro de seis meses”?

“Por alguma razão, eu acredito que Brekke vai ter certeza de que isso aconteça. Ele prepara as bebidas dela...”.

Liz olhou para o ar pensativa. “Ele não imaginou que poderia parecer suspeito se ele surgisse como o novo proprietário da Phuridell neste exato momento”?

“Sim, é por isso que ele comprou as ações em nome de uma empresa chamada Ellem Ltd”.

“Alguém poderia ter descoberto que ele estava por trás disso”.

“Ele não está, aparentemente. A empresa foi constituída em nome de Hilde. Mas é claro que ele herda quando ela morre”.

Liz formou um ‘O’ silencioso com os lábios. “Como é que você elaborou tudo isso”?

“Com a ajuda de Walters. Mas eu tive uma suspeita quando vi a lista dos acionistas da Phuridell na casa de Klipra”.

“Sério”?

“Ellem”. Harry sorriu. “No início, me fez suspeitar Ivar Løken. Seu apelido da Guerra do Vietnã era LM. Mas a solução foi ainda mais banal”.

“Desisto”.

“Se você inverter Ellem é Melle. Nome de solteira da Hilde Molnes”.

Liz olhou para Harry como se ele fosse uma atração no zoológico.

“Você não é real”, ela murmurou.

Jens olhou para a papaya que estava segurando na mão.

“Quer saber, Løken? Quando você dá uma mordida num mamão sente gosto de vômito. Já reparou nisso”?

Ele cravou os dentes na fruta. O suco escorria pelo seu rosto.

“E então o gosto é de boceta”.

Ele se inclinou para trás e riu.

“Você sabe, um mamão custa cinco baht aqui em Chinatown - o mesmo que nada. Todo mundo pode pagar. Comer um mamão é um dos chamados prazeres simples. E como acontece com outros prazeres simples você não dá valor até que eles acabem. É como...” Jens gesticulava como se estivesse à procura de uma analogia adequada. “Como ser capaz de limpar a bunda. Ou bater uma punheta. Tudo o que é necessário é, pelo menos, uma das mãos”.

Ele levantou a mão decepada de Løken pelo dedo médio e segurou-a na frente de seu rosto.

“Você ainda tem uma. Pense nisso. E pense em *todas* as coisas que você não pode fazer sem as mãos. Eu já pensei sobre isso, então me deixe ajudar. Você não pode descascar uma laranja, você não pode enfiar a isca em um anzol, você não pode acariciar o corpo de uma mulher ou abotoar suas próprias calças. Sim, você não pode nem mesmo dar um tiro na cabeça, no caso de você sentir a tentação de fazer isso. Você vai precisar de alguém para ajudá-lo em tudo. Tudo. Pense nisso”.

O sangue pingava da mão, batia na borda da mesa e salpicava a camisa de Løken com pequenos pontos vermelhos. Jens colocou a mão na mesa. Os dedos apontados para o teto.

“Por outro lado, com ambas as mãos intactas não há limite para o que se pode fazer. Você pode estrangular uma pessoa, enrolar um baseado e segurar um taco de golfe. Você sabe o quão longe a ciência médica tem avançado atualmente”?

Jens esperou até ter certeza que Løken não ia responder.

“Eles podem costurar uma mão novamente se os nervos não foram muito danificados. Eles pinçam os nervos no seu braço e os puxam para baixo como elásticos. Dentro de seis meses você mal percebe que, um dia ela foi cortada. É claro que isso depende do quão rápido você pode chegar até um médico e sem esquecer-se de levar a mão com você”.

Ele passou por atrás da cadeira de Løken, apoiou o queixo em seu ombro e sussurrou em seu ouvido:

“Olha que bela mão. Bonita, não é? Quase como a mão na pintura de Michelangelo. Qual é o nome”?

Løken não respondeu.

“Você sabe, a que eles usaram no anúncio da Levi’s”.

Løken tinha o olhar fixado em um ponto no ar acima dele. Jens suspirou.

“Obviamente nenhum de nós é conhecedor de arte, hein? Bem, talvez eu compre alguns quadros famosos quando isto acabar, para ver se assim poderei estimular meu interesse. A propósito, quanto tempo você acha que temos antes que seja tarde demais para costurar sua mão? Meia hora? Uma hora? Talvez mais se fosse colocada no gelo, mas eu receio que nós estejamos sem gelo hoje. Felizmente para você, é apenas quinze minutos de carro daqui até o Answut Hospital”.

Ele respirou fundo, colocou a boca perto do ouvido de Løken e gritou:

“ONDE ESTÃO HOLE E A PORRA DA MULHER”?

Løken tomou um susto e mostrou os dentes num sorriso doloroso.

“Desculpe”, disse Jens. Ele pegou um pedacinho de mamão da bochecha de Løken. “Simplesmente eu preciso muitíssimo encontra-los”.

Um sussurro rouco saiu dos lábios de Løken. “Você está certo...”.

“O que?” disse Jens. Ele se inclinou para perto de sua boca. “O que você disse? Fale homem”!

“Você está certo sobre mamão. Eles fedem a vômito”.

Liz cruzou as mãos em cima da cabeça.

“O caso Jim Love. Eu não consigo imaginar Brekke na cozinha misturando ácido cianídrico no ópio”.

Harry sorriu. “Brekke disse o mesmo sobre Klipra. Você está certa. Ele tinha alguém para ajudá-lo, um profissional”.

“Você não exatamente coloca um anúncio procurando por pessoas assim, não é”.

“Não”.

“Talvez alguém que ele conheceu por acaso? Ele vai a alguns lugares muito obscuros. Ou...” ela parou quando o viu olhando para ela. “Sim”? Disse ela. “O que foi”?

“Não é óbvio? É o nosso velho amigo Woo. Ele e Jens têm trabalhado juntos o tempo todo. Foi Jens quem o mandou colocar o bug no meu telefone”.

“Parece uma coincidência muito grande que o mesmo cara que estava trabalhando para os credores de Molnes também estava trabalhando para Brekke”.

“Isso não é uma coincidência. Hilde Molnes me disse que os bandidos do empréstimo que tinham ligado para ela após a morte do embaixador pararam imediatamente de ligar depois que ela falou com Brekke pelo

telefone. Duvido que ele os assuste, vamos colocar assim. Quando visitamos a Thai Indo Travellers, o Sr. Sorensen disse que não tinha contas a acertar com Molnes. Ele pode ter dito a verdade. Meu palpite é que Brekke pagou as dívidas do embaixador. Em troca de outros serviços, naturalmente”.

“Serviços de Woo”.

“Exatamente”. Harry olhou para o relógio. “Caramba, o que aconteceu com Løken”?

Liz se levantou com um suspiro. “Vamos tentar ligar para ele. Talvez ele esteja dormindo”.

Harry coçou o queixo, perdido em pensamentos. “Talvez”.

Løken sentiu uma dor no peito. Ele nunca tinha tido problemas de coração, mas sabia um pouco sobre os sintomas. Se fosse um ataque cardíaco ele esperava que fosse poderoso o suficiente para matá-lo. Ele ia morrer de qualquer maneira, por isso seria bom se ele pudesse tirar o prazer de Brekke. Apesar de, quem sabe, talvez ele não tivesse nenhum prazer com isso. Talvez fosse para Brekke como tinha sido para ele - um trabalho que tinha que ser feito. Um tiro, um homem cai e é isso. Ele olhou para Brekke. Ele viu sua boca se mover e percebeu, para sua surpresa, que ele não conseguia ouvir nada.

“Então, quando Ove Klipra me pediu para saldar a dívida em dólares da Phuridell ele fez isso durante o almoço, em vez de no telefone”, disse Jens. “Eu não podia acreditar nos meus ouvidos. Uma ordem de cerca de metade de um bilhão e ele me dá isso verbalmente, sem qualquer registro rastreável! Esse é o tipo de chance que você pode esperar durante metade da sua vida em vão”.

Jens limpou a boca com um guardanapo.

“Quando voltei para o escritório eu fiz as transações de dólar em meu próprio nome. Se o dólar descesse eu poderia transferir a transação para a Phuridell e dizer que eu estava acertando o preço da dívida em dólares como tínhamos discutido. Se ele subisse eu poderia embolsar o ganho e negar terminantemente que Klipra me pediu para comprar as opções de dólar. Ele não podia provar nada. Adivinhe o que aconteceu, Ivar. Está tudo bem se eu te chamar Ivar”?

Ele amassou o guardanapo e jogou-o num cesto de lixo perto da porta.

“Sim, Klipra ameaçou ir à diretoria do Barclays Thailand com o caso. Expliquei-lhe que, se o Barclays Thailand aceitasse a sua queixa, eles teriam que ressarcir sua perda. Além disso, eles perderiam o melhor corretor. Simplificando: eles não podiam fazer nada além de me apoiar. Então, ele ameaçou usar suas conexões políticas. Você pode imaginar? Ele nunca chegou tão longe. Eu percebi que poderia me livrar de um problema, Ove Klipra, e ao mesmo tempo assumir sua empresa, Phuridell, que ia decolar como um foguete. E quando eu digo isso, não é porque eu espero e acredito da forma como esses patéticos especuladores fazem. Eu *sei* que vai. Vou garantir que isso aconteça”. Os olhos de Jens brilhavam. “Assim como eu sei que esse Harry Hole e a mulher careca vão morrer esta noite. Isso vai acontecer”. Ele olhou para o relógio. “Peço desculpas pelo melodrama, mas o *tempo corre*, Ivar. É hora de considerar os seus melhores interesses, não é”?

Løken fitou-o com olhos vagos.

“Não tem medo, não é? O osso duro”? Um pouco distraído, Brekke puxou um fio solto de um botão. “Devo dizer-lhe como é que eles vão ser encontrados, Ivar? Cada um amarrado a um poste, em algum lugar do rio com uma bala nos corpos e os rostos como tortas de carne. Ouviu essa expressão antes, Ivar? Não? Talvez eles não usassem quando você era jovem, não é? Eu nunca teria sido capaz de imaginar. Até o meu amigo Woo aqui me dizer que uma hélice de barco pode literalmente rasgar a pele de um homem e mostrar a carne por baixo. Você consegue imaginar? É um truque que Woo aprendeu com a máfia local. É claro que as pessoas podem perguntar o que os dois haviam feito para deixar a máfia tão louca, mas eles nunca vão descobrir, não mesmo. Especialmente vindo de você, porque você estará recebendo uma cirurgia grátis e cinco milhões de dólares para me dizer onde eles estão. Você tem muita prática em sumir, criar uma nova identidade e tudo isso, disso eu tenho certeza”.

Ivar Løken observava os lábios de Jens se movendo e ouvia o eco de uma voz ao longe. Palavras como hélice de barco, cinco milhões e uma nova identidade vibravam pelo ar. Ele nunca tinha sido um herói perante seus próprios olhos e nunca tinha tido um desejo secreto de morrer como um. Mas ele sabia a diferença entre o certo e o errado, e dentro de limites razoáveis, ele tinha se esforçado para fazer o que era certo. Ninguém mais, além de Brekke e Woo, jamais saberia se ele tinha encontrado a sua morte com a cabeça erguida ou não, ninguém iria conversar sobre o velho Løken

com uma cerveja na mão no encontro dos veteranos do serviço de inteligência ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e Løken não se importava de um modo ou de outro de qualquer maneira. Ele não precisava de uma reputação após sua morte. Sua vida tinha sido um segredo bem guardado, e por isso era provavelmente natural que sua morte também fosse. Mas, se esta situação não era o lugar apropriado para um grande gesto ele também sabia que tudo o que ele iria ganhar, se desse a Brekke o que ele precisava, era uma morte mais rápida. E ele não sentiria mais nenhuma dor. Portanto, valia a pena. Se Løken tinha ouvido os detalhes da sugestão de Brekke não teria feito qualquer diferença. Nada faria qualquer diferença. Porque naquele momento o celular preso ao cinto de Løken começou a apitar.

## Sexta-Feira 24 de Janeiro

Quando Harry estava prestes a desligar, ouviu um clique e um novo tom, e ele percebeu que sua chamada estava sendo transferida do número da casa de Løken para seu celular. Ele esperou, deixou tocar sete vezes antes de desistir e agradecer a menina com tranças atrás da escrivainha por deixá-lo usar o telefone.

“Nós temos um problema”, disse ele, ao voltar para a sala. Liz tinha tirado os sapatos para inspecionar a pele seca.

“O tráfego”, disse ela. “É sempre o tráfego”.

“Fui transferido para o seu telefone celular, mas ele não atendeu. Eu não gosto disto”.

“Relaxe. O que poderia acontecer com ele aqui na pacífica Bangkok? Ele deve ter deixado o celular em casa”.

“Eu cometi um erro”, disse Harry. “Eu disse a Brekke que iríamos nos reunir hoje à noite e pedi-lhe para descobrir quem estava por trás da Ellem Ltd.”.

“Você fez o quê?” Liz tirou os pés de cima da mesa.

Harry deu um murro na mesa com o punho fazendo saltar as xícaras de café. “Porra, porra, porra! Eu queria ver como ele reagiria”.

“Reagir? Harry, isto não é um jogo”!

“Eu não estou jogando. Eu combinei de ligar para ele após a reunião para que pudéssemos encontrá-lo em algum lugar. Meu plano era o Lemon Grass”.

“O restaurante que fomos antes”?

“É perto e melhor do que correr o risco de uma emboscada na casa dele. Somos três, então eu imaginei uma prisão à la Woo”.

“Mas então você o assustou, ao mencionar Ellem”? Liz gemeu.

“Brekke não é estúpido. Ele podia sentir o cheiro de podre muito antes disso. Ele falou sobre o absurdo de me convidar para padrinho de novo, para me testar, para ver se eu o tinha na mira”.

Liz bufou. “Isso é besteira machista demais! Se vocês dois tem alguma coisa pessoal investida nisso, tirem-na do caso. Pelo amor de Deus, Harry, eu pensei que você era muito profissional para isso”.

Harry não respondeu. Ele sabia que ela estava certa: ele tinha se comportado como um amador. Por que diabos ele tinha mencionado Ellem

Ltd? Ele poderia ter inventado uma centena de outros pretextos para usar. Talvez houvesse algo no que Jens havia dito, que algumas pessoas gostavam de correr riscos por causa do risco. Talvez ele fosse um dos jogadores que Brekke considerava muito patéticos. Não, não era isso. Não apenas isso, de qualquer modo. Seu avô já tinha explicado por que ele nunca deveria atirar numa perdiz quando elas estavam no chão: não era gratificante.

Foi por isso? Uma espécie de ética de caça hereditária: você assustava a presa para matá-la em voo, para dar-lhes a chance simbólica de escapar.

Liz interrompeu sua linha de pensamento.

“Então, o que fazemos agora, detetive”?

“Esperar”, disse Harry. “Nós vamos dar meia hora para Løken. Se ele não aparecer vou ligar para Brekke”.

“E se Brekke não responder”?

Harry respirou fundo. “Então nós telefonamos para o chefe de polícia e mobilizamos toda a força policial”.

Liz praguejou com os dentes cerrados. “Eu já lhe contei o que é ser um guarda de trânsito”?

Jens olhou para o visor do telefone de Løken e riu. Tinha parado de apitar.

“Grande telefone que você tem, Ivar”, disse ele. “A Ericsson tem feito um bom trabalho, você não concorda? Você pode ver o número da pessoa que ligou. Então, se é alguém com quem você não quer falar, você não precisa atender. A menos que eu esteja muito enganado alguém está se perguntando por que você não apareceu. Porque você não tem um monte de amigos ligando neste momento do dia, não é, Ivar”.

Ele jogou o telefone por cima do ombro e Woo agilmente deu um passo para o lado e o pegou.

“Descubra de quem é este número e o endereço. Agora”.

Jens sentou-se ao lado de Løken.

“Esta operação está começando a ficar um pouco urgente, Ivar”.

Segurando o nariz, ele olhou para o chão, onde uma piscina se formara em torno da cadeira.

“Quero dizer, muito urgente, Ivar”.

“Millie’s Karaokê”, disse Woo em Inglês bem espaçado. “Eu sei onde fica”.

Jens afagou Løken no ombro.

“Desculpe, mas temos que sair agora, Ivar. Nós vamos ter que deixar para ir ao hospital quando voltarmos”.

Løken estava ciente da vibração dos passos desvanecendo na distância e esperou pela pressão de ar ao baterem a porta. Ela não veio. Em vez disso, ouviu o eco distante de uma voz na sua orelha.

“Ah, sim, quase me esqueci, Ivar”.

Ele sentiu o hálito quente na sua têmpora.

“Precisamos de algo para amarrá-los nos postes. Pode me emprestar esse torniquete? Você vai recebê-lo de volta. Eu prometo”.

Løken abriu a boca e sentiu o muco na garganta se soltar quando rugiu. Outra pessoa havia assumido o comando do seu cérebro, e não sentiu o puxão nas tiras de couro, mas ele viu o sangue escorrer sobre a mesa e as mangas da camisa absorvendo tudo até que elas ficaram totalmente vermelhas. Ele não percebeu a porta se fechar.

Harry deu um pulo quando ouviu o leve toque na porta.

Involuntariamente, ele fez uma careta quando viu que não era Løken, mas a menina da recepção.

“Você Harry, senhor”?

Ele acenou com a cabeça.

“Telefone”.

“O que eu disse”? Disse Liz. “Cem baht como é o tráfego”.

Ele seguiu a garota até a recepção, anotando em seu subconsciente que ela tinha o cabelo preto e o pescoço magro como Runa. Ele olhou para os pequenos pelos pretos na nuca de seu pescoço. Ela virou-se, deu um rápido sorriso e estendeu a mão. Ele balançou a cabeça e pegou o receptor.

“Sim”?

“Harry? sou eu”.

Harry pensou que sentia seus vasos sanguíneos se alargando quando seu coração começou a bombear o sangue mais rápido pelo seu corpo. Ele respirou profundamente antes de falar com calma e clareza.

“Onde está Løken, Jens”?

“Ivar? Ele está com as mãos ocupadas e não pode ligar”.

Harry podia ouvir pela sua voz que a máscara voltara; este era Jens Brekke falando agora, a mesma pessoa que tinha falado com ele no escritório pela primeira vez. As mesmas provocações, o tom provocador de

um homem que sabe que vai ganhar, mas quer se divertir antes de aplicar o golpe de misericórdia. Harry tentou entender porque suas probabilidades se viraram contra ele.

“Eu estive esperando pela sua chamada, Harry”. Essa não era a voz de um homem desesperado, mas como a de alguém que estava no banco do motorista, com uma mão indiferente no volante.

“Bem, você está à frente do jogo, Jens”.

Jens riu. “Parece que eu sempre estou, Harry. Como você se sente”?

“Esgotado. Onde está Løken”?

“Gostaria de saber o que Runa disse antes de morrer”?

Harry sentiu uma sensação de formigamento debaixo da pele na testa. “Não”, ouviu-se dizer. “Eu só quero saber onde Løken está, o que você fez com ele e onde podemos encontrá-lo”.

“Harry, são três desejos de uma vez”!

A membrana do microfone do telefone vibrou com sua risada. Mas havia algo mais lutando para capturar a atenção de Harry, algo que ele não conseguia identificar. O riso parou abruptamente.

“Você sabe o quanto auto sacrifício é necessário para executar um plano como este, Harry? Verificar e verificar novamente, examinar todos os pequenos desvios para torná-lo infalível? Sem mencionar o desconforto físico. Matar é uma coisa, mas você acha que eu apreciei ficar sentado na prisão durante todo esse tempo? Você pode não acreditar em mim, mas o que eu disse sobre ser preso é verdade”.

“Então por que você se preocupou com todos os desvios”?

“Eu já lhe disse antes, eliminar riscos tem um custo, mas vale a pena, sempre vale a pena. Enrolar Klipra exigiu um trabalho árduo”.

“Então por que você não fez de um modo mais simples? Matá-los todos e culpar a máfia”?

“Você pensa como um dos perdedores que normalmente você prende, Harry. Você é como os jogadores, você esquece todo o quadro, as consequências. É claro que eu poderia ter matado Molnes, Klipra e Runa de forma simples e me certificar que não deixaria vestígios. Mas isso não seria suficiente. Porque quando eu assumisse a fortuna de Molnes e a Phuridell teria sido bastante óbvio que eu tinha um motivo para matar todos os três, não é? Três assassinatos e uma pessoa com um motivo para todos eles. Até a polícia teria sido capaz de desvendar essa, você não acha? Mesmo se você não tivesse encontrado qualquer evidência condenatória você poderia ter

feito a vida se tornar bastante desagradável para mim. Então eu tive que criar um cenário alternativo para você. Onde uma das vítimas fosse o autor do crime. Uma solução que não fosse tão difícil que você não pudesse resolver o problema ou tão fácil que você não se sentiria feliz com isso. Você deveria me agradecer, Harry. Eu fiz você se sentir bem quando estava no encalço de Klipra, tenho certeza que ficou”.

Harry estava apenas escutando pela metade; ele tinha voltado no tempo. Então ele também tinha uma voz de assassino no seu ouvido. Em seguida, havia água no fundo que lhe tinha alertado, mas agora tudo o que Harry podia ouvir era o zumbido fraco de música que poderia estar tocando em qualquer lugar.

“O que você quer, Jens”?

“O que eu quero? Bem, o que eu quero? Apenas um bate-papo, eu suponho”.

Para me manter na linha, Harry pensou. Ele quer me manter na linha. Por quê? Tambores de um sintetizador soaram e um clarinete trinou.

“Mas se você quer saber exatamente, eu estava ligando para dizer...”.

Harry podia ouvir *'Eu só liguei para dizer que te amo'* tocando.

“... que sua colega deveria fazer uma plástica facial. O que você acha, Harry? Harry”?

O receptor balançava para lá e para cá em um arco um pouco acima do chão.

Harry sentiu o doce da adrenalina correndo em suas veias, como se tivesse sido injetada nele enquanto corria pelo corredor. A menina com as tranças tinha se apoiado contra a parede com medo quando ele deixou cair o receptor, tirou seu Ruger SP101 do coldre da panturrilha e carregou-o com um movimento suave. Será que ela entendeu quando ele gritou para ela ligar para a polícia? Não havia tempo para pensar nisso agora, ele estava lá. Harry chutou a primeira porta e olhou direto para quatro rostos chocados acima da mira do revolver.

“Sinto muito”.

Na próxima sala, ele quase deu um tiro de puro medo. No meio da sala havia um pequeno tailandês de pele escura com as pernas abertas vestindo um terno prata brilhante e óculos de sol estilo pornô. Harry levou alguns segundos para perceber o que ele estava fazendo, mas, então, o resto da música *'Hound Dog'* ficou presa na garganta do Elvis tailandês.

Harry olhou para o corredor. Devia haver, pelo menos, cinquenta salas no total. Uma campainha de alarme tinha soado em algum lugar na sua cabeça, mas seu cérebro já estava tão sobrecarregado que ele havia tentado deixá-la de fora. Agora ele podia ouvi-la alto e bom som. Liz! Merda, merda, merda. Jens o mantivera preso na linha.

Ele correu pelo corredor, e quando virou a esquina, ele viu que a porta da sala que ele e Liz usavam estava aberta. Ele não pensou mais, não tinha medo, nem esperanças, apenas correu, sabendo que tinha cruzado a fronteira relutante do matar ou morrer. Não era como um sonho ruim, não era como correr através da água até a cintura. Ele entrou pela porta e viu Liz encolhida atrás do sofá. Ele balançou a arma em volta, mas era tarde demais. Algo o atingiu sob os rins, expulsou o ar para fora dele, e no momento seguinte ele sentiu um aperto forte ao redor de seu pescoço, e vislumbrou um cabo de microfone em espiral, e o ruído de sua respiração era esmagador.

Harry enfiou o cotovelo para trás; bateu em alguma coisa e ele ouviu um gemido.

“*Tay*”, disse uma voz, e um punho veio por trás e atingiu-o sob a orelha, fazendo-o ficar tonto. Ele sentiu que algo sério havia acontecido com sua mandíbula. Em seguida, o cabo em volta do pescoço apertou novamente. Ele tentou inserir um dedo, mas foi inútil. Sua língua, inerte, estava sendo espremida para fora da sua boca como se alguém estivesse beijando-o de dentro. Talvez ele não precisasse pagar a conta de seu dentista, tudo já estava ficando escuro.

O cérebro de Harry estava chiando. Ele não aguentava mais, ele tentou preparar a sua mente para morrer, mas seu corpo não obedecia. Ele instintivamente empurrou o braço no ar, mas não havia cabo de rede de piscina para salvá-lo agora. Havia apenas oração, como se ele estivesse de pé sobre a ponte em Siam Square implorando pela vida eterna.

“Pare”!

O cabo em volta do pescoço afrouxou e o oxigênio invadiu como uma cascata seus pulmões. Mais, ele precisava de mais! Não parecia ter bastante ar na sala, e seus pulmões pareciam como se estivessem prestes a explodir em seu peito.

“Solte ele”! Liz tinha ficado de joelhos e estava apontando o Smith & Wesson 650 para Harry.

Harry podia sentir Woo agachado atrás dele quando ele apertou o cabo novamente, mas agora Harry estava com a mão esquerda entre o cabo e o seu pescoço.

“Atire nele”, Harry resmungou com voz de Pato Donald.

“Solte! Agora”! As pupilas de Liz estavam pretas com medo e raiva. Uma linha de sangue escorria de sua orelha, sobre a clavícula e em seu decote.

“Ele não vai deixar-nos sair. Você vai ter que matá-lo”, Harry sussurrou com voz rouca.

“Agora”! Liz gritou.

“Atire”! Harry gritou.

“Cale a boca”! A mão de Liz vacilou enquanto tentava manter o equilíbrio.

Harry se inclinou para trás para Woo. Era como apoiar-se contra uma parede. Liz tinha lágrimas em seus olhos, e sua cabeça estava inclinada para frente. Harry tinha visto isso antes. Ela teve uma concussão grave, e eles tinham muito pouco tempo.

“Liz, me escute agora”!

O cabo foi apertado, e Harry ouviu a pele na extremidade da sua mão se rasgar.

“Suas pupilas estão bem abertas, você está prestes a entrar em choque, Liz! Ouça! Você tem que atirar agora, antes que seja tarde demais! Você vai perder a consciência em breve, Liz”!

Um soluço saiu de seus lábios. “Foda-se você, Harry! Eu não posso. Eu...”.

O cabo estava cortando a sua carne como se fosse manteiga. Ele tentou cerrar o punho, mas alguns nervos deviam ter sido rasgados.

“Liz! Olhe para mim, Liz”!

Liz piscou e piscou de novo e olhou para ele com os olhos embaçados.

“Isso é ótimo, Liz. Se você consegue errar o tiro em mim você vai acabar acertando nele”!

Ela o olhou de boca aberta, então ela abaixou a arma e começou a rir. Harry tentou segurar Woo para trás, porque ele começou a se mover para frente, mas era como estar na frente de uma locomotiva. Eles estavam em cima dela quando algo explodiu no rosto de Harry. A dor aguda viajou através de seus canais nervosos, uma nova dor, queimando desta vez. Ele sentia o perfume dela, ele sentiu o corpo dela ceder sob o peso de Woo

prendendo os três no chão. O eco de um trovão rolou através da porta aberta e pelo corredor. Em seguida, fez-se silêncio.

Harry estava respirando. Ele jazia preso entre Liz e Woo, mas seu peito subia e descia. Isso só poderia significar que estava vivo. Algo estava pingando. Ele tentou dominar a memória; não havia tempo para isso agora, a corda molhada, o frio, gotas salgadas no convés. Aqui não era Sydney. Elas caíram na testa de Liz, suas pálpebras. Então ele ouviu a risada de novo. Os olhos dela se abriram e eram duas janelas pretas com bordas brancas numa parede vermelha. Vovô estava empunhando seu machado, sem brilho, golpes abafados, o baque quando a madeira caiu na terra dura com força. O céu estava azul, a grama fazia cócegas nos seus ouvidos, uma gaiivota voava dentro e fora do campo de sua visão. Ele queria dormir, mas seu rosto estava em chamas, ele podia sentir o cheiro da sua própria carne misturada com o da pólvora que tinha queimado seus poros.

Com um gemido, ele rolou para fora do sanduíche humano. Liz ainda estava rindo, seus olhos estavam abertos, e ele a deixou continuar.

Ele virou Woo de costas. Seu rosto estava congelado numa expressão de surpresa; sua mandíbula estava aberta em protesto contra o ferimento escuro da entrada da bala na testa. Ele havia virado Woo, mas ele ainda podia ouvir o gotejamento. Ele se virou para a parede atrás deles e viu que não era sua imaginação. Madonna tinha mudado a cor do cabelo novamente. O rabicho de Woo havia grudado na parte superior do retrato e deu-lhe um penteado punk, preto e pingando algo que parecia uma mistura de gemada e suco de frutas vermelhas. Ela pingava sobre o tapete grosso com um *plaft* suave.

Liz ainda estava rindo.

“Dando uma festa”? Ele ouviu uma voz dizer da porta. “E você não convidou Jens? E eu que pensava que éramos amigos...”.

Harry não se virou; seus olhos vasculharam o chão numa busca desesperada pela arma. Devia ter caído debaixo da mesa ou atrás da cadeira quando Woo deu um soco nas suas costas.

“É isto que você está procurando, Harry”?

Claro. Ele virou-se lentamente e olhou para o cano de sua própria Ruger SP101. Ele estava prestes a abrir a boca e proferir algo quando viu que Jens estava prestes a atirar. Ele estava segurando a arma com as duas mãos e já tinha se inclinado para frente o suficiente de absorver o recuo da arma.

Harry viu o policial que tinha se inclinado para trás sobre a cadeira no Schröder, seus lábios úmidos, o sorriso desdenhoso que ele não mostrava, mas estava lá de qualquer maneira. O mesmo sorriso invisível quando a Comissária de Polícia queria pedir um instante de silêncio.

“O jogo terminou, Jens”, ouviu-se dizer. “Você não vai conseguir acabar com isso”.

“Fim do jogo? Quem realmente diz isso”? Jens suspirou e balançou a cabeça. “Você anda assistindo muitos filmes de ação de merda, Harry”.

Seu dedo dobrou-se em volta do gatilho.

“Mas, OK, acabou agora. Você acabou de fazer tudo isto ficar melhor do que eu tinha planejado. Quem você acha que vai levar a culpa quando eles encontrarem um capanga da máfia e dois policiais mortos por balas uns dos outros”?

Jens espremeu um olho fechado, desnecessário naquela distância de três metros. Não é um jogador, Harry pensou, fechando os olhos e respirando inconscientemente, pronto para receber a tacada final.

Seus tímpanos ficaram em frangalhos. Três vezes. Não é um jogador. Harry sentiu suas costas baterem na parede, no chão, ele não sabia o porquê, e o cheiro de pólvora ardia nas suas narinas. O cheiro de pólvora. Ele não entendia nada. Jens não tinha disparado três vezes? Não devia ter parado de sentir o cheiro?

“Merda”! Parecia que alguém estava gritando debaixo de um edredom.

A fumaça se espalhou e ele viu Liz, sentada de costas contra a parede, uma mão segurando uma arma fumegante, a outra segurando a barriga.

“Jesus, ele me acertou! Você está aí, Harry”?

Estou? Harry se perguntou. Lembrou-se vagamente do pontapé no quadril que o atirara rolando pelo chão.

“O que aconteceu”? Harry gritou, ainda surdo.

“Eu disparei primeiro. Eu acertei nele. Eu sei que acertei nele, Harry. Como ele fugiu”?

Harry se levantou, derrubou os copos da mesa e finalmente firmou-se em seus pés. Sua perna esquerda tinha ido dormir. Dormir? Ele colocou a mão em seu quadril e suas calças estavam encharcadas. Ele não queria olhar. Estendeu uma mão.

“Dê-me a arma, Liz”.

Seus olhos estavam fixos na porta. Sangue. Havia sangue no linóleo. Por aqui. Por aqui, Hole. Basta seguir o caminho que foi traçado para você.

Ele olhou para Liz. Uma rosa vermelha crescia entre os dedos na sua camisa azul. Merda, merda, merda!

Ela gemeu e passou-lhe o seu Smith & Wesson 650.

“Traga-o de volta, Harry”.

Ele hesitou.

“E isso é uma ordem”!

## Sexta-Feira 24 de Janeiro

Toda vez que ele dava um passo ele tinha que empurrar a perna para frente, na expectativa de que não desabaria no chão. Tudo nadava diante de seus olhos e ele sabia que era seu cérebro tentando fugir da dor. Ele passou pela menina na recepção, que parecia estar congelada numa pose para ‘*O Grito*’, aquele quadro famoso que até virou máscara do filme ‘*Pânico*’, nem um som saía dos seus lábios.

“Chame uma ambulância”! Harry gritou, e ela acordou. “Um médico”!

Então, ele saiu. O vento estava soprando; era muito quente, opressivamente quente. Um carro tinha se descontrolado e parado em ângulo na pista, havia marcas de derrapagem, a porta estava aberta e o motorista do lado de fora agitando os braços. Ele apontava para cima. Harry ergueu os braços e atravessou a rua correndo sem olhar, sabendo que se os motoristas vissem que ele não estava dando à mínima provavelmente eles freariam. Houve um guincho de freada. Ele olhou para onde o homem tinha apontado. Uma caravana de silhuetas cinzentas de elefantes se erguia acima dele. Seu cérebro se desligava e religava como um rádio mal sintonizado, e um toque solitário de trombeta encheu a noite. Até a borda. Harry sentiu o deslocamento de ar quando um rolo compressor estridente quase rasgou sua camisa quando passou como um trovão junto aos seus calcanhares.

Ele estava de volta, seus olhos vasculhando pelos pilares de concreto. A elevada *Estrada de Tijolos Amarelos*. BERTS. Sim, porque não? De certa forma, parecia lógico.

Uma escada de ferro conduzia até uma abertura no concreto diretamente acima dele, quinze, vinte metros de altura. Ele podia ver um pedaço da lua pela abertura. Ele colocou a coronha da pistola entre os dentes, percebeu que seu cinto estava pendurado, tentando não pensar o que uma bala que tinha cortado o cinto poderia ter feito no seu quadril e pôs as mãos na escada e começou a subir. O ferro pressionava contra o corte que o cabo do microfone tinha causado.

Não consigo sentir nada, Harry pensou, e praguejou porque o sangue que cobria sua mão como uma luva vermelha tornava difícil manter a aderência. Colocou o pé direito no degrau e se impulsionou para cima, colocou o pé na próxima e impulsionou novamente. Melhor agora.

Enquanto ele não desmaiava. Ele olhou para baixo. Dez metros? Era definitivamente melhor não desmaiar. Para frente e para cima. Tudo ficou escuro. A princípio, ele pensou que eram seus olhos e parou, mas quando olhou para baixo, ele podia ver os carros embaixo e ouviu uma sirene de polícia cortando o ar como uma lâmina de serra. Ele olhou para cima novamente. A abertura no topo da escada estava escura; ele não podia mais ver a lua. Será que o céu ficou nublado? Uma gota salpicou o cano da arma. Outra chuva de manga? Harry subiu para o próximo degrau, seu coração palpitava, perdia um par de batidas e depois continuava, estava fazendo o melhor que podia.

Qual é o ponto? Pensou, olhando para baixo. Logo, o primeiro carro da polícia estaria lá. Jens provavelmente tinha corrido pela estrada fantasma dando uma gargalhada, já estaria descendo uma escada a dois quarteirões de distância e, em seguida, como num passe de mágica, perdido no meio da multidão. A porra do *Mágico de Oz*.

A gota escorreu pela coroa até os dentes de Harry.

Três pensamentos surgiram de uma vez. O primeiro era que se Jens o tinha visto saindo do Millie's Karaoke vivo, ele provavelmente não iria fugir. Ele não tinha escolha; ele teria que terminar o trabalho.

O segundo foi que pingos de chuva não tem gosto doce e metálico.

O terceiro foi que não tinha ficado nublado, alguém estava bloqueando a abertura, alguém que estava sangrando.

Então, as coisas começaram a se desenrolar muito rápido novamente.

Esperava que ainda houvesse força suficiente na sua mão esquerda para mantê-lo agarrado no degrau. Harry pegou a arma da boca com a mão direita, viu faíscas voando do degrau acima e ouviu o assobio do ricochete, sentiu algo pegar a perna da calça antes de apontar a arma para o círculo preto e sentiu o recuo em sua mandíbula machucada quando atirou. A boca da arma fumegou e Harry esvaziou o carregador. Continuou a pressionar. Clique, clique, clique. Amador de merda.

Ele podia ver a lua novamente, deixou a arma cair e antes dela bater no chão, ele já estava subindo a escada. Então ele estava lá em cima. A estrada, caixas de ferramentas e equipamentos pesados de construção estavam banhados pela luz amarela de um ridículo e grande balão que alguém tinha amarrado acima deles. Jens estava sentado sobre uma pilha de areia, braços cruzados sobre o estômago, balançando para trás e para frente, morrendo de rir.

“Merda, Harry, você realmente estragou tudo. Olhe”.

Ele descruzou os braços. O sangue escorria, grosso e brilhante.

“Sangue negro. Isso significa que você atingiu o fígado, Harry. Provavelmente o meu médico vai proibir o álcool. Não vou gostar”.

As sirenes da polícia estavam cada vez mais altas. Harry tentou controlar a respiração.

“Eu não me aborreceria, Jens. Ouvi dizer que o brandy que servem nas prisões tailandesas é terrível”.

Ele mancou em direção a Jens, que estava apontando uma arma para ele.

“Ora, ora, Harry, não exagere, só dói um pouco. Nada que não possa ser corrigido pelo dinheiro”.

“Você ficou sem balas”, Harry disse, continuando a andar.

Jens riu e tossiu. “Boa tentativa, Harry, mas você é o único que está sem balas, sinto muito. Você já devia ter notado, eu sei contar”.

“Você sabe”?

“Ha ha. Eu pensei que tinha te contado. Números. Mexendo com esse tipo de coisa é como eu ganho a minha vida”.

Ele mostrou para Harry com os dedos de sua mão livre.

“Dois em você e na sapatona naquele karaokê espelunca e três na escada. Sobrou uma para você, Harry. Vale a pena guardar uma para as emergências, você devia saber”.

Harry estava a apenas dois passos de distância.

“Você anda assistindo muitos filmes de ação de merda, Jens”.

“Famosas últimas palavras”.

Jens sentou-se com uma expressão de desculpas no rosto e puxou o gatilho. O clique foi ensurdecador. A careta de Jens foi substituída pela descrença.

“Apenas em filmes de ação de merda todas as armas têm seis balas, Jens. Aquela é uma Ruger SP101. Cinco”.

“Cinco”? Jens olhou para a arma. “Cinco? Como você sabe”?

“Mexendo com esse tipo de coisa é como eu ganho a minha vida”.

Harry podia ver as luzes azuis na avenida abaixo deles. “Melhor se você entrega-la para mim, Jens. A polícia tem uma tendência para atirar de imediato se vê uma arma”.

A confusão estava expressa por todo o rosto de Jens quando ele entregou a arma para Harry, que a enfiou na cintura. Talvez fosse porque o

cinto não estava lá a arma caiu pela perna da calça, talvez fosse porque ele estava cansado, talvez tenha sido porque ele relaxou quando viu o que ele pensava ser a capitulação nos olhos de Jens. Ele cambaleou para trás quando o soco o atingiu, pego de surpresa pela rapidez com que Jens se moveu. Ele sentiu a fivela debaixo da sua perna esquerda, então sua cabeça bateu no concreto com um crunch.

Ele ficou fora do ar por um segundo. Não devia perder a consciência. O rádio procurou desesperadamente pela estação. A primeira coisa que viu foi um reluzente dente de ouro. Harry piscou. Não era um dente de ouro; era a lua refletindo na lâmina de uma faca Sami. Em seguida, a lâmina faminta arqueou-se para ele.

Harry nunca saberia dizer se agiu por instinto ou se houve um processo mental por trás do que ele fez. Sua mão esquerda levantou-se com os dedos abertos, em linha reta para o aço brilhante. A faca perfurou a palma da mão como se fosse manteiga. Quando a faca encostou até o cabo, Harry puxou a mão e chutou com a perna boa. Ele acertou o alvo em algum lugar no sangue negro, Jens dobrou-se, gemeu e caiu de lado na areia. Harry lutou para ficar de joelhos. Jens estava encolhido em posição fetal e segurava sua barriga com as duas mãos. Ele estava gritando. Se com riso ou dor, era difícil dizer.

“Porra, Harry. Dói muito, é simplesmente fantástico”. Ele engasgou, resmungou e riu em seguida.

Harry ficou de pé. Ele olhou para a faca atravessada na sua mão, sem saber qual ação seria mais sensata: retirá-la ou deixá-la para estancar o sangue? Ouviu algo gritado através de um megafone na avenida abaixo.

“Você sabe o que vai acontecer agora, Harry”? Jens tinha fechado os olhos.

“Não”.

Jens fez uma pausa para se recuperar. “Deixe-me explicar então. Este vai ser um dia de pagamento extra para uma pilha inteira de policiais, advogados e juízes. Você é um filho da puta, Harry, isso vai me custar caro”.

“O que você quer dizer”?

“O que eu quero dizer? Você está bancando o escoteirinho norueguês de novo? Tudo pode ser comprado. Se você tem dinheiro. Eu tenho dinheiro. Além...” Ele tossiu. “Há alguns políticos com interesses diretos no setor da construção civil que não querem ver BERTS escoar pelo ralo”.

Harry balançou a cabeça. “Não desta vez, Jens. Não desta vez”.

Jens mostrou os dentes numa dolorosa mistura de dor e careta. “Quer apostar”?

Vamos, Harry pensou. Não faça nada que você possa se arrepender, Hole. Ele olhou para o relógio, uma ação reflexa na sua profissão. Hora da prisão para registrar no relatório.

“Tem uma coisa que eu estava me perguntando, Jens. A inspetora Crumley pensou que eu estava dando muito na cara quando perguntei sobre a Ellem Ltd para você. Talvez eu estivesse. Mas você já sabia há muito tempo que eu descobrira que era você, não é”?

Jens tentou se concentrar em Harry. “Há muito tempo. É por isso que eu nunca entendi por que você trabalhou tão duro para me libertar da prisão preventiva. Por que, Harry”?

Harry sentiu-se tonto e se sentou numa das caixas de ferramentas.

“Bem, talvez ainda não tivesse me ocorrido que eu sabia que era você. Talvez eu quisesse ver a próxima carta que você ia jogar. Talvez eu só queria te desentocar. Eu não sei. O que fez você pensar que eu sabia”?

“Alguém me disse”.

“Impossível. Eu não disse uma palavra sobre isso até hoje”.

“Alguém sabia sem você dizer”.

“Runa”?

A bochecha de Jens tremia e tinha saliva branca nos cantos de sua boca. “Você quer saber de uma coisa, Harry? Runa tinha o que alguns chamam de intuição. Eu chamo de destreza observacional. Você tem que aprender a esconder seus pensamentos melhor, Harry. Não se abra para o inimigo. É incrível o que uma mulher está disposta a lhe dizer se você ameaçar cortar o que faz dela uma mulher. Você...”.

“Como você a ameaçou”?

“Mamilos. Eu ameacei cortar os mamilos. O que você pensa sobre isso, Harry”?

Harry levantou o rosto para o céu e fechou os olhos, como se esperasse a chuva.

“Eu disse algo errado, Harry”?

Harry sentiu o ar quente invadindo suas narinas.

“Ela estava esperando por você, Harry”.

“Em qual hotel você fica quando está em Oslo”? Harry sussurrou.

“Runa disse que você viria salvá-la, ela disse que você sabia quem a tinha sequestrado. Ela chorou como um bebê e se debatia com a prótese. Foi muito engraçado. Então...”.

O som de metal vibrando. Clang, clang, clang. Eles estavam vindo pela escada. Harry olhou para a faca ainda na sua mão. Não. Ele olhou em volta. A voz de Jens irritava seu ouvido. Um formigamento doce começou em algum lugar no seu estômago, um silvo de luz em sua cabeça, como se embebedar com champanhe. Não faça isso, Hole, segure firme. Mas ele já podia sentir o êxtase da queda livre. Ele deixou fluir.

A fechadura da caixa de ferramentas abriu no segundo chute. O martelo pneumático era uma Wacker, leve, provavelmente não mais de vinte quilos, e funcionava assim que se pressionava o botão. Jens fechou a boca de uma vez e seus olhos se arregalaram enquanto seu cérebro gradualmente compreendeu o que estava para acontecer.

“Harry, você não pode...”.

“Abra bem”, disse Harry.

O rugido da trepidação da máquina afogou o tráfego abaixo deles, o megafone latindo e o som da escada de ferro vibrando. Harry se inclinou sobre Jens com as pernas afastadas, o rosto ainda levantado para o céu e os olhos fechados. Estava chovendo.

Harry caiu na areia. Deitou de costas e olhou para o céu; ele estava na praia, ela perguntou se ele podia passar um pouco de protetor solar nas costas dela, ela tinha uma pele sensível. Ela não queria ficar queimada. Não queria se queimar. Então, eles estavam lá, vozes altas, botas no concreto e o clique azeitado de armas sendo engatilhadas. Ele abriu os olhos e ficou cego com uma luz no rosto. Em seguida, a lanterna seguiu em frente e ele vislumbrou o contorno de Rangsán.

Harry sentiu o cheiro de seu próprio fel antes do conteúdo de seu estômago encher sua boca e nariz.

# EPÍLOGO

Liz acordou sabendo que iria ver o teto amarelo com a rachadura em forma de T no gesso. Durante duas semanas, ela olhou para ela. Ela não tinha autorização para ler ou assistir TV por causa da fratura no crânio, podia apenas ouvir o rádio. A ferida de bala iria curar rapidamente, segundo eles, nenhum órgão vital fora danificado.

Não vital para ela de qualquer maneira.

Um médico tinha ido vê-la e perguntou se ela tinha planos de ter filhos. Ela balançou a cabeça e não quis ouvir o resto, e ele concordou. Haveria tempo suficiente para más notícias mais tarde; agora ela estava tentando se concentrar na boa notícia. Tal como não ter que orientar o tráfego nos próximos anos. E o chefe de polícia chegando e dizendo que ela podia tirar algumas semanas de folga.

Seus olhos se dirigiram para o parapeito da janela. Ela tentou virar a cabeça, mas eles tinham montado um aparelho como uma plataforma de petróleo sobre sua cabeça, o que tornava impossível mover a cabeça.

Ela não gostava de ficar sozinha, nunca tinha gostado. Tonje Wiig fez uma visita no dia anterior e perguntou se ela sabia o que tinha acontecido com Harry. Como se ele tivesse feito contato telepaticamente enquanto ela estava deitada em coma. Mas Liz tinha percebido que a preocupação de Wiig não era meramente profissional e não fez nenhum comentário. Ela só disse que ele iria se recuperar em breve.

Tonje Wiig parecia muito solitária e deprimida. Bem, ela iria sobreviver. Ela era forte. Ela havia sido informada de que era a nova embaixadora, assumiria o cargo em maio.

Alguém tossiu. Ela abriu os olhos.

“Como vai”? Disse uma voz rouca.

“Harry”?

Um isqueiro clicou e ela sentiu o cheiro da fumaça de cigarro.

“Você está de volta, então”? ela disse.

“Apenas mantendo minha cabeça acima da linha d’água”.

“O que você está fazendo”?

“Experiências”, disse ele. “Tentando achar a melhor forma de perder a consciência”.

“Eles dizem que você abandonou o hospital”.

“Não havia mais nada que pudessem fazer por mim”.

Ela riu com cuidado, deixando o ar sair em pequenas expirações.

“O que ele disse”? Harry perguntou.

“Bjarne Møller? Está chovendo em Oslo. Parece que a primavera chegará mais cedo este ano. Fora isso, nada de novo. Disse-me para dizer ‘olá’ e dizer-lhe que todos deram suspiros de alívio nos dois lados. O Diretor Geral Torhus apareceu por aqui com flores e perguntou por você. Ele pediu-me para felicitá-lo”.

“O que Møller disse”? Harry repetiu.

Liz suspirou. “OK, eu lhe passei a sua mensagem e ele conferiu”.

“E aí”?

“Você sabe o quão improvável é que Brekke tenha tido alguma coisa a ver com o estupro de sua irmã, não é”?

“Sim”.

Ela podia ouvir o crepitar do tabaco quando ele inalou.

“Talvez você deva deixar isso prá lá, Harry”.

“Por que”?

“A ex-mulher de Brekke não entendeu as perguntas. Ela o deixou porque achava que ele era *chato*, não por qualquer outro motivo. E...” Ela respirou. “E ele não estava mesmo em Oslo, quando sua irmã foi agredida”.

Ela tentou ouvir como ele estava processando isso.

“Desculpe”, disse ela.

Ela ouviu o cigarro cair no chão e um calcanhar de borracha moê-lo nos ladrilhos.

“Bem, eu só queria ver como você estava”, disse ele. As pernas da cadeira raspavam no chão.

“Harry”?

“Estou aqui”.

“Só uma coisa. Reaja. Me prometa que você vai reagir. Não fique deprimido”.

Ela podia ouvir sua respiração.

“Eu vou”, disse ele, sem qualquer entonação, como se estivesse cansado desse refrão.

Ele observou a poeira dançando no feixe de luz solitário que se intrometia através de uma rachadura no teto de madeira sobre ele. Sua camisa se agarrava nele como uma mulher apavorada, o suor ardia em seus lábios e o cheiro do chão de terra o fez sentir-se doente. Mas então lhe passaram o cachimbo, uma mão pegou a agulha e espalhou o alcatrão em cima da boca do cachimbo; ele o segurou firme sobre a chama e a vida ficou suave novamente. Após a segunda inalação eles apareceram: Ivar Løken, Jim Love e Hilde Molnes. Após a terceira, o restante apareceu. Menos uma. Ele puxou a fumaça para dentro dos pulmões, segurou lá até que sentiu que iria explodir e depois, finalmente, ela estava lá. Ela estava em pé na porta da varanda com o sol em um lado de seu rosto. Dois passos, e então ela flutuou pelo ar, escura contra o sol e arqueada da sola dos seus pés até as pontas dos dedos das mãos, um arco suave, infinitamente lento, rompendo a superfície com um beijo suave, mergulhando lentamente e profundamente até a água se fechar sobre ela. A água borbulhava; uma onda lambeu o lado da piscina. Em seguida, ficou tranquila novamente, e a água verde refletia o céu de novo, como se ela nunca tivesse existido. Ele inalou pela última vez, deitou-se na esteira de bambu e fechou os olhos. Então ouviu os suaves splashes das braçadas na piscina.

**Traduzido por**



## Sobre o autor



Jo Nesbø é músico, compositor, economista e escritor. *The Bat*, seu primeiro romance policial com Harry Hole, foi publicado na Noruega em 1997 e foi um sucesso imediato, ganhando o Glass Key Award para o melhor romance policial nórdico (um prêmio compartilhado com Peter Høeg, Henning Mankell e Stieg Larsson). Este é o seu segundo livro com o detetive Harry Hole.

Confira [www.jonesbo.co.uk](http://www.jonesbo.co.uk)

*(1) Tul-tuk é um meio de transporte muito comum na Tailândia, é um riquixá (ou triciclo) motorizado com cabine para transporte de passageiros, muito utilizado, sobretudo no sul e no sudeste da Ásia, principalmente como táxi.*

*(2) O betel é a folha de uma trepadeira perene, com folhas em forma de coração. Ela é valorizada tanto como um estimulante leve bem como pelas suas pretensas propriedades medicinais. A folha de betel é mastigada e é notável por manchar os dentes dos usuários regulares.*

*(3) Farang é uma palavra tailandesa que surgiu para designar os europeus, e posteriormente estendida a qualquer pessoa branca.*

*(4) Phuket é a maior ilha da Tailândia, fica no sul do país e é banhada pelo mar Andaman. Suas praias possuem águas cristalinas e calmas. Por ter um aeroporto internacional com voos diretos de Hong Kong, Índia e Japão, entre outros países, a ilha se tornou o principal polo de turismo da Tailândia principalmente depois de ter sido cenário do filme '007 contra o Homem com a Pistola de Ouro'. Em 26 de dezembro de 2004 a ilha foi atingida pelo tsunami que devastou grande parte das regiões costeiras do Oceano Índico.*

*(5) Baht é a moeda Tailandesa.*

*(6) Gate: rua em norueguês. Porém algumas ruas são grafadas com 'gata' no fim do nome (ex: Glückstadsgata)*

*(7) Olympussy: na realidade montagem da palavra grega Olympus+pussy. Olimpo é a morada dos deuses gregos e Pussy é gíria americana para Vagina e gatinha*

*(8) Tonya Harding é uma ex-campeã americana de patinação artística no gelo. Ela foi o centro das atenções internacionais após seu ex-marido atacar com um bastão o joelho de sua concorrente Nancy Kerrigan, que na época estava com melhores condições de vencer os jogos olímpicos de inverno.*

*(9) Bardolph: personagem da peça Rei Henry V de William Shakespeare. Ele dá um toque de comicidade, e ajuda a ilustrar a mudança de personalidade de Henry de príncipe para rei. Bardolph é um amigo do jovem Henry que o encoraja a cometer pequenos delitos, resultando na desaprovação do pai de Henry. Bardolph é um bêbado, ladrão e covarde. Ele é acusado de saques numa cidade francesa após ser conquistada, e como castigo foi condenado à morte por enforcamento.*

*(10) Verdens Gang: "O caminho do mundo" ou "O curso do mundo" ou "A marcha do mundo", geralmente conhecido pela sigla VG, é o segundo maior jornal impresso da Noruega, mas tem o maior número de leitores. Foi durante muitos anos o maior jornal da Noruega, mas foi superado pelo Aftenposten em 2010. VG é também um dos jornais mais*

premiados da Noruega por seu jornalismo, apesar de ser considerado da “imprensa marrom”. É simples no estilo de escrita, com muitas imagens e com manchetes sensacionalistas.

(11) *Fröken*: senhorita em norueguês.

(12) *Charlie*: Apelido que os soldados americanos usavam para denominar os norte-vietnamitas

(13) *Wai*: a saudação tailandesa. Consiste numa ligeira reverência, com as palmas das mãos juntas em forma de oração. Quanto mais alto as mãos são mantidas em relação ao rosto e quanto mais baixa a inclinação da cabeça, mais respeito ou reverência o doador do wai quer demonstrar. O wai é tradicionalmente utilizado ao se entrar numa casa e após a visita. O wai é também comum como uma forma de expressar gratidão ou pedir desculpas.

(14) *Sunnmøre e Ålesund*: Sunnmøre (Sul-mais) região ao sul da Noruega. Sua principal cidade é Ålesund.

(15) *rupiah (Rp)*: moeda oficial da Indonésia.

(16) *Coroa*: Krone. Moeda oficial da Noruega.

(17) *Ørstagutt*: Garotos de Ørsta.

(18) *didgeridoo*: instrumento de sopro dos aborígenes australianos (similar a uma flauta). É construído com galhos duros de madeira oca ou bambu e geralmente tem mais de um metro de comprimento.

(19) *Faen*: ‘merda’ em norueguês.

(20) *Rudolph*: a ‘Rena do Nariz Vermelho’ é uma rena macho com um nariz vermelho brilhante. Ele é o líder que puxa o trenó do Papai Noel na véspera de Natal. A luminosidade de seu nariz é tão grande que ilumina o caminho através do inverno rigoroso.

(21) *All Along the Watchtower*: é uma canção escrita e gravada pelo cantor e compositor Bob Dylan. Jimi Hendrix também gravou essa música. Seu primeiro verso é:

‘Deve haver algum jeito de sair daqui

Disse o cômico ao ladrão

Lá tem muita confusão

Eu não tenho nenhum alívio’

(22) *Camel*: banda inglesa de rock progressivo formada em 1971. O grupo lançou seu primeiro álbum em 1973. Em 2003 o Camel fez sua turnê de despedida. O período do auge da banda também coincidiu com o auge da propaganda da marca de cigarros Camel, os discos da banda foram boicotados pelos antitabagistas, o que precipitou sua decadência.